

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Ana Letícia Padeski Ferreira

**O ESTADO DA ARTE DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL:
UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE 1997 A
2007**

CURITIBA

2009

Ana Letícia Padeski Ferreira

**O ESTADO DA ARTE DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL:
UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE 1997 A
2007**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Sociologia, Área de Concentração em Cultura e Poder, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

CURITIBA

2009

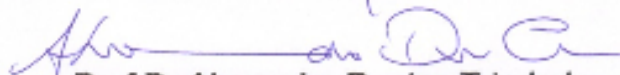


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

ATA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da Sessão Pública, de defesa de dissertação para obtenção do Título de Mestre em Sociologia. No dia 20 de março de 2009, às 08:30 horas, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, composta pelos Professores Doutores Alexandro Dantas Trindade/UFPR, Cristina Carta Cardoso de Medeiros /UFPR e Wanderley Marchi Júnior /UFPR-Orientador e Presidente da Banca Examinadora, com a finalidade de julgar a dissertação do(a) candidato(a) **ANA LETÍCIA PADESKI FERREIRA**, intitulada "O ESTADO DA ARTE DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE 1997 À 2007", para obtenção do grau de mestre em Sociologia. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feito pelo orientador Dr Wanderley Marchi Júnior. Após haver analisado o referido trabalho e argüido o(a) candidato(a), os membros da banca examinadora deliberaram pela ".....*APROVADA*....." do(a) acadêmico(a), habilitando-o ao título de Mestre em Sociologia, linha de pesquisa "Teoria, Cultura e Pensamento Social no Brasil" da área de concentração em CULTURA E PODER, desde que apresente a versão definitiva da dissertação conforme regimento interno do programa. Curitiba, 20 de março de 2009.


Profª Drª Cristina Carta Cardoso de Medeiros


Prof Dr Alexandro Dantas Trindade


Prof Dr Wanderley Marchi Júnior
Orientador e presidente da banca examinadora

Para João Ferreira, Eliane Ferreira e
Marcela Ferreira. O apoio e carinho de
vocês foram fundamentais para a
conclusão desta pesquisa e a realização
de mais um sonho.

AGRADECIMENTOS

Neste momento desejo relembrar todos que me auxiliaram nesta jornada. Primeiramente agradeço ao Professor Wanderley Marchi Júnior. Sem a sua aposta em uma aluna recém-formada e que mal falava em sala de aula este trabalho não seria possível. Muito obrigada por sua atenção e carinho despendidos na elaboração desta pesquisa e pelo auxílio na minha carreira acadêmica. Que essa seja a primeira de muitas outras grandes parcerias!

A minha amiga Tatiana Sviesk Moreira, que me ajudou nesta trilha de preparação e mestrado, mesmo concorrendo comigo à mesma vaga. Muito obrigada pelos momentos que rimos, que ficamos preocupadas, que surtamos com entregas, pela companhia nas viagens, enfim, por estar ao meu lado. Sem você este mestrado com certeza teria sido menos divertido. Valeu Pir!

Ao meu professor/amigo André Capraro, que me incentivou e ajudou na fase de preparação para o mestrado, me convidou para bancas, dividiu bons momentos de estudo e conversa, e tantos outros momentos especiais. Muito obrigada!

Aos meus amigos do mestrado e doutorado, Gilmar Afonso, Ricardo Sonoda, Fernando Starepravo, Bárbara de Almeida, Pedro Alves, Bruno Boschilia, Juliana Vlastuin, Isabel Martines, Aline Barato e Saulo Prestes que tiveram a paciência de ler meu trabalho para a pré-qualificação, emprestaram materiais, deram seu apoio, viajaram e trabalharam comigo. Estendo esse agradecimento também às professoras Miriam Adelman e Letícia Godoy, que emprestaram materiais de seu acervo pessoal para a coleta dos artigos.

À banca de qualificação, professores Alexandro Trindade, Márcio de Oliveira e Cristina de Medeiros. Seus apontamentos, frutos de uma leitura cuidadosa de um trabalho em curso, fizeram com que este crescesse e permitiram que várias ideias para o projeto de doutorado surgissem.

Ao professor Jay Coakley que prontamente me enviou seus textos que enriqueceram esta dissertação.

Aos professores do curso de mestrado em Sociologia e em Educação Física, que descortinaram um mundo de conhecimento e contribuíram para minha formação.

Ao coordenador do curso de mestrado em Sociologia José Miguel Rasia, que auxiliou no processo de obtenção da bolsa.

À secretária do mestrado, Sueli, que auxiliou nos processos burocráticos de matrícula e de banca de qualificação.

À minha família, a quem dedico esta pesquisa, por proporcionar o suporte e as condições para que eu estendesse a minha formação, além de me oferecer amor incondicional. Sem vocês a minha vida seria sem cor... Amo vocês!

Aos meus amigos Karlesy Stamm, Gilmar Ravazoli e Nelson Rocha Neto que me apoiaram nesta jornada e entenderam a minha ausência. Muito obrigada pelos momentos em que vocês me distraíram do trabalho. Podem contar com meu apoio sempre!

Ao meu amigo Diego Meyer, que traduziu o resumo deste trabalho. Obrigada por contribuir com a qualidade desta pesquisa.

Este trabalho é um conjunto do esforço e dedicação não só meus, mas de todos esses que me auxiliaram. Mais uma vez, muito obrigada!

Resumo

O estudo do esporte na área de Ciências Sociais é recente devido a pouca importância dada a esse fenômeno em detrimento de outras temáticas como Política, Economia e Religião. Todavia, compreendemos que realizar estudos sobre o fenômeno esporte se faz necessário devido à importância do objeto, como apontam diversos autores. Nos primeiros contatos com as publicações de cunho sociológico que abordavam a referida temática, percebemos que as pesquisas da Sociologia do Esporte ainda não foram mapeadas devidamente. Deste modo colocamos como questão central: o que está sendo produzido sobre o esporte, utilizando a abordagem sociológica? Para responder a este questionamento realizamos o mapeamento de dois periódicos, sendo um da Sociologia - a *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - e outro da Educação Física - a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* - coletando dados acerca das publicações tais como: autores, linhas teóricas, objetos de estudo e perfil das produções. O recorte temporal proposto para esse mapeamento inicia-se em 1997 e tem término no ano de 2007, já que se trata de uma produção científica recente. Para cumprir tal intento utilizamos a análise de conteúdo, que auxiliou na organização e na forma de leitura. Este processo também permitiu a formação de categorias de análise. Como resultados, apontamos que nenhum trabalho foi publicado na revista da Sociologia no período estudado. Isto pode ser fruto de disputas e tensões próprias do campo acadêmico acerca de questões como legitimidade da pesquisa, prestígio, etc. e da superficialidade dos trabalhos submetidos para publicação, que não atende aos critérios de seleção do periódico. Na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* a Sociologia do Esporte encontra espaço, fato confirmado através do número de artigos publicados. Entretanto, percebemos que uma grande parcela dos números deste periódico não possuía as produções que procurávamos o que pode ser sintomático de um campo ainda em consolidação e sem um espaço fixo nesta publicação. Com base nestes e outros indícios apresentamos algumas considerações finais: encontramos artigos com abordagens teórica, descritiva, de intervenção e de análise, sendo esta última predominante. Sobre a aplicação das bases teóricas podemos classificar os artigos e suas respectivas relações em descritivas, aprofundadas e superficiais, com maior número de artigos utilizando esta última. Deste modo apontamos que estes trabalhos, que refletem a tendência geral das produções, se propõem a realizar uma análise do objeto de estudo, mas parece não existir uma apropriação suficiente das teorias sociológicas para realizá-la com profundidade. Isto contribui para a concepção da Sociologia do Esporte como um campo acadêmico que busca sua consolidação e autonomia perante a Sociologia e a Educação Física.

Palavras-chave: Sociologia do Esporte, estado da arte, produção científica.

Abstract

The study of Sport in Social Sciences area is recent due low importance given to this phenomenon at the expense of other issues such as Policy, Economy and Religion. However, we understand that a study on this Sport phenomenon is necessary because of the importance of the object, as several authors suggest. In the first contacts with publication of sociological slant which addressed this theme, we realize that the Sociology of Sport researches have not been mapped properly. Thus we ask the as central issue: what is being produced on the Sport, using the sociological approach? To answer this question we developed the mapping of two journals: one of Sociology - *Brazilian Magazine of Social Sciences* - and other of Physical Education - *Brazilian Magazine of Sport Sciences* - collecting data about the publications such as: authors, theoretical lines, objects of study and profile of production. The cutting time for this proposed mapping began in 1997 and has finished in 2007, since this is a recent scientific production. To fulfill this purpose was used the content analysis, which helped in the organization and manner of reading. This process also allowed the formation of categories of analysis. As a result, we point out that no work was published in the journal of sociology in the period studied. This may be the result of disputes and tensions of their own academic field about issues such as legitimacy of the research, prestige, etc.. and the superficiality of the work submitted for publication, which does not meet the criteria for selection of the journal. On *Brazilian Magazine of Sport Sciences* the Sociology of Sport finds its space, which was confirmed by the number of published articles. However, we noticed that a large portion of number of this journal did not have the productions that we were looking for, which may be symptomatic of a field still in consolidation and without a fixed space in this publication. Based on these and other evidence we present some final considerations: found articles with theoretical approaches, descriptive, intervention and analysis, the latter being predominant. On the application of theoretical bases we can classify the articles has your respective relationships in descriptive, depth and surface, with the largest number of articles using the last one. Therefore we point out that these works, which reflect the general trend of production, they propose to undertake an analysis of the object of study, but it seems that there is a sufficient appropriation of sociological theories to do so with depth. This contributes to the design of Sociology of Sport as an academic field that seeks autonomy and its consolidation at the Sociology and Physical Education.

Key-words: Sociology of Sport, state of the art, scientific production.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 METODOLOGIA	21
2 ESPORTE: UM OBJETO RELEVANTE?	28
2.1 DIVERSOS OLHARES SOBRE O ESPORTE	28
2.1.1 A gênese do Esporte moderno sob a ótica de Elias e Simmel	28
2.1.2 Guttman e o Esporte Moderno	43
2.1.3 Bourdieu, Esporte e a Distinção	48
2.1.4 Sociologia do Esporte: um breve panorama	59
3 APRESENTANDO O CAMPO DE ANÁLISE	73
3.1 GRUPOS DE TRABALHO	73
3.2 MAPEAMENTO DA <i>REVISTA BRASILEIRA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS</i> (RBCS)	100
3.3 MAPEAMENTO DA <i>REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE</i> (RBCE)	101
4 ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS NO MAPEAMENTO	112
4.1 <i>REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE</i>	112
4.1.1 Apresentação dos artigos	112
4.2 PERFIL DOS PERIÓDICOS E ANÁLISE DOS ARTIGOS	186
4.2.1 <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i>	186
4.2.2 <i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>	187
4.2.3 Apontamentos sobre o campo da Sociologia do Esporte	205
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
REFERÊNCIAS	218
APÊNDICE	231
1. TABELA COM A RELAÇÃO DE ARTIGOS, AUTORES E BASES TEÓRICAS	231
ANEXO	239
1. CURRÍCULO LATTES DOS LÍDERES DE GRUPOS DE PESQUISA	239

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo foi realizado um mapeamento da Sociologia do Esporte no Brasil. Foi apresentada a situação da área em questão, dos estudos em geral e como o campo intelectual se configura, com suas tensões e conflitos. Todavia, creio ser pertinente me apresentar, a fim de explicitar de onde falo e como se deu minha trajetória acadêmica.

Através da minha formação na Educação Física¹, pude perceber que esta área é dividida em dois setores distintos: um mais voltado para as Ciências Biológicas, que compreendem os estudos de Fisiologia, Treinamento Esportivo, Cinesiologia, dentre outros, e outro voltado para as Ciências Humanas, como por exemplo, estudos sobre a História e Sociologia do Esporte e da Educação Física. No decorrer da disciplina de Socioantropologia², percebi que esta área vinha ao encontro das minhas inquietações sobre o significado da Educação Física e sua importância para a sociedade. Esta disciplina munuiu minhas inquietações com algumas formas mais aprofundadas de lê-las, utilizando um olhar crítico, não somente do senso comum, que era impregnado de pré-conceitos e juízos de valor.

Ao terminar o curso, com uma monografia de cunho etnográfico, procurei inteirar-me do universo acadêmico e da dinâmica de um curso de mestrado. Recorri ao departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná e me inscrevi na disciplina Sociologia do Esporte, ministrada pelo professor Wanderley Marchi Jr. Nesta disciplina tive contato com algumas das possibilidades de leituras sociológicas e percebi que eram as ferramentas que eu necessitava para tratar estas inquietações, que desde os tempos da disciplina de Socioantropologia, haviam se multiplicado. No entanto, meu objeto de estudo não se encaixava nas linhas de pesquisa do mestrado tanto da Educação Física como da Sociologia. Assim, após algumas conversas com o professor Wanderley, decidi focar meu projeto de dissertação no Esporte, ou mais precisamente, na produção acerca deste fenômeno.

¹ Para mais informações sobre a formação acadêmica consultar Rangel-Betti, Irene; Betti, Mauro. *Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física*. Disponível em http://www.rc.unesp.br/lib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART02.pdf. Acesso em 10 out. 2008.

² Esta disciplina se propunha a realizar uma introdução às áreas de Sociologia e Antropologia, explicitando possíveis leituras da Educação Física, Esporte e Lazer.

Com isso, tornamos claro nosso envolvimento com o Esporte e a importância que ele tem em nossas carreiras. Porém este envolvimento será vigiado para que não mostremos uma visão apaixonada e inverossímil do fenômeno, nem realizemos uma militância, mas sim uma descrição e análise engajadas e que reflitam a realidade social.

A seguir apresentaremos a pesquisa embasada em teóricos influentes na área da Sociologia do Esporte e explicitaremos a relevância deste fenômeno como objeto de estudo.

O esporte é um fenômeno que se faz bastante presente na sociedade. Nos últimos anos se configurou como uma das manifestações humanas que mais tem se desenvolvido (MARCHI JR., 2004a, p. 50). Teve um crescimento considerável a partir dos primeiros anos da década de 60, especialmente nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha Ocidental (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 13). No entanto, a Sociologia parece considerar o esporte como objeto menor de estudo e poucas correntes sociológicas o discutiram, mesmo que este se encontrasse fortemente ligado ao objeto abordado pelas mesmas ou a áreas consideradas clássicas pelas teorias sociológicas, como por exemplo, Educação, Economia e Política. (*ibid.*, p. 14). Elias e Dunning (1992, p. 14) citam o exemplo de Anthony Giddens, afirmando que:

Talvez seja sintomático deste quadro geral o facto de a tese de mestrado apresentada por Anthony Giddens, em 1961, na London School of Economics, tratar da sociologia do desporto e, desde aí – período que este adquiriu fama de ser um dos teóricos mais avançados da sociologia na Grã-Bretanha – o mesmo ter sido incapaz, o que não deixa de ser significativo, de regressar ao campo do desporto ou de o considerar, em qualquer das dissertações teóricas que elaborou, como um tema que merecesse uma discussão sistemática.

Assim, Elias e Dunning (1992, p.14) identificam no cenário da produção científica da Sociologia inglesa uma reticência na abordagem do Esporte como objeto de estudo, através do exemplo de Giddens, que não foi capaz de regressar ao tema no decorrer da sua carreira, optando por estudar objetos ligados às áreas mais convencionais. O quadro de valores e oportunidades da Sociologia o impediu de seguir as pesquisas acerca do fenômeno esportivo, deixando esta tarefa, em sua maior parte, aos que não são sociólogos.

As razões para este desprezo, de acordo com Elias e Dunning (1992, p. 15) não são difíceis de serem identificadas. Os autores salientam que:

De facto, no tempo em que os contornos básicos da moderna sociologia se estabeleceram, [...], o desporto não era – ou, mais propriamente, não era considerado pelos “fundadores” – o espaço de problemas sociais sérios. Além disso, muitos teriam argumentado que o desporto, também, não constituía nem uma propriedade básica nem universal do sistema social. Contudo, embora as estruturas destas actividades e o seu significado variem para aqueles que nela participam, até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno.

Deste modo percebemos que existem valores no âmbito acadêmico da Sociologia que dificultam o estudo de certas temáticas, já que estas não eram preocupação dos primeiros estudiosos da área. A busca por legitimação, os interesses de estudo em um cenário social específico podem ter deixado marcas na Sociologia, que perduraram até os dias atuais.

Dunning (1999, p. 7) em uma obra posterior corrobora com tal afirmação quando sugere que as possíveis razões desta reticência não são difíceis de serem percebidas. Esta negligência parece ser fundada no fato de que o ímpeto principal incutido no desenvolvimento da Sociologia ter sido mais ideológico do que científico, em dois sentidos. O primeiro deles reside no fato de que muitos pesquisadores que se ocupam em estudar o Esporte eram movidos pelo desejo de intervir no cenário social, suplantando o desejo de contribuir para a construção de conhecimento. Assim, os trabalhos tornavam-se limitados na sua leitura e não apresentavam e discutiam o fenômeno em todos os seus aspectos, ou seja, os estudiosos tentavam mudar o mundo de várias formas, a questão, no entanto, era entendê-lo.

Isso nos leva a considerar que tal fato possa ser uma das razões para trabalhos pontuais acerca do tema no cenário brasileiro, além de que possivelmente os sociólogos de algumas décadas atrás realizavam avaliações heterônimas de seus objetos de estudo, ou seja, avaliações sobre os fatos de acordo com seus valores de compromisso, limitando a visão a um recorte de atividades sociais, apesar do empenho da maioria em estabelecer uma neutralidade e tratar a sociedade em todas as suas manifestações. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 15).

Essa predileção por temas considerados relevantes em detrimento do Esporte muitas vezes estava pautada na diferenciação que a Sociologia estabeleceu entre os aspectos sério e racional da vida - como a Política e a Economia - em oposição aos aspectos irracionais e inconscientes, como o Lazer. O Esporte estaria incluído

na segunda definição e, portanto, fora do leque dos temas que são escolhidos para a análise sociológica. Elias e Dunning (1992, p. 17) afirmam que alguns sociólogos da sua época não abordam o Esporte por não conseguir distanciar-se dos valores dominantes e dos pensamentos característicos das sociedades ocidentais, para terem a capacidade de compreender o significado social deste fenômeno, sua ligação com outras esferas da sociedade, dentre outras formas de abordagem deste objeto de estudo, que é ignorado pelas teorias convencionais. Deste modo, na concepção dualista e reducionista da sociedade ocidental, o Esporte é concebido como algo vulgar, uma atividade de Lazer, área esta que também é afetada pelo pensamento citado anteriormente, algo voltado para o prazer, que envolve mais o corpo do que a mente e não possui valor econômico.

Todavia, apesar de poucos dos principais estudiosos se comprometerem com a temática e se ocuparem com sua teorização e a debaterem em suas obras e cursos, alguns pesquisadores como Stone, Bourdieu, além de Elias e Dunning, deram importantes contribuições para a área, configurando-se como exceções (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 14).

Esta visão limitada do esporte afetou sua produção sociológica e ainda é percebida nos dias atuais. Isso faz com que as pesquisas acerca do tema ainda sejam recentes e sutis, principalmente se comparadas a outros temas considerados mais tradicionais como política, economia, religião ou família.

Entretanto, pesquisadores envolvidos com o tema relatam uma mudança sutil, porém crescente, como por exemplo, a criação de mais espaços para a discussão do tema, para a formação de pesquisadores, etc. No entanto, não podemos nos apoiar indefinidamente na crença destes agentes, precisamos através de evidências empíricas verificar se esta situação se apresenta de acordo com estas impressões ou não.

Elias e Dunning (1992, p. 12), apontam que o *estado da arte* da Sociologia do Esporte no contexto inglês (como se encontra até o momento de publicação da obra consultada), é de estudos pontuais, sobre temas específicos, denunciando uma lacuna na visão mais abrangente deste fenômeno, por parte dos estudiosos. Nesse caso, falta o distanciamento necessário para ver e apresentar as relações sociais mais abrangentes.

Esta falta de distanciamento pode ocorrer devido à grande parte dos trabalhos serem realizados por especialistas de Educação Física, portanto um grupo em sua

maioria envolvido tecnicamente, o que pode dificultar a análise sociológica. Muitas das obras da Sociologia do Esporte situam os problemas específicos da Educação Física, do Esporte e outras manifestações, porém falham na abordagem das relações sociais mais amplas, além de não possuir um embasamento teórico consistente, o que dá aos trabalhos um caráter empirista e limita a visão do objeto devido ao envolvimento excessivo. Existem exceções dentre estes trabalhos, porém Elias e Dunning (1992, p. 13) afirmam que a maioria dos sociólogos concorda que essas produções da Sociologia do Esporte, devido às características citadas acima, não despertam interesse fora da área da Educação Física, ou até mesmo chamariam a atenção das principais correntes sociológicas.

No entanto, não acreditamos ser possível ter um distanciamento total do objeto de estudo, já que se pressupõe uma afinidade do pesquisador no ato da escolha do mesmo. O que procuramos é um certo grau de envolvimento que, não interfira na racionalidade que deve ser posta ao observar o objeto de estudo, para uma leitura crítica do mesmo. Ortiz (2002, p. 5) relata que o trabalho intelectual tem em si uma situação ambivalente: o rigor e controle científico e uma vinculação visceral aos objetos de estudo. O autor completa seu pensamento com uma passagem de Gramsci, em “Cadernos do Cárcere”, com a qual explicita que a atividade intelectual é como uma ironia apaixonada, ou seja, a ironia permite o distanciamento da realidade imediata para transcendê-la, e a paixão recoloca o intelectual novamente no mundo. É esta postura que procuramos empregar na presente pesquisa.

Em relação à falta de embasamento teórico dos profissionais da Educação Física, Bourdieu (1990, p. 69) explicita uma situação que elucida as razões deste fenômeno. O autor afirma que a Sociologia do Esporte era rejeitada tanto pelos sociólogos como pelos esportistas, devido a uma situação que mostra de forma mais ampla o contexto dos estudiosos da Sociologia do Esporte. Para o autor os que conhecem bem o Esporte, ou seja, os profissionais da Educação Física, não têm propriedade, como os sociólogos, cuja formação foi voltada para este fim, para discorrer sobre ele, produzindo então trabalhos com um caráter empirista, como mencionamos anteriormente. Em contrapartida os sujeitos que possuem o embasamento teórico para discorrer sobre o Esporte não o conhecem em profundidade e não se ocupam em produzir sobre ele, ou se o fazem, não são coerentes. Portanto, os sociólogos do Esporte são duplamente dominados, tanto na Sociologia, quanto no universo do Esporte. Devido a essa lacuna na formação dos

profissionais de Educação Física procurei um programa de mestrado que suprisse esse hiato teórico, que pode ser consequência da história recente dos estudos da Sociologia do Esporte. Assim a pesquisa ganha mais qualidade do ponto de vista da integração entre competência técnica e intelectual.

Mas se o Esporte era um campo que não atraía a atenção dos intelectuais das Ciências Sociais, por ser um objeto, segundo eles, sem relevância social, porque alguns estudiosos, tais como Elias e Bourdieu se ocuparam em estudá-lo?

No caso de Elias, esse comportamento foi repudiado, tanto por ele quanto por Eric Dunning. Este relato é corroborado por Marchi Jr. (2005, p. 122) que afirma:

[...] o interesse de Elias pelo esporte recupera o encontro com Dunning, praticante e estudioso do assunto, e as reflexões que escalonaram o período compreendido entre 1966, com o artigo *Dynamics of sport groups with special reference to football*, e 1986, ano de publicação do livro *A busca da excitação*.

Tamanha era a importância dada por esses sociólogos ao esporte que Elias criou uma teoria de leitura da sociedade baseada no jogo, ou seja, utiliza uma metáfora ligada àquele universo tido como não relevante para estudo, o Lazer, no qual o Esporte se insere.

[...] Elias foi buscar, no esporte, a Sociologia, especificamente a Sociologia Configuracional, e não, como muitos confundem, uma Sociologia do Esporte. Quando estudou a sociedade de corte, ele a definiu como um “grande jogo”, não no sentido metafórico, e sim como uma descrição realista e analítica das relações sociais existentes naquela configuração. Para Elias, o jogo reporta o desenvolvimento de um código de condutas e sentimentos, um “impulso civilizador” detectado nas e pelas relações sociais (*ibid*, p. 124).

Também seguindo esta linha, Bourdieu (1990, p. 83) se utiliza do jogo para explicar a sociedade, afirmando que a “[...] imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais”. O autor segue o raciocínio abordando como o jogo pode ser percebido como um conjunto de pessoas que realiza uma atividade regrada, assemelhando-se ao que ocorre na sociedade.

Delineando este panorama, percebemos que a produção da Sociologia do Esporte limita-se, segundo as impressões dos sujeitos envolvidos, a trabalhos pontuais, e questionamos se já existiria um mapeamento destes trabalhos para a verificação dessas observações. Através de um breve levantamento em alguns periódicos, livros e bases de dados *on line*, notamos que tal mapeamento ainda não

foi realizado, despertando o interesse devido à importância e desafio proposto por esse formato de pesquisa.

Visto este cenário que sumariamente delineamos, questionamos: O que é produzido, através da abordagem sociológica, sobre o Esporte na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* no período de 1997 a 2007?

Durante o processo de elaboração desta pergunta central, algumas questões norteadoras, que visam complementar a pergunta problema e explicitar as inquietações que estão presentes no corpo deste trabalho, foram levantadas. São elas:

Primeiramente percebemos um desinteresse das Ciências Sociais no tratamento do Esporte como objeto de estudo. Seria este procedimento fruto de uma lógica do campo acadêmico?

Se esse desinteresse acaba limitando as possibilidades de produção por parte dos sociólogos, quais são os pesquisadores que abordam o fenômeno esportivo?

Quais são as obras produzidas, ou seja, qual é o estado da arte da Sociologia do Esporte no Brasil?

Existe uma tendência de um crescimento no número de estudos sobre a Sociologia do Esporte? Estes têm apresentado uma maior profundidade em suas análises, o que denota uma apropriação das teorias sociológicas, por parte dos pesquisadores da Educação Física?

Nos primeiros contatos com as teorias sociológicas, pudemos perceber que estas poderiam dar suporte a muitas análises sobre o fenômeno esportivo. Aprofundando um pouco mais as leituras, notamos também que os estudos da Sociologia do Esporte eram restritos, sobre uma determinada modalidade ou um determinado evento, por exemplo. As produções pareciam ser vários trabalhos pontuais, analisando eventos ou publicações específicas, no entanto ainda necessitamos de uma análise mais ampla e profunda para embasar tal afirmação.³

Assim como os estudos limitados, as publicações científicas a respeito do tema no Brasil parecem não ter lugar cativo nos periódicos e livros, salvo algumas

³ As referências que foram buscadas para formar tal constatação foram as seguintes: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 33 a 57; *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 42 a 57; resumos do GT esporte, política e cultura encontrado nos Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação e Dança e nos livros *Desporto: fenômeno social*, *Desporto e tramas sociais*, *Esporte: história e sociedade*, dentre outras obras.

exceções. Em uma busca preliminar de algumas fontes, constatamos que o esporte não possui um lugar reservado nas publicações, como outras temáticas, tanto na Educação Física como na Sociologia.

A respeito da abordagem do esporte como um objeto de estudo sociológico Marchi Jr. (2004b) coloca que a percepção da realidade ligada ao esporte é apresentada como uma arte que o descreve e tenta perceber suas inter-relações. O fazer sociológico, segundo o autor, faz de um fato, que poderia passar despercebido, um conhecimento amplo e possível de várias leituras da realidade.

Para realizar esse fazer sociológico é necessária dedicação semelhante à despendida no artesanato, no qual as etapas e procedimentos são de fundamental importância. “[...] o objeto sociológico é um artefato feito pedaço por pedaço, daí a sua dimensão de totalidade” (ORTIZ, 2002, p. 5). Portanto o artesão intelectual transcende a leitura sociológica do senso comum, realizando abstrações complexas e abordagens integrais dos fenômenos sociais.

Ortiz (2002, p. 6) completa seus pensamentos acerca do ofício intelectual comparando-o com outra atividade manual: a de costurar. Essa prática requer habilidade e conhecimento para que se possa confeccionar satisfatoriamente uma peça. “Colocar a agulha na linha, combinar os panos e efetuar o corte são operações delicadas que demandam paciência e concentração. Neste sentido, a expressão ‘costurar ideias’, revela algo intrínseco ao trabalho intelectual”.

Aparentemente os sociólogos não concebem o esporte como tema merecedor de toda essa dedicação do fazer sociológico, pois para eles o objeto não possui relevância social, nem se configura como um meio de leitura da sociedade.

Essa marginalização dos estudos do esporte pode ter como causa a sua estreita ligação com o Lazer e, portanto, com os aspectos não sérios da vida, a falta de uma visão mais ampla do fenômeno social esporte por parte dos pesquisadores, ou desinteresse dos estudiosos das Ciências Sociais, ou ainda, a falta de embasamento teórico dos pesquisadores da Educação Física.

Todavia, o esporte constitui um campo de pesquisa de considerável significado social. Elias e Dunning (1992, p. 20) elencaram alguns indicadores deste, tais como a presença do esporte nas discussões nos círculos masculinos da sociedade industrial, a grande presença do esporte como atividade de lazer, a importância dos Jogos Olímpicos e as disputas entre países que se travam nessa competição. Não

podemos negar a relevância desses acontecimentos e como eles são repletos de fatos para a investigação sociológica.

Dunning (1999, p. 1) reforça a ideia do esporte como um objeto válido de pesquisa afirmando que não existe a necessidade de embasar a importância do esporte por meio de fatos e números. Alguns indicativos, que até mesmo os sujeitos mais indiferentes ao fenômeno terão dificuldades de negar, são suficientes para reforçar este ponto como a atenção despendida ao esporte na mídia de massa, os montantes de dinheiro público e privado gastos, o comércio e a propaganda envolvidos com o tema, o número de pessoas que praticam ou assistem alguma modalidade regularmente, os sujeitos que possuem um vínculo empregatício baseado no esporte, o uso abundante de metáforas esportivas em outros círculos sociais, como a política e a economia, dentre outros exemplos.

Podemos perceber através das afirmações acima que o esporte pode ser utilizado como um universo para a exploração das propriedades das relações sociais. Bourdieu (1990, p. 208) o relaciona a um determinado consumidor e as organizações, ou seja, certas práticas esportivas podem ser consideradas um meio de distinção social. Isso também reflete como o esporte está atrelado a sociedade e como essa se manifesta no esporte. O campo esportivo é relativamente autônomo, mas não desconexo de outros campos, ou seja, ele influencia e é influenciado. Betti (1998, p. 65) explicita essa relação de influência do esporte na sociedade e vice-versa através da teoria do Processo Civilizador de Elias, ao explicitar que o mesmo grupo social que participou do aumento da regulamentação que controlava as facções do Parlamento, também contribuiu para que o mesmo fenômeno ocorresse nos passatempos que praticavam.

Reforçando este argumento, Dunning (1999, p. 7) explicita que o esporte pode se caracterizar como objeto de estudo em pelo menos três formas, sendo como um assunto de importância por si só, como um tópico da Sociologia do Lazer, ou ainda como um tema incluído em subdivisões de assuntos tradicionais como educação e gênero. Todavia, o que se encontra no cenário acadêmico é uma situação em que o esporte é “virtualmente ignorado”.

Visto estes primeiros indícios coletados, explicitamos a importância do estudo do esporte como objeto sociológico. Também percebemos a necessidade de analisar a produção científica sobre o tema, por meio do mapeamento, já que este não foi observado, bem como não são comuns os espaços reservados para esta

discussão, o que pode contribuir para a pontualidade das produções citada anteriormente.

Para definir o que é o trabalho que realiza o mapeamento das obras de uma determinada área, ou seja, as pesquisas sobre o estado da arte, e destacar sua importância, trazemos a discussão proposta por Ferreira (2002), que define este estudo como uma pesquisa de caráter eminentemente bibliográfico, que se propõem a mapear e discutir a produção de uma determinada época e área. Sua metodologia é de caráter descritivo da produção científica à luz de categorias que permitam explicitar características dos trabalhos individuais e do conjunto completo do levantamento.

Este tipo de pesquisa tem proliferado desde a década de 80 e é motivada pela sensação de não conhecimento acerca da totalidade da produção científica de uma determinada área que apresenta um crescimento quantitativo e qualitativo (*id.*), como é o caso da Sociologia do Esporte, de acordo com os relatos dos pesquisadores envolvidos. Percebemos este processo de mapeamento como um passo para o desenvolvimento dessa área em consolidação, pois as relações colocadas e até mesmo novas possibilidades de reflexão podem ser explicitadas.

Portanto trata-se de um levantamento de produções sobre uma área, o que poderia se qualificar em uma revisão bibliográfica. Todavia, o tratamento dedicado a estes dados difere desta etapa de pesquisa, pois os dados levantados serão tratados quantitativamente, para o fim de organização e explicitação de informações relevantes, e qualitativamente, para destacar características importantes do texto, processo que culmina em uma discussão acerca do campo de produção científica da Sociologia do Esporte.

A fim de realizarmos o mapeamento proposto, elaboramos alguns objetivos, sendo o objetivo geral explicitar o que está sendo produzido, através da abordagem sociológica, sobre o esporte na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Os objetivos específicos, em outras palavras, os passos da pesquisa, são os seguintes: realizar o levantamento de artigos que tratam da Sociologia do Esporte nas revistas da área; identificar o autor, a temática e a linha teórica escolhida para a leitura do esporte; enumerar as obras que abordam a Sociologia do Esporte quantitativamente; analisar as obras qualitativamente, a partir do modo como os autores dissertam sobre o assunto e como fazem uso da teoria

sociológica e por fim descrever o campo das produções científicas da Sociologia do Esporte.

Uma vez descrito os passos deste estudo, apresentamos os elementos básicos de cada capítulo a seguir.

Este trabalho foi dividido em cinco partes. Na primeira (Introdução), abordamos a visão da Sociologia acerca do esporte, apontando algumas consequências desta e apresentando o problema. A seguir apresentamos a importância do objeto de estudo e elencamos os objetivos geral e específico da presente pesquisa bem como a metodologia utilizada. Os principais autores que abordamos neste capítulo são: Marchi Jr., na obra *“Sacando” o Voleibol, Introdução à Sociologia da Cultura: Max Weber e Norbert Elias* e no artigo *Jogo e esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Norbert Elias*, Elias e Dunning, na obra *A busca da excitação*, Dunning, na obra *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*, Ortiz, na obra *Ciências Sociais e trabalho intelectual*, Bourdieu na obra *Coisas Ditas*, Betti, na obra *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*, Mills, na obra *A imaginação sociológica*, Ferreira, no artigo *As pesquisas denominadas “estado da arte”* e Bardin, na obra *Análise de conteúdo*.

No segmento seguinte (Esporte: um objeto relevante?), apresentamos algumas visões sociológicas acerca do esporte, destacando seu caráter multifacetado. Neste capítulo discutiremos as ideias de Elias e Dunning na obra *A busca da excitação*, Dunning, na obra *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*, Elias, na obra *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*, Simmel, na obra *Sociologia*, Waizbort, na obra *Dossiê Norbert Elias*, Guttmann, na obra *From ritual to record: the nature of modern sports*, Pilatti, na obra *Esporte: história e sociedade*, Bourdieu nas obras *A Distinção: crítica social do julgamento* e *Coisas Ditas*.

No capítulo seguinte - Apresentando o campo de análise -, expomos os grupos de trabalho que abordam a Sociologia do Esporte e o currículo dos líderes destes grupos, para auxiliar no delineamento do campo acadêmico. Também explicitamos o levantamento dos autores, das obras e elaboramos o quadro da produção sociológica do esporte, bem como exibimos em linhas gerais os trabalhos analisados. As fontes que pesquisamos são a *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.

O terceiro capítulo - Análise dos artigos selecionados no mapeamento - traz a organização quantitativa e qualitativa dos dados coletados, bem como a discussão dos mesmos. A porção final deste trabalho - Considerações Finais - versa sobre as conclusões da pesquisa, ressaltando os principais pontos da discussão e apontando encaminhamentos futuros para o estudo.

A seguir, apresentaremos a metodologia selecionada para a presente pesquisa, a análise de conteúdo, que foi norteada pelos princípios de desocultamento de fatos e de uma visão mais abrangente do objeto de estudo, presente no texto de Mills (1965).

1.1 METODOLOGIA

Para mapear um determinado campo, cremos ser necessário ter uma visão abrangente e curiosa sobre os fatos, a fim de escapar das armadilhas que um olhar míope acerca do mundo social pode fornecer. Para tal intento, selecionamos as ideias de Mills (1965, p. 11), mais especificamente seu conceito de *imaginação sociológica*. Esta, segundo o autor, seria uma qualidade que permite perceber com lucidez o que ocorre no mundo e dentro do próprio pesquisador, sem se prender nas suas preocupações pessoais e imediatas. Assim é possível compreender um cenário histórico mais amplo, em termos individuais e coletivos.

A apreensão de um panorama geral nos termos colocados acima possibilita a fuga do cárcere dos fatos ditos cotidianos e de certa forma naturalizados, mas que na verdade não o são, possibilitando a percepção de novas situações e peculiaridades dos fatos pesquisados.

Outra característica da imaginação sociológica bastante pertinente para esta pesquisa é a capacidade de transitar entre vários campos, passar por diferentes perspectivas e perceber as relações existentes entre elas (1965, p. 13). Assim é possível construir um mapeamento de uma determinada área de estudo, pois esta não se limita a uma determinada temática nem toma como desconexos os diversos objetos de estudo nela inseridos.

Após justificar a escolha do tipo de estudo a ser realizado, selecionamos para esta pesquisa a análise de conteúdo, que forneceu os parâmetros necessários para a execução desta pesquisa. Esta metodologia, segundo Bardin (1977, p. 9) consiste

em uma gama de instrumentos metodológicos sutis e em constante aperfeiçoamento. Os discursos que podem ser abordados por esta metodologia podem ser de naturezas diversas, pois o instrumento se adéqua ao objeto estudado. No entanto, apesar desta grande adaptabilidade, é necessário seguir uma hermenêutica controlada, fundada na dedução. A autora coloca que:

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito) retido em qualquer mensagem (BARDIN, 1977, p. 9).

Esta tarefa de desocultação exige por parte do pesquisador, uma vigilância com o rigor científico. Para tal, devemos nos munir de instrumentos e critérios. Assim, não seremos levados pela “ilusão da transparência” dos fatos sociais, procurando evitar a compreensão espontânea. Esta “vigilância crítica” exige uma metodologia e os instrumentos os quais se tornam mais úteis conforme o grau da proximidade do pesquisador aumenta (*ibid.*, p. 29). Assim, percebemos que esta metodologia corrobora com os pensamentos de Mills, que norteiam esta pesquisa.

Este aparato metodológico possui duas funções práticas: uma heurística, que enriquece a tentativa exploratória, que aumenta as possibilidades de uma descoberta, e uma função de administração da prova, na qual se formulam hipóteses que servem como diretrizes (*ibid.*, p. 29-30). Ambas serão descritas no decorrer deste capítulo.

Como procedimentos metodológicos, Bardin (1977, p. 75) elenca os seguintes passos: na organização da análise são realizados a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados obtidos, bem como sua interpretação. Na codificação são definidas as unidades de registro e de contexto. Em seguida é efetuada a análise dos dados, tanto quantitativa como qualitativa. Estes passos dependem de uma categorização dos dados eficiente, que deve seguir algumas regras. Após estas etapas de coleta e análise, são realizadas as inferências, que nada mais são do que deduções obtidas a partir dos dados. Todo o processo descrito sumariamente acima será explicitado a seguir.

O primeiro passo da organização da análise, a pré-análise, tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais em um plano de análise que é flexível, ou seja, permite a inclusão de novos procedimentos durante o processo, e

também preciso. Esta primeira fase é composta de três objetivos: a escolha dos documentos a ser analisados, a formulação das hipóteses e objetivos, além da elaboração de indicadores para fundamentar a interpretação final (1977., p. 95).

A escolha do material, primeira fase da pré-análise, no caso da nossa pesquisa, foi determinada a partir dos objetivos da mesma – elencar o que vem sendo produzido no âmbito acadêmico da Sociologia do Esporte, no período de 1997 a 2007 - , pois fornecem as informações necessárias para responder o problema (BARDIN, 1977, p. 96). As obras que serão mapeadas são o periódico da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vinculada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a fim de perceber como a temática se insere em ambos os campos de pesquisa.

O critério da escolha do recorte temporal foi baseado na nossa percepção acerca dos trabalhos presentes nas obras citadas, que apresentavam um aumento no número de produções durante esta década, além de apresentarem uma modificação no uso das teorias sociológicas, o que cogitamos ser fruto de uma apropriação das bases teóricas da Sociologia.

A escolha por tais periódicos se deu, em parte, pelo vínculo com as instituições citadas, já que se tratam de associações de renome nestas áreas. As informações sobre as instituições foram coletadas no *site* das mesmas bem como os dados sobre as revistas.

A ANPOCS é uma entidade criada em 1977, que atua na representação e aglutinação de centros de pesquisa e programas de Pós-graduação que atuam nesta área de conhecimento. Esta associação realiza encontros anuais, concursos de teses, publica dois periódicos, dentre eles a *RBCS*, além de livros e outras obras e tem significado expressivo nas Ciências Sociais.

A *RBCS*, de periodicidade quadrimestral, teve seu primeiro número publicado em junho de 1986 e se consolidou como uma das principais revistas brasileiras da área de conhecimento em questão, alcançando uma ampla diversidade temática. A revista é indexada em *Hispanic American Periodicals Index*, *Dataíndice*, *Sociological Abstracts*, *Sumários Correntes Brasileiros*. Além deste indício de qualidade alcançado pela revista, a publicação também possui o conceito A internacional na

avaliação Qualis⁴, se configurando como uma revista conceituada e de expressão na sua área de estudo.

O CBCE, entidade fundada em 1978, congrega pesquisadores ligados à área da Educação Física e Ciências do Esporte. Realiza um evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, de periodicidade bienal, que se configura como um dos principais eventos do país.

A RBCE, publicação editada pela instituição que mencionamos acima, teve seu primeiro número lançado em setembro de 1979 e é indexada por SIBRADID, *Sportsearch*, *Sport Discus*, *Ulrich's International Periodicals*, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas e LATINDEX. Concomitante com estes indícios de qualidade, a revista é classificada como um C internacional na avaliação Qualis.

Deste modo, selecionamos para este estudo duas revistas de expressão no cenário acadêmico das áreas das Ciências Sociais e da Educação Física, o que pode nos indicar qual é a situação do regime de publicações acerca da Sociologia do Esporte.

Prosseguindo com a descrição dos procedimentos metodológicos, destacamos que a leitura flutuante, a segunda fase da pré-análise, consiste nos primeiros contatos com o material empírico. Esta pode ser realizada sem critérios definidos e parcialmente organizada, o que permite a formulação de hipóteses provisórias (BARDIN, 1977, p. 96). Realizamos esta leitura com base nos seguintes critérios: os trabalhos selecionados devem estar publicados nas referidas obras, tratar sobre o esporte através de uma leitura embasada em teorias sociológicas e, por fim, devem ser de autoria de pesquisadores brasileiros.

Após estes passos, determinamos o *corpus*, ou seja, o conjunto de documentos a serem analisados. Bardin (1977, p. 97-8) sugere alguns parâmetros, a saber:

- a) Regra da exaustividade: levantar todos os documentos que estão contidos no *corpus* e justificar a ausência dos documentos não abordados: através dos *sites* da ANPOCS, base de dados Scielo e da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, bem como a consulta ao acervo das bibliotecas da Universidade

⁴ A avaliação Qualis consiste em uma lista de veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de Pós-graduação. Estes periódicos são classificados quanto ao âmbito de circulação, sendo eles local, nacional e internacional, e quanto à qualidade, aos quais são atribuídos os conceitos A, B e C. Este índice fundamenta o processo de avaliação do Sistema Nacional de Pós-graduação. Na época da elaboração desta pesquisa este era o índice qualitativo vigente.

Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica e Universidade Positivo pudemos ter contato com as obras completas que compreendem o período de 1997 a 2007, no caso da *RBCS* e do período de 2004 a 2007 no caso da *RBCE*. As demais edições desta revista foram disponibilizadas em um CD-rom lançado na comemoração dos 25 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, o qual tivemos contato através de um dos participantes deste evento. Assim pudemos levantar todos os artigos publicados nestas revistas, excetuando os artigos que não atendem aos critérios apresentados na pré-análise e qualquer produção que não seja artigo (entrevistas, cartas, resenhas, artigos de opinião, editoriais).

- b) Regra da representatividade: a amostra a ser analisada deve ser uma parte representativa do universo inicial: os periódicos selecionados são de grande importância para ambas as áreas, como apontado anteriormente.
- c) Regra da homogeneidade: a seleção dos documentos deve ser precisa e obedecer a critérios específicos: nesta pesquisa mantivemos os critérios utilizados na pré-análise e os complementamos a fim de realizar um levantamento de dados mais apurado, que permite uma análise mais rica em detalhes. São eles: os artigos devem estar publicados nas revistas selecionadas, no recorte temporal proposto. Deve ser um artigo, excluindo-se outros textos contidos nestas publicações. Deve abordar o esporte como tema central, excluindo artigos sobre Lazer, atividade física, etc. Deve apresentar uma abordagem sociológica sobre o tema, o qual verificaremos através da bibliografia do artigo. No entanto esta abordagem pode ser concomitante outras áreas das Ciências Humanas, como por exemplo a Antropologia e a História. E, por fim, o texto deve ser de autores brasileiros.
- d) Regra da pertinência: os documentos selecionados devem ser adequados à pesquisa: neste quesito selecionamos periódicos nos quais exista a possibilidade de publicação de trabalhos abordando a Sociologia do Esporte. Assim, acreditamos que os artigos encontrados adéquam-se à pergunta problema e aos objetivos da presente pesquisa.

Determinado o *corpus* e auxiliados pela leitura flutuante, formulamos as hipóteses abaixo, pois são nos primeiros contatos com o material que surgem tais questionamentos (BARDIN, 1977, p. 98). Nesta pesquisa, além destas afirmações

temporárias elaboradas a partir das primeiras leituras, tivemos a possibilidade de, em eventos científicos como o Simpósio Internacional Processo Civilizador, perceber a impressão dos pesquisadores envolvidos na área sobre os rumos da mesma e formular, com base nessas colocações, as referidas hipóteses: existem poucos trabalhos sobre a Sociologia do Esporte e as pesquisas existentes são, em sua maior parte, descritivas, além de não apresentarem um uso adequado da teoria sociológica, pois não estabelecem a ligação entre a base teórica e o material empírico. Este fato se dá devido aos pesquisadores não serem da área das Ciências Sociais, mas sim da Educação Física e áreas correlatas, que estão no processo de aprendizagem e apropriação destas teorias. Os sociólogos apresentam uma reticência a estudar o esporte, por ele não estar ligado aos aspectos sérios da vida, sendo assim, não é um objeto merecedor da abordagem sociológica, ou porque não conseguem se desatar da lógica do campo que dita a agenda de pesquisas. Existe, no entanto, uma mudança sutil neste recente nicho de pesquisa. Os trabalhos vêm ganhando mais profundidade e despertando o interesse de pesquisadores das Ciências Sociais, permitindo a inserção dos estudiosos da Educação Física em departamentos, eventos, grupos de pesquisa, etc. Com esta abertura, foi possível ter acesso a programas de pós-graduação que consentissem o estudo mais detalhado das teorias sociológicas, permitindo um melhor entendimento e uso das mesmas que, conseqüentemente, se reflete nos trabalhos desenvolvidos.

Bardin (1977, p. 80) nos chama a atenção ao movimento de vai-e-vem que está intrínseco a esta metodologia: as primeiras leituras, ditas flutuantes, permitem a elaboração de hipóteses, que serão confirmadas ou não, a partir de uma leitura mais apurada. Este tipo de leitura, por sua vez, permite que outras hipóteses sejam formuladas, iniciando o ciclo de investigação mais uma vez.

Após completados estes passos metodológicos, seguimos para a exploração do material, uma fase mais operacional, onde é aplicado o plano elaborado na pré-análise (*ibid.*, p. 101). Nesta está compreendida a análise dos textos baseados em categorias, ou seja, a classificação dos elementos constitutivos do material empírico em conjuntos, através de critérios estabelecidos previamente (*ibid.*, p. 117). Para esta abordagem mais profunda preferimos a leitura dos artigos completos, não somente os resumos, já que ao ler os resumos percebemos uma situação relatada por Ferreira (2002) na qual os mesmos não possuem a estrutura do trabalho e não dão a ideia de sua totalidade. Isso dificulta a análise dos artigos em vários aspectos, dentre

eles, se são trabalhos sociológicos acerca do esporte ou não. Dificuldade esta aumentada pela fina linha que limita os estudos históricos, antropológicos, filosóficos e sociológicos.

A categorização consiste em duas etapas: o inventário - processo de isolar os elementos que se pretende analisar - e a classificação - ato de organizar os elementos previamente selecionados (BARDIN, 1977, p. 118). Devemos levar em consideração a totalidade do texto, atestar a presença e a ausência das categorias elaboradas (*ibid*, p. 36-7).

O tratamento e a interpretação dos dados obtidos se ocorre no sentido de explicitar o que foi descoberto, o que é significativo. Bardin (1977, p. 101) sugere como forma de tratamento dos dados as operações estatísticas simples e complexas, como por exemplo a porcentagem e a análise fatorial. Não utilizaremos este tipo de análise quantitativa, mas sim elaboramos um quadro que explicita o autor, a temática abordada e a teoria sociológica utilizada para a leitura do fenômeno. Com base nestes dados, realizamos inferências - deduções elaboradas a partir dos dados levantados - e interpretações baseados nos objetivos da pesquisa. As inferências podem ser de natureza diversa, o que a autora atribui às condições de produção dos textos (*ibid*, p. 40). Este passo corresponde à análise qualitativa que realizamos, na qual explicitamos os autores brasileiros sobre o tema, os objetos de estudo e as teorias utilizadas para explicar o fenômeno observado. Assim podemos confirmar ou refutar as hipóteses levantadas neste estudo e também realizar um diagnóstico do campo das produções científicas acerca da Sociologia do Esporte.

Não pretendemos com esta pesquisa elaborar uma prova inelutável do cenário das publicações sobre a Sociologia do Esporte no Brasil, mas sim descrever e analisar um escopo que permite corroborar, mesmo que parcialmente, os pressupostos levantados.

Por fim, ao término da pesquisa, elaboramos um panorama geral do estado *da arte* da Sociologia do Esporte no Brasil, bem como um delineamento do seu campo de produção científica.

2 ESPORTE: UM OBJETO RELEVANTE?

No presente capítulo explicitamos como entendemos o esporte, suas diversas facetas, bem como apresentamos algumas das diferentes abordagens correntes na Sociologia do Esporte, que são bastante utilizadas pelos pesquisadores da área, como percebemos no levantamento dos referenciais dos artigos analisados. Elias é citado em seis produções, Dunning é mencionado em cinco trabalhos, os conceitos de Pierre Bourdieu são utilizados em nove textos e Allen Guttman está presente no referencial de uma produção. No entanto, percebemos que o sistema de leitura elaborado pelo autor é utilizado sem ser referenciado em alguns textos. Não serão realizadas aproximações entre esses autores, com exceção de Elias e Simmel, a fim de evitar incoerências. Nosso objetivo é explicitar esse caráter multifacetado do esporte, que não se resume somente às abordagens apresentadas neste capítulo e situar o leitor acerca de alguns conceitos das referidas teorias, já que este trabalho pretende ser referência para os pesquisadores que não pertencem à área da Sociologia, além de servir como modelos de abordagens sociológicas para a análise posterior.

2.1 DIVERSOS OLHARES SOBRE O ESPORTE

Iniciamos este capítulo apresentando as ideias de Elias e Dunning sobre o fenômeno esportivo e posteriormente realizamos uma aproximação com o pensamento de Simmel, dada a notória semelhança entre seus escritos e as questões postas por Elias. Assim, procuramos explicitar mais uma forma de leitura do esporte, através da visão de um autor que não tratou desta temática.

2.1.1 A gênese do Esporte moderno sob a ótica de Elias e Simmel

Elias e Dunning (1992, p. 195) colocam que frequentemente o esporte tem sua origem remetida aos Jogos da Antiguidade Clássica. No entanto, o fenômeno

moderno se distingue de diversas formas dos jogos clássicos e progrediram em contextos bastante diversos. Os autores afirmam que:

O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, do que são característicos do desporto moderno. Muitos dos escritos relevantes de hoje apresentam uma forte tendência para minimizar as diferenças e aumentar as similaridades. O resultado disso é um quadro distorcido de nós próprios, bem como da sociedade grega, e um quadro falseado das relações entre duas realidades (*ibid.*, p. 195).

Sobre a gênese do esporte, Elias e Dunning (1992, p. 187) afirmam que muitas das modalidades praticadas hoje, de forma similar em todo o mundo, tiveram origem na Inglaterra. Várias destas como corrida de cavalos, boxe, tênis, dentre outras, foram disseminadas na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Esses passatempos tinham caráter aristocrático, ou seja, era reservado às elites sociais, que os utilizavam como meio de distinção. Eventualmente as classes trabalhadoras tiveram acesso a esse tipo de atividade, o que fez com que ela perdesse seu caráter distintivo. Os autores explicitam que:

De facto, o tipo aristocrático ou de *society* dos passatempos que dominavam, com o sentido do termo *sport*, em Inglaterra, na primeira metade do século XIX, propagou-se a outros países, tendo sido adoptado pelas correspondentes *elites* sociais antes de os tipos mais populares, como o futebol, se desenvolverem com as características de um *sport*; antes mesmo de serem compreendidos como tal na própria Inglaterra e de se propagarem, sob essa forma, a outros países como um passatempo de grupos de classe média e dos trabalhadores (*ibid.*, p. 189).

A transformação dos jogos ingleses, que possuíam formas diversas de se praticar, em uma forma mais uniformizada, culminou aproximadamente em 1863 (*ibid.*, p. 189). Este movimento foi acompanhado pelos demais países nos anos seguintes, fato confirmado pelo levantamento realizado pelos autores acerca da fundação de clubes esportivos, especificamente de futebol, e pela incorporação linguística do termo que designa tal esporte (*ibid.*, p. 190).

Esta apropriação das práticas inglesas não foi de todo tranquila. Em alguns países, como por exemplo a Alemanha, o esporte era estranho, fora do contexto de tal sociedade, o que é explicitado pela falta de um termo para designar tais práticas e a adoção do termo em inglês para se referir a elas (*ibid.*, p. 188).

O esporte era, neste contexto, um passatempo aristocrático tanto na Inglaterra quanto nos demais países que o incorporou. Este movimento ocorreu antes que

práticas populares, como o futebol, desenvolvessem características de um esporte e consequentemente se propagassem sob a forma de passatempos da classe média e trabalhadora (*ibid.*, p. 189).

Esta disseminação para vários países explicita que o esporte correspondia às necessidades específicas de lazer que estas sociedades apresentavam (ELIAS e DUNNING, 1992, p.191). Mas se estas necessidades estavam presentes nos demais países europeus, por que o esporte surgiu em primeiro lugar na Inglaterra? E por que este modelo de confronto físico não violento, carregado de distinção e novidade, apareceu entre os aristocratas desta sociedade?

Durante o século XIX, a Inglaterra era considerada como um modelo que disseminava novas formas de produção e trabalho – a industrialização – que afetavam as demais instâncias da vida do indivíduo, como por exemplo seu tempo livre, que foi povoado por aquele passatempo com uma regulamentação mais rígida: o esporte. Tais regras, voltadas para uma maior igualdade de oportunidades entre os participantes passaram a ser mais rigorosas, explícitas e diferenciadas. A vigilância para o cumprimento destas regras tornou-se mais eficiente, o que tornava o ato de burlar o regulamento mais difícil e menos frequente. Percebemos que a autodisciplina atingiu, neste ponto, um grau superior a qualquer outra forma prévia de autocontrole. O regulamento também permitiu um maior controle dos danos físicos durante a prática, sem deixá-la menos interessante.

No entanto, não podemos atrelar todas as mudanças ocorridas no século XIX à Revolução Industrial. Com certeza este fato teve um grande impacto na sociedade e mudou a configuração que estava estabelecida. Este movimento, que compreende modificações no modo de trabalho e de utilizar o tempo livre, pode ser sintomático de uma mudança mais profunda na sociedade, que exigiu de seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos. Afinal, a cadeia de interdependências estava aumentando, o que se refletiu claramente na forma de trabalho, e para manter esta rede de relações, os indivíduos devem modelar seus comportamentos. Esta necessidade de regulamentação refletiu nos passatempos, como em tantas outras esferas da sociedade.

A explicação de todos os fenômenos ocorridos no século XIX através da Revolução Industrial são um tanto incompletas. Certamente a industrialização e a urbanização contribuíram para o desenvolvimento e a difusão de formas de ocupação do tempo livre com as características do esporte. Porém estas

transformações podem ter sido resultado de alterações mais profundas das sociedades europeias, exigindo dos indivíduos uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos. Elias e Dunning (1992, p. 225) propõem que:

O peso crescente e a maior diversidade das cadeias de interdependência podem ter tido alguma coisa a ver com isso. Este processo fundamenta a sua expressão na submissão tanto dos sentimentos das pessoas e das suas ações a um horário regulador minuciosamente diferenciado como na responsabilidade, a que era igualmente difícil de escapar, em termos de dinheiro. É possível pensar que as sociedades europeias, falando de uma maneira geral, sofreram, desde o século XV em diante, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e sensibilidade. A rápida aceitação do tipo de passatempos de desporto nos países continentais seria, talvez, um sinal da necessidade cada vez maior de actividades de recreação mais ordenadas, de maior regulamentação e menor violência física na sociedade em geral? (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 225).

Mas não podemos conceber este regulamento na concepção de Durkheim, na qual as regras são externas aos indivíduos e estão acima deles. Para Elias as regras são passíveis de modificação por parte dos indivíduos. Ao investigar sobre o processo de desenvolvimento de normas e regras podemos perceber a interdependência dos conceitos ordem, desordem, função e disfunção, pois são estabelecidas pelos seres humanos para resolver formas específicas de mau funcionamento, sendo passíveis de alterações por parte de indivíduos e grupos (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 226-9). Deste modo podemos pensar que a configuração que se apresentava naquela época foi propícia para que o esporte surgisse como uma forma de passatempo diferenciada.

Portanto ao analisar com os olhos da sociedade atual uma prática de uma outra sociedade, com diferenças notáveis, leva os estudiosos a aproximar naturalmente o que não possui esta proximidade. Em busca de legitimação, os esportes modernos são associados aos ideais clássicos de uma forma artificial, refutando qualquer fato que revele o contrário como uma exceção (*ibid.*, p. 195).

Um dos exemplos colocados por Elias e Dunning (1992, p. 195) para ressaltar esta diferença é o nível de violência presente nos Jogos da Antiguidade e nos jogos dos séculos XIX e XX. Nos primeiros, admitia-se um alto grau de violência, bem mais elevado do que o permitido pelo regulamento dos segundos. As regras dos primeiros não eram escritas, muito detalhadas, nem mesmo sujeitas a um criticismo racional e revisões, o que deixa brechas para o surgimento de atos violentos. Isto é uma das

características de uma sociedade em um determinado patamar de desenvolvimento do Estado e do monopólio de violência por parte deste, comparativamente rudimentar aos Estados contemporâneos. Com base na teoria do Processo Civilizador podemos perceber que desde a sociedade antiga até a sociedade contemporânea houve uma crescente regulação da violência, retirando este poder das mãos de cada indivíduo, recobrando de vergonha e repugnância tais atos e passando o monopólio da violência ao Estado. Movimento parecido se deu no esporte que passou de uma atividade com um alto grau de violência e poucas regras para uma atividade onde esta é repudiada e existe um regulamento imbricado, além do controle externo da arbitragem. Elias e Dunning (1992, p. 196) corroboram:

[...] espera-se que a formação do Estado e a formação da consciência, o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou respectivo testemunho assumam formas específicas em diferentes estádios no desenvolvimento das sociedades. É surpreendente descobrir como o exemplo da Grécia Clássica confirma de maneira tão completa estas expectativas teóricas.

Questionamos se esta forma pregressa do esporte seria considerada como tal, ou se constitui como uma forma diferenciada de passatempo. Elias e Dunning (1992, p. 226-7) afirmam que se concebermos as formas anteriores como um “pré-esporte” não seria possível perceber como e por que ocorre a evolução desta forma para a atual e como e por que se desenvolveram as regras e convenções particulares que determinam a conduta adequada a uma prática esportiva.

O esporte moderno, como está sendo delineado até aqui, não teria ligação com os jogos gregos, frequentemente colocados como seu antecessor. Elias e Dunning (1992, p. 195) corroboram com esta afirmação quando sugerem que:

A partir de um exame mais profundo, não é difícil verificar que os concursos de jogos da Antiguidade Clássica, que são representados com frequência como paradigma do desporto, possuíam numerosas características importantes e progrediram sob condições que eram muito diferentes das que distinguem os nossos próprios concursos e jogos. O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno.

Elias e Dunning (1992, p. 195) ressaltam algumas das principais diferenças entre os Jogos Antigos e o esporte moderno, dentre elas: o maior nível de violência

aceitado na Antiguidade nos jogos como pugilismo e o grande detalhamento e diferenciação das regras do fenômeno atual.

Visto que os Jogos Antigos não possuem esta ligação explícita com o esporte moderno, devemos procurar outra explicação para a conversão de um passatempo em uma atividade uniformemente regulada. Elias e Dunning (1992, p. 226-7) explicitam que esta análise pode ser calcada na regulamentação dos passatempos, o que levaria a uma descrição mais realista da sociedade em que ocorreu tal transformação. No entanto, os autores ressaltam que não devemos conceber as regras como algo estático, imposto, quase independente dos indivíduos e que não pode ser transformado por eles. Esta visão durkheimiana não permite perceber as relações sociais como elas realmente ocorriam (*ibid.*, p. 228).

Desta forma, não é válido colocar que estas sociedades eram bárbaras e não civilizadas. Esta quase automática resposta emocional de repúdio às ações violentas leva os indivíduos a julgar sociedades com diversos padrões de controle da violência como se os membros desta sociedade pudessem optar por um padrão próprio, quase que individualizado e, por não tê-lo feito, agiram de maneira errada (*ibid.*, p. 199).

Esta mutação dos jogos populares ingleses, que tinham características diversas entre si, para um esporte teve como marca a maior regulamentação e uniformidade, movimento que culmina com a codificação do jogo. Assim, o termo esporte passou por uma padronização, referindo-se a formas específicas de recreação, onde o esforço físico desempenhava papel central (*ibid.*, p. 189-223).

A difusão dos passatempos ingleses é intimamente ligado com as mudanças ocorridas nesta sociedade, tais como os modelos de produção industrial, de produção e de trabalho. Deste modo, Elias e Dunning (1992, p. 224) colocam que é notável como a forma que as pessoas utilizam seu tempo livre foi transformada juntamente com a forma como trabalhavam.

Este processo, denominado por Elias e Dunning (1992, p. 224) de desportivização, teve algumas ligações bastante importantes com a conjuntura social da época. O estabelecimento de regras mais rígidas, que priorizavam a igualdade, justiça e êxito para todos os participantes, além da maior vigilância assegurando o cumprimento das regras, são colocadas como exemplos destas ligações. Este movimento possibilitou que as formas de passatempos denominadas esportes atingissem um grau de autodisciplina jamais visto até então. Também foi possível

atingir um certo patamar de equilíbrio nas disputas, aumentando a tensão na mesma sem, no entanto, aumentar os riscos de ferimentos. Os autores afirmam que: “a ‘desportivização’, em resumo, possui o caráter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à ‘curialização’ dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representam um papel significativo [...]” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 224).

O esporte pode ser definido como uma atividade que integra um elemento de competição, confrontos que envolvem a força física. A fim de reduzir os danos físicos e manter a integridade dos participantes, existem regras que obrigam os indivíduos a adotarem um tipo de conduta, o que explicita a dinâmica da sociedade na qual esta atividade se insere (*ibid.*, p. 39-40).

Porém este modelo de controle da conduta não foi sempre o mesmo. Tal mudança não foi planejada por um sujeito ou até mesmo um grupo, através de medidas racionais e deliberadas a longo prazo. Este movimento ocorreu, de maneira geral, sem planejamento algum, porém não vale dizer que foi desordenado. Um exemplo disto é o controle exercido por terceiros ser convertido em autocontrole, permitindo que as atividades mais animais sejam progressivamente excluídas do cotidiano e associadas a sentimentos de vergonha. Esta regulação da vida instintiva e afetiva se torna cada vez mais estável, uniforme e geral. Elias (1994, p. 194) afirma que não há indícios históricos que esta transformação fosse resultado de um plano a longo prazo de um grupo de pessoas e que perdurou durante séculos.

Todavia, se não existe planejamento, nem um sujeito por detrás desta mudança no comportamento humano, como foi possível que ela se concretizasse? Elias (1994, p. 194) explica tal processo baseado no aumento da rede de interdependências, que são permeadas por ações, planos, impulsos racionais e emocionais. Assim,

Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa a ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz o processo civilizador.

Portanto podemos pensar que uma maior rede de interdependências obrigou o ser humano a dominar e controlar suas emoções, para que a convivência nesta rede fosse possível.

Esta ordem social a que Elias (1994, p. 194) se refere não é racional, já que nenhum sujeito intencionalmente a deliberou, nem irracional, já que não surgiu de maneira incompreensível. Entretanto, os pares de opostos racional e irracional não se aplicam neste caso, pois as regularidades pertencentes às configurações sociais não são idênticas às regularidades da mente, tratando-se de uma pessoa individual, como também não se aproximam das regularidades da natureza, mesmo que estas dimensões estejam interligadas. Isto demonstra uma certa autonomia das configurações sociais.

Esta última afirmação não diz muito sobre o entrelaçamento social, se não for exemplificada. Elias (1994, p. 195) aponta que tipo de dependência mútua de pessoas põe em movimento o processo de feudalização, e que certas competições levaram alguns senhores feudais ao conflito, que por fim levou à formação do Estado absolutista. Essa reordenação das relações humanas e da estrutura social, impelida por suas tensões, foi acompanhada da mudança destas estruturas, que geraram transformações nas maneiras, na estruturação da personalidade, que resultou na remodelação do aparato psicológico e conseqüentemente em uma forma de conduta e sentimentos ditos civilizados.

Elias (1994, p. 195) afirma que esta mudança foi possível devido à crescente diferenciação das funções sociais, impelidas pela competição. Quanto mais diferenciadas as funções, mais elas aumentam e, por conseguinte, cresce o número de pessoas de quem o indivíduo depende para realizar suas ações, sejam elas simples ou complexas. À medida que um maior número de pessoas sincroniza suas ações com as dos demais, a teia de ações deve se organizar sempre de uma forma rigorosa e precisa, para que cada ação desempenhe uma função social. O indivíduo, portanto, é obrigado a regular sua conduta de maneira diferenciada, uniforme e estável, o que não exige apenas uma regulação consciente. Este controle complexo e estável passou a ser transmitido para o indivíduo desde seus primeiros anos de vida, como um automatismo, o que denota uma mudança psicológica ocorrida no curso da civilização. Por se localizar em uma rede tão extensa e complexa, o indivíduo deve esforçar-se para comportar-se corretamente o tempo todo, o que colaborou para o estabelecimento do aparelho automático do autocontrole. Assim

previne-se a transgressão do comportamento socialmente aceitável mediante a um sem número de medos profundamente estabelecidos. O autor complementa:

[...] como a grande pressão formativa sobre a constituição do homem “civilizado”, seu autocontrole constante e diferenciado, vincula-se à crescente diferenciação e estabilização das funções sociais e à multiplicidade e variedade cada vez maiores de atividades que ininterruptamente têm que se sincronizar (*ibid.*, p. 197).

Este autocontrole, no entanto, não é uniforme para todos os indivíduos. A variação se dá de acordo com a função e a posição do sujeito e na intensidade e estabilidade deste gabarito que molda as paixões. Elias (1994, p. 197) coloca que o método sociogenético responde por que estas diferenciações ocorreram e perduram até os dias atuais. Assim, quando o tecido social se torna mais complexo, o aparato sociogênico de autocontrole individual também se torna mais imbricado e estável.

Conforme a cadeia de interdependência crescia e se tornava mais complexa, o sujeito assumia o controle das emoções, o que tornava suas ações mais restritas no que concerne a satisfação dos anseios e paixões. A vida torna-se menos povoada de perigo, mas também menos emocional ou agradável. Para recuperar esta dimensão, foram criados os substitutos nas pinturas, livros, práticas corporais dentre elas o esporte, e ações que remeteriam à violência, como trincar animais mortos na mesa para o consumo, são vetadas. Podemos perceber que as mudanças não se restringem somente às práticas que seriam ligadas diretamente à violência, mas infiltram-se em instâncias mais profundas e complexas. Os confrontos postos com outros indivíduos foram transferidos para o interior do mesmo, numa luta entre o sujeito e seu autocontrole, que nem sempre tem um final feliz (*ibid.*, p. 202-3).

Outra mudança que faz parte desta transformação é a racionalização, que emerge em uma sociedade com um alto grau de previsão e um número crescente de funções sociais. Esta racionalização está intimamente ligada ao processo histórico, a uma modelação específica de toda a personalidade (*ibid.*, p. 230). Este processo se dá em meio a disputas e lutas por poder dentro de uma determinada classe ou entre classes. Sobre este ponto Elias (1994, p. 240) explicita:

A gradual transição para uma conduta e pensamento mais “racional”, para um tipo de autocontrole mais diferenciado, mais abrangente, hoje se costuma associar apenas às funções burguesas. Frequentemente, encontramos impregnada na mente de nossos contemporâneos a ideia de que a burguesia foi a “originadora” ou a “inventora” do pensamento mais

racional. [...] A própria transformação de toda a estrutura social, no curso da qual surgiram essas configurações de burgueses e nobres é, considerada de um certo aspecto, uma racionalização. O que se torna mais racional não são apenas o que os homens produzem, nem meramente os sistemas de pensamento postos em livros. O mais importante a racionalizar-se foram os modos de conduta de certos grupos de pessoas.

Deste modo, podemos entender esta racionalização como a característica de previsão e regulação das ações dos demais em relação a si e vice-versa, que não teve sua origem em uma determinada classe ou momento histórico, pois é difícil precisar quando estas mudanças se iniciaram.

Elias e Dunning (1992, p. 41-2) afirmam que este processo também afetou o esporte, gerando uma modificação global do código de conduta e da sensibilidade envolvidos na atividade. Ao comparar jogos populares com bola praticados no final da Idade Média com o futebol e o rúgbi, os autores explicitam que o grau de sensibilidade em relação à violência aumentou, não sendo mais tolerada como outrora. Esta diminuição da violência foi resultante de um conjunto de regras que a limitava a um determinado grau e a momentos específicos, iniciada na Inglaterra e largamente adotada por outros países.

Sobre as características dos esportes, além das regras definidas, Elias e Dunning (1992, p. 232-3) ressaltam o período de tensão como característica importante. Este não deve ser muito breve nem muito longo, sob a pena de ceifar a tensão agradável do indivíduo, como também o equilíbrio entre as equipes não deve ser muito próximo nem muito díspar. Para alcançar tal equilíbrio, o esporte necessita de um período de amadurecimento e de ajustes de regras.

A questão de controle das emoções também influencia na busca da tensão agradável. Se os participantes não se controlarem, infringirão as regras em busca da vitória e se se controlarem demais, lhes faltará vigor para alcançar a vitória. Assim é necessário encontrar um equilíbrio para que se sigam as regras e ainda seja possível aproveitar o passatempo (*ibid.*, p. 234).

Para determinar o caráter distintivo do esporte e como a sociedade influenciou na modificação desta prática, Elias e Dunning (1992, p. 236) descrevem a caça à raposa nos séculos XVIII e XIX, comparando-a com as mudanças ocorridas na sociedade inglesa na época.

Nos primeiros contatos com a teoria de Simmel, foi inevitável percebermos algumas aproximações com a obra de Elias. Os conceitos de interação, sociação e

interdependência pareciam muito próximos, o que nos dava a sensação de que Elias teria utilizado a teoria de Simmel como base da sua própria, apesar de não mencionar isso em seus escritos. Deste modo, propomos uma aproximação entre os autores e delineamos algumas leituras sobre o fenômeno esportivo.

Simmel (1983, p. 59) sugere que “a sociedade existe onde quer que vários indivíduos entram em interação”. Esta ocorre movida por instintos ou fins determinados, contra, em conjunto ou a favor dos indivíduos, gerando uma unidade, a sociedade. “Pois unidade em sentido empírico nada mais é do que interação de elementos” (*ibid.*, p. 60).

Esta unidade, denominada pelo autor de sociação, pode ter diversos graus, de acordo com a espécie e a intimidade que se constitui na interação. Tais relações têm como conteúdo tudo o que existe nos indivíduos (instintos, interesses, fim, inclinação, etc.), que é capaz de mover uma ação sobre os demais ou receber suas influências (*ibid.*, p. 60).

Por si só estas ações não chegam a serem sociais. Para que exista a sociação é necessária interação (cooperação, colaboração). “A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses” (*ibid.*, p. 60).

Simmel (1983, p. 60-1) afirma também que um aglomerado de homens não se configura como uma sociedade, em uma existência unitária, e que se faz necessária a interação, além do caráter histórico.

Os grupos sociais, por mais diferentes que possam ser, possuem as mesmas relações formais estabelecida entre os indivíduos (dominação, subordinação, imitação, divisão do trabalho, etc.). Portanto “por mais diversos que sejam os interesses que levam a essas sociações, as formas nas quais estes interesses se realizam podem ser iguais” (*ibid.*, p. 62). Entretanto, o mesmo interesse pode manifestar-se de formas diversas modificando-se ora em forma, ora em conteúdo.

Assim:

[...] a matéria e a forma constituem uma unidade indissolúvel da vida social, pode-se extrair deles essa legitimação do problema sociológico, que requer que as formas puras da sociação sejam identificadas, ordenadas sistematicamente e estudadas do ponto de vista de seu desenvolvimento histórico (*ibid.*, p. 63).

Ao abordar a questão quantitativa dos grupos sociais, o autor coloca que um grupo, ao atingir um certo tamanho, necessita desenvolver formas que permitam sua manutenção, que não eram necessárias no grupo menor, ou seja, são necessárias estratégias de coesão (SIMMEL, 1983, p. 90).

Em grupos pequenos, nos quais os indivíduos não são tão diferenciados, é possível manter a coesão, estabelecer uma justiça na produção e no reconhecimento. No entanto, em grupos maiores não se torna possível uma distribuição igualitária destes elementos, devido à diferenciação estabelecida entre os indivíduos. Nesses grupos também se faz necessária a divisão do trabalho, aumentando a dependência entre os indivíduos e por consequência, a coesão, devido à interdependência gerada (*ibid.*, p. 91).

Simmel (1983, p. 93) descreve alguns tipos específicos de grupos e suas características. Um tipo específico de pequeno grupo são as seitas religiosas, cujas idiossincrasias e questões pessoais são reguladas pela comunidade, o que não permite a expansão do grupo além de um certo número de indivíduos, sob pena de desintegração. O meio de coesão deste tipo de grupamento é a ligação com a crença, que gera também a solidariedade.

As aristocracias também se definem como um grupo pequeno, devido à sua noção de distinção, ou seja, um grupo diferenciado dos demais e que impõem barreiras sociais com tal intento como: ostentação, ócio e boas maneiras. Um dos pontos que contribui para a manutenção de um grupo pequeno é a necessidade de visibilidade de todos os indivíduos, num jogo de observações. Conhecer a todos os membros do grupo pessoalmente é imprescindível, o que seria impossível em um grupo de maiores proporções. Também existe a vontade dos aristocratas em não dividir o poder e a riqueza, o que os torna diferenciados do restante da população (*ibid.*, p. 93).

Os grandes grupos, segundo Simmel (1983, p. 96), têm como característica uma presença mais branda do radicalismo e de decisão, devido à grande diferenciação de seus indivíduos. Uma decisão radical só poderia ser agitada por ideias simples, já que estas têm que ser acessíveis a todos os indivíduos. Estas ideias simples, portanto de certo modo uniformizadas, acabam por serem radicais, pois são implantadas em realidades muito mais complexas.

Os grandes grupos criam órgãos que servem de mediadores para a interação de seus membros, pois a relação direta entre todos os indivíduos não é possível.

Assim se estabelece uma forma de coesão grupal através de cargos, leis e símbolos da vida em grupo, já que conforme o número de indivíduos aumenta a coesão tende a diminuir. Esta relação inversamente proporcional se dá pela distância e diferenciação cada vez maior dos membros.

O conflito também é um importante conceito a ser discutido, pela sua influência nos grupos para a coesão e para a separação. Simmel (1983, p. 122) coloca que o conflito é uma das vívidas formas de sociação e que os fatores de dissociação, como ódio, inveja, necessidade e desejo, são suas causas. Portanto, esta forma de sociação existe para resolver dualismos divergentes, a fim de conseguir algum tipo de unidade, por mais que seja necessária a aniquilação de uma das partes conflitantes.

Em grupos pequenos, onde são envolvidos um número ilimitado de relações vitais, existe uma certa discordância interna que mantém o grupo coeso. Corroborando com esta linha de pensamento, Simmel (1983, p. 126) afirma que: “[...] o papel positivo e integrador do antagonismo aparece nas estruturas que se distinguem pela nitidez e pela pureza cuidadosamente preservada de suas divisões e gradações sociais”. Percebemos assim que os grupos pequenos, e conseqüentemente, com uma hierarquia bem definida, extraem este caráter positivo do conflito, que os mantém unidos e garantem sua sobrevivência enquanto grupo.

O desaparecimento do conflito não supõe uma vida social mais rica e plena, mas sim num fenômeno irrealizável, que não permite que o grupo continue a se constituir como tal (*ibid.*, p. 127). Deste modo o conflito se torna vital para que as interdependências sejam mantidas, mesmo quando ele não é perceptível.

Sobre este ponto, Simmel (1983, p. 128) reforça:

Sem tal aversão, não poderíamos imaginar que forma poderia ter a vida urbana moderna, que coloca cada pessoa em contato com inumeráveis outras todos os dias. Toda organização interna da interação urbana se baseia numa hierarquia extremamente complexa de simpatias, indiferenças e aversões, do tipo mais efêmero ao mais duradouro.

Em certas ocasiões, quando em conflito com outro, um determinado grupo deixa suas divergências internas e concentra-se nesta disputa maior. Assim, o interesse do grupo prevalecia sobre o interesse do indivíduo, que gera uma maior coesão (SIMMEL, 1983, p. 151).

No entanto vale lembrar que o conflito não é o único fator envolvido na coesão grupal, existem também as forças unificadoras, que complementam o quadro de fatores necessários para tal coesão (*ibid.*, p. 128).

A primeira e maior similitude que podemos perceber entre as teorias destes dois pensadores é a relação entre os indivíduos, que toma o foco central das explicações da sociedade. Waizbort (2001, p. 92) coloca de maneira contundente: “[...] elementos fundantes e fundamentais da sociologia de Norbert Elias derivam da obra de Georg Simmel”. O autor pondera que existe uma similitude explícita nos conceitos de concepção social desses dois teóricos.

No tocante à relação dos indivíduos, é notável que Elias realiza uma leitura muito similar a de Simmel. Este último considera que não existe sociedade sem a interação dos indivíduos, premissa também presente nos escritos do primeiro. Waizbort (2001, p. 92) corrobora com esta afirmação, destacando que:

O social, seja em Norbert Elias, seja em Georg Simmel, é um conjunto de relações. O “todo”, seja ele qual for – a “sociedade”, o “grupo”, a “unidade de sobrevivência” – ,é um *todo relacional*. O que o constitui é o conjunto das relações que o estabelecem, a cada momento, entre o conjunto dos elementos que o compõem. Tais relações estão sempre em processo, isto é: elas fazem e desfazem, se constroem, se destroem, se reconstroem, são e deixam de ser, podem se refazer ou não, se rearticular ou não. As relações nunca são sólidas e petrificadas; a cada instante elas se atualizam, ou se esgarçam, ou se fortificam, ou se mantêm, ou se enfraquecem. Mas, como quer que seja, há a cada instante algo vivo, em processo.

A característica de Elias de considerar as relações sociais como mutáveis, o que exemplificou com as relações de poder nos modelos de jogos, parece também ter se fundamentado em Simmel, bem como o posicionamento do indivíduo na sociedade, no qual ambos acreditam que o indivíduo está inserido na sociedade e a sociedade só existe pelos indivíduos. Isso contrasta com algumas concepções que colocam a sociedade como um ser acima das pessoas e que não é formado por elas.

A mesma metáfora do jogo utilizada por Elias já era presente em Simmel, como afirma Waizbort (2001, p. 98): “Simmel mostra assim de que natureza é o tecido das relações que ele tem em vista. Trata-se de um jogo”. Também percebemos que ambos os teóricos tem a mesma visão sobre as teias de interdependências e como elas se tornam complexas e mudam de forma. Simmel sugere que conforme os grupos tornam-se mais numerosos, são necessárias estratégias de coesão para

manter a unidade do grupo, os mediadores para as relações são indispensáveis, pois esta entre cada indivíduo se torna impossível em grandes grupos. Estes pontos também são abordados por Elias e sistematizado nos modelos de jogos. Waizbort (2001, p. 108) confirma tal afirmação explicitando que:

Toda a sociologia dos dois sociólogos judeus alemães nada mais fez que isto [elaborar a ideia de jogo a níveis mais complexos]. Elias – e Simmel – vai tornando as relações mais complexas, mais diferenciadas, com mais jogadores, regras mais sofisticadas, criando-se interdependências cada vez mais densas, até o limite do jogo da sociedade: um jogo de inúmeras pessoas em inúmeros planos [...]. Aliás, é disto que Simmel extrai a ideia de que “a existência do mundo é um jogo infinito”[...].

Assim, podemos perceber que Simmel e Elias possuem vários pontos em comum em suas teorias, o que nos leva a pensar: teria Elias levado a sociologia de Simmel um passo à frente? O que nossa leitura permite dizer é que tal fato pode ser possível, pois Elias, aparentemente com base nos escritos de Simmel, colocou de maneira sistematizada esta forma de ler a sociedade e todos os conceitos imbricados nela. Simmel não chega a este ponto de organização de seus escritos, já que utiliza o ensaio para formular sua teoria. Este tipo de escrita não permite um fechamento dos conceitos, mas sim uma constante reformulação dos mesmos. Deste modo, podemos pensar que Elias realmente avançou os estudos que Simmel havia proposto.

Em relação ao esporte, podemos perceber que é possível uma leitura a partir de Simmel, devido ao caráter dinâmico das relações sociais em sua teoria. Tratando o fenômeno como uma forma de conflito controlado, podemos perceber que toda a dinâmica descrita por Simmel é pertinente, pois ocorre uma coesão grupal e os conflitos internos são momentaneamente apaziguados para concentrar as forças do grupo no conflito com o outro.

A seguir apresentaremos a sistematização e discussão apresentada por Guttmann sobre o esporte, texto baseado na obra original e em um artigo elaborado por Pilatti.

2.1.2 Guttmann e o Esporte Moderno

Guttmann, em sua obra *From ritual to Record: the nature of modern sports* traça um comparativo entre o esporte moderno e os esportes primitivos, antigos e medievais (PILATTI, 2002, p. 65). Assim o autor cria um modelo de análise que pretende explicitar as características distintivas deste fenômeno: secularismo, igualdade, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e recordes.

Quando aborda a secularização, Guttmann explicita que as culturas primitivas raramente tinham um termo para designar o esporte, no senso que utilizamos hoje. Os jogos tinham caráter cerimonial, diferenciando-se do esporte moderno. (PILATTI, 2002, p. 65). Deste modo, é questionada a ligação feita entre os esportes gregos e a prática da sociedade contemporânea. Para o autor, embora os jogos gregos sejam concebidos como antecessores do fenômeno moderno, as primeiras estão mais ligadas às ações primitivas do que aos jogos olímpicos da era moderna. Tais jogos antigos eram festivais sagrados, integrantes da vida religiosa desse povo, um ato para honrar uma divindade. Nesta lógica a derrota numa competição atlética era o substituto simbólico para a morte, com o intuito de sacrifício (GUTTMANN, 1978, p. 20-2).

No entanto, o esporte não possuía somente a faceta religiosa dentre os gregos, ocorrendo também uma emergência do fenômeno como uma prática com traços seculares. Assim, este fenômeno focou-se em seus elementos centrais: jogo, exercício e competição, além de se configurar como um meio de adoração (*ibid.*, p. 23).

A sociedade romana continuou e acelerou esta tendência. Este povo não utilizava o esporte em competições atléticas e festivais, mas como um meio de atingir a boa forma para um fim determinado: a guerra. Deste modo, Guttmann (1978, p. 24) sugere que o esporte moderno está mais próximo do modelo romano do que do grego. E é este secularismo que tornou o referido fenômeno suspeito aos olhos de muitos líderes religiosos dos séculos XVII a XIX.

Tal suspeita fez com que a religião tentasse se aproximar do esporte moderno, movimento que, todavia, não foi suficiente para que a religiosidade recuperasse a influência de outrora, permanecendo marginal ao fenômeno esportivo. Exemplos deste relacionamento nos dias de hoje são facilmente encontrados, como a prece no

vestiário antes do início de uma partida, sinais religiosos feitos pelos jogadores durante uma competição, dentre outros (*ibid.*, p. 25).

Os esportes romanos consistiam em brigas, corridas de bigas, ou seja, atividades com um “tom bestial”. Em se tratando do caráter secular, os jogos romanos aproximam-se mais dos esportes modernos pela similaridade entre o “pão e circo” romanos e o esporte espetáculo. Assim, Guttmann (*apud* PILATTI, 2002, p. 66) afirma que o esporte é um fenômeno secular, já que este rompeu com a esfera do sagrado.

A igualdade, a segunda característica elencada por Guttmann (1978, p. 26), é definida como a capacidade de todos poderem competir e as condições desta disputa devem ser iguais para todos os participantes. Nas sociedades primitivas este envolvimento estava atrelado ao pertencimento a um grupo específico, sendo as características e habilidades físicas menos importantes do que a participação em um determinado círculo, já que os esportes não possuíam conotações de competição como as conhecemos hoje. Em muitas destas práticas o resultado é determinado por uma necessidade ligada à religião, não pela habilidade e técnica dos indivíduos praticantes. Porém, esta dominação por parte do sagrado é raramente completa.

Pilatti (2002, p.67) reforça este argumento quando afirma que o esporte dá condições para que essa igualdade de oportunidade ocorra, no entanto, tal condição não era presente nos povos primitivos, pois os indivíduos envolvidos eram escolhidos pelos “deuses”.

A igualdade era um quesito importante para os gregos, fato este que é claramente visível nos mecanismos para assegurá-la adotados nas disputas, como a separação dos participantes pela maturidade física e não pela idade cronológica, a punição de ações injustas feita por oficiais, dentre outros meios (GUTTMANN, 1978, p. 29).

Para os romanos também existia a mentalidade de prover a igualdade nas competições. Entretanto os combates com gladiadores eram organizados sob princípios diferentes, que permitiam o enfrentamento entre homens com armamentos diversos, lutas com animais, dentre outras combinações improváveis que eram as preferidas pelo público, onde a igualdade não era presente. Este último aspecto nos permite pensar os esportes, tanto primitivos como modernos, nos quais a disparidade é evidente, como as touradas e escaladas. Em ambos as desvantagens diante do animal e da natureza são óbvias (*id.*).

Pouco se duvida do fato que o esporte moderno contém em si o princípio da igualdade, levado a um nível diverso daquele apresentado pelos gregos. Entretanto, a oportunidade equivalente de acesso não está compreendida neste meio, sendo os quesitos classe, cor, religião e sexo modos de exclusão de certas modalidades (*ibid.*, p. 30). Complementando este pensamento, Pilatti (2002, p. 67), baseado em Guttmann, afirma que tais regras se configuraram como um aparato legal que possibilitava à burguesia e à nobreza, sob a forma do amadorismo, a manutenção do privilégio da prática do esporte.

O autor também expõe alguns aspectos sobre as regras não considerados por Guttmann, tais como a influência da civilidade na mudança das mesmas, como colocamos anteriormente na visão de Elias e Dunning sobre o fenômeno, e como as regras deixaram de ser um facilitador das igualdades, mas se moldaram para melhor vender o espetáculo esportivo. Entretanto o autor não nega a importância das regras para a caracterização do esporte moderno, juntamente com a burocratização e a racionalização (*ibid.*, p. 68).

A especialização, terceira característica proposta por Guttmann (1978, p. 36-7) era presente nas sociedades primitivas, sendo que na Grécia, este elemento era incutido nos esportes, fato que permitiu que a profissionalização ocorresse. Filósofos e moralistas não aceitavam tal modificação nas práticas e sugeriam que tal profissionalização reduzia seu status não pela conexão com o dinheiro, mas pela impossibilidade de realizar o desenvolvimento multifacetado do cidadão.

As práticas esportivas do período medieval e do início do período moderno não apresentavam a especialização, já que a mentalidade da época que priorizava a formação de um indivíduo com diversas habilidades, não permitindo o foco em uma só atividade à qual ele já demonstrasse uma certa aptidão. Um exemplo desta indiferenciação de papéis é o futebol medieval, o qual era aberto a todos e ninguém possuía um papel definido (*ibid.*, p. 37-8).

A situação do esporte moderno é bastante diversa. A especialização é exacerbada e a troca de papéis é possível, mas não usual, já que a ênfase na conquista é priorizada. Assim, o atleta é liberado de suas necessidades, como por exemplo a financeira, para dedicar-se ao treinamento e aumentar suas chances de vitória. Esta característica é acompanhada por um imbricado sistema de suporte, que seriam os proprietários, técnicos, médicos, juízes, ou seja, todos os indivíduos envolvidos de alguma forma com a prática esportiva (*ibid.*, p. 38-9). Pilatti (2002, p.

70) complementa quando sugere que no fenômeno moderno também está presente a divisão do trabalho, transformações que permitiram a ocorrência do profissionalismo.

Sobre a racionalização, outra característica do esporte moderno, Guttmann (1978, p. 40-1) afirma que esta tem vinculada a si o processo de regulamentação da prática. Isso não quer dizer que não houvessem regras nos esportes primitivos, nem que o número dessas seja quesito para diferenciar o fenômeno moderno deste último. Deste modo o aspecto inovador não recai sobre as regras, mas sobre a natureza delas, já que sua origem e status são diversos em ambos os fenômenos. No esporte moderno o regulamento apresenta uma lógica entre meios e fins, além de ser passível de mudança, já que é um artefato cultural e não fruto de instruções divinas. Apesar de modificáveis, estas regras são universais.

Por mais que a racionalização tenha se infiltrado no esporte moderno, o sobrenatural, os rituais e as preces ainda fazem parte das competições, o que denota resquícios de superstição, ou seja, não existe uma racionalização completa e absoluta (*ibid.*, p. 42).

Outro traço desta característica é o treinamento, componente exacerbado, se comparado ao que ocorria nas sociedades primitivas. Os estudos de fisiologia e psicologia ofertam informações a serem utilizadas pelos técnicos, que por muito tempo as ignoraram. Porém, este quadro está alterado já que a busca incessante por resultados fez com que os treinadores buscassem tais informações para balizar o treinamento até de categorias de base (GUTTMANN, 1978, p. 44). Esta direção explicitada pelo autor a muito rompeu com a ética e com o humano, tornando-se o fim único do esporte (PILATTI, 2002., p. 71).

Com todas estas mudanças descritas, o esporte necessitou de uma organização específica, a burocrática, para regular e permitir a sobrevivência de tais modificações. A sociedade grega não apresentavam nenhuma forma similar de ordenamento, que portanto, era ausente também nos esportes. A sociedade romana tinha uma forma rústica de burocratização, que compreendia o escopo imperial, com liderança eleita, regras detalhadas, requerimentos de entrada, códigos de conduta apropriada e regulação de materiais (*ibid.*, p. 45).

No esporte moderno, a Inglaterra foi a pioneira na implantação da burocratização, movimento que foi aderido e permitiu que a maior parte das modalidades possuíssem uma organização internacional que supervisiona dezenas

de filiados nacionais e está presente no sistema de governo, como por exemplo o ministério do esporte, dentre outras características (*ibid.*, p. 46).

As funções mais importantes da burocratização são comprovar que a regulamentação é universal, facilitar a rede de competições em diversos níveis (regional, nacional e mundial) e ratificar os recordes. Para que este registro tenha sentido na lógica do esporte moderno, se faz necessária a penúltima característica proposta por Guttmann (1978, p. 47): a quantificação. Esta era presente em diversas práticas primitivas, mas é exacerbada no fenômeno moderno. A tecnologia contribui para esta tendência, já que auxilia para uma crescente precisão.

Na sociedade moderna essa necessidade de quantificar, elaborar estatísticas é bastante presente. Guttmann (1978, p. 48) sugere que “[...] nós vivemos em um mundo de números [...]”⁵, sentença que explicita a importância dessa característica para a sociedade como um todo, o que se reflete no esporte. Em contrapartida, os gregos, apesar de todo seu conhecimento matemático, não eram obcecados por quantificar o esporte, denotando a lógica diversa deste povo. Para eles o homem era a medida de todas as coisas, não o objeto de mensurações incessantes. Para obter as glórias de ser o melhor em uma competição, vencer era suficiente (*ibid.*, p. 49). O marco da quantificação no esporte moderno foi a invenção do cronômetro, colocando esta característica como uma necessidade, que seria proveniente da sociedade que possui profunda influência deste desejo por mensurar (PILATTI, 2002, p. 72).

Nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, a ginástica não era uma modalidade popular pois não era uma competição de fato, já que não possuía um sistema de mensuração preciso (GUTTMANN, 1978, p. 50). A pressão da necessidade de quantificar levou a modalidade a elaborar tal quadro de pontuação, agregando notas aos diversos movimentos e sequências, ou seja, tornando a estética quantificável.

Combinados a necessidade de medir e comparar marcas com o desejo de vencer foi possível elaborar o ranking dos melhores resultados de diversas modalidades: os recordes. Guttmann (1978, p. 51) sugere que “[...] o record moderno é o rebento da mania moderna de quantificação”⁶. Isso explicita como esta

⁵ “[...] we live in a world of numbers [...]”. Tradução ALPF.

⁶ “[...] the modern record is the child of the modern mania for quantification”. Tradução ALPF.

característica é presente na sociedade moderna, fato que não ocorria em dimensão semelhante nos povos primitivos.

O recorde permite a competição não somente entre os atletas envolvidos em um evento, mas entre indivíduos distantes no tempo e espaço. Ele se torna uma presença psicológica na mente de cada um dos envolvidos e é um estímulo para a quebra de barreiras, que acaba por se tornar uma loucura racionalizada, um símbolo da nossa sociedade (*ibid.*, p. 52). Tal movimento leva os atletas a aderir a treinos, cirurgias e demais estratégias, lícitas ou não, de mutilação corporal, em nome do resultado. Este fenômeno possui esta força de coerção devido a seu status de ser a única forma moderna de imortalidade (*ibid.*, p. 55).

Pilatti (2002, p. 73) coloca que para elaborar estas categorias, Guttman se baseia nos “tipos ideais” de Max Weber, acrescentando a busca por recordes. No entanto esta abordagem apresenta algumas limitações. O autor apresenta o primeiro deles, que seria a inadequação do modelo ao esporte-espetáculo e a outras formas de manifestações do esporte. Proni (*apud* PILATTI, 2002, p. 74) aponta que a mercantilização das relações sociais, que é latente na sociedade atual, não tem lugar de destaque neste modelo analítico. Todavia, devemos lembrar que a obra em questão foi escrita em 1978, época na qual estas características não existiam ou não possuíam uma expressão significativa no cenário esportivo. Desta forma não seria possível para Guttman incluí-las em seu modelo de análise.

No próximo sub-capítulo apresentaremos a discussão de Bourdieu sobre este fenômeno multifacetado: o esporte.

2.1.3 Bourdieu, Esporte e a Distinção

Ao abordar o esporte, Bourdieu ultrapassa os limites do fenômeno em si, abrangendo, por exemplo, o gosto, os mecanismos de distinção e as demais esferas sociais sempre explicitando o caráter relacional envolvido. Para este trabalho, que corresponde a um capítulo no qual trabalhamos os diversos olhares sociológicos sobre o esporte, elencamos três textos do sociólogo francês que versam sobre a temática – “O *habitus* e o espaço dos estilos de vida”, capítulo de *A Distinção: crítica social do julgamento*, “Programa para uma sociologia do Esporte”, capítulo da obra *Coisas Ditas* e “Como é possível ser esportivo?”, capítulo do livro *Questões de*

Sociologia - a fim de explicitar como o autor trata um objeto de menos prestígio nos estudos das Ciências Sociais.

Para iniciar a discussão sobre o Esporte, Bourdieu (2007, p. 162) explicita as noções de espaço social e *habitus*, conceitos fundamentais para a leitura do fenômeno esportivo. Primeiramente o autor expõe, de forma esquemática, que o espaço social é uma representação abstrata, construída de uma forma específica e que proporciona uma visão panorâmica do mundo social. Neste espaço são situadas as posições dos agentes e suas distâncias, numa multiplicidade de relações que não podem ser apreendidas em sua totalidade por eles mesmos, devido ao seu envolvimento. Este sujeito pode, dependendo de sua posição, querer transformar ou manter o espaço social onde transcorre seu cotidiano, o que o aproxima de outros, formando uma classe social ou um grupo. O autor complementa:

A divisão de classes operada pela ciência conduz à raiz comum das práticas classificáveis produzidas pelos agentes e dos julgamentos classificatórios emitidos por eles sobre a prática dos outros ou suas próprias práticas: o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas (BOURDIEU, 2007, p. 162).

O *habitus*, conceito intimamente ligado ao espaço social, pode ser entendido como um princípio gerador de práticas, que define a capacidade de diferenciá-las e apreciá-las, ou seja, baliza o gosto. Portanto, é neste âmago que se constitui o mundo social representado ou o espaço dos estilos de vida. No entanto a relação estabelecida entre caracteres da condição econômica e social, no qual o volume e o tipo de capital influenciam, e seus sinais distintivos associados à esta posição correspondente no espaço dos estilos de vida não é compreensível se não recorrermos ao conceito de *habitus*. Entendido como fórmula geradora, o *habitus* justifica tanto as práticas e produtos sejam passíveis de classificação, quanto os julgamentos classificados acerca destes, que acabam por constituir um sistema de sinais distintivos (*ibid.*, p. 162-3).

Na forma de uma reação em cadeia, as condições de existência de determinados grupos geram *habitus* diversos, que por sua vez influenciam nas práticas. Estas práticas, por sua vez, se apresentam como configurações sistemáticas de propriedades que denotam as diferenças inscritas nas condições de existência do grupo. Tais diferenças tomam a forma de sistemas de distâncias

diferenciais que, quando percebidos por um agente dotado dos esquemas de percepção necessários para identificar seus traços relevantes, configuram-se como estilos de vida (*ibid.*, p. 164).

Neste processo o *habitus* pode atuar como uma estrutura estruturante, balizando as práticas e suas percepções, bem como uma estrutura estruturada, já que incorpora o princípio de divisão de classes, que organiza o mundo social. Cada condição é definida por suas propriedades internas e relacionais ligadas à sua posição no sistema das condições, que não deixa de se configurar como um sistema de diferenças.

Deste modo, Bourdieu (2007, p. 164) afirma que a identidade social coloca-se na diferença, ou seja, podemos definir um grupo social por tudo o que ele não é. Estas diferenças influenciarão as práticas e as percepções das práticas deste grupo e conseqüentemente seu estilo de vida. O esporte pode ser um destes sinais distintivos, como colocaremos mais adiante.

Fica claro que o *habitus* influencia as práticas e propicia uma uniformidade dentro de um grupo, mesmo que os agentes não sejam conscientes disso. Sobre tal ponto, Bourdieu (2007, p. 164) destaca que:

Enquanto produtos estruturados [...] que a mesma estrutura estruturante [...] produz, mediante *retraduções* impostas pela lógica própria aos diferentes *campos*, todas as práticas e as obras do mesmo agente são, por um lado, objetivamente harmonizadas entre si, fora de qualquer busca intencional da coerência, e, por outro, objetivamente orquestradas, fora de qualquer concertação inconsciente, com as de todos os membros da mesma classe [...].

Assim podemos colocar que existe uma afinidade de estilo dentro de uma classe social que pode ser transposta para o corpo, por exemplo, definindo um certo padrão motor para o grupo ou a forma de apresentar esse corpo (*ibid.*, p. 165). Os indivíduos que escapam a esse padrão não são totalmente aceitos pelo grupo, por não partilharem o mesmo *habitus*.

As propriedades, tanto no sentido de características do grupo, como no sentido de posse de capital, aliadas às práticas, permitem que o grupo manifeste sua distinção apenas porque estão intimamente ligadas ao *habitus*, princípio que unifica e gera tais práticas. Portanto, ao obter uma forma mais ou menos homogênea de práticas e propriedades em um grupo, podemos compará-lo a outros grupos, que possuem a mesma lógica e assim verificar os traços distintivos. O aspecto relacional

é de fundamental importância na distinção, já que o estilo de vida tanto simboliza os outros como simboliza com os outros (*id.*).

Bourdieu (2007, p. 165), contrariando o dito popular, também se propõe a discutir o conceito de gosto, que pode ser concebido como um sistema de esquemas de classificação que está no âmago do ajuste dos traços associados a um agente e recomendada pela antiga estética para o fortalecimento mútuo dentro de determinado grupo. Também é considerado “[...] o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos [...]” (*ibid.*, p. 166), permitindo que as diferenças de ordem física se transformem em diferenças de ordem simbólica, bem como transforma uma prática objetivamente classificada, como o esporte, em uma prática classificadora, ou em outras palavras, uma expressão simbólica da posição de classe. Portanto, podemos pensar o gosto como um produto da incorporação da estrutura do espaço social através da experiência em determinada posição deste espaço. O estilo de vida é um elemento que afeta o gosto, pois este acaba por contemplar as exigências da necessidade, sendo elas básicas – gosto de necessidade - ou com caráter distintivo – gosto de luxo.

São utilizados como exemplos o consumo cultural distinto e o vulgar. O primeiro tipo de consumo é designado como distinto por sua raridade, pelo volume de capital cultural e econômico que usualmente as classes mais bem providas possuem, em oposição ao consumo vulgar, considerado fácil, comum e o mais desprovido destes tipos de capital. Todavia não existem somente estes dois pólos. As posições intermediárias são povoadas pelas práticas pretensiosas, devido à discordância da sua ambição e sua efetiva realização (BOURDIEU, 2007, p. 167). No esporte, este consumo distinto e vulgar está presente, por exemplo, no ato de assistir a um jogo de futebol. Apesar de ser frequentemente associado a um esporte popular, o futebol também é apreciado pelas classes altas, obviamente com significações e modos de apreensão diversos. O consumo vulgar seria para aqueles que assistem ao jogo da arquibancada, onde os ingressos são mais baratos e o contato corporal é constante e algumas vezes violento. O consumo distinto está reservado aos sujeitos que compram os lugares mais afastados e mais caros do estádio - os camarotes - nos quais podem escolher quem assistirá ao jogo com eles e evita-se o contato com outras pessoas, o que acarreta um caráter distintivo. Portanto, a necessidade que cerceia as possibilidades ou impede as classes mais

baixas de assistirem a uma partida de futebol não está presente na realidade das classes abastadas, propiciando uma maior liberdade de escolha.

A oposição mencionada no parágrafo acima tem relação com a estrutura do capital (BOURDIEU, 2007, p. 167), ou seja, as classes mais abastadas possuem meios de apropriação à sua disposição e não são cerceadas pela necessidade, movimento contrário ao que ocorre nas classes menos abastadas. Esta apropriação diversificada dentre as frações dominadas e dominantes são exploradas também em outras manifestações sociais, como por exemplo, a alimentação.

Aprofundando esta discussão, Bourdieu (2007, p. 174) apresenta três maneiras de se distinguir em relação à classe dominada: alimentação, cultura e despesas com a apresentação de si e com representação. Em relação ao consumo alimentar podemos explicitar os efeitos que esta possui no corpo e na representação (*ibid.*, p. 179). Nas classes populares, mais ligadas à força do corpo que à forma, os alimentos mais baratos e nutritivos, enquanto membros das profissões liberais que perseguem a magreza, procuram alimentos leves, saborosos e que não fazem engordar. Portanto, o gosto contribui para a definição do tipo corporal de uma classe e estas escolhas revelam uma das mais profundas disposições do *habitus*, evidenciando a estrutura do espaço social. Nas palavras do autor:

Cultura tornada natureza, ou seja, incorporada, classe feita corpo, o gosto contribui para fazer o corpo de classe: princípio de classificação incorporado que comanda todas as formas de incorporação, ele escolhe e modifica tudo o que o corpo ingere, digere e assimila, do ponto de vista tanto fisiológico, quanto psicológico. Segue-se que o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras. Em primeiro lugar no que tem de mais natural, na aparência, ou seja, nas dimensões (volume, tamanho, peso, etc.) e nas formas (redondas ou quadradas, rígidas ou flexíveis, retas ou encurvadas, etc.) de sua conformação visível que se exprime de inúmeros modos uma verdadeira relação com o corpo, ou seja, na maneira de tratá-lo, cuidar dele, alimentá-lo, sustentá-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do *habitus*: com efeito, a distribuição entre as classes das propriedades corporais é determinada, por um lado, através das preferências em matéria de consumo alimentar que, por sua vez, podem perpetuar-se para além das condições sociais de produção – como é o caso, em outras áreas, de um sotaque, da maneira de andar, etc. – e, por outro, é claro, através dos usos do corpo no trabalho e no lazer que são solidários com tais condições (BOURDIEU, 2007, p. 179).

O esquema corporal também tem papel fundamental na alimentação: o modo de manipular os alimentos, de posicionar o corpo e a própria confecção da comida é afetada por suas características. Bourdieu (2007, p. 179) exemplifica tal fato com o

papel encarregado às mulheres do preparo de frutas e peixes, pela delicadeza que estes alimentos necessitam. Aos homens resta o consumo de alimentos mais firmes, bebidas mais fortes, que são ingeridos em grandes quantidades, de acordo com seu esquema corporal e sua virilidade. Porém, esta classificação nos parece homogênea demais e coloca uma divisão entre os sexos que não se percebe mais de maneira tão explícita.

Visto isso, Bourdieu (2007, p. 196) propõe uma fórmula geradora do *habitus* que permitiria a retradução das necessidades e facilidades características de uma classe mais ou menos homogênea para determinar como as disposições do *habitus* se especificam para cada um dos domínios da prática. Assim é possível reconhecer as possíveis estilísticas ofertadas por um campo, inclusive as do esporte. E ao opor os espaços homólogos destas práticas, é possível identificar os sinais distintivos envolvidos nestas relações. O autor sugere que:

Assim, por exemplo, para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (*ibid.*, p. 197).

As práticas esportivas também possuem sinais distintivos que diferenciam as classes. Neste processo, o *habitus* possui grande parte da caracterização de uma prática a uma determinada classe. No entanto devemos levar em consideração que um determinado esporte não tenha a mesma significação para duas classes distintas, ou que estas efetuem a mesma prática (*ibid.*, p. 198). O autor exemplifica algumas destas visões e significações divergentes de certas práticas no que concerne aos efeitos visados na aparência, como a magreza, a musculatura saliente, na saúde, nas relações sociais estabelecidas durante a prática, vantagens econômicas e sociais garantidas por certas práticas. Assim, pela falta de homogeneidade social dos indivíduos praticantes, salvo exceções, os grupos definidos por realizarem uma determinada prática funcionam como campos, nos quais a definição da prática legítima está em disputa. Deste modo, quando uma prática torna-se disponível para todas as classes, ocorre a coincidência de grupos diversos que praticam o esporte de forma diversa uns dos outros. Estas diversidades podem ser percebidas no vestuário destinado à prática, no local e no próprio esporte

(técnica, proximidade de oponente, grau de exigência física) (BOURDIEU, 2007, p. 200).

Outra diferença bastante marcante é o uso do corpo em determinados esportes para as diversas classes. As de extratos mais baixos, por possuírem uma relação instrumental com o corpo, preferem modalidades que levem à utilização deste, como por exemplo as lutas, mesmo que esta prática leva ao sofrimento (*ibid.*, p. 200). Já os extratos mais altos da sociedade, que priorizam o distanciamento físico e simbólico, além de não possuírem a mesma relação instrumental com seus corpos, preferem esportes com menos contato físico, geralmente colocando objetos entre os jogadores para conservar tal distância, como por exemplo, tacos, bolas, redes, etc.

Conforme subimos na hierarquia social, podemos pensar que existe uma maior disposição de tempo livre e energia, propiciando uma possibilidade maior de realização de esportes. Assim, como afirmamos anteriormente, as práticas coletivas que impõem certo distanciamento e as práticas individuais seriam as opções escolhidas. No entanto vale lembrar o futebol e o boxe já foram estritamente das elites e eram reflexos de seu *habitus*. Porém elas se vulgarizaram, deixando de possuir a significação atribuída pelos aristocratas e passando a refletir o *habitus* das classes mais baixas (BOURDIEU, 2007, p. 203).

O fair play, marca distintiva e sinal do *habitus* da aristocracia, era concebido como a maneira de jogar o jogo sem se deixar levar pelas emoções, o que demonstra um autodomínio dos participantes. Esta característica contribuía para uma distinção e distanciamento em um período que somente a prática em si não era sinal distintivo suficiente (*ibid.*, p. 204). Portanto abandonar-se às emoções do jogo, descontrolar-se, gritar, xingar, seriam atitudes vulgares e, portanto, dos extratos mais baixos, antagonista em relação à prática dos extratos mais altos.

Os aspectos apreciados pelo gosto dominante como o golfe, tênis, iatismo, equitação, esqui e esgrima são os seguintes: as práticas são realizadas em espaços reservados, marcando o distanciamento em relação aos demais, em um horário determinado pelo participante e com as pessoas que ele escolher, além de outros traços que não condizem com as práticas desportivas coletivas, como os ritmos e esforços impostos. Os esportes citados são marcados pelo esforço corporal relativamente reduzido, contato corporal limitado ou nulo, além de exigirem um investimento de tempo e dinheiro em aprendizagem e prática. Assim, é possível conceber que o esporte passa a fazer parte de uma troca social altamente

controlada, excluindo a violência, os usos anômicos do corpo e qualquer forma de contato direto entre os participantes (BOURDIEU, 2007, p. 204)

O fator econômico, já que os esportes citados possuem um alto custo em materiais e local da prática, além de dependerem de uma aprendizagem específica, não é suficiente para explicar as diversas apropriações dentre as classes. Pois são os que possuem um capital cultural herdado, a atitude e as formas de sociabilidade que interditam esses esportes às classes populares, que não possuem o *habitus* da classe dominante (*ibid.*, p. 205).

No livro *Coisas Ditas*, Bourdieu (1990, p. 207) trata sobre o esporte no texto Programa para uma Sociologia do Esporte. Já no início, o autor trata da dupla dominação do tema, tanto no universo dos sociólogos como no universo do esporte. Assim, o objeto de estudo, conhecido pelos profissionais da Educação Física, não seria discutido por eles por falta de conhecimento das teorias pertinentes a essa leitura sociológica, bem como os sociólogos, que possuem tal arcabouço teórico, mas não conhecem o fenômeno esportivo e não se dignam a tratá-lo sociologicamente, ou se o fazem, não são coerentes. Essa divisão do trabalho científico é reflexo da divisão social do trabalho, o qual relega o esporte a um segundo calão em termos de relevância.

Para que possa se estabelecer uma sociologia do esporte, é necessário analisar um esporte específico dentro do contexto dos demais esportes. Não é possível dissociar as essas práticas, sob a pena de perder a visão mais ampla que um sistema de leitura relacional propiciaria. Cada prática tem seu valor distintivo, como explicitamos no texto de *A Distinção*, e é preciso conhecer o espaço que ele ocupa no espaço dos esportes. Além desta localização da prática esportiva, também é necessário que o pesquisador relacione esse espaço dos esportes com o espaço social que deixa marcas nele. Deste modo “o trabalho do sociólogo consiste em estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que o esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social” (BOURDIEU, 1990, p. 208).

Como vimos no livro *A Distinção*, Bourdieu (1990, p. 208-9) reforça que o sistema de preferências nas práticas esportivas tem muita influência dos usos do corpo, o que está vinculado a uma posição social, ou seja, são as manifestações do espaço social nos gostos das classes. As práticas mais distintivas são as que possuem uma relação distanciada do adversário, são as mais estetizadas, a

violência é eufemizada, além das formas e formalidades sobrepujarem a força e a função. O autor exemplifica:

A distância social se retraduz muito bem na lógica do esporte: o golfe instaura a distância por toda a parte, no que se refere aos não-praticantes, pelo espaço reservado, harmoniosamente ordenado, onde se desenrola a prática esportiva, no que se refere aos adversários, pela própria lógica do confronto, que exclui todo o contato direto, ainda que pela intermediação de uma bola (*ibid.*, p. 209).

No entanto não é possível de fazer uma conexão direta entre um esporte e uma determinada classe social. Esta correspondência se estabelece entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais. Nesta relação é possível perceber que estes espaços definem as características de cada prática esportiva e as mudanças que ocorrem nestas últimas está intimamente ligada com o desejo de distanciamento entre as posições sociais (BOURDIEU, 1990, p. 209). Este desejo de distanciamento pôde ser percebido na época em que o tênis se popularizava no Brasil, devido ao sucesso do atleta Gustavo Kuerten. A prática esportiva bastante difundida entre os extratos sociais mais abastados foi adaptada pelos extratos mais baixos, o que diminuiu o distanciamento entre tais classes. No entanto as classes mais altas deixaram a prática do tênis e migraram para outro esporte com características bastante distintas: o golfe. Hoje não se percebe mais a prática do tênis como antes, dentre os extratos mais baixos, o que pode ser atribuído a uma incompatibilidade com o *habitus* deste grupo. Todavia é importante ressaltar que não concebemos o tênis das classes dominantes, com todo seu aparato material e técnico, como a mesma prática apropriada pelas classes dominadas. Os sujeitos possuem maneiras diversas de se apropriar da prática devido às condições diversas em que estão inseridos. E assim como a apropriação da classe dominada modificou a prática do tênis, o sentido dominante sobre ele também se modificou e tal movimento não pode ser explicado somente pela procura da distinção (*ibid.*, p. 216).

Assim percebemos que o esporte não é um sistema fechado em si mesmo, mas sim está inserido num universo de práticas e consumos, no qual outras forças, que vão além da esfera esportiva, agem sobre o fenômeno (BOURDIEU, 1990, p. 210). Portanto não é possível dissociar o estudo do consumo esportivo do estudo do consumo alimentar e de lazer, pois estes elementos estão dentro de uma lógica de oferta e demanda e influenciam-se mutuamente. Nas palavras do autor:

Eu sempre digo que as estruturas não são outra coisa senão o produto objetivado das lutas históricas tal como se pode apreendê-lo num dado momento do tempo. E o universo das práticas esportivas que a pesquisa estatística fotografa em certo momento não é senão a resultante da relação entre uma oferta, produzida por toda a história anterior, isto é, um conjunto de “modelos”, de práticas (regras, equipamentos, instituições especializadas), e uma procura, inscrita em disposições. A própria oferta tal como se apresenta em um dado momento, sob a forma de um conjunto de esportes passíveis de serem praticados (ou vistos), já é produto de uma longa série de relações entre modelos de práticas e disposições para a prática (*ibid.*, p. 213).

Novamente percebemos que as disputas que ocorrem nos demais campos sociais se transcrevem no esporte, das quais ressaltamos a distinção. Também percebemos aqui a situação, relatada no texto de *A Distinção*, de um cenário posto, com suas ofertas e demandas, nas quais o *habitus* influencia, onde um recém chegado tem a possibilidade de escolher a prática que mais lhe convém. Vale lembrar que as práticas também teriam significados diversos e até mesmo seriam em si práticas diversas dependendo de quem as apreende. Tal efeito de apropriação social proporciona que cada uma das “realidades” ofertadas em cada esporte seja influenciada por um conjunto de propriedades que não fazem parte de seu aparato puramente técnico, que orientam as práticas e as escolhas dos agentes, o que leva a estabelecer uma ligação entre uma classe e um esporte (*ibid.*, p. 213).

Bourdieu (1990, p. 214) também evidencia que a distribuição das práticas esportivas resulta da relação entre dois espaços homólogos: um espaço das práticas possíveis – a oferta – e um espaço das disposições a serem praticadas – a procura. No primeiro espaço estão localizados os esportes, caracterizados por suas propriedades intrínsecas e técnicas, que colocam as possibilidades e impossibilidades de certas disposições corporais, além das propriedades relacionais e estruturais, influenciada pelo espaço social. No segundo espaço estão as disposições esportivas, influenciadas pelo *habitus*, que são influenciadas pelo estado atual da oferta, que por sua vez contribui para a geração de uma necessidade, já que apresenta uma possibilidade de realização, e para a realização da oferta em seu estado prévio.

No texto “Como é possível ser esportivo?”, contido no livro *Questões de Sociologia*, Bourdieu (1983, p. 136) afirma que ao possuir o capital cultural incorporado acerca do esporte, por não ser um especialista, e que portanto, suas questões são de um observador externo ao fenômeno. O fio condutor da discussão

se dá na questão de oferta e demanda em um fenômeno que é aceito com muita facilidade como óbvio. Tal discussão é bastante similar aos demais textos trabalhados, sendo assim, realçaremos deste texto o conceito de campo esportivo.

Condições sociais e históricas deste fenômeno tornaram possível “[...] a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 137). Neste sistema existe a disputa dos agentes para assegurar a representação e a defesa de seus interesses, o que nos remete ao reflexo do espaço social no esporte, bem como o consumo de bens e serviços necessários à prática esportiva ou ao consumo de seu espetáculo.

A elaboração de uma filosofia política do esporte acompanhou o surgimento do campo esportivo, marcando nele a sua lógica. Essa filosofia aristocrática, na qual se prezava o amadorismo e a prática desinteressada, inseriu no esporte o caráter distintivo e de liberdade em relação às necessidades básicas da vida, limitando o acesso de classes baixas (*ibid.*, p. 140).

O campo esportivo se configura como um lugar de lutas, no qual além da busca pelo maior grau de distinção, também ocorre a disputa pelo monopólio de imposição da definição e função legítima de uma prática esportiva. Questões como amadorismo x profissionalismo, esporte-prática x esporte espetáculo, esporte distintivo x esporte vulgar permeiam esta disputa, bem como a luta pela definição de um corpo e seu uso legítimo (*ibid.*, p. 142). Portanto não basta praticar um esporte exclusivo, de alto custo econômico e de investimento de tempo livre, limitando e escolhendo a presença dos participantes, também é preciso impor no campo uma visão da prática esportiva e de seu uso, bem como uma concepção do corpo e seus usos. Em outras palavras, não basta que a prática e a definição de corpo seja exclusiva somente para um grupo de agentes, ela deve ser para todos, a fim de obter seu caráter distintivo e exercer seu poder coercitivo sobre as outras visões, que a todo tempo tentam seu lugar no campo esportivo como dominantes.

Neste texto apresentamos as questões levantadas pelo sociólogo francês sobre o esporte. Esta forma de ler o fenômeno esportivo explicita como o espaço social interfere e marca a prática esportiva, bem como são marcados por ela, possibilitando, através da observação destas interferências, perceber o que ocorre na sociedade. Com certeza esta leitura de Bourdieu contribui para a legitimação do

esporte como um objeto de pesquisa relevante, pois explicita sua relação com as demais esferas sociais que o modificam e são modificadas por ele.

Finalizando este capítulo, apresentamos a seguir um panorama breve sobre a Sociologia do Esporte em diversas sociedades.

2.1.4 Sociologia do Esporte: um breve panorama

Como apontamos na introdução, o esporte não possui visibilidade no campo das Ciências Sociais como objeto de estudo no Brasil. Para realizar uma rápida contextualização do início das pesquisas e comparar com a situação desta disciplina em fase de consolidação no Brasil, delineamos este cenário em outros países, a começar pela Alemanha.

No século XIX a Sociologia já possuía estudos voltados ao esporte, com as temáticas acerca de sua origem, relações entre cultura, religião e o fenômeno esportivo. Alguns autores de renome na Sociologia, como Max Weber, Georg Simmel, Thorstein Veblen e Norbert Elias, se dedicaram em um período de suas carreiras, ao estudo deste objeto. A primeira publicação em que a temática foi tratada de forma mais completa foi no livro *Esporte e Cultura* de Steinitzer, que trata sobre o esporte de rendimento sob uma forma crítica (PILZ *apud* VAZ, 1999).

Risse publicou também uma das primeiras obras mais abrangentes sobre a temática, com o título *Sociologia do Esporte*. Seu objetivo era obter o grau de doutor com Alfred Weber, estudando o referido tema. No entanto, foi aconselhado a não desenvolver o trabalho, pois não se sabia se o objeto era válido ou se iria ser aceito na comunidade acadêmica (*ibid.*).

Assim, destacamos esta reticência da Sociologia em conceber o esporte como um objeto de estudo merecedor da análise sociológica e como a Sociologia do Esporte não era reconhecida como uma disciplina, sendo inserida em outras disciplinas como a Sociologia da Cultura, do Lazer, das Teorias do Conflito, etc. (*ibid.*).

A preocupação com o esporte também é retomada por estudiosos como Plessner, que em 1956 realiza um estudo mais direto sobre a ligação entre o desenvolvimento das sociedades industriais e o advento do esporte. A partir desta

época os trabalhos se aproximaram de uma abordagem sociológica, retomando as temáticas abordadas pelos pesquisadores clássicos, dentre outras (*ibid.*).

A Sociologia do Esporte na Alemanha só se configurou como uma disciplina autônoma a partir da segunda metade da década de 70. Este movimento pode ter sido ocasionado por interesses especificamente sociológicos pelo objeto, ou por um processo de diferenciação de interesses dentro do esporte, sendo este composto de uma base prática no esporte institucional e uma base teórica na Ciência do Esporte (PILZ *apud* VAZ, 1999).

Alguns fatores desencadearam o desenvolvimento da Sociologia do Esporte como disciplina tanto da Ciência do Esporte como da Sociologia. De acordo com Lüschen e Weis (1976, p.15) são eles: o desenvolvimento da disciplina e de seus campos de trabalho, melhoria dos recursos materiais e pessoais, reconhecimento do esporte como objeto de pesquisa, incentivos de pesquisadores da Sociologia, como por exemplo no interesse pelo tema e no auxílio aos jovens estudiosos e por fim, a formação de um comitê de pesquisa específico na Associação Internacional de Sociologia (PILZ *apud* VAZ, 1999).

Todo este processo teve influência da fraca participação dos atletas alemães nas Olimpíadas de 1968 e pela grande expectativa de *performance* nos jogos seguintes, que se realizariam em 1972 em Munique. Assim, o esporte organizado se mobilizou para incentivar a implementação de institutos de Ciências do Esporte nas Universidades, elevando a importância e a institucionalização do curso e tornou a Sociologia do Esporte uma disciplina mais presente. A formação da Seção de Sociologia do Esporte da Associação Alemã de Ciência do Esporte, em 1982, e da Seção de Sociologia do Esporte da Sociedade Alemã de Sociologia foi um passo importante no seguimento das medidas descritas acima (*ibid.*).

Os estudos, na década de 70, eram impregnados pela crítica ao caráter burguês do esporte, pois este era tratado, com base na teoria da escola de Frankfurt e em parte das teorias neomarxistas, como parte de uma sociedade de classes, uma manifestação do capitalismo tardio, uma reprodução da força de trabalho ou como pertencendo ao contexto das condições das estruturas de mercado. Esta corrente de pensamento ameaçou o desenvolvimento da Sociologia do Esporte, e barreiras como estas ainda são percebidas no cenário acadêmico alemão (PILZ *apud* VAZ, 1999).

Visto os dados acima, que traçaram sumariamente o percurso da Sociologia do Esporte na Alemanha, passamos a um contexto bastante diverso deste primeiro, onde a Sociologia do Esporte não é tão consolidada.

Hendricks (2000, p. 522) realizou um estudo para mapear os locais que se abordavam a referida temática em um continente que possui 60 países: a África. Devido a sua extensão e dialetos diversos, ocorre pouca ou nenhuma comunicação entre os pesquisadores e associações da Educação Física são recentes, o que representou uma forma de realizar discussões e contribuir para o crescimento da Sociologia do Esporte e outros temas.

Nas instituições de ensino superior pesquisadas, a Sociologia do Esporte era incluída como uma disciplina na grade curricular em 37% dos cursos, sendo eles: Estudos do Movimento Humano, Educação Física, Administração Esportiva, departamentos ligados à recreação e em casos isolados, nos departamentos de Psicologia, Sociologia e Estudos Internacionais. Os discentes envolvidos com a temática estavam, em sua maioria, vinculados aos cursos de Estudos do Movimento Humano, Educação Física, Administração Esportiva e aos departamentos de recreação. Casos isolados de vinculação aos outros departamentos citados também foram notados, mas em menor número (HENDRICKS, 2000, p. 522-3).

Os pesquisadores, que também lecionam na disciplina Sociologia do Esporte, têm ligação com a Educação Física, sendo que 42% possuem conexão também com a Sociologia e 33% são tem título específico da Sociologia do Esporte. Aproximadamente 30% dos profissionais obtiveram suas qualificações nos Estados Unidos, enquanto os demais prosseguiram com seus estudos nos países de origem (*ibid.*, p. 523).

Os temas de pesquisa são ligados aos problemas gerais do continente africano. São alguns deles: Esporte e Recreação em comunidades carentes, Pobreza e Violência: esporte e recreação como soluções possíveis, Esporte e Desenvolvimento, além de temas que não estão diretamente relacionados às mazelas sociais que ocorrem neste continente como Modelos de Comportamento no Esporte, Esporte e a Religião do Futebol e Percepção de Estudantes do Sexo Feminino sobre Atletas Competitivos. Estes últimos são provavelmente um reflexo da formação dos pesquisadores, que se deu nos Estados Unidos, onde estas temáticas estavam em voga (*id.*).

Sobre o regime de publicações, o autor afirma não ter conseguido dados substanciais sobre o ponto, mas que estima que é bastante baixo o número de produções nesta área, sendo a Nigéria um dos pólos em que estes trabalhos são mais presentes (HENDRICKS, 2000, p. 522-3).

Passamos agora ao detalhamento da realidade da Sociologia em dois países em que o esporte parece ocupar um espaço importante: Austrália e Nova Zelândia.

Nestes países, apesar da suposta aceitação da importância do esporte em ambos, os estudos sociológicos sobre este fenômeno eram limitados, sendo esta tendência claramente sentida até meados de 1980. Embora a temática fosse importante para abordar as buscas pela identidade, os sociólogos e historiadores das principais correntes de pesquisa demonstraram pouco interesse no objeto de estudo (COLLINS, 2000, p. 525).

Teoricamente os primeiros trabalhos eram dominados por formas de funcionalismo estrutural, devido ao seu lugar privilegiado nas principais correntes sociológicas até o início da década de 1970. Esta influência era acentuada devido aos artigos serem realizados por profissionais da Educação Física, que em sua maioria retornaram de um programa de Pós-graduação realizado nos Estados Unidos (*ibid.*, p. 525). Novamente percebemos o referido país como uma importante influência nos estudos da Sociologia do Esporte, também nas escolhas teóricas e temas de pesquisa.

Uma vertente mais crítica desses estudos iniciou na década de 80 e foi de importância considerável para Austrália e Nova Zelândia. Estudos que abordaram o esporte como uma instituição social, explicitamente e implicitamente ligado à estrutura social, sobre a relação simbólica entre este fenômeno e o capitalismo, questões de pátria, comércio, nacionalismo, mídia e cultura popular foram alguns dos temas que vieram à tona a partir desta abordagem crítica (*ibid.*, p. 525).

No final dos anos 80 e início dos anos 90 ocorreu uma emergência de análises críticas sociais multidisciplinares do esporte e do lazer. As teorias utilizadas foram diversificadas e incluíram perspectivas da economia política, estruturalismo, sociologia figuracional, pós-modernismo, pós-estruturalismo e feminismo (COLLINS, 2000, p. 525).

Apesar desta maior abrangência de teorias e do crescimento experimentado pela Sociologia do Esporte, esta ainda não tem presença significativa nos principais meios de diálogo sociológico, os periódicos. Isto não é reflexo, segundo Collins

(2000, p. 525) de uma ausência de estudos, mas se trata mais de uma preferência entre acadêmicos que estão desenvolvendo suas pesquisas neste campo de publicar em revistas mais especializadas das que as encontradas na Austrália e Nova Zelândia e buscar publicações internacionais. Nota-se que a maior parte dos pesquisadores não provém dos principais departamentos de Sociologia, mas de áreas correlatas à Educação Física, reforçando o interesse limitado por este objeto de estudo.

No entanto, a criação de organizações focadas em promover o estudo do esporte e do lazer na sociedade facilitou o aumento do intercâmbio intelectual e do número de pesquisas. Destas instituições destacamos a *Australian Society for Sports History* e a sua publicação *Sporting Traditions*, além da *Australian and New Zealand Association for Leisure Studies* e a revista anual *ANZALS Leisure Research Series*. Estes pólos de publicação oferecem auxílio para o esforço coletivo e a organização entre acadêmicos deste nicho de pesquisa, sendo o lazer mais abordado que o esporte (COLLINS, 2000, p. 526).

O crescimento do número de pesquisadores está imbricado com o aumento do número de profissionais formados no nível superior e de pós-graduação em ambos os países. Além deste aumento, também é notória a inclusão de disciplinas que abordam a análise crítica do esporte e do lazer na sociedade. No entanto as possibilidades de publicação não acompanharam esta mudança no número de pesquisadores, ou seja, a infra-estrutura acadêmica ainda é débil. (*ibid.*, p. 526).

Uma parte das pesquisas nestes países tem um caráter utilitarista, ou seja, se constrói em torno de um problema e faz sugestões de como resolvê-lo. Assim a porção teórica destes trabalhos se torna limitada, servindo mais às necessidades de resolução de uma questão. Esta tendência também é percebida nos cursos de formação (COLLINS, 2000, p. 526).

Passando ao contexto europeu, notamos que enquanto a Sociologia se desenvolvia nas sociedades ocidentais, a Europa oriental, sob o regime comunista, não seguia esta tendência. A Sociologia era considerada uma pseudo-ciência burguesa e foi proibida, exceto na Polônia. Centros de pesquisa e departamentos de Sociologia foram fechados além de serem banidas as aulas e publicações da disciplina. Nos anos 60, época em que esses estudos foram permitidos novamente, a Sociologia do Esporte foi uma das primeiras disciplinas a retomar as pesquisas.

Esta escolha foi favorecida pelo papel que o esporte desempenhava para os países deste bloco e foi restringido pela mesma razão. Devido a persistente hegemonia do marxismo, os avanços nas discussões teóricas e o uso de outros vieses metodológicos foram dificultados, situação que durou até os anos 70. Tentativas de desenvolver pesquisas sérias envolvendo o esporte falharam, pois revelavam os verdadeiros componentes políticos, econômicos e sociais do modelo esportivo socialista (FÖLDESI, 2000, p. 530).

Todavia, no início desta década, a Polônia iniciou um novo estágio dos estudos da Sociologia do Esporte, tanto qualitativos quanto quantitativos, que reconheciam a necessidade de novos paradigmas, melhora dos métodos e uma abordagem interdisciplinar, situações atendidas nas duas décadas seguintes (*ibid.*, p. 530).

Na Hungria, um exemplo citado por Földesi, a Sociologia do Esporte tornou-se uma disciplina autônoma em 1960, o que demonstra a importância da prática esportiva para esta sociedade, focando em pesquisas empíricas e assuntos de pequenas proporções. Esta tendência se modifica na década de 1970, quando novas experiências de analisar o esporte foram colocadas em prática, se concentrando na relação entre este fenômeno e a sociedade, em um nível maior de abrangência do que notado na década anterior, bem como um melhor uso das teorias sociológicas. Centros de pesquisa foram criados, a quantidade e qualidade dos trabalhos empíricos demonstraram melhora, além do aumento no número de publicações e teses de doutorado defendidas, o que proporcionou um alargamento das redes de comunicação dos pesquisadores a nível internacional (FÖLDESI, 2000, p. 530).

Por outro lado, apesar da maior liberdade dos estudiosos húngaros, se comparado com a situação de outros países da Europa oriental, estes não podiam abordar assuntos polêmicos como a natureza do modelo socialista de esporte, a relação entre esporte e temas como política, religião, mídia, ou as funções sociais de uma determinada modalidade. Era seguida a política da proibição, tolerância e apoio, que tinha um papel auto-regulador importante nesta sociedade. Neste cenário a Sociologia do Esporte era tolerada, mas pesquisas engajadas não eram permitidas (*ibid.*, p. 531).

As mudanças políticas dos anos 1989-90 criaram uma nova situação para a Europa ocidental, sendo que a transição para um novo modelo político teve impacto na Sociologia do Esporte. Não existiam mais as restrições aos estudos e novos

meios para a obtenção de fundos para as pesquisas foram oportunizados. Apesar destas iniciativas poucos trabalhos foram realizados e somente dois deles foram publicados, o que demonstra que novos problemas se apresentaram para a Sociologia do Esporte, tais como: a dificuldade em formar novas gerações de pesquisadores da temática devido aos recursos escassos tanto financeiros como de pesquisa, a verba estatal destinada às pesquisas da Sociologia do Esporte foram direcionadas a outras áreas, devido à sua importância menor o que gerou uma diminuição no número de pesquisas e publicações, dentre outras (*ibid.*, p. 531).

Desde esta época, apesar de seu envolvimento, os pesquisadores da Sociologia do Esporte não foram requisitados para ajudar a resolver os problemas deste fenômeno, ocasionados pelas mudanças que o bloco do leste europeu sofreu. Assim, o autor questiona se os pesquisadores em questão teriam sabedoria e conhecimento suficientes para responder a este novo desafio (*ibid.*, p. 532).

Na Índia a Sociologia do Esporte também não recebeu atenção dos pesquisadores, situação ocorrida na década de 80. Este cenário se modificou drasticamente, devido ao desenvolvimento desta disciplina. A imagem do país também apresentou mudanças, passando de uma terra de tradição inabalável, pobreza e doença, para uma situação diversa (MCDONALD, 2000, p. 539).

Uma das formas de percepção de tais alterações sociais foi o cricket, um dos primeiros esportes a se inserir no país. Duas competições mundiais da modalidade foram realizadas nesta localidade: uma em 1987, juntamente com o Paquistão, e outra em 1996, com Paquistão e Sri Lanka. O primeiro mundial contou com pouca verba advinda de patrocinadores e não foi televisionado. Já o segundo recebeu um investimento considerável de patrocinadores e foi um espetáculo esportivo televisionado. Obviamente com esta inserção da mídia, o espaço foi utilizado para as estratégias de *marketing*, a fim de conquistar mais clientes, principalmente de classe média, além de se configurar como parte de um plano econômico para atrair o interesse e os investimentos de empresas multinacionais. Concomitante à abertura econômica do país, esta foi uma oportunidade sem precedentes para a globalização, que gerou lucros bastante interessantes (*ibid.*, p. 539).

Todavia, apesar deste desenvolvimento em diversas esferas sociais, os estudos da Sociologia do Esporte ainda parecem uma tradição imutável. A disciplina parece ser quase intocada, bem como a Sociologia do Lazer. Isso se confirma quando McDonald (2000, p. 539) pesquisa no periódico *Indian Social Sciences*

Research Abstracts Quarterly, dentre outras publicações, por estudos sociológicos do fenômeno esportivo e afirma que a área possui poucos trabalhos publicados, ou seja, é um território essencialmente virgem.

Para compreender esta marginalidade da Sociologia do Esporte, precisamos conceber a Sociologia como uma disciplina inserida nas estruturas da academia da Índia independente, que vem se consolidando nas últimas décadas, mas mais lentamente do que áreas como a Economia, Política, Relações Internacionais e História, pois estas disciplinas são concebidas como prioritárias para a construção de um novo Estado-Nação. E quando ganha notoriedade, a Sociologia se ocupa com os problemas de desenvolvimento social, fatos influenciados por uma visão eurocêntrica e economicista de desenvolvimento (MCDONALD, 2000, p. 540).

Tais influências também se refletem na escolha de bases teóricas da Sociologia, onde predominava o funcionalismo estrutural, que vem sendo desafiado por concepções mais críticas e por formas menores de estudos - uma forma subalterna de pesquisas culturais sul-asiáticas - comprometidos em desconstruir uma historiografia colonial. Nesta vertente os trabalhos sobre o esporte começam a ser contemplados e é possível perceber o início do desenvolvimento destes estudos na Índia (*ibid.*, p. 540).

No Japão o termo Sociologia do Esporte foi utilizado pela primeira vez em 1932, mas estudos sistemáticos sobre o tema não iniciaram até a criação da *Japanese Society of Physical Education*, em 1950. Desde esta data o tipo de pesquisa e objetos de estudo tem se modificado, sendo uma primeira corrente focada na Educação Física escolar, no Lazer de trabalhadores e ginástica laboral, além de priorizarem pesquisas em pequenos grupos (KIKU, 2000, p. 542).

Nos anos 60 os trabalhos abordavam para os esportes comunitários em cidades densamente povoadas e, concomitante com a Olimpíada de Tóquio, voltaram sua atenção para assuntos específicos desta competição. Nos anos 70, o foco era os estudos sistemáticos da participação nas modalidades, do ponto de vista sociológico e psicológico. Nos anos 80 e 90, estes temas foram retomados pelos novos pesquisadores e discutidos por meio de metodologias mais complexas, uma quantidade maior de material empírico, auxiliado pelos recursos como análises estatísticas mais elaboradas, além da cooperação entre os pesquisadores, que permitiu que essas mudanças ocorressem (*ibid.*, p. 542).

Inicialmente este campo de estudo era denominado Sociologia da Educação Física, que contemplava o referido fenômeno no campo da Educação, e não como Sociologia do Esporte, que aborda uma gama mais extensa de fenômenos esportivos. Essa ênfase inicial moldou as pesquisas criando um padrão que era profundamente alterado pelas mudanças sociais e lançou temas que as seguem, o que atrasou o surgimento de uma agenda de pesquisas sociológicas baseadas em teorias (KIKU, 2000, p.542).

No Japão pós-guerra, o novo sistema de educação universitária colocava a Educação Física como disciplina obrigatória, criando uma grande massa de graduados e pesquisadores formados nesta área. Estes profissionais eram direcionados para lecionar exercícios e atividades físicas no curso de educação geral. Uma das consequências desta ação foi o pouco ou nenhum interesse dos referidos profissionais em pesquisar, com base em teorias sociológicas, as atividades que ministravam, mas sim as concebiam através do referencial da Educação. Deste modo, conforme foram se dando as transformações sociais, os interesses pelo estudo sociológico do esporte e da Sociologia em geral passaram a ser mais recorrentes (KIKU, 2000, p. 542-3).

A partir de meados da década de 70 as abordagens sociológicas do esporte começam a emergir, em sua maioria baseado na teoria de Talcott Parsons e no marxismo. Estudos mais recentes incluem as teorias do interacionismo simbólico, sociologia fenomenológica, etnometodologia, dentre outras. Tais mudanças ocorreram, além das influências do cenário social mais amplo, pela criação da *Japan Society of Sport Sociology*, em 1991. Esta associação influenciou diretamente a agenda de estudos tanto no que concerne aos temas como às bases teóricas. Duas razões para estes fatos se concretizarem são elencadas por KIKU (*ibid.*, p. 543): pesquisadores que são formados em Educação Física desde esta data primam por uma maior qualidade em seus trabalhos e com isso conquistaram o estabelecimento de cursos de doutorado em Educação Física, além de dar o caráter de eletivo à esta matéria no curso de educação geral. O segundo motivo é a cooperação entre os estudantes da Educação Física e das Ciências Sociais, em torno de pesquisas sobre o esporte e atividade física, o que acarretou em análises mais sofisticadas dos objetos, através da união entre conhecimento da prática e apropriação das teorias.

Verificamos uma escassez de pesquisas sobre o cenário da Sociologia do Esporte na Inglaterra, o que dificulta a nossa tarefa de traçar um breve histórico do

mesmo. No entanto, tivemos acesso a uma entrevista realizada por Gastaldo com o pesquisador Eric Dunning, cuja carreira se entrelaça com a consolidação da referida disciplina.

Eric Dunning (*apud* GASTALDO, 2008, p. 224) relata que no final dos anos 50 recebeu de Elias a sugestão de realizar um mestrado sobre esportes, já que era um praticante de futebol e cricket e portanto tinha intimidade com o fenômeno. Esta pesquisa acabou por se configurar como um trabalho da Sociologia do Esporte, na época uma área nova de estudos sociológicos. A importância de tal estudo foi percebida e a tese, além de outros ensaios redigidos pelos dois pesquisadores foram publicados sob a forma de um livro, intitulado *A Busca da Excitação*, o qual expusemos uma parte neste capítulo.

A partir dos anos 60, a Sociologia do Esporte no contexto inglês começa a emergir como uma especialidade da Sociologia, processo esse marcado pela criação da hoje denominada *International Sociology of Sport Association*, uma organização internacional sobre a temática, que sofreu influências de um cenário mundial conturbado pela Guerra Fria. Tal entidade contou com o sociólogo alemão Guenther Lueschen, o educador físico inglês Peter McIntosh, o sociólogo americano Gregory Stone, o educador físico polonês Andrzej Wohl, o sociólogo alemão Norbert Elias e Eric Dunning (GASTALDO, 2008, p. 229).

Em meio às disputas de poder colocadas pela Guerra Fria, a *International Sociology of Sport Association* apresentava uma situação de um uso hipotético do esporte para desarmar estas tensões colocadas, já que era uma das poucas organizações na qual podiam ocorrer encontros amistosos e igualitários de pesquisadores de diversas nacionalidades (*id.*).

Nos anos 90, Eric Dunning, Patrick Murphy e Ivan Waddington fundam o *Centre for Research into Sport and Society*, organização que permitiu vários outros estudos baseados na teoria figuracional (*ibid.*, p. 230).

Para discorrer sobre a Sociologia do Esporte nos Estados Unidos, um dos centros de estudo da Sociologia, consultamos o artigo de Coakley (2008), que apresenta o panorama desta disciplina.

No início do texto, Coakley (2008) aponta que em meados da década de 80 ocorria a falta de uma legitimidade acadêmica plena e de pesquisadores envolvidos com a Sociologia do Esporte, tanto na Educação Física como na Sociologia. Vinte anos depois, a disciplina ganhou alguma legitimidade acadêmica e está inserida em

grandes associações. Todavia, ainda existe a luta pela aceitação plena em ambas as disciplinas relacionadas. Um sintoma desta disputa ainda em curso é o fato de que os pesquisadores interessados em estudar o esporte devem obter seus títulos em áreas gerais como Sociologia, Educação Física e Cinesiologia, para posteriormente vir abordar o referido tema.

Apresentamos agora alguns marcos importantes para a legitimação, ainda que incompleta, da Sociologia do Esporte. O primeiro deles foi a formação do *Committee for the Sociology of Sport*, em 1964, que permitiu que esforços para explicar e promover a em periódicos americanos de renome, bem como em redes de contato nos departamentos da Sociologia e Educação Física de algumas universidades. Estes esforços culminaram na publicação da *International Review of Sport Sociology* (IRSS), em 1966.

Outros espaços também foram abertos à discussão da temática no fim da década de 60 e início da década de 70, como no evento *American Alliance for Health, Physical Education and Recreation*, no periódico *The Cross-Cultural Analysis of Sport and Games*, na *American Sociological Association* e na *American Association for the Advancement of Science* (COAKLEY, 2008).

Entre 1969 e 1972 a inclusão da Sociologia do Esporte nos currículos dos cursos de Educação Física e Sociologia foi encorajado, devido à publicações importantes na área de obras que abordavam a temática de um modo geral, para uso em sala de aula (*id.*).

Outros espaços para publicação, como por exemplo, *Sport Sociology Bulletin* (1972) e *Review of Sport and Leisure*, impulsionaram os pesquisadores a submeter suas pesquisas. Este fato apontava uma tendência de publicações regulares sobre o tema durante os anos 70, o que contribuiu para a consolidação da Sociologia do Esporte como um nicho de estudo válido (*id.*).

Em 1978, foi realizado um simpósio com o tema Sociologia do Esporte na Universidade de Minnesota. Neste evento, um grupo de participantes decidiu fundar uma associação, a *North American Society for the Sociology of Sport*, para corroborar com o processo de consolidação da temática de estudo e permitir a comunicação de seus membros (*id.*).

Passamos então às considerações sobre a América Latina, principalmente a Argentina.

Neste bloco, a produção sobre a Sociologia do Esporte tem sido de pouca expressão, mas algumas considerações iniciais são encontradas em outros tipos de escritos como jornais, biografias, etc. O que tem sido feito é focado no futebol, normalmente na realidade de um só país. A Argentina contribuiu com trabalhos importantes sobre a ligação deste fenômeno com a sociedade, a relação com a industrialização, identidade, gênero, dentre outros temas. (ARBENA, 2000, p. 548).

Algumas iniciativas importantes para a consolidação da Sociologia do Esporte como área de estudo foram realizadas pelas seguintes personalidades: Levinsky fundou o Instituto Argentino de Sociologia do Esporte, Pablo Alabarces, formou um grupo de trabalho sobre esporte e Sociedade no *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO) e Tulio Guterman elaborou a revista digital *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Assim foi possível obter uma representação mais incisiva, a partir da criação de uma entidade, uma inserção para discussão nas Ciências Sociais, a fim de realizar a troca de experiências e conhecimentos e uma forma de publicação, para tornar público as pesquisas sobre a temática (ARBENA, 2000, p. 548).

No Brasil, com a Sociologia apresentando um crescimento institucional e autonomia maior, o esporte passa a ganhar legitimidade e espaço neste campo de estudos. Alguns trabalhos são apontados por Marchi Jr. e Cavichioli (2008, p. 103) como fruto deste movimento, que realizam uma leitura crítica do fenômeno Esportivo e da sociedade baseados na Escola de Frankfurt, referência obrigatória no limitado campo da Sociologia do Esporte brasileiro. Os temas destes trabalhos são, por exemplo, Lazer, corporeidade, organizações sociais, valores culturais e éticos, grupos sociais, gênero, meio ambiente, violência, *doping*, *marketing*, economia, espetáculo, etc.

Apesar de sua inserção nas Ciências Sociais, a Sociologia do Esporte ainda é uma área recente de estudo e que sofre os efeitos desta precocidade, como a carência de estudos diagnósticos da área, lacuna que esta pesquisa pretende preencher ao menos em parte, que acaba por defini-la como uma disciplina não consolidada por completo em grupos de pós-graduação e grupos temáticos em congressos, colegiados e outras instituições. Algumas iniciativas isoladas foram encontradas, a exemplo do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, que oferece a possibilidade de inserção da temática em suas linhas de pesquisa e o grupo de trabalho sobre Esporte no

Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Outra iniciativa que merece ser destacada é a criação da primeira associação da Sociologia do Esporte na América Latina, a *Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte* (ALESDE), em 2008. Tal instituição pretende estreitar as relações entre os pesquisadores latino americanos e por conseguinte, elevar o nível de qualidade e a quantidade de produções nesta área.

Sobre as produções, o cenário atual apresenta um número reduzido de pesquisas que apresentam como objetivo central a discussão, análise de um determinado fenômeno e a construção de uma teoria sociológica do Esporte. O que se encontra na produção científica é a dificuldade de aproximação do material empírico com as teorias sociológicas, o que confere ao trabalho uma característica descritiva. Não é pertinente desqualificar tais trabalhos, eles possuem seu mérito, mas não contribuem para o avanço da análise sociológica. Soma-se a este cenário de pesquisas o limitado espaço para a publicação científica, o que não atende à divulgação de todos os trabalhos realizados. (MARCHI JR.; CAVICHIOLLI, 2008, p. 109).

Tendo em vista estas considerações acerca da Sociologia do Esporte em contextos sociais bastante diversos, podemos identificar alguns pontos em comum nas trajetórias desta disciplina. Primeiramente, em todas as sociedades abordadas, o esporte não era um objeto de estudo considerado válido. Apenas anos depois dos estudos sociológicos sobre o tema é que tal importância veio à tona na Alemanha, na Inglaterra, no Japão e nos Estados Unidos. Nas demais localidades a temática ainda é concebida como um objeto de estudo de menor importância, o que pode ser sintomático de um reflexo de outros campos no campo acadêmico. Um exemplo disto é a escolha por determinados estudos na Índia, que favorece os temas que possam contribuir para o desenvolvimento de um Estado-Nação.

A influência dos núcleos de Sociologia internacionais é clara nos países periféricos como Índia, países africanos, Argentina, Brasil, dentre outros. A aplicação das teorias desenvolvidas por estudiosos destes centros e a escolha dos temas é profundamente influenciada em um primeiro momento. As temáticas específicas dos países periféricos só são abordadas quando esta tendência é amenizada, o que pode ser indício da consolidação da Sociologia do Esporte nesta sociedade. Não foram relatadas elaborações de teorias inéditas elaboradas fora dos núcleos de

estudo da Sociologia, passo este que parece necessitar de um contexto específico para ocorrer, no qual a Sociologia do Esporte estaria mais consolidada, ou seja, com melhores recursos tanto materiais como humanos, um reconhecimento efetivo do esporte como temática de relevância, intercâmbio com os estudiosos da Sociologia, a fim de contribuir com a formação dos jovens pesquisadores, além da formação de associações, criação de espaços em eventos e periódicos de forma mais efetiva e duradoura.

O processo de reconhecimento parece ser, em linhas gerais, o seguinte: primeiramente são realizados estudos pontuais, sem grande reconhecimento no âmbito acadêmico. Esta tendência se modifica e a temática passa a ser considerada de maior relevância. A partir deste período as associações e os espaços para as trocas de informações como congressos e periódicos proliferam. A formação dos novos pesquisadores também segue esta tendência de crescimento e aperfeiçoamento, o que contribui para a consolidação da disciplina.

Esperamos com este capítulo ter ressaltado o caráter multifacetado do esporte, o que não nos permite reduzi-lo a uma única definição, bem como esboçar um cenário da Sociologia do Esporte em seus vários estágios. No próximo capítulo apresentaremos o campo de análise deste trabalho, explicitando os grupos de pesquisa que abordam a Sociologia do Esporte, os pesquisadores envolvidos com o tema e o mapeamento dos periódicos selecionados.

3 APRESENTANDO O CAMPO DE ANÁLISE

Com o intuito de mapear o campo das produções científicas acerca da Sociologia do Esporte, pesquisamos na base de currículo Lattes do CNPq duas informações básicas: o próprio currículo dos autores (anexo 1) e os grupos de estudo nos quais atuam. Assim acreditamos ser possível elaborar um quadro geral da Sociologia do Esporte. Temos ciência de que essas bases podem estar desatualizadas, fato que será considerado na discussão dos dados. Também destacamos que tais informações serão cruzadas, a fim de podermos descrever o cenário acadêmico com suas disposições, conflitos e tensões.

Neste capítulo apresentaremos primeiramente todos os grupos que abordam a Sociologia do Esporte, seguido de uma breve descrição dos mesmos. Essas informações foram encontradas no *site* do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

3.1 GRUPOS DE TRABALHO

Os grupos de trabalho presentes na pesquisa ao *site* do CNPq perfazem um total de 20. A pesquisa foi realizada no dia 28 de julho de 2008 e nela selecionamos os grupos que abordam a Sociologia do Esporte como tema central ou como linha de pesquisa. Também foram considerados os grupos que abordam o fenômeno através de outras bases teóricas, concomitantemente com a Sociologia, tais como: Antropologia, Psicologia e História. A seguir apresentaremos a relação desses grupos, bem como realizaremos a descrição do ano de formação, pesquisador líder, área predominante, instituição e departamento a que o grupo está vinculado, cidade na qual se localiza, objetivo geral, total de membros, linhas de pesquisa e respectivos objetivos, além dos pesquisadores envolvidos em tais estudos.

1) Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS)

Este grupo, formado em 2002, liderado pelo pesquisador Wanderley Marchi Júnior, tem como área predominante a Educação Física e está vinculado à

Universidade Federal do Paraná - Departamento de Educação Física, localizada em Curitiba. O objetivo do grupo é abordar os fenômenos esporte e lazer pelas matrizes teóricas da Educação Física, Educação e Sociologia. Dezoito pesquisadores e quarenta estudantes desenvolvem seus trabalhos nas seguintes linhas de pesquisa:

a) História e Sociologia do Esporte: esta linha tem como objetivo pesquisar as principais questões referentes ao esporte moderno, através da perspectiva histórica e sociológica. Os pesquisadores envolvidos com tal linha são apresentados a seguir:

Ademir Gebara
André Mendes Capraro
Fernando Mezzadri
Fernando Renato Cavichioli
Kátia Bortolotti Marchi
Letícia Godoy
Miguel de Freitas Júnior
Ruth Cidade
Sérgio Luiz Carlos dos Santos
Wanderley Marchi Júnior

b) Lazer e Sociedade: a linha tem como objetivo estudar as relações entre o Lazer e os fenômenos sociais. Os pesquisadores são listados a seguir:

Ademir Gebara
Felipe Sobczynski Gonçalves
Fernando Renato Cavichioli
Humberto Luis de Deus Inácio
Rosecler Vendruscolo
Simone Rechia

c) Políticas Públicas para o Esporte: esta linha tem como objetivo abordar as políticas públicas voltadas para o esporte e conta com o seguinte quadro de pesquisadores:

Doralice Lange de Souza Rocha

Fernando Augusto Starepravo

Fernando Marinho Mezzadri

Sérgio Luiz Carlos dos Santos

d) Práticas Educativas em Educação Física, Esporte e Lazer: esta linha objetiva o estudo e investigações sobre o trabalho docente, saberes e formação nas respectivas áreas. Os pesquisadores são:

Cristina Carta Cardoso de Medeiros

Doralice Lange de Souza Rocha

Marynelma Camargo Garanhani

Vera Luiza Moro

2) Grupo de Pesquisa e Estudos Sociológicos em Educação Física e Esporte

Este grupo, formado em 2006, liderado pelo pesquisador Marcelo Oliveira Cavalli, tem como área predominante a Educação Física e está vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Departamento de Estudos do Movimento Humano, situada em Porto Alegre. Um dos principais objetivos deste grupo é realizar uma leitura sociológica dos temas propostos, colocando algumas questões específicas, como: investigação sociológica da Educação Física, o estudo crítico da construção social da realidade relativa a essa área e ao esporte, e a abordagem sociológica do referido fenômeno. Dois pesquisadores e seis estudantes participam das seguintes linhas de pesquisa:

a) Atividade Física na Terceira Idade: esta linha objetiva verificar o desenvolvimento da atividade física entre os idosos de Porto Alegre, utilizando uma metodologia quantitativa para determinar as implicações sociopolíticas deste fenômeno. Os pesquisadores envolvidos são:

Adriana Schüller Cavalli

Marcelo Oliveira Cavalli

b) Atividade Física, Saúde e Sociedade: esta linha de pesquisa é especificamente voltada para a Sociologia do Esporte e possui como objetivo compreender a Educação Física e o esporte em um contexto social. Os pesquisadores envolvidos são:

Adriana Schüller Cavalli

Marcelo Oliveira Cavalli

c) Pesquisa em Educação Física: esta linha tem como objetivo explicitar o contexto social onde se inserem os fenômenos Educação Física e esporte, mais precisamente na escola e na universidade. Os pesquisadores envolvidos são:

Adriana Schüller Cavalli

Marcelo Oliveira Cavalli

d) Responsabilidade Social: não constam os objetivos desta linha na base do CNPq. Os pesquisadores envolvidos são:

Adriana Schüller Cavalli

Marcelo Oliveira Cavalli

e) Sociologia do Esporte / Educação Física: esta linha, como as demais deste grupo, se ocupa da Sociologia do Esporte e da Educação Física, a fim de perceber as implicações sociopolíticas de tais fenômenos. Os pesquisadores envolvidos são:

Adriana Schüller Cavalli

Marcelo Oliveira Cavalli

3) Educação Física Escolar, Esporte e Sociedade

Este grupo foi formado em 2004, conta com a liderança de Aldo Antonio de Azevedo, tem como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade de Brasília - Faculdade de Educação Física, situada na cidade de mesmo nome. O objetivo principal do grupo é realizar uma avaliação do trabalho

pedagógico dos professores de Educação Física que atuam no âmbito formal. Cinco pesquisadores e quatro estudantes participam dos estudos, que estão divididos nas seguintes linhas:

a) A Relação entre Educação Física, Mídia e Esporte na Sociedade: esta linha de pesquisa trata das inter-relações entre meios de comunicação de massa, teorias sobre o esporte e Educação Física e a sociedade.

Os pesquisadores envolvidos são:

Aldo Antonio de Azevedo

Alfredo Feres Neto

b) Aprendizagem e Trabalho Pedagógico da Educação Física na Escola: esta linha aborda os aspectos didáticos e pedagógicos presentes no cotidiano do profissional de Educação Física escolar.

O pesquisador envolvido é:

Aldo Antonio de Azevedo

c) Formas e Mecanismos de Socialização na Prática Pedagógica da Educação Física Escolar: esta linha aborda as formas pelas quais as pessoas aprendem o modo de vida da sociedade e como estas estão presentes na Educação Física escolar.

O pesquisador envolvido é:

Aldo Antonio de Azevedo

d) História da Educação Física Escolar: esta linha tem como objetivo fazer o resgate da história do discurso teórico da Educação Física escolar no Distrito Federal, compreender os paradigmas que norteiam o curso de Educação Física na Universidade de Brasília e a formação de seus alunos.

A pesquisadora envolvida é:

Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna

e) Metodologia de Ensino na Educação Física Escolar: nesta linha de pesquisa são abordadas e analisadas as metodologias de ensino utilizadas pelos profissionais de Educação Física na escola.

Os pesquisadores envolvidos são:

Aldo Antonio de Azevedo

Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna

f) Relação entre Teoria e Prática na Educação Física Escolar: nesta linha os pesquisadores pretendem contribuir para a reflexão crítica e a fundamentação teórica do trabalho pedagógico do professor de Educação Física na escola.

Os pesquisadores envolvidos são:

Aldo Antonio de Azevedo

Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende

Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna

g) Relação Esporte e Sociedade: esta linha de pesquisa tem como foco as relações entre esporte e sociedade no Distrito Federal, embasadas nas teorias sociológicas clássicas e contemporâneas.

Os pesquisadores envolvidos são:

Aldo Antonio de Azevedo

Paulo Henrique Azevêdo

4) Grupo de Estudos sobre Representação Social, Imaginário, Memória e Intervenção Profissional (GERIS)

Este grupo, formado em 2002, tem como líderes os pesquisadores Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires e Jeane Barcelos Soriano. Apresenta como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Estadual de Londrina – Centro de Educação Física e Desportos, localizadas na cidade de mesmo nome. O objetivo do grupo é a produção de conhecimento na Educação Física sob a

perspectiva da representação social, memória e intervenção profissional. Oito pesquisadores, quatro estudantes e um técnico realizam pesquisas nas seguintes linhas:

a) Educação Física, Cultura, Política e Trabalho: esta linha pretende estudar os aspectos sociais, políticos e ideológicos envolvidos nos fenômenos relacionados à Educação Física e vinculados à questão do trabalho.

A pesquisadora citada é:

Alissianny Haman Fogagnoli

b) Educação Física, Historiografia, Memória e Poder: esta linha se propõe a aprofundar-se, a partir de estudos historiográficos e de resgate de memória, no imaginário e nas representações sociais dos atores envolvidos com a Educação Física, esporte e lazer.

Os pesquisadores envolvidos são:

Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires

Kátia Simone Martins Mortari

Tony Honorato

c) Educação Física, Intervenção Profissional e Cultura: os estudiosos pertencentes a esta linha focam seus estudos nos campos de atuação dos graduados em Educação Física.

Os pesquisadores envolvidos são:

Anisio Calciolari Junior

Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires

Jeane Barcelos Soriano

d) Representações Sociais, Imaginário, Educação Física e Esporte: a linha de pesquisa tem por objetivo estudar como estão instituídas no imaginário social as representações sobre a Educação Física, esporte, lazer e dança.

Os pesquisadores envolvidos são:

Anisio Calciolari Junior

Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires

Morgana Claudia da Silva

Sandra Aparecida Elger Gonçalves

5) Esporte e Cultura

Criado em 1997, o grupo tem como líderes os pesquisadores Ronaldo Jorge Helal e Hugo Rodolfo Lovisolo. Apresenta como área predominante a Comunicação e está vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Departamento de Teoria da Comunicação, situada na cidade homônima. O objetivo do grupo é abordar as manifestações culturais do fenômeno. Onze pesquisadores e cinco estudantes participam dos estudos que são apresentados na linha:

a) Manifestações Culturais do Esporte Moderno: esta linha tem como objetivo investigar o esporte em suas múltiplas dimensões culturais e os discursos midiáticos relacionados à temática. Os estudos sobre identidade local e nacional também são contemplados.

Os pesquisadores envolvidos são:

Antonio Jorge Gonçalves Soares

Arlei Sander Damo

Cesar Claudio Gordon Jr.

Edison Luis Gastaldo

Gilmar Mascarenhas de Jesus

Hugo Rodolfo Lovisolo

José Geraldo do Carmo Salles

José Jairo Vieira

Marco Paulo Stigger

Ronaldo George Helal

Sergio Francisco Endler

6) Núcleo de Estudos sobre Ciências Sociais e Sociedade no Paraná

Este grupo, fundado em 2001, tem como líder o pesquisador Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira. Apresenta como área predominante a Sociologia e está vinculado à Universidade Federal do Paraná – Departamento de Ciências Sociais, localizada em Curitiba. O objetivo do grupo é abordar o ensino e o campo acadêmico da Sociologia no Paraná. Dez pesquisadores e treze estudantes desenvolvem seus trabalhos nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Ensino Médio e Sociologia: esta linha de pesquisa aborda o ensino da Sociologia no Ensino Médio na rede pública e particular de ensino.

Os professores envolvidos são:

Ileizi Luciana Fiorelli Silva

Lígia Wilhelms Eras

b) Esporte e Cultura no Paraná: esta linha tem como objetivo discutir o esporte no âmbito da cultura, sendo as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias os fios condutores dos debates.

O professor envolvido é:

Wanderley Marchi Jr.

c) História e Ciências Sociais: a presente linha se ocupa em discutir o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Paraná.

Os professores envolvidos são:

Alexandro Dantas Trindade

Ana Luisa Fayet Sallas

Eduardo Gomes de Melo

Ileizi Luciana Fiorelli Silva

Lígia Wilhelms Eras

Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira

Maria Tarcisa Silva Bega

Simone Meucci

d) Imigrantes, Ciências e Artes no Paraná: esta linha de pesquisa se ocupa em estudar a participação de grupos de imigrantes na conformação do campo artístico e científico do Paraná.

Os professores envolvidos são:

José Eduardo León Szwako

Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira

7) Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos - CESPCEO

Este grupo, formado em 2006, tem como líder o pesquisador Otávio Guimarães Tavares da Silva. Apresenta como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos, localizada em Vitória. O objetivo de tal grupo é realizar discussões sobre práticas corporais, educação, lazer, competição e expressão a partir de um referencial teórico socioantropológico. Quatro pesquisadores e dezenove estudantes realizam as suas pesquisas nas seguintes linhas:

a) Estudos do Lazer e da Recreação: esta linha se propõe a estudar os fenômenos do lazer e da recreação com base nas teorias das Ciências Sociais.

Os professores envolvidos são:

Carlos Nazareno Ferreira Borges

Grece Teles Tonini

b) Estudos Olímpicos: esta linha se propõe a estudar o Olimpismo e sua influência sobre as práticas esportivas.

O professor envolvido nestas pesquisas é:

Otávio Guimarães Tavares da Silva

c) Estudos Sócio-antropológicos [sic] do Esporte: esta linha de pesquisa aborda os aspectos socioantropológicos do esporte e das práticas corporais no Brasil, discutindo questões como valores, estruturas e instituições do fenômeno.

Os professores envolvidos são:

José Luiz dos Anjos

Otávio Guimarães Tavares da Silva

d) Identidade Cultural das Práticas Corporais: esta linha de pesquisa produz conhecimento a respeito das narrativas identitárias presentes nas práticas corporais e formadas a partir delas.

Os professores envolvidos são:

Carlos Nazareno Ferreira Borges

José Luiz dos Anjos

Otávio Guimarães Tavares da Silva

8) Ensino, Corpo e Sociedade

Este grupo, formado em 2002, possui como líderes os pesquisadores José Geraldo do Carmo Salles e Eveline Torres Pereira, tem como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Educação Física, situadas na cidade de mesmo nome. Os estudos desenvolvidos na área de Educação Física, esporte e lazer e a oferta de cursos de pós-graduação são algumas das atividades desenvolvidas por este núcleo. Oito pesquisadores e sete estudantes realizam seus trabalhos em duas linhas de pesquisa:

a) Aspectos Sociológicos, Antropológicos e Políticos do Esporte e do Lazer: esta linha de pesquisa objetiva utilizar o referencial teórico da Sociologia, Antropologia e Ciência Política para a leitura dos fenômenos do esporte e do lazer.

Os professores que participam desta linha são:

Carlos Nazareno Ferreira Borges

Emmi Myotin

Eveline Torres Pereira
 José Geraldo do Carmo Salles
 Marizabel Kowalski
 Paulo Lanes Lobato
 Rafael Júnio Andrade Alves

b) Estudos de Manifestações da Cultura Corporal: Aspectos Pedagógicos e Sócio-culturais [sic]: esta linha aborda as pesquisas relacionadas ao ensino da Educação Física e áreas afins, como História da Educação Física e Estudos do Lazer.

Os professores envolvidos são:

Carlos Nazareno Ferreira Borges
 Diná Guimarães de Faria
 Emmi Myotin
 Eveline Torres Pereira
 José Geraldo do Carmo Salles
 Marizabel Kowalski
 Paulo Lanes Lobato
 Rafael Júnio Andrade Alves

9) Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer (LEPEL)

Grupo formado em 2000 tem como líderes os pesquisadores Celi Nelza Zulke Taffarel e Cláudio de Lira dos Santos Júnior. Apresenta como área predominante a Educação e está vinculado à Universidade Federal da Bahia – Departamento de Educação Física, localizada em Salvador. O objetivo do grupo é abordar o trabalho pedagógico, a formação acadêmica e a produção de políticas públicas voltadas à Educação Física, esporte e lazer. Onze pesquisadores e trinta e cinco estudantes realizam pesquisas, divididas nas seguintes linhas:

a) Epistemologia da Educação Física (EPISTEF): esta linha de pesquisa analisa a produção do conhecimento nos estados do Nordeste brasileiro, na área de Educação Física.

Os pesquisadores envolvidos são:

Celi Nelza Zulke Taffarel
Márcia Ferreira Chaves Gamboa
Silvio Ancisar Sanchez Gamboa
Solange Lacks

b) Linha de Estudo sobre Cultura Corporal (LEPEC): esta linha pesquisa a cultura corporal a partir da ontogênese, história, epistemologia e pedagogia.

Os pesquisadores envolvidos são:

Carlos Roberto Colavolpe
Celi Nelza Zulke Taffarel
José Luiz Cirqueira Falcão
Micheli Ortega Escobar
Raquel Cruz Freire Rodrigues
Roseane Soares Almeida

c) Linha de Estudo e Pesquisa em Educação, Esporte e Lazer do Campo e da Cidade (LEPEL): esta linha visa investigar os problemas da formação acadêmica inicial e continuada, da produção do conhecimento científico, trabalho pedagógico e de políticas públicas nas áreas de Educação, Educação Física, esporte e lazer, a partir do referencial teórico do materialismo histórico dialético.

Os pesquisadores envolvidos são:

Celi Nelza Zulke Taffarel
Cláudio de Lira Santos Júnior
Fátima Moraes Garcia
Márcia Ferreira Chaves Gamboa
Micheli Ortega Escobar
Solange Lacks

10) Laboratório de Sociologia e História do Esporte (LASEPE)

Este grupo, formado em 2000, tem como líderes os pesquisadores Edilson Fernandes de Souza e José Luís Simões. Apresenta como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Educação Física, situada em Recife. O foco de pesquisa do presente grupo são os estudos acerca da Educação Física, esporte e lazer, pelo viés das Ciências Humanas. Cinco pesquisadores e treze estudantes realizam trabalhos nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Corpo, Memória e Etnicidade: esta linha procura investigar a corporeidade e as relações com as diversas etnias participantes da construção social do Brasil, em especial as comunidades afrodescendentes, pelo viés antropológico.

Os pesquisadores envolvidos são:

Edilson Fernandes de Souza

Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva

b) Representações Sócio-históricas do Esporte: esta linha de pesquisa aborda o estudo das atividades esportivas e sua relação com os aspectos sociais e históricos dos grupos envolvidos com tais fenômenos, utilizando, dentre outras bases teóricas, a Sociologia Configuracional.

Os pesquisadores envolvidos são:

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Edilson Fernandes de Souza

José Luís Simões

Ricardo de Figueiredo Lucena

11) Grupo de Estudos e Pesquisas Socio-culturais [sic]: o indivíduo em Educação Física e desporto

Este grupo, formado em 2003, tem como líder a pesquisadora Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas. Apresenta como área de concentração a Educação Física e está vinculado à Universidade de Pernambuco, localizada em Recife. O objetivo do grupo é a pesquisa em Educação Física e Desporto, com possíveis

conexões das áreas das Ciências Humanas e Biológicas. Seis pesquisadores e vinte e quatro estudantes realizam trabalhos nas seguintes linhas:

a) Estudos da Interação do Indivíduo com a sua Imagem, seu Corpo em Termos Ético, Estético e de Gênero: esta linha objetiva a discussão da interação do indivíduo com a sua imagem e corpo em termos ético, estético e de gênero, através do referencial teórico da Sociologia.

Os professores participantes são:

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Maria Bernadete Leal Campos

b) Estudos da Inter-relação entre *Habitus* Culturais, Estilo de Vida e Bem Estar [sic]: esta linha de pesquisa objetiva o estudo das configurações dos *habitus*, costumes, estilos de vida e bem-estar no cotidiano dos indivíduos nos fenômenos sociais, como por exemplo o esporte.

Os pesquisadores envolvidos são:

Ademar Lucena Filho

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Mauro Virgílio Gomes de Barros

Vera Lucia Samico Rocha

c) Estudos das Sociedades Humanas Considerando os Níveis Grupal, Comportamental e Social: esta linha aborda o estudo das estruturas sociais e comportamentais relacionadas ao esporte, lazer e atividade física, com base nos pressupostos teóricos da Sociologia.

Os pesquisadores envolvidos são:

Ana Elizabeth Vieira da Cunha

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Maria Bernadete Leal Campos

12) Esporte, Lazer e Sociedade

Grupo formado em 2002, tem como líderes os pesquisadores Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior e Nei Alberto Salles Filho. Apresenta como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa - Departamento de Educação Física, situada na cidade homônima. O objetivo do grupo é discutir o esporte e sua inserção na esfera econômica e de consumo, além da apropriação dessas práticas no espectro do tempo livre. Onze pesquisadores e treze estudantes desenvolvem pesquisas na linha:

a) Esporte, Lazer e Sociedade: esta linha tem como objetivo discutir o esporte e o lazer sob a ótica do consumo, troca simbólica, prestação social, concorrência e discriminante de classe.

Os pesquisadores envolvidos são:

Andrea Paula dos Santos
 Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
 José Augusto Leandro
 José Roberto Herrera Cantorani
 Josilene Aparecida Soares de Freitas
 Miguel Archanjo de Freitas Júnior
 Milton Aparecido Anfilo
 Moacir Avila de Matos Junior
 Nei Alberto Salles Filho
 Sérgio Luiz Gadini
 Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros

13) Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol

Este grupo, formado em 2006, tem como líderes os pesquisadores Josimar Jorge Ventura de Moraes e Túlio Velho Barreto. Apresenta como área predominante a Sociologia e está vinculado à Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, situada em Recife. O objetivo do grupo é desenvolver estudos voltados para a Sociologia do Esporte, mais especificamente o futebol. Três

pesquisadores, cinco estudantes e dois técnicos realizam pesquisas nas seguintes linhas:

a) Futebol e Espaços Urbanos de Sociabilidade: esta linha de pesquisa visa compreender as diversas formas da prática do futebol, identificando os jogos sociais nelas incutidos.

Os pesquisadores envolvidos são:

José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Josimar Jorge Ventura de Moraes

Túlio Velho Barreto

b) Futebol e Identidades Sociais: esta linha de pesquisa aborda as relações entre as identidades sociais e o futebol, utilizando a base teórica das Ciências Humanas. Também aborda as políticas públicas que utilizam o futebol como ferramenta de inclusão social, além dos estudos acerca da identidade e sentimento de pertencimento relacionados ao referido esporte.

Os pesquisadores envolvidos são:

José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Josimar Jorge Ventura de Moraes

Túlio Velho Barreto

c) Futebol e Teoria Social: esta linha de pesquisa estuda a relação entre os aspectos da teoria social e os aspectos formais da estruturação do futebol, com base na teoria eliasiana e na etnometodologia.

Os pesquisadores participantes são:

José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Josimar Jorge Ventura de Moraes

Túlio Velho Barreto

14) Sociologia do Esporte

Este grupo, formado em 2007, tem como líder o pesquisador Luís Otavio Teles Assumpção. Declara como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Católica de Brasília - Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Física, situada na cidade de mesmo nome. O objetivo central do grupo é abordar os aspectos sociológicos e culturais relacionados ao fenômeno esportivo. Três pesquisadores e sete estudantes realizam trabalhos nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Aspectos Sócio-culturais [sic] e Pedagógicos Relacionados à Atividade Física e Saúde: esta linha aborda questões relativas aos fenômenos citados com base nas referências socioculturais e pedagógicas, a fim de incorporar um significado mais abrangente à prática.

Os pesquisadores participantes são:

Francisco Martins da Silva

Luís Otavio Teles Assumpção

Luiz Renato Vieira

b) Aspectos Sócio-psíquico-culturais [sic] do Envelhecimento: a presente linha aborda o processo de envelhecimento fundamentado nas teorias da Sociologia.

O pesquisador que atua nesta linha é:

Luís Otavio Teles Assumpção

15) Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Lazer (LEEFEL)

Este grupo, formado em 2006, tem como líderes os pesquisadores Manoel José Gomes Tubino e Carlos Alberto Figueiredo da Silva. Declara como área predominante a Educação Física e está vinculado ao Centro Universitário Augusto Motta - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo do grupo é estudar a qualidade de vida e saúde, além dos aspectos socioculturais da Educação Física. Seis pesquisadores estão envolvidos nos trabalhos, que são divididos nas linhas:

a) Qualidade de Vida e Saúde: esta linha aborda a Educação Física, esporte e lazer através da perspectiva voltada para as Ciências Biológicas.

Os pesquisadores envolvidos são:

Glauber Lameira de Oliveira

Marcio Rodrigues Baptista

b) Sociedade, Cultura e Educação Física: a presente linha engloba pesquisas e se ocupa em orientar a intervenção na Educação Física, Esporte e Lazer.

Os pesquisadores envolvidos são:

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Manoel José Gomes Tubino

Maria Auxiliadora Terra Cunha

Valdo Vieira

16) Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais

Este grupo foi formado em 1999, possui como líderes os pesquisadores Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres, e declara como área predominante a Educação Física. Está vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, na cidade de mesmo nome. Tem como principal objetivo investigar o lazer em suas múltiplas dimensões, principalmente na sua faceta pedagógica, baseado no referencial dos estudos culturais. Dezoito pesquisadores, treze estudantes e dois técnicos participam dos estudos, que são divididos nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Animação Cultural: conceitos e linguagens: esta linha investiga a animação cultural, suas peculiaridades, desafios e potencialidades, entendida como uma abordagem pedagógica. Discute a temática conceitualmente e desenvolve metodologias específicas para a abordagem do tema em seus trabalhos.

Os pesquisadores envolvidos nestes estudos são:

Alex Pina de Almeida

Bianca de Castro Vieira
Carlos Augusto Santana Pereira
Christianne Luce Gomes
Coriolano Pereira da Rocha Junior
Edmundo de Drummond Alves Junior
Hélder Ferreira Isayama
Maria Inês Galvão Souza
Michéle Malheiro Borges de Aquino
Mônica Borges Monteiro
Patrícia Gomes Pereira
Silvio Ricardo da Silva
Victor Andrade de Melo

b) História das Práticas Corporais de Lazer na Modernidade e Contemporaneidade: esta linha concebe historicamente os fenômenos lazer e esporte.

Os pesquisadores participantes são:

Antonio Jorge Gonçalves Soares
Carlos Augusto Santana Pereira
Fabio de Faria Peres
Mônica Borges Monteiro
Victor Andrade de Melo

c) Lazer e Cidade: a presente linha trata a configuração social do lazer no âmbito das cidades, sob uma perspectiva sociológica e antropológica, focando em suas ocorrências, especificidades, barreiras, exclusões, etc.

Os pesquisadores que participam destes estudos são:

Angela Brêtas Gomes dos Santos
Bianca de Castro Vieira
Cleber Augusto Gonçalves Dias
Fabio de Faria Peres
Hélder Ferreira Isayama
Maria Inês Galvão Souza

Renato de Vasconcelos Farjalla

Victor Andrade de Melo

17) Comunicação e Esporte

Este grupo, formado em 2007, tem como líderes os pesquisadores José Carlos Marques e Ary José Rocco Júnior. Apresenta como área predominante a Comunicação e está vinculado à Universidade Presbiteriana Mackenzie - Centro de Comunicação e Letras, situada em São Paulo. O principal objetivo do grupo é investigar a relação entre comunicação e esporte através dos olhares da Antropologia, Sociologia e *Marketing*. Três pesquisadores, cinco estudantes e um técnico participam das investigações desenvolvidas nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Análise Discursiva da Imprensa Esportiva: esta linha estuda a imprensa esportiva brasileira e estrangeira através da análise do discurso de crônicas e dos cânones jornalísticos.

O pesquisador participante é:

José Carlos Marques

b) Antropologia, História e Sociologia do Esporte: a presente linha analisa, a partir do referencial das Ciências Humanas, especificamente a Antropologia, a História e a Sociologia, o fenômeno esportivo.

Os pesquisadores que desenvolvem pesquisas nesta temática são:

Ary José Rocco Júnior

José Carlos Marques

c) Fotorjornalismo Esportivo: esta linha compreende os estudos que realizam a análise imagética esportiva dos jornais brasileiros e estrangeiros.

O pesquisador envolvido com tais pesquisas é:

Alexandre Huady Torres Guimarães

d) *Marketing* e Esporte: a presente linha objetiva analisar as estratégias do *marketing* aplicado ao esporte.

O pesquisador envolvido é:

Ary José Rocco Júnior

18) Grupo de Estudos de Sociologia e Pedagogia do Esporte

Este grupo, formado em 2008, tem como líderes as pesquisadoras Kátia Lúcia Moreira Lemos e Ana Cláudia Porfírio Couto. Apresenta como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais - Departamento de Esportes, em Belo Horizonte. O principal objetivo elencado é o estudo dos fenômenos atuais do esporte na escola e fora dela, baseado no aporte teórico da Sociologia e Pedagogia. Quatro pesquisadores, um estudante e um técnico participam de tais investigações. As linhas de pesquisa são:

a) Sociologia do Esporte: esta linha se ocupa da análise do papel do esporte na sociedade contemporânea.

A pesquisadora envolvida é:

Ana Cláudia Porfírio Couto

b) Pedagogia do Esporte: a presente linha trata das peculiaridades do esporte escolar e não escolar.

Os pesquisadores envolvidos são:

Ana Cláudia Porfírio Couto

Ivana Montandon Soares Aleixo

Kátia Lúcia Moreira Lemos

Ronaldo Castro D'Ávila

19) Grupo de Estudos em Psicologia e Sociologia da Educação Física e do Esporte

O presente grupo foi fundado em 2006, conta com a liderança dos pesquisadores Jorge Dorfman Knijnik e Greice Kelly de Oliveira, declara como área predominante a Educação Física e está vinculado à Universidade Presbiteriana Mackenzie - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, situada na cidade de Barueri. O objetivo principal do grupo é trabalhar com diversas questões da Psicologia (motivação, treinamento mental, preparação de atletas e técnicos), da Sociologia do Esporte e da Educação Física. Quatro pesquisadores e treze estudantes participam de tais pesquisas, divididas nas seguintes linhas:

a) Aspectos Sociológicos e Históricos do Esporte: esta linha investiga os aspectos históricos do desenvolvimento do fenômeno esportivo para, a partir deste, analisar os desdobramentos sociológicos de determinadas épocas.

O pesquisador envolvido é:

Jorge Dorfman Knijnik

b) Motivação para a Prática do Esporte e Atividade Física: a presente linha propõe modelos motivacionais para os indivíduos envolvidos nessas atividades, tais como atletas, estudantes, praticantes e técnicos desportivos.

Os pesquisadores envolvidos são:

Fernando César Gouvêa

Jorge Dorfman Knijnik

Paula Korsakas

c) Psicologia Educacional: esta linha estuda as questões de afetividade envolvidas na Educação Física escolar.

A pesquisadora envolvida é:

Greice Kelly de Oliveira

d) Relações Sociais de Gênero nas Práticas Corporais, Educativas e Esportivas: a linha aborda as representações de gênero presentes nessas práticas, além de propor ações para minimizar preconceitos e discriminações ligados ao gênero.

O pesquisador envolvido é:

Jorge Dorfman Knijnik

e) Treinamento Mental em Atletas: a linha compreende os estudos que abordam e instrumentalizam novos métodos de treinamento mental, com foco na questão da prática imaginada e da concentração.

Os pesquisadores envolvidos são:

Fernando César Gouvêa

Jorge Dorfman Knijnik

Paula Korsakas

20) Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer

Este grupo, formado em 2006, tem como líder o pesquisador Victor Andrade de Melo, apresenta como área predominante a História e está vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, localizada na cidade de mesmo nome. O principal objetivo do grupo é contribuir para a preservação da memória do esporte, além de discutir a presença das práticas corporais e de lazer nos diversos contextos sociais. Vinte pesquisadores, dezesseis estudantes e dois técnicos participam destes estudos, que são delimitados nas seguintes linhas de pesquisa:

a) Esporte e Arte - Diálogos: esta linha mapeia as obras artísticas que têm por tema o esporte, além de discutir as representações da prática nessas obras, buscando compreender a presença e o espaço ocupado pelo fenômeno em um determinado contexto sociocultural.

Os pesquisadores envolvidos são:

Fabio Faria Peres

Leda Maria da Costa
 Mônica Borges Monteiro
 Victor Andrade de Melo

b) História Comparada das Práticas Corporais e de Lazer: a presente linha desenvolve, através do uso do método da História Comparada, estudos de cunho histórico das práticas corporais e de lazer institucionalizadas.

Os pesquisadores envolvidos são:

André Maia Schetino
 Coriolano Pereira da Rocha Junior
 Fabio de Souza Lessa
 Marcelo Bittencourt Ivair Pinto
 Maurício da Silva Drumond Costa
 Regina Maria da Cunha Bustamante
 Ricardo Pinto dos Santos
 Simoni Lahud Guedes
 Victor Andrade de Melo

c) Memória Social do Esporte: esta linha contribui com estudos que discutem a presença das práticas corporais e de lazer na história do Rio de Janeiro, além de preservar a memória do esporte e os momentos iniciais de estruturação desse campo.

Os pesquisadores envolvidos são:

Angela Brêtas Gomes dos Santos
 Antonio Jorge Gonçalves Soares
 Cleber Augusto Gonçalves Dias
 Coriolano Pereira da Rocha Junior
 Edmundo de Drummond Alves Junior
 Gilmar Mascarenhas de Jesus
 Leda Maria da Costa
 Mary Lucy Murray Del Priore
 Mauricio Murad

Rafael Fortes Soares
Simoni Lahud Guedes
Victor Andrade de Melo

Examinando os dados coletados, pudemos perceber algumas questões pertinentes para um início de discussão sobre a situação da Sociologia do Esporte no Brasil. Primeiramente notamos que os grupos que tratam sobre o objeto de estudo foram formados, na sua maioria, a partir do ano 2000. Dezoito grupos apresentam a data de formação entre os anos 2000 e 2008, e somente dois são anteriores a esse período (1997 e 1999). Esses indícios reforçam o discurso dos pesquisadores envolvidos com tais estudos, quando afirmam que a temática despertou o interesse dos estudiosos recentemente. Isso também pode ser atribuído à chegada de obras que tratam sobre tal fenômeno, como por exemplo o livro *A busca da excitação*, de Elias e Dunning, cuja tradução em português data do início dos anos 90.

As cidades onde se situam esses grupos são as seguintes: Rio de Janeiro, São Paulo, Viçosa, Belo Horizonte, Vitória, Recife, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Londrina, Ponta Grossa e Brasília. Percebemos que esses grupos concentram-se nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul e nem todos os estados possuem um grupo de estudos na Sociologia do Esporte. Notamos que a temática não possui uma vasta rede de espaços de discussão, limitando-se a doze cidades e vinte grupos de pesquisa, o que reforça a ideia de que é uma área de estudo recente e que pode sofrer alguma reticência por parte da Sociologia, devido à lógica inerente a essa área. Podemos ressaltar um indício dessa reticência no fato de que um dos grupos levantados é das Ciências Sociais e possui uma linha voltada para a Sociologia do Esporte.

Sobre a área predominante nos estudos desenvolvidos, quinze grupos declararam ser a Educação Física, dois relataram ser a Comunicação, outros dois informaram a Sociologia e um declarou a História. Outro dado importante a ser destacado é o departamento ao qual o grupo de pesquisa está vinculado. A maioria informa ter vínculo com o departamento de Educação Física, Estudos do Movimento Humano ou das Ciências Biológicas e da Saúde (13 grupos). Os demais estão divididos entre os departamentos de Comunicação (1 grupo), Ciências Humanas (3 grupos) e Pró-Reitoria de Pós-Graduação (1 grupo). Isso denota que o interesse

maior pela Sociologia do Esporte parte daqueles que estão envolvidos na prática, não se configurando como um tema comum de estudo nas demais áreas.

Percebemos também que somente dois grupos são voltados especificamente para a Sociologia do Esporte. Nos demais a temática se apresenta em uma linha de pesquisa ou concomitante com outras bases teóricas, como História, Antropologia, Pedagogia, Psicologia, Educação, Ciências Biológicas, Política e *Marketing*. Assim, podemos pensar que a Sociologia do Esporte, na maior parte dos casos, divide seu espaço com outras temáticas afins e possui alguns núcleos que se dedicam somente a seu estudo, o que revela um movimento de consolidação desses espaços de discussão e uma crescente relevância da área.

Desse modo, através de evidências empíricas, concebemos as impressões dos agentes envolvidos na área como válidas, sendo o esporte um objeto de estudo recente da Sociologia e que esse nicho recente de pesquisa não possui muitos espaços de discussão.

No anexo 1 apresentamos o currículo dos pesquisadores envolvidos com a Sociologia do Esporte. A busca foi realizada no *site* do CNPq em 15 de junho de 2008 e teve como critérios de seleção os pesquisadores líderes dos grupos descritos. Nesses currículos destacamos: o último título defendido com seu respectivo trabalho (tese, dissertação, etc.), o orientador de tais produções, o vínculo institucional atual, as linhas de pesquisa em que atua e a produção científica. Desta última, explicitamos os cinco trabalhos elencados pelo autor como de maior importância. Realizamos esta seleção no intuito de explicitar um recorte, devido ao grande número de dados presentes nesses currículos. Assim, possibilitamos um cruzamento de dados mais claro e em consonância com nossos objetivos.

Ao examinar os currículos dos pesquisadores percebemos que as áreas de formação são bastante diversificadas. Elencamos as áreas da última titulação obtida pelo pesquisador, seguida do número de pesquisadores. São elas: Educação Física (11), Ciências do Desporto (1), Comunicação e Semiótica (1), Educação (4), Saúde Pública (1), Psicologia Social (1), Ciências da Comunicação (1), Sociologia (2), Ciências da Saúde e do Esporte (1), Ciência Política (1) e sete pesquisadores não informaram esse dado em seu currículo.

Esses dados, juntamente com o perfil traçado nos grupos de pesquisa, nos quais a Sociologia do Esporte está inserida em grupos que também se ocupam de outras abordagens do fenômeno esportivo, corroboram a premissa de que é um

campo de pesquisa recente, que acaba por ser influenciado por diversas áreas, já que divide espaço e tem contato com essas áreas. Também notamos que os grupos que abordam o esporte pelo viés sociológico têm em sua maioria líderes da Educação Física, o que pode dar um indício de que essa temática de estudo ainda não suscita interesse nos pesquisadores que não são da área.

Dos estudiosos, 19 apontam a Sociologia do Esporte ou temática afim como linha de pesquisa em que atuam. Um número expressivo, se considerarmos o total de 31 pesquisadores. Percebemos então que a temática está presente na agenda de pesquisa desses sujeitos e recebe influência de olhares de diversas áreas, já que não são todos pertencentes à Educação Física. Destacamos que, dos líderes de grupos de pesquisa, três não informaram as linhas de pesquisa em que desenvolvem seus trabalhos.

Vale ressaltar que existe a possibilidade de os currículos, bem como as descrições dos grupos de pesquisa, estarem desatualizados. A falta de dados também foi um empecilho para um melhor aproveitamento desse material, o que nos leva a questionar a importância atribuída pelos pesquisadores a essas bases de dados, que deveriam facilitar a identificação dos pesquisadores, das temáticas estudadas e facilitar o contato entre eles, contribuindo para a consolidação da Sociologia do Esporte.

Na próxima sessão explicitaremos as produções encontradas nos periódicos selecionados. Foram elencados os artigos que tratam o esporte como um objeto de estudo sociológico, que utilizam as teorias dessa área aliadas a bases teóricas de áreas afins ou não.

3.2 MAPEAMENTO DA *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (RBCS)*

Estreitando nosso olhar para o recorte das produções científicas, apresentamos os artigos que tratam da Sociologia do Esporte publicados na Revista, entre 1997 e 2007.

Na *RBCS*⁷, um importante periódico das Ciências Sociais, classificado como A internacional na avaliação QUALIS, não encontramos nenhuma publicação referente

⁷ Este periódico está disponível no *site* www.scielo.br e no *site* www.anpocs.org.br.

à Sociologia do Esporte nos números pesquisados (35 a 65), nem mesmo que tratasse de um esporte específico sob um enfoque sociológico. Isso pode ser um indicativo de que os artigos sobre a temática não possuem o aprofundamento exigido para a publicação na revista ou de que a produção não foi tão profícua nessa década. Podemos pensar também que a falta de importância atribuída ao esporte pode não ser tão latente quanto nos períodos anteriores, como descreveram Elias e Dunning, explicitando uma mudança nos valores de compromisso dos pesquisadores.

A seguir apresentaremos o mapeamento da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*⁸. Tal periódico foi incluído devido a sua importância no campo acadêmico da Educação Física, por ser uma revista classificada como C internacional de acordo com a avaliação QUALIS. Outra razão para abordar esse espaço de publicação foi a ausência de artigos sobre esporte na *RBCS*. Devido a esse fato, cogitamos que a produção sobre o esporte pelo viés sociológico era destinada a outros periódicos, o que nos levou a buscar tal revista.

3.3 MAPEAMENTO DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (RBCE)

Nesse periódico encontramos inserções da Sociologia do Esporte. No entanto, vários números da referida revista não possuíam nenhuma produção acerca do tema. Uma das dificuldades que enfrentamos foi distinguir estudos sociológicos, históricos e antropológicos do esporte, pois as áreas parecem estar profundamente interligadas nestas produções. Tal dificuldade foi amenizada a partir da elaboração de critérios para a seleção dos artigos a serem analisados.

Vale ressaltar que a revista abarca textos das diversas áreas relacionadas à Educação Física, tanto das Ciências Biológicas quanto das Ciências Humanas, o que é ressaltado pelos números temáticos da publicação. Também notamos um número expressivo de artigos que tratam a Educação Física em seus diversos aspectos através do referencial da Sociologia, que, todavia, não foram analisados

⁸ Tivemos acesso a este periódico através de um CD comemorativo dos 25 anos do CBCE, que compila todos os números da revista até o ano de 2003, e através do *site* da revista, que disponibiliza os demais exemplares.

por não atenderem aos critérios seletivos expostos na metodologia. O mesmo ocorreu com produções que tratavam o esporte como objeto secundário na análise, os quais não foram selecionados.

Estudos que abordam o fenômeno esportivo pelo viés de outras disciplinas das Ciências Humanas também foram encontrados, valendo destacar os artigos da História, Filosofia, Antropologia do Esporte, além de estudos “híbridos”, ou seja, que utilizam referencial de mais de uma área para suas análises.

O primeiro exemplar consultado desse periódico foi de janeiro de 1997 (v. 18, n. 2), no qual encontramos os trabalhos descritos a seguir.

O primeiro artigo, de autoria de Heloísa Turini Bruhns, intitulado *Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura*, realiza uma discussão sobre lazer, meio ambiente e esportes desenvolvidos em contato com a natureza. Utiliza as contribuições teóricas de M. Featherstone, J. Krippendorf e P. Parlebas para a abordagem do fenômeno.

O segundo artigo, de Leonardo Graffius Damasceno, intitulado *Natação, Cultura Brasileira e Imaginário Social*, trata sobre os diversos sentidos dessa prática, sua organização, as diversas representações atribuídas a ela e as concepções diversas que derivam deste panorama, utilizando os conceitos de P. Bourdieu.

O terceiro artigo, *A Criança e o Esporte: o lúdico como proposta*, de autoria de Christianne Luce Gomes Werneck, trata sobre a intenção do adulto de eliminar a infância, não considerando a criança como tal. Isso se refletiria na prática esportiva da criança, que abandonaria o lúdico e teria como função consolidar os interesses do universo adulto. O fenômeno é abordado com base no referencial de W. Benjamin, M. Betti, P. Bourdieu, J. Passeron, R. Callois, U. Eco, M. Foucault, J. Habermas, J. Huizinga, K. Mannhein e L. Pinto.

Nos exemplares de maio de 1997 (v. 18, n. 3), setembro de 1997 (v. 19, n. 1), janeiro de 1998 (v. 19, n. 2), maio de 1998 (v. 19, n. 3), setembro de 1998 (v. 20, n. 1), na edição especial de setembro de 1998 e no número de abril-setembro de 1999 (v. 20, n. 2 e 3) não foram encontrados artigos sobre a Sociologia do Esporte.

Os números de setembro de 1999 trazem os Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Nesse número vários artigos sobre a temática que explicitamos foram publicados. São eles:

Tempo/Espaço dos Sujeitos Socioculturais na Educação Física/Ciências do Esporte: uma perspectiva sociológica, de autoria de Luiz Alberto de Oliveira

Gonçalves, trata sobre o sujeito na Educação Física e no esporte e utiliza os seguintes autores como referencial: U. Bech; M. Castells; P. Clastres; N. Elias; F. Fontanella; M. Ferreira; M. Foucault; A. Giddens; J. Goodger; M. Mauss; M. Merleau-Ponty; M. Poliakoff e A. Touraine.

Do Culto à Performance: esporte, corpo e rendimento, de autoria de Alexandre Fernandez Vaz, aborda o culto à *performance*, tão exacerbado na sociedade atual. O referencial teórico conta com contribuições de T. Adorno, como referência principal; M. Horkheimer; W. Benjamin; H. Marcuse; A. Rabinbach; A. Vaz e P. Virilio.

Rompendo as Fronteiras de Gênero: marias e homens na Educação Física, de Helena Altmann, trata sobre as relações de gênero entre crianças na Educação Física e esporte. O referencial utilizado pela autora é: H. Altmann; J. Anyon; E. Badinter; B. Connel; E. Dunning; M. Foucault; E. Grugeon; M. Kunz; G. Louro; M. Messner; R. Oliveira; R. Parker; M. Poovey; J. Scott; L. Serbin; J. Stanley e B. Thorne.

Esporte em Amostra Grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola, de Antonio Carlos de Moraes, lida com as representações de pais e professores acerca do esporte dentro da escola. O referencial elencado pelo autor para a análise é: S. Moscovici, que se configura como referência principal; J. Abric; A. Alves-Mazzotti; V. Bracht; N. Ferreira; D. Jodelet; E. Kunz; T. Mazzotti e M. Tubino.

Realidade e Possibilidade no Esporte: a prática pedagógica em questão, escrito por Sávio Assis de Oliveira, dá um tratamento sociológico à questão do esporte escolar através da utilização dos seguintes autores: V. Bracht, como referência principal; S. Assis de Oliveira; P. Bourdieu; A. Cheptulin e T. Vago.

Cultura Corporal e Políticas Públicas: resenhando o jogo - Jogos Comunitários do Interior de Pernambuco, de autoria de Jamerson Antonio de Almeida da Silva, trata sobre as políticas públicas voltadas para o esporte e como elas afetam a sociedade pernambucana. Como referencial o autor utilizou: V. Bracht; L. Castellani Filho; M. Chauí; T. Eagleton; H. Giroux; P. Ghiraldelli Jr. e A. Gramsci.

O Gol Contra do Rei: a Lei Pelé e suas consequências para o futebol nacional, de autoria de Nilso Ouriques, trata sobre a referida lei e suas implicações para o cenário do futebol brasileiro, baseado nos referenciais T. Evers, J. Lever e R. Levine.

Considerações acerca de uma política de esporte municipal no contexto do orçamento participativo, de Patricia Zingoni, trata sobre o orçamento participativo e

como se dão as relações desse orçamento com as políticas públicas voltadas ao esporte. Os autores utilizados para essa abordagem foram V. Bracht; A. Bramante; P. Demo; M. Linhares; E. Manhães; L. Pinto e P. Zingoni.

O Esporte no Estado do Paraná: o começo da participação governamental, de Fernando Marinho Mezzadri, discute o início da participação governamental e a relação dos imigrantes com o esporte no referido estado, com base nos escritos de N. Elias, que se configura como referência principal; P. Bourdieu; M. Foucault e F. Mezzadri.

Complexo da Maré: possibilidades de construção da cidadania a partir de políticas públicas nas áreas do esporte e lazer, de J. Pereira Filho, disserta sobre a ligação existente entre políticas públicas para o esporte e a construção da cidadania em uma área carente. As bases teóricas que auxiliam na abordagem do fenômeno são P. Demo; V. Falleiros; N. Ferreira; P. Ghiraldelli Júnior; N. Marcellino; J. Pereira Filho; W. Santos; S. Teixeira; V. Valla e E. Stotz.

Figueirense x Avaí: o “clássico do século” – estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis, de G. Barbosa; A. Gocks; F. Machado; M. Passos; A. Silva; L. Soeiro; E. Torresini; F. Ferreira Filho, traz para a discussão as inter-relações entre futebol, cultura e mídia. O referencial teórico utilizado no artigo foi M. Betti; E. Contursi e J. Ferrés.

Representações Sociais dos Ídolos de Futebol: construção e significados, de autoria de Ana Beatriz Correia de Oliveira, trata sobre os ícones da modalidade sob o referencial da representação social, com base nos escritos de B. Backzo; J. Campbell; P. Guareschi; S. Jovchelovitch; S. Guedes; R. Helal; M. Murad; M. Coelho; C. Jung; F. Kothe; F. Laplatine; L. Trindade; G. Magnane; P. Micelli; S. Miller; A. Moreira; D. Oliveira e S. Moscovici.

A Virtualização do Esporte e as suas Novas Vivências Eletrônicas, de Alfredo Feres Neto, desenvolve a discussão sobre o novo tipo de modalidade que é apropriada pelo mundo virtual, pautado no seguinte referencial: P. Babin; M. Kouloumdjian; M. Betti; V. Bracht; S. Eastman; K. Riggs; U. Eco; W. Hesling; K. Kinkema; J. Harris; P. Levy e P. Quéau.

Recepção à Mídia Esportiva entre os Acadêmicos de Educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular, redigido por Giovani De Lorenzi Pires; Aguinaldo Gonçalves; Carlos Roberto Padovani, realiza um estudo da recepção da mídia esportiva entre os estudantes da referida

instituição, baseado no referencial M. Betti; E. Bucci; S. Carvalho; M. Hatje; J. Ferrés; R. Fischer; E. Kunz; G. Pires; A. Gonçalves e C. Padovani.

TV a Cabo: a maximização do esporte telespetáculo, de Mauro Betti, discute a espetacularização do esporte, exacerbada pela programação dos canais fechados. O referencial utilizado pelo autor foi: P. Babin; M. Kouloumdjian; B. Beal; M. Betti; P. Donnelly; K. Young; M. Giraldes; J. Hargreaves; W. Hesling; P. Lévy; P. Ricouer; L. Santaella e I. Soares.

A Predominância da Dimensão Técnica nas Disciplinas Ginásticas dos Cursos de Licenciatura em EF do Estado do Paraná, redigido por Ieda Parra Barbosa e Elizabeth Paliello Machado de Souza, trata sobre a predominância do aspecto técnico da modalidade na formação oferecida pelos cursos de licenciatura em Educação Física no Paraná. As referências utilizadas pelas autoras são elencadas a seguir: V. Bracht; Coletivo de autores; J. Daolio; V. Nista Piccolo; J. Oliveira e C. Soares.

O “Meio” Humano e o “Ser” Ambiente: esporte/lazer e intervenção ambiental - primeiras aproximações, de Carlos Rogério Ladislau, versa sobre os Esportes da Natureza e sua ligação com a intervenção ambiental, com base no referencial J. Almeida; H. Bruhns; L. Costa; J. Daolio; H. Inácio; J. Krippendorf; A. Pellegrini Filho; G. Ribeiro; F. Barros; J. Rifkin; A. Silva e C. Serrano.

Lazer e Meio Ambiente: reflexões sobre turismos na natureza, escrito por Heloisa Turini Bruhns, trata da mesma temática do artigo acima, enfocando as reflexões sobre os turismos na natureza. O referencial utilizado foi M. Augé; H. Bruhns; A. Diegues; M. Featherstone; D. Harvey; B. Labate; F. Munné; N. Codina; G. Ribeiro; F. Barros; T. Silva e J. Urry.

Esporte: conteúdo dominante no lazer do trabalhador, de autoria de Humberto Luís de Deus Inácio, aborda o cenário do lazer do trabalhador e como o esporte se insere nele, baseado no referencial V. Bracht; H. Lenk; H. Marcuse; V. Padilha; M. Santos e A. Silva.

Análise do Calendário do Futebol Brasileiro, do pesquisador Francisco Luiz Ferreira Filho, aborda a programação da referida modalidade e a discute com o auxílio do referencial J. Barros; R. Helal; E. Hobsbawm; J. Lever; C. Mattos; J. Mosquera; C. Strobäus; M. Murad; P. Paoli; F. Polli; H. Sussekind e A. Vargas.

Treinamento Desportivo: história e desenvolvimento das perspectivas atuais no contexto da modernidade, de autoria de José Tarcísio Grunennvaldt, versa sobre as

modificações ocorridas no treinamento esportivo, delineando seu percurso histórico e discutindo-as com o referencial da modernidade. Os autores utilizados foram: B. Witte; M. Lowi; S. Rouanet; A. Giddens e A. Touraine.

Aspectos Sócio-históricos do Processo de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Belo Horizonte e seu Impacto sobre as Comunidades e Grupos Sociais Envolvidos com a Organização do Futebol de Várzea na Região Metropolitana da Cidade, escrito por Heber Eustáquio de Paula, aborda as relações entre o desenvolvimento urbano e o futebol de várzea, baseado no referencial M. Chauí; M. Herschmann; K. Lerner; G. Magnani; J. Moraes; A. Rosenfeld; B. Schiffnagel e J. Witter.

A Representação Social da Mulher no Futebol, de Luciane de Andrade Barreto, discute a identidade feminina no esporte, especificamente na modalidade futebol. O referencial utilizado pela autora foi: N. Abreu; M. Almeida; T. Barbieri; S. Beauvoir; P. Brown; A. Costa; C. Bruschini; M. Custódio; B. Dantas; J. Daolio; M. Ferreira; A. Goellner Neto; V. Bracht; T. Grant; P. Guareschi; S. Jovchelovitch; M. Izquierdo; P. Matta; R. Muraro; E. Myotin; R. Oliveira; L. Pereira; G. Pfister; C. Poian; E. Romero; M. Rosaldo; L. Lamphere; F. Rosemberg; C. Sá; E. Samara; J. Scott; R. Simões; W. Moreira; M. Spink; M. Tubino; R. Uvinha; A. Vargas e V. Woolf.

Dos Fenômenos Sociais e suas Ambigüidades [sic]: comentários de Theodor W. Adorno sobre o Esporte, de Alexandre Fernandez Vaz, realiza uma leitura do esporte a partir do referencial de T. Adorno, com o auxílio dos autores M. Horkheimer; H. Becker; J. Tamboer; J. Huizinga e T. Veblen.

Algumas Reflexões sobre o Esporte Espetáculo: como vai nosso futebol?, de autoria de Miguel de Freitas Júnior, tece considerações sobre a espetacularização da modalidade e a situa no cenário esportivo. O referencial utilizado foi: P. Bourdieu; J. Clement; E. Dunning; N. Elias; C. Pociello; M. Proni e L. Ribeiro.

A Educação Física, o Esporte e as Ciências Humanas: indicações para uma práxis social transformadora, escrito por Marcia Fernandes Bartholo, trata sobre as contribuições das Ciências Humanas para pensar a Educação Física e o esporte, com base nos pensamentos de N. Bobbio; G. Bornheim; G. Debord; L. Ferrara; A. Gramsci; M. Heidegger; H. Japiassu; C. Marcondes; H. Souza e A. Vazquez.

Na “Roda de Capoeira”: corpo e imaginário social - esclarecimento e intervenção, de José Luiz Cirqueira Falcão, trata as questões do corpo na referida prática por meio do referencial do imaginário social. Os autores elencados para tal

abordagem foram: T. Adorno; M. Horkheimer; P. Araújo; G. Durand; M. Foucault; A. Frigério; C. Geertz; J. Habermas; A. Pires; L. Reis; C. Soares e L. Vieira.

O exemplar de janeiro/maio de 2000 (v. 21, n. 2 e 3) apresenta o artigo de Fabiano Pries Deivid e Sebastião Josué Votre, intitulado *A Representação Social de Nadadores Masters Campeões sobre sua Prática Competitiva de Natação*, que trata sobre as representações sociais em relação ao esporte *master*, nos quesitos competição, saúde, envelhecimento e lazer. O referencial utilizado para esta abordagem foi: J. Abric; M. Bakhtin; J. Costa; A. Coulon; F. Deivid; J. Dumazedier; A. Faria Júnior; J. Fiorin; M. Foucault; H. Garfinkel; D. Jodelet; M. Madeira; D. Maingueneau; S. Moscovici; M. Pêcheux; C. Sá; V. Shigunov; M. Spink e S. Votre.

Na revista de setembro de 2000 (v. 22, n. 1), encontramos o artigo *Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo*, de Édison Luis Gastaldo, que aborda a construção social da realidade do futebol-espetáculo, analisando o discurso dos locutores que narraram a partida decisiva da Copa do Mundo de 1998. As bases teóricas utilizadas são as seguintes: P. Berger; T. Luckmann; M. Betti; P. Bourdieu; U. Eco; A. Fausto Neto; S. Freud; C. Geertz e S. Hall.

Nas revistas de janeiro de 2001 (v. 22, n. 2), maio de 2001 (v. 22, n. 3), setembro de 2001 (v. 23, n. 1), janeiro de 2002 (v. 23, n. 2), maio de 2002 (v. 23, n. 3), setembro de 2002 (v. 24, n. 1) e janeiro de 2003 (v. 24, n. 2) não foram encontrados artigos que versam sobre a Sociologia do Esporte.

Na revista de maio de 2003 (v. 24, n. 3) foram publicados dois artigos sobre a temática Sociologia do Esporte. São eles:

Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer: tensões e desafios de um projeto contra-hegemônico no Distrito Federal, 1995-1998, de Roberto Lião Júnior, que analisa as relações estabelecidas no cenário das políticas públicas para o esporte e Educação Física. Os autores utilizados para o estudo foram J. Azevedo; I. Belloni; H. Magalhães; L. Souza; A. Carvalho; E. Cobb; N. Costa; E. Cunha; M. Gohn; E. Mendonça; P. Muller; Y. Sural; V. Pires; P. Silva e L. Veronez.

A Política de Esporte Escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física, escrito por Valter Bracht e Felipe Quintão de Almeida, aborda as relações entre Educação Física escolar, esporte e políticas públicas. Os referenciais utilizados foram: V. Bracht; M. Linhares; H. Nozaki; V. Oleias e P. Silva.

Nas três edições seguintes - de setembro de 2003 (v. 25, n. 1), janeiro de 2004 (v. 25, n. 2) e maio de 2004 (v. 25, n. 3) - novamente não foram publicados artigos que enfocassem o esporte pelo viés sociológico.

Todavia, na revista de setembro de 2004 (v. 26, n. 1) encontramos a publicação de um artigo acerca desta temática: *Treino, Culto e Embelezamento do Corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação*, de Roger Hansen e Alexandre Fernandez Vaz, que versa sobre a tendência da sociedade atual a exacerbar o culto ao corpo. O referencial utilizado para tal análise abrange os estudos de T. Adorno; E. Couto; E. Gastaldo; G. Gebauer; M. Horkheimer; D. Le Breton; G. Lipovetsky; S. Malysse; A. Rabinbach; C. Sabino; D. Sant'Anna; P. Sarasin; A. Silva; F. Vaz; G. Velho e L. Wacquant.

Na edição de janeiro de 2005 (v. 26, n. 2) foram levantados cinco artigos. São eles:

Metáforas do Esporte - imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre Estados Unidos e Iraque, redigido por Fernando Gonçalves Bitencourt. O trabalho aborda o uso das metáforas esportivas nas narrativas de guerra, assunto considerado como de grande seriedade, bem como as metáforas de guerra utilizadas nas narrativas esportivas, que não são detentoras do mesmo *status* social. O arcabouço teórico que embasa tal discussão contém as obras de T. Adorno; M. Horkheimer; J. Baudrillard; P. Bourdieu e M. Featherstone.

A Literatura Invade a Grande Área: a crônica durante as copas do mundo de futebol, elaborado por José Carlos Marques, analisa as crônicas esportivas e seu contexto, baseado em W. Benjamin; P. Bourdieu; M. Foucault e J. Huizinga.

As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo, de autoria de Ludmila Mourão e Marcia Morel, discute o discurso veiculado na mídia impressa sobre o futebol feminino e as imagens do esporte criadas a partir deles. O referencial teórico que apoia tal análise conta com conceitos de L. Mourão; O. Tavares; F. Portela; J. Salles; M. Silva; M. Costa; S. Votre; S. Schumacher e V. Brazil.

O Processo de Ressignificação do Voleibol a partir da Inserção da Televisão no Campo Esportivo, artigo de Wanderley Marchi Júnior, aborda o processo de inserção da televisão no campo da referida modalidade e as modificações decorrentes desse processo. O autor analisa tal fenômeno baseado na teoria de P. Bourdieu.

O último artigo selecionado é *Ciberatletas, Cibercultura e Jogos Digitais: considerações epistemológicas*, de Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama, que enfatiza a relação entre o esporte, tecnologia e cibercultura, analisando-a através dos conceitos de T. Azevedo; J. Bento; M. Betti; R. Callois; D. De Mais; A. Feres Neto; S. Héas; P. Moras; M. Heim; J. Huizinga; I. Kant; J. Lafrance; A. Lemos; J. Lyotard; N. Negroponte; C. Piagessou e M. Weber.

A edição de maio de 2005 (v. 26, n. 3) não continha artigos a serem analisados.

A revista de setembro de 2005 (v. 27, n. 1) apresentou quatro artigos para análise. O primeiro, *Doping: consagração ou profanação*, de Méri Rosane Santos da Silva, trata sobre o caráter controverso do uso de substâncias ilícitas para a melhora da *performance*. A discussão é realizada com os autores J. Bento; G. Gusdorff; S. Santin; M. Sérgio; L. Sève e O. Tavares.

O segundo trabalho, intitulado *Doping, Esporte, Performance: notas sobre os "limites" do corpo*, de Alexandre Fernandez Vaz, aborda o fenômeno de forma inusitada, questionando se o uso do *doping* não seria legítimo, já que outras intervenções igualmente danosas ao corpo são permitidas. O arcabouço teórico utilizado na discussão abrange os estudos de W. Benjamin; A. Guttmann; A. Vaz; R. Hansen; H. Marcuse; J. Hoberman; E. König; A. Rabinbach; C. Sabino; M. Goldenberg e P. Virilio.

O terceiro artigo, de Otávio Tavares, intitulado *Doping no Esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães*, comparou o entendimento sobre o fenômeno nos atletas dos dois países. Tal estudo utilizou como recurso teórico os autores H. Lovisolo; K. Heinilä; P. Ricoeur; S. B. de Holanda e N. Elias.

O quarto artigo, de título *Doping e as Mulheres no Esporte*, de autoria de Fabiano Pries Devide e Sebastião Josué Votre aborda o fenômeno do *doping* através das atletas. Para realizar suas análises os autores utilizaram os referenciais C. Araújo; M. Boutilier; L. San Giovanni; D. Costa; A. DeFrantz; F. Devide; E. Dunning; J. Maguire; K. Fasting; C. Brackenridge; J. Sundgot-Borgen; M. Gomes; M. Turini; J. Hargreaves; M. Messner; R. Muraro; A. Puppini; C. Parrat; G. Rail; R. Romero; J. Romero; K. Rubio; A. Simões; N. Théberge; P. Welch; D. Costa e P. Willis.

Na edição de janeiro de 2006 (v. 27, n. 2) selecionamos três artigos, sendo o primeiro deles *O Jogo da Identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais*, de autoria de Beleni Saléte Grando. Essa publicação aborda o futebol em uma tribo indígena e as relações estabelecidas entre os índios e a sociedade circundante. A autora utiliza os referenciais F. Aguiar; F. Barth; J. Crespo; C. Lévi-Strauss; M. Mauss; A. Seeger; R. Da Matta e E. Viveiros de Castro para realizar suas análises.

Corpos, Cultura, Paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira, de Muleka Mwewa e Alexandre Fernandez Vaz, aborda características concernentes ao corpo explicitadas no jogo da capoeira, analisadas sob os conceitos de T. Adorno; S. Hall e M. Horkheimer.

O artigo *O Jogo da Capoeira em Jogo*, elaborado por José Luiz Cirqueira Falcão, também aborda essa prática corporal em seus aspectos socioculturais. Para tanto utiliza os autores V. Forrester; E. Hobsbawn; J. Huizinga; F. Jameson; E. Kunz; I. Mészáros e M. Santos.

Na revista de maio de 2006 (v. 27, n. 3) não foram publicados trabalhos passíveis de análise nesta pesquisa.

Na edição seguinte, de setembro de 2006 (v. 28, n. 1), três artigos foram selecionados, a saber:

Localismo e Globalismo na Esportivização do Rodeio, de Giuliano Gomes de Assis Pimentel, aborda a presença de elementos locais e globais no referido evento. O referencial que contribuiu para a leitura do fenômeno foi: P. Abramo; M. Featherstone; R. Ortiz; P. Parlebás; G. Pimentel e M. Stigger.

Identidade, Negócio e Esporte no Mundo Globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores da Olimpíada de Sydney, elaborado por Tiago Lisboa Bartholo e Antonio Jorge Gonçalves Soares, discute a relação conflituosa entre a esfera do esporte e da economia. Os autores utilizados na discussão são: B. Anderson; G. Balakrishnan; T. Bartholo; A. Soares; R. Boyle; R. Raynes; A. Briggs; P. Burke; D. Cucho; N. Elias; E. Dunning; A. Giddens; S. Hall; R. Helal; A. Soares; E. Hobsbawm; I. Machado; R. Mandell; P. Ribeiro; J. Salles; T. Santos; T. Silva; A. Soares; H. Lovisolo; K. Verder e G. Whannel.

Do Centro à Periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil, escrito por Danielle Torri e Alexandre Fernandez Vaz, tece considerações sobre a teoria crítica do esporte, com base nos referenciais: T. Adorno; V. Bracht; J. Brohm;

K. Cavalcanti; R. DaMatta; N. Elias; E. Dunning; R. Gruneau; M. Horkheimer; H. Lenk; H. Lovisolo; R. Oliven; M. Proni; B. Rigauer; M. Stigger; L. Toledo; A. Vaz e G. Vinnai.

Na edição de janeiro de 2007 (vol. 28, n. 2) novamente não foram selecionados artigos.

Na edição seguinte, de maio de 2007 (v. 28, n. 3) selecionamos o texto *Lazer-Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura*, das pesquisadoras Mirleide Chaar Bahia e Tânia Mara Silveira Sampaio, que trata sobre o esporte de aventura e as relações estabelecidas com o meio ambiente, com o auxílio dos referenciais M. Bahia; H. Bruhns; R. Caillois; V. Costa; G. Magnani; N. Marcellino; A. Marinho; E. Morin e D. Terezani.

Na revista de setembro de 2007 (v. 29, n. 1), o último número abordado, foi selecionado o artigo *“Frozen Bananas”: esporte, mídia e identidade brasileira nos jogos olímpicos de inverno*, de Otávio Tavares, Antonio Jorge Soares e Tiago Bartholo, que versa sobre a relação entre a mídia, os esportes de inverno e a identidade brasileira e as tensões nela imbricadas. O referencial utilizado foi: L. Barbosa; T. Bartholo; A. Soares; R. Boyle; R. Raynes; A. Briggs; P. Burke; D. Cuhe; L. DaCosta; R. DaMatta; R. Giulianotti; L. Gomes; J. Barbosa; S. Drummond; S. Guedes; S. Hall, que se configura como referência principal, R. Helal; A. Soares; H. Lovisolo; J. Lopes; I. Machado; A. Mattelart; M. Mattelart; L. Mota; G. Moura; L. Pereira; L. Rojo e O. Tavares.

Para facilitar a visualização dos artigos, elaboramos uma tabela com os dados descritos neste trecho do trabalho, que se encontra no Apêndice 1.

No próximo capítulo apresentaremos uma descrição dos artigos selecionados. De posse desses dados, juntamente com os presentes na tabela elaborada (tema, autor, base teórica) e analisaremos sobre a produção em questão. Após estes passos realizaremos o cruzamento dos dados: grupos de pesquisa - currículos - produções, para descrever e analisar o cenário acadêmico da Sociologia do Esporte no Brasil.

4 ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS NO MAPEAMENTO

Neste capítulo faremos a análise dos artigos encontrados na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, a fim de perceber como o esporte foi tratado e como ocorreu a utilização da matriz teórica nestes trabalhos. Primeiramente são apresentadas as resenhas e logo após as considerações acerca das principais características dos artigos.

4.1 REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

4.1.1 Apresentação dos artigos

No primeiro número abordado, de janeiro de 1997, analisamos os seguintes artigos:

Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura, de Heloísa Turini Bruhns

A autora inicia o artigo afirmando que as discussões sobre o meio ambiente vêm sendo mais frequentes e têm tomado diversas formas, tais como criação de partidos políticos, ações governamentais, organizações não-governamentais e atividades esportivas, denominadas esportes de aventura (BRUHNS, 1997, p.86).

Em seguida, Bruhns (1997, p.86) coloca que a busca pela aventura, pelo desconhecido, longe das cidades está presente em algumas atividades de lazer. O fenômeno não se limita ao âmbito nacional, fazendo-se presente em diversos países. Isso alavanca o desenvolvimento do ecoturismo, que propicia um espaço fértil para a realização desse tipo de esporte, no qual a relação homem–natureza é exacerbada. Esta tem como primeira forma de contato o corpo, que pode alertar para um aspecto universal da vida humana e suas transformações, numa dinâmica social, que conduz a uma mudança de valores (BRUHNS, 1997, p.88).

A autora sugere que o homem moderno foi arrancado dessa relação com a natureza e que talvez os esportes de aventura venham a ser um desejo de retomar

essa relação. A geografia brasileira propicia que essas modalidades sejam praticadas sem que a natureza seja degradada (BRUHNS, 1997, p.90).

Sobre esse artigo destacamos alguns pontos, como a utilização de mais de uma base teórica para a leitura do fenômeno social e a ligação tênue com o material empírico descrito no trabalho, gerando análises superficiais.

Natação, Cultura Brasileira e Imaginário Social, de Leonardo Graffius Damasceno

Damasceno (1997, p. 96) inicia seu texto remetendo a origem da natação à origem do homem. O autor segue relacionando este esporte à Antiguidade, quando era considerado sinal de distinção. Assim, as representações acerca desta modalidade seriam principalmente de cunho distintivo, o que não ocorreu no Brasil, a partir de sua institucionalização.

A natação, neste contexto, era concebida apenas como um banho. No entanto, esta referência de pouco prestígio não lhe retirou o caráter distintivo, devido às instalações necessárias para o esporte (DAMASCENO, 1997, p. 99).

A importação de outras culturas para a realidade brasileira e as transformações sociais geradas neste contexto afetaram a natação, que se tornou símbolo de saúde e vigor físico (DAMASCENO, 1997, p.100).

Para realizar a leitura desse cenário, Damasceno (1997, p. 100) utiliza a teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu, procurando explicitar quais são os movimentos que ocorrem no mundo social, objetivo a ser cumprido pela reconstituição da estrutura do espaço da natação.

Do artigo destacamos a dificuldade de realizar a conexão entre a teoria sociológica e o material empírico, para a leitura desse último. Existe também a tendência de remeter a origem dos esportes modernos a uma época remota, a fim de lhes conceder prestígio.

A Criança e o Esporte: o lúdico como proposta, de Christianne L. Gomes Werneck

A autora abre sua discussão colocando o que denomina de projeto de eliminação da infância, que basicamente consiste em retirar o valor das descobertas, brincadeiras e atitudes típicas das crianças, ação esta realizada por adultos que

entendem o mundo infantil sem seu mistério, como se constituísse um período inútil da vida (WERNECK, 1997, p. 103).

Na sociedade contemporânea existe uma impossibilidade de tempo e espaço para a vivência da infância, já que as crianças são atribuladas com cursos e tarefas que vão constituir uma juventude que vai conduzir os rumos da sociedade e um adulto competente para a entrada no mercado de trabalho. Isso faz com que as responsabilidades do mundo adulto se concretizem precocemente no cotidiano das crianças (*ibid.*, p. 104).

Visto isso, a autora destaca a importância da brincadeira, atividade que possui um fim em si mesma e que é vista como inútil no mundo capitalista. A partir do brincar, a criança apreende e aplica os valores e representações sociais necessários para a convivência (PINTO, 1995, *apud* WERNECK, 1997, p. 104).

A docilização do corpo compactua com os mesmos objetivos da eliminação da infância, transformando o corpo da criança em um corpo produtor, através da utilização de diversos mecanismos descritos pela autora, baseada em Foucault (*ibid.*, p. 104).

O esporte seria um recurso para a eliminação da infância, já que atende aos interesses do universo adulto - racional, produtivo e tecnocrático - e padroniza os movimentos corporais em busca de maior rendimento. Assim o corpo da criança passa a ser uma miniatura do corpo adulto. A autora sugere que nesta fase a prática esportiva para os indivíduos não deve focar em altos rendimentos, mas sim em diversificar as experiências, com fins de ampliação do repertório motor (*ibid.*, p. 105).

Na inserção do treinamento precoce, também ocorre a transposição dos aspectos sérios da vida adulta para o cotidiano da criança, procurando produzir seres dóceis e não brincantes (WERNECK, 1997, p. 106).

Com base nessas considerações, a autora propõe a prática do esporte com características lúdicas, relações livres no jogo, que proporcionam prazer aos participantes, a fim de propiciar as experiências necessárias às crianças, considerando suas necessidades de possibilidades.

Algumas características do artigo são pertinentes para análise: os conceitos dos referenciais utilizados são para basear determinados pontos e não para realizar uma discussão mais aprofundada. A autora relata fatos sem demonstrar o material empírico, o que pode ser um indício de que os dados provêm de sua própria experiência, portanto, uma visão aproximada da realidade, fato que poderia intervir

na análise. É um estudo descritivo, que propõe uma nova abordagem, o que foi o foco central deste artigo, relegando à discussão um papel secundário.

Na revista número 1, de setembro de 1999, destacamos os seguintes artigos:

Tempo e Espaço dos Sujeitos Socioculturais na Educação Física/Ciências do Esporte: uma perspectiva sociológica, de Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves

O ponto central de discussão deste artigo, de acordo com Gonçalves (1999, p. 92), é a situação da Educação Física. O autor ressalta as diversas dimensões de tempo e espaço do ser nas práticas sociais desta área.

Como prática social, entende as atividades humanas realizadas em grupo ou individualmente que interferem no mundo e balizam as condutas dos demais sujeitos. Estão sempre contextualizadas e pressupõem temporalidades diferentes e por meio destas práticas sociais podemos conhecer aspectos importantes da vida humana (*ibid.*, p. 93).

O cenário intrincado do qual o esporte faz parte é um exemplo da afirmação anterior, pois são ambientes de interação, são situações dotadas de um local específico no qual ocorrem encontros regulares (GIDDENS *apud* GONÇALVES, 1999, p. 93).

Por existir a possibilidade de agregar pessoas das mais variadas, a seletividade social se faz presente no esporte, bem como os mecanismos que possibilitam o manejo da pluralidade e diversidade na sociedade, reproduzindo as desigualdades inerentes a esta última (*ibid.*, p. 94-5).

Assim, o esporte se tornou uma forma de ascensão social, por meio da profissionalização. Configurou-se também como um meio de abuso do poder, no qual o tempo/espaço do sujeito é negado. Um exemplo desta lógica é o uso deste fenômeno social por regimes autoritários, no qual este autoritarismo ele se constitui no interior da própria atividade ou ainda se torna uma espécie de contrapoder (*ibid.*, p. 95).

Examinando a Educação Física, o autor destaca a importância das técnicas corporais, item descartado pela teoria crítica, que não devem ser abandonadas sob o risco de criar um desequilíbrio no interior da área e, conseqüentemente, na formação de novos profissionais (GONÇALVES, 1999, p. 96).

Assim, as técnicas corporais não teriam somente o lado de mutilação do sujeito, de ceifar as possibilidades de expressão e de inculcar nele as normas sociais, que são apreendidas em tantas outras oportunidades de convívio entre os pares (GONÇALVES, 1999, p. 98).

Sobre este artigo, destacamos os seguintes pontos: o autor utiliza referencial de várias áreas, como a Psicologia, Antropologia, Sociologia, fazendo um estudo híbrido. A abordagem dos conceitos é superficial e as referências são utilizadas como relatos históricos ou como reforço de argumento e não como uma ferramenta para a leitura do fenômeno social.

Do Culto à Performance: esporte, corpo e rendimento, de Alexandre Fernandez Vaz

Não é incomum, principalmente durante os Jogos Olímpicos, que se especule sobre o limite humano nos esportes. Normalmente são abordadas as modalidades individuais, das quais o atletismo tem notada preferência. No entanto, as melhorias técnicas não interessam tanto quanto o caráter ilimitado atribuído às *performances* humanas, a constante quebra de barreiras (VAZ, 1999, p. 100).

A constante superação está atrelada a uma ideia de progresso, um dos conceitos-chave da sociedade moderna. Esse progresso não representa somente o movimento para frente, mas, por estar atrelado em alguns casos à barbárie, significa também regressão (*ibid.*, p. 101).

Atualmente os processos de controle do corpo provenientes da ciência e da tecnologia, frutos do progresso, tornam-se veículos de importância para o culto à *performance*, que pode ser a superação de barreiras externas, relacionadas ao meio, ou de barreiras internas, relacionadas à constituição física do atleta. A última ideia ganha força, vista a necessidade de melhorias incessantes colocada pela ilusão do progresso da humanidade, já que o corpo não apresenta modificações significativas ao longo das gerações (*ibid.*, p. 101-2).

A separação entre sujeito e objeto, princípio dos modelos tradicionais de ciência, permite considerar o corpo como uma máquina, o que reforça a ideia de rendimento. Essa ideia não é exclusiva do mundo esportivo, ainda que nele encontre um espaço privilegiado para sua manifestação, e vem acompanhado de uma preocupação cada vez maior com a análise e mensuração (VAZ, 1999, p. 103).

O fenômeno não procura somente assemelhar o corpo a uma máquina, mas torná-lo uma máquina, na qual maior esforço gera maior rendimento. As comparações do corpo ao maquinário do relógio são bastante comuns, o que nos sugere que é possível ser posto em funcionamento, desligado ou ter suas peças trocadas, hipótese possível através dos transplantes (VAZ, 1999, p. 103).

Com a possibilidade de manipulação dos corpos no esporte, este poderia ser considerado um grande laboratório, tendência que não se restringe apenas a este círculo social (*ibid.*, p. 105).

O autor encerra seu texto tecendo algumas considerações acerca do *doping*: num espaço social onde as mais diversas violências e mutilações contra o corpo são permitidas, parece fora de propósito impedir o uso de substâncias químicas para o aumento da *performance*, que seria somente mais um tipo de manipulação violenta da maquinaria corporal (*ibid.*, p. 106-7).

Sobre este artigo destacamos que o autor utiliza vários referenciais como ferramentas, não se atendo somente a uma teoria completa para a análise do fenômeno. Centra a maior parte dos seus comentários em Adorno, utilizando os demais para complementação dos pontos não abordados pelo teórico. Não apresenta uma coleta de dados sistematizada.

Rompendo as Fronteiras de Gênero: marias e homens na Educação Física, de Helena Altmann

No presente artigo, Altmann (1999, p. 112) pretende compreender como meninos e meninas constroem relações de gênero na Educação Física. O estudo faz parte de sua dissertação de mestrado, que abordou as turmas desta disciplina em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte.

Primeiramente, tecendo considerações sobre os espaços, a autora afirma que eram apropriados de maneira diversa por meninos e meninas: os primeiros ocupavam as quadras esportivas para o futebol e às últimas era possível participar do jogo de queimada, que ocupava um desses espaços (*ibid.*, p. 113).

Os garotos ocupavam espaços mais amplos por meio do esporte, o qual era vinculado à masculinidade, e por meio da transgressão das normas escolares. As garotas apresentavam uma atitude diversa, utilizavam-se da cumplicidade com a professora para atingir alguns de seus objetivos. Todavia estas divisões

genericadas do espaço não eram rígidas, permitindo a ambos os lados cruzarem essa fronteira (ALTMANN, 1999, p. 113).

Para tomarem o espaço dos meninos e evitarem um possível conflito, as meninas criaram algumas estratégias, como chegar às quadras mais cedo, organizar-se com mais rapidez para tomar o espaço. Também permitiram a participação de alguns deles como árbitros, conferindo-lhes um papel de autoridade (*ibid.*, p. 113).

A exclusão em jogos esportivos era razão de conflito entre meninos e meninas, sendo estas últimas consideradas fracas e menos habilidosas, o que prejudicaria o andamento da prática para os primeiros. Todavia, vale lembrar que não eram somente as meninas a serem excluídas dos jogos: isso ocorria com ambos os sexos (*ibid.*, p. 113).

A questão de comparação de desempenho também apresenta a marca das diferenciações de gênero. Um menino que tem sua *performance* considerada como inferior à de uma menina é inferiorizado, enquanto uma menina, na mesma situação, é vangloriada. Isso retira o fator desafio na prática com meninas, sendo um motivo de exclusão delas (*ibid.*, p. 114).

Em certas práticas a rivalidade dava lugar a um clima de paquera, denotando que, de acordo com a atividade, a dinâmica entre os gêneros se modifica (*ibid.*, p. 115).

A autora relata que em muitas ocasiões um sujeito deseja brincar com outro do sexo oposto, mas não o faz por medo da recriação dos colegas. Assim, dependendo do cenário que se esquadrinha, a convivência pacífica ou o conflito estão presentes e definem as relações (*id.*).

Visto isso, a autora defende a posição que não se deve separar as turmas de Educação Física por gênero, pois isto significa tornar as fronteiras mais rígidas do que realmente são e negar aos alunos a possibilidade de ultrapassá-las (*ibid.*, p. 116).

Sobre o artigo explicitamos que a autora não utiliza seu referencial no texto, o que dificulta a percepção dos conceitos utilizados e como se deu essa utilização. O trabalho é bastante descritivo, com notas de análise que não são referenciadas. O artigo não tem pretensão de realizar apontamentos para uma intervenção, não apresenta uma nova proposta para o esporte, mas tece reflexões sobre ele.

Esporte em Amostra Grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola, de Antônio Carlos Moraes

Existe a tentativa de definir as características da prática esportiva como se fosse possível estabelecer uma esfera de abrangência para cada tipo de cultura. No meio acadêmico da Educação Física, é possível identificar uma corrente que concebe o esporte como um fenômeno dividido em esferas distintas, como por exemplo a vertente da participação, a educacional e a de rendimento. As políticas públicas no Brasil seguem esse pensamento, diferenciando sua ênfase e investimento aplicados a cada uma dessas divisões (MORAES, 1999, p. 145).

Neste trabalho, o esporte é concebido como um elemento de educação e como elemento de apropriação por meio da educação. Como tal, o autor salienta que se faz necessário focar além das implicações pedagógicas deste fenômeno, ampliando para os acontecimentos do esporte de rendimento, já que a especialização precoce, o *doping* e a exclusão baseada na habilidade do aluno podem perpassar o esporte escolar. Além dessas considerações, o autor elenca outras, como a diferenciação entre esporte e Educação Física, esporte escolar marcando os pontos antagônicos em relação ao esporte na escola, para delinear um breve panorama dos estudos correntes sobre o tema (*ibid.*, p. 145-6).

Com base neste cenário o autor sugere a possibilidade da existência de um campo de tensão na comunicação entre as expectativas dos pais e o discurso dos professores na educação através ou para o esporte de crianças e adolescentes (*ibid.*, p. 146).

Na sequência do texto, o autor coloca suas observações preliminares sobre lugares sociais e culturas diversas. Na periferia urbana os pais apresentam uma atitude mais preocupada e envolvida com a vida esportiva dos filhos, pois acham que a prática é meio de ascensão social. Incentivam a prática ou a desencorajam, afirmando que o tempo gasto nestas atividades deveria ser voltado ao trabalho. Para as classes mais abastadas, que têm acesso a escolinhas, clubes e escolas particulares, a atitude dos pais se divide entre os que levam seus filhos para ocupar o tempo livre, um meio de “sair do apartamento”, a fim de extravasar a energia do filho ou administrar melhor os horários de saída da criança (MORAES, 1999, p. 146).

Visto isso, o autor denuncia um problema de comunicação entre os profissionais que ensinam o esporte, que se encontram entre duas vertentes da

Educação Física. Marcada tanto pela produção científica da área quanto pelo senso comum, a dimensão médica, focada na prevenção e no tratamento, a dimensão psicológica, voltada para a autoestima e terapia, a social, que tem como foco o comportamento, e a econômica, que abarca a escalada social e do trabalho, a área torna a intervenção profissional multifacetada, donde ocorrem os problemas de comunicação. Para a análise desse quadro, a teoria das relações sociais de Moscovici e estudiosos do tema contribui para a investigação do campo de tensão sugerido anteriormente (MORAES, 1999, p. 147).

Em seguida o autor destaca seus procedimentos metodológicos e um plano de redação, não tecendo considerações finais, o que denota uma característica do presente artigo: é parte de um estudo em andamento.

Neste trabalho o autor descreve os conceitos da teoria de Moscovici, mas não os relaciona com o material empírico. Este, por sua vez, se configura como observações iniciais do fenômeno a ser abordado, o que pode indicar um estudo em fase de elaboração.

Realidade e Possibilidade no Esporte: a prática pedagógica em questão, de Sávio Assis de Oliveira

O autor inicia seu texto apontando a ideia de reinventar o esporte a partir de diversas frentes, incluindo a escola. Essa ideia surge da leitura de um texto de Bourdieu, o qual utiliza o termo invenção na explicação da origem das práticas esportivas nas *public schools* inglesas. A mesma concepção está presente em Vago, que sugere a reinvenção, recriação e reconstrução do esporte da e na escola. Tais pensamentos nortearam a dissertação do autor, que é exposta brevemente no artigo, com foco nos elementos de discussão e conclusivos (OLIVEIRA, 1999, p. 227).

Com o intuito de definir o que é esporte, o autor atenta para dois fatos que aparecem com destaque na bibliografia: o esporte não é resultado de um processo linear de desenvolvimento, nem uma instituição autônoma. Visto isso, Oliveira (1999, p.228) elenca alguns pontos consensuais desta bibliografia: ele surge das transformações na Inglaterra a partir do século XVIII, tomando como ponto inicial a modificação de jogos populares, processo no qual as *public schools* são

fundamentais, e se dissemina por todo o mundo, tornando-se uma das principais expressões da cultura corporal e do lazer.

Oliveira (1999, p. 228) também seleciona algumas manifestações do desenvolvimento do fenômeno, tais como: proliferação para outras camadas sociais, formação de clubes esportivos, uniformização das regras, bem como apresenta algumas críticas, como a ideia de que o esporte reproduz a competição, fundamento das relações humanas capitalistas, distrai o sujeito das questões sociais, canalizando sua energia para outro fim, reprime a sexualidade, etc.

Afirma que o caminho a ser trilhado no esporte é o de sua reinvenção, com uma reorientação de seu sentido e significado, ou seja, uma alteração no seu papel social. Tal transformação parece ser pelo acesso real e refletido à cultura corporal (*ibid.*, p. 229).

A Educação Física, que trata a cultura corporal dentro da escola, pode contribuir para que o esporte continue como reprodutor da lógica social capitalista ou pode ser um espaço de produção de contracultura, o que pressupõe uma prática transformada (OLIVEIRA, 1999, p. 231).

Para que tal intento se concretize, se faz necessário que o professor empreenda ações conscientes, articuladas com o projeto político-pedagógico, a fim de superar a condição presente (*ibid.*, p. 231).

O estudo aparenta ter um caráter de intervenção, pois aponta possíveis soluções para o problema abordado. Todavia não existe a reflexão aprofundada sobre o fenômeno neste artigo. O autor utiliza autores brasileiros como fonte de literatura estrangeira, o que pode ser uma fuga às dificuldades de encontrar as obras e sua tradução, como também pode se configurar como um meio de apreensão das teorias e conceitos. Não apresenta material empírico sistematizado: se apoia na visão pessoal do fenômeno e na literatura acerca dele.

Cultura Corporal e Políticas Públicas: resenhando o jogo – jogos comunitários do interior de Pernambuco, de Jamerson Antonio de Almeida da Silva

O âmbito da cultura corporal é alvo da intervenção do Estado brasileiro e iniciativas recentes denotam a preocupação em incentivar e promover práticas corporais. Assim, por ser fruto de um Estado regido pelos proprietários, a Educação Física auxilia na construção de uma cultura corporal adequada aos interesses de

exploração da mão-de-obra e favorável à manipulação política e ideológica (SILVA, 1999, p. 265).

Nessa linha de pensamento, o autor se propõe a analisar um dos programas de esporte e lazer desenvolvidos pelo governo pernambucano: os Jogos Comunitários do Interior de Pernambuco (SILVA, 1999, p. 265).

Na sua discussão teórica, o autor destaca alguns pontos, como a questão da interferência do Estado na dinâmica cultural da sociedade, o que contribui para delinear um modo específico de vivência das práticas corporais, de acordo com a lógica da sociedade capitalista, e ressalta as interferências da luta de classes na cultura corporal, bem como as marcas deixadas neste fenômeno pela classe dominante. No entanto este movimento não ocorre sem resistência, que necessita de um poder que se manifesta de maneira criativa na produção cultural e social (*ibid.*, p. 266-7).

Nas linhas seguintes, o autor identifica como estes pressupostos teóricos podem servir na leitura dos jogos pernambucanos. A coleta do material empírico, entrevistas e documentos, revelou que os jogos iniciaram juntamente com a Diretoria de Esportes, em 1996. Neste evento se inseriu um conjunto de ações que alicerçaram a política educacional do referido estado, realizando uma nova ordenação dele (*ibid.*, p. 268).

A socialização do esporte no interior era a intenção dos gestores, mas segundo uma nova ótica: a prática na qual a diversão fosse o principal objetivo, oportunizando a participação de diversas camadas da população. Esse tipo de intervenção estatal não se deu sem a participação popular, que era representada pelos gestores esportivos dos municípios pernambucanos (SILVA, 1999, p. 268).

Durante o período de realização dos jogos, seus objetivos foram se modificando, restringindo a participação das mais diversas camadas da população, elitizando o esporte e se tornando um garimpo de novos talentos (*ibid.*, p. 269).

Como ponto problemático, o autor destaca a formulação das diretrizes político-filosóficas para a Educação Física, esporte e lazer, que, em uma das suas ramificações, apresenta um ecletismo extremamente populista, incoerência e inconsistência teóricas, o que enfraqueceu as possibilidades de construir padrões culturais de resistência (*ibid.*, p. 269).

O artigo não parece ser voltado a uma ação prática. O referencial teórico é eclético e não se aprofunda em uma só teoria. O material empírico foi

sistematicamente coletado, o que denota um rigor teórico e dificulta o envolvimento excessivo do autor. A junção entre material empírico e teoria não é bem elaborada, fazendo com que a análise seja superficial. Assim, o trabalho consiste em uma descrição do material empírico e uma discussão breve de conceitos teóricos.

O Gol Contra do Rei: a Lei Pelé e suas conseqüências para o futebol nacional, de Nilso Ouriques

O futebol brasileiro, mesmo em curto espaço de tempo, conquistou visibilidade mundial, pela qualidade de seus clubes, jogadores e rendimento em contextos internacionais. A modalidade possui um número expressivo de clubes e uma estrutura que pode ser caracterizada como heterogênea, com rígida hierarquização e ligações com o poder político (OURIQUES, 1999, p. 286).

Para estudar a trajetória do futebol e suas relações com o Estado e com o mercado, o autor definiu três fases, a saber: a estruturação a partir do associativismo voluntário (1890-1940), a forte presença do Estado (1941-1988) e a fase que apresenta a aproximação e a consolidação da presença do mercado, iniciada no final da década de 80 (*ibid.*, p. 287).

A primeira fase trata do período em que se deu o primeiro impulso para a consolidação do futebol no Brasil, através dos clubes, fundados para o convívio social, para a prática de outra modalidade, ou exclusivamente para a prática do referido esporte. Este movimento inicia no Rio de Janeiro e em São Paulo e se difunde pelo resto do país, criando a possibilidade de inúmeras competições. Concomitantemente surgem as formas iniciais das organizações burocráticas, as federações estaduais e a Confederação Brasileira de Desportos (*id.*).

Na década de 40, o Estado passa a ter mais interferência no futebol, sendo esta de grande importância para o desenvolvimento da modalidade, mas também impôs os seus interesses políticos (*id.*).

Na década de 80 a situação se altera e o Estado passa a interferir menos no cenário esportivo. Assim, o processo de mundialização do futebol impulsiona a prática no Brasil e a ordem interna do cenário altera-se, para aproximar-se dos modelos europeus, o que possibilitou uma justaposição entre futebol e mercado (*id.*).

Na década de 90 a busca pela supremacia do mercado foi marcante nos setores que comandavam a vida esportiva nacional, fato que fica claro com a

elaboração da Lei Zico e da Lei Pelé, que retiram os empecilhos colocados pelo Estado para a entrada dele no futebol (OURIQUES, 1999, p. 286).

O autor também destaca a tensão entre três pontos da situação: a estrutura burocrática, praticamente intocável, as empresas nacionais, que se adaptaram ao mercado, dando origem ao clube-empresa e o mercado, que impunha sua lógica sobre os demais, em nome da modernização do futebol.

Sobre o artigo destacamos que o autor descreve o cenário esportivo sem analisá-lo. Tem como material empírico as leis, mas as descreve brevemente e não as analisa. Não existe a abordagem de nenhuma teoria ou conceito referenciado no corpo do texto. Assim, o trabalho se configura como uma descrição superficial e com material empírico não totalmente referenciado.

Considerações Acerca de uma Política de Esporte Municipal no Contexto do Orçamento Participativo, de Patricia Zingoni

A autora inicia seu texto contextualizando a realidade política de Belo Horizonte, especificamente a prática de orçamentos participativos, presente na gestão da cidade desde 1993. Esse programa permite que a população atue diretamente sobre a aplicação da verba para melhorias locais em diversos setores, como urbanização, moradia, saúde, educação, etc. (ZINGONI, 1999, p. 290).

A mesma situação ocorre na Secretaria Municipal de Esportes, que possui uma vertente interna para o funcionamento do órgão e uma vertente externa, formada pela população e entidades esportivas consolidadas, que contribuem para a avaliação das medidas tomadas pela secretaria (*ibid.*, p. 291).

Nas avaliações realizadas foram identificados 10 pontos prioritários, que revelaram a preocupação da comunidade com a ampliação e melhoria dos equipamentos para o esporte e lazer, capacitação de recursos humanos para atuar nestas duas áreas, ampliação dos programas sociais, apoio e valorização de organizações não governamentais que atuam neste nicho, diversificação e acessibilidade das ações, formulação de leis de incentivo ao Esporte e fomento às práticas esportivas de interesse popular através do *marketing* esportivo (*id.*).

Na gestão política de Belo Horizonte anterior ao orçamento participativo, as políticas públicas para o esporte não se configuravam como prioridade e muitas vezes eram confundidas com a política de atividades, doações de materiais e

empréstimo de equipamentos, sem levar em conta os indivíduos envolvidos no processo. Essa gestão não se preocupavam em oferecer atividades para a maior parte da população, realizando eventos e programas de atividades que não englobam a referida porção dos cidadãos (*ibid.*, p. 292).

Com a gestão do orçamento participativo existe a preocupação em promover a ampliação da participação popular nas ações da Prefeitura e em elevar a qualidade dessas políticas, para que realmente atendam as necessidades da população. Um dos desafios desse tipo de gestão é manter uma via de comunicação desobstruída com a sociedade, possibilitando a participação do cidadão nas definições políticas (ZINGONI, 1999, p. 293).

O orçamento participativo nesse contexto explicita a necessidade de avanços na organização da Secretaria Municipal de Esportes para superar as gestões burocráticas e sua hierarquia rígida e centralizadora e aplicar uma forma de trabalho mais dinâmica e coerente com a nova realidade proposta (*ibid.*, p. 294).

Algumas ações nesse sentido já foram tomadas, como por exemplo a consolidação de espaços públicos de decisão, a garantia de participação da sociedade na elaboração das políticas, quesitos estes que passaram a constar no quadro de leis do Município. No entanto estas medidas, quando voltadas ao esporte e lazer, ainda são pequenas, devido à situação de menor importância deste ponto frente a políticas voltadas para a saúde, educação, etc., na visão da população (*ibid.*, p. 295-6).

Apesar de o orçamento participativo não ser suficiente para a discussão sobre a democratização do Estado, a autora julga que este tipo de gestão política coloca o cidadão no centro e aumenta a consciência sobre seu papel na construção das políticas públicas (*ibid.*, p.297).

A autora, ao descrever o fenômeno a ser estudado não visa a sua discussão, mas uma intervenção prática. Na descrição do cenário, não utiliza referencial teórico em sua maior parte e, quando o faz, é em nota de rodapé. Assim, foi possível perceber que a discussão teórica não é priorizada. A autora também tece críticas ao sistema de gestão, sem embasá-las. Muitas vezes a opinião pessoal serve de embasamento. O trabalho tem o intuito de entender o processo para mudá-lo, não focando em sua discussão, mas sim na intervenção.

O Esporte no Estado do Paraná: o começo da participação governamental, de Fernando Marinho Mezzadri

A pesquisa busca estabelecer as relações entre a regulamentação esportiva proposta pelo governo federal e as ações realizadas pelo Estado do Paraná no decorrer da estruturação do esporte. O intercâmbio entre grupos sociais e esportivos e a ação governamental dão indícios de como a administração estatal, através das políticas públicas, regulamentou esse cenário e como a sociedade incorporou essas ações (MEZZADRI, 1999, p. 326).

As políticas públicas iniciaram-se na década de 40, no governo de Bento Munhoz da Rocha. Entre as várias políticas presentes neste contexto, o autor optou por abordar as focadas no esporte, apresentando também a interdependência entre governo e sociedade (*id.*).

Neste contexto, a sociedade já apresentava uma organização, percebida através da formação de clubes sociais, esportivos e outras entidades, que não sofriam interferência do governo. No entanto a situação muda, e investimentos financeiros do Estado passam a ser canalizados para estas organizações. Esta foi a forma encontrada pelo poder público de contribuir com a organização social que já estava em andamento, sem interferir no *habitus* dos imigrantes do Paraná, bastante presente no cenário. Vale lembrar que, de acordo com o pensamento de Elias (1992, *apud* MEZZADRI, 1999, p. 327), as configurações existentes nos clubes mantinham-se, com ou sem a interferência estatal. Este favorecimento das verbas públicas reflete a pressão que a sociedade exercia no governo do Estado, explicitando a tensão presente nesta relação.

A concessão de verbas, no entanto, era um meio de o governo exercer certo poder sobre uma parcela da sociedade sobre a qual ele não possuía controle. Essa situação se modifica com o passar dos anos, cedendo ao governo a organização da base esportiva, que era centrada nos clubes. Assim, o autor destaca que, como o governo não poderia agir diretamente na configuração dos indivíduos nos clubes, ele toma para si o direito de controlar o esporte no Estado (MEZZADRI, 1999, p. 328).

Mezzadri (1999, p. 329) traz fatos que exemplificam esta situação, como a criação do Conselho Regional do Esporte, que serviu ao propósito de aumentar o poder do governo neste nicho e a subsequente criação da Federação Paranaense

de Basquetebol, que foi condicionada ao aval da Confederação Brasileira da modalidade.

Neste contexto, as políticas públicas para o esporte não serviriam somente à promoção e manutenção de certos serviços à comunidade, mas também serviriam para a formação da identidade paranaense, que até então era composta de várias identidades de imigrantes, expressas nos clubes sociais e esportivos (MEZZADRI, 1999, p. 330).

Várias ações ocorreram neste sentido, tais como a organização dos Jogos Abertos, a criação de espaços públicos para o esporte, focando na vertente do rendimento. O autor descreve com detalhes esta situação, plena de tensões e disputas de poder, e a discute auxiliado pelo referencial teórico de Norbert Elias.

O autor descreve o cenário a ser estudado, mas nem sempre o referencia. Não foi mencionada a fonte do material empírico nem como ele foi tratado. No entanto, existe a relação entre teoria e empiria. A análise é focada em Elias, com o auxílio de outros conceitos de diversos autores.

Complexo da Maré: possibilidades de construção da cidadania a partir de políticas públicas nas áreas do esporte e lazer, de J. Pereira Filho

O autor, referenciado em Valla e Stotz (1991, *apud* PEREIRA FILHO, 1999, p. 333) define políticas públicas como ações realizadas pelo governo para o desenvolvimento de infraestrutura industrial e consumo coletivo. As políticas voltadas para o esporte e lazer se enquadram no último item. Estes serviços para o consumo coletivo são de responsabilidade do Poder Público, que tem como função, na lógica capitalista, garantir a reprodução da força de trabalho. No Brasil o maior montante de verbas públicas foi direcionado para a infraestrutura industrial, devido aos interesses dominantes.

Este estudo, especificamente, centra-se nas ações desenvolvidas com a participação social, o que prevê o envolvimento de diversas forças sociais para a elaboração, execução, finalização e avaliação das políticas públicas. Para analisar o fenômeno, o autor se propõe a compreender as possíveis redes de significados estabelecidas entre os estudiosos envolvidos neste processo (*id.*).

A cidadania pode ser concebida como uma cidadania de vigilância, restrita a uma parcela pequena da população, que possui uma série de bens de consumo

coletivos assegurados pelo Poder Público, o que permite a este grupo vigiar os governos para que bens não deixem de ser ofertados. A maioria da população exerce outra forma de cidadania, a de sobrevivência, já que os serviços públicos não lhes são ofertados e a mobilização para que passem a existir é constante (Valla e Stotz, 1991, *apud* PEREIRA FILHO, 1999, p. 334). A população abordada no estudo exerce uma cidadania de sobrevivência, já que os serviços públicos não são oferecidos, o que gera uma constante mobilização para garantir os direitos destes indivíduos.

Através do resgate da trajetória das políticas públicas nas áreas de esporte e lazer, o autor procurou analisar as referidas áreas, cuja oferta é garantida pela Constituição Federal e pela Lei Orgânica Municipal, focando na população que habita os bairros populares do Rio de Janeiro. A população do Complexo da Maré possuía mecanismos, criados pelas gestões anteriores, para se relacionar com o Poder Público a fim de colocar suas demandas para estas áreas (PEREIRA FILHO, 1999, p. 335-6).

Como considerações finais, o autor apresenta alguns pontos. O primeiro deles é como as estruturas administrativas foram utilizadas para o atendimento privado ou de grupos políticos que as ocuparam e não atenderam à população, que não teve o seu direito garantido. Concomitante com este mau uso, a escassez de políticas públicas que atingissem uma grande parcela dos indivíduos da comunidade foi notada. As políticas públicas que foram implementadas eram limitadas, com ausência de aprofundamento teórico, se apresentando como um manual de boas intenções. No entanto a população criou o Movimento Popular Organizado da Maré para aproximar-se do poder público e reivindicar seus direitos (*ibid.*, p. 337-8).

O presente artigo não é uma abordagem inicial, é fruto de uma dissertação de mestrado do autor e se limita a descrevê-la. Reflete sobre as políticas públicas e pretende realizar uma análise baseado em várias teorias, mas o artigo é superficial, não apresentando uma conexão coerente entre fenômeno e teoria. O material empírico é coletado sistematicamente. O referencial embasa a contextualização e expõe alguns conceitos para a leitura do fenômeno que não são utilizados com profundidade.

Figueirense x Avaí: o “clássico do século” – estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis, de G. Barbosa; A. Gocks; F. Machado; M. Passos; A. Silva; L. Soeiro; E. Torresini e F. Ferreira Filho

Os autores iniciam o texto destacando que existe um conjunto de fatores que contribuem para a existência do futebol catarinense, que não possui visibilidade nacional, entre eles o empenho dos dirigentes e a rivalidade clubística (BARBOSA *et al.*, 1999, p. 361).

O foco do artigo são dois times, o Figueirense e o Avaí, cujos torcedores possuem uma expressa rivalidade entre si. Não fugindo à regra, a mídia também se aproveitou de um embate destes dois times para transformá-lo em espetáculo e vendê-lo. A presença de patrocínios, *marketing* e da mídia são sintomáticos do fenômeno (*ibid.*, p. 362).

O jogo que apresenta esta ampla cobertura é a disputa pela ascensão à segunda divisão do futebol brasileiro, evento este denominado de “O Clássico do Século”. Os autores se propuseram, com certo grau de envolvimento expresso no texto, a acompanhar, registrar e refletir sobre a divulgação e a repercussão dada pelos meios de comunicação de massa a esta partida. O artigo, caracterizado como descritivo, aborda a contribuição da imprensa ao espetáculo do futebol, descreve os meios de comunicação observados e relata como o evento foi abordado em cada um desses meios (*id.*).

Com base nos dados coletados na pesquisa de campo, foram elaboradas categorias de análise, das quais selecionamos duas para exposição, que apresentaram uma breve discussão teórica e exemplos provenientes do material empírico. A primeira delas é o *marketing* do jogo, que se apresentou sob duas formas distintas: uma direcionada à divulgação do evento esportivo e outra voltada à publicidade, decorrente da abrangência alcançada pelo referido evento. A segunda aborda o *marketing* dos clubes, que tomam uma postura de empresa, na busca de consolidar preferências e conquistar novos simpatizantes, adotaram estratégias midiáticas para atrair novos torcedores (BARBOSA *et al.*, 1999, p. 365).

Nas considerações finais os autores destacam a influência da mídia no futebol, tecendo comentários baseados em Betti (1998 *apud* BARBOSA *et al.*, 1999, p. 367), bem como a importância de conhecer o fenômeno para contribuir com o processo

educativo, considerações estas baseadas em Ferrés (1996 *apud* BARBOSA *et al.*, 1999, p. 367).

O artigo é fruto de uma abordagem inicial ao tema, um trabalho exigido em uma disciplina ligada à pedagogia da Educação Física. Tem discussões breves sobre a disciplina no trabalho, algumas proposições referentes à prática da Educação Física, mas em sua maioria sem fundamentação teórica e profundidade. Os conceitos teóricos servem para embasar pontos do artigo, mas não são discutidos. É um estudo basicamente descritivo de uma realidade, com sugestões de abordagem do tema no âmbito escolar.

Representações sociais dos ídolos de futebol: construção e significados, de Ana Beatriz Correia de Oliveira

A autora inicia suas considerações afirmando a influência do futebol na sociedade e o envolvimento de várias frações desta no esporte. O referido envolvimento pode ser explicado pela presença de heróis/ídolos, que se configuram como de extrema importância no imaginário social dos indivíduos. Os heróis apresentam características especiais, pois, além do talento, caráter, humildade, também possuem uma parcela de sorte, algo sobrenatural que os diferencia dos demais (CAMPBELL, 1990, *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 368-9).

Baseada na teoria da Representação/Imaginário Social, Oliveira (1999, p. 369) discute a relação entre torcedores, ídolos e identidade, considerando, entre tantas influências, também a interferência dos meios de comunicação.

Para embasar este ponto, a autora remete às narrativas dos Jogos Olímpicos da Grécia antiga, que, segundo Miller (1979, *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 369), apresentavam descrições em que a figura do herói exercia fascínio sobre o povo, realizavam acontecimentos que eram transmitidos através das gerações. Nesse caso, o herói era caracterizado por aspectos míticos, cultuado como um ser especial, de bom caráter. Nos dias de hoje também é possível perceber tais características atribuídas aos heróis, construção esta permeada pela influência midiática (MICELLI, 1988, *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 370).

O objetivo central do artigo é relacionar o discurso das teorias do Imaginário e da Representação Social com as informações coletadas em entrevistas não

descritas pela autora no presente texto, a fim de identificar possíveis significados da representação sobre os ídolos de futebol pela torcida organizada (*id.*).

Em suas considerações, Oliveira (1999, p. 371) destaca alguns pontos, entre eles o fascínio que os heróis exercem sobre o restante da sociedade e que nem todos os atletas atingem, pois é exigida grande dedicação para tal, além de sorte. Também são comentadas as representações de alguns torcedores, que vão além das habilidades técnicas, abordando o caráter, a humildade, a dedicação, fatores que fazem parte de uma imagem ideal, que pode ser manchada por qualquer desvio de conduta.

O artigo não atinge os objetivos propostos, pois não realiza a discussão e consequentemente não existe aproximação entre material empírico e teorias. A autora contextualiza o cenário a ser estudado com base em conceitos dos referenciais. O embasamento teórico é apresentado na sequência, concomitante com os dados, que não foram explicitados em nenhum momento do texto. Apesar da aparição simultânea, não houve conexão entre ambos. A autora também utiliza referencial da Psicologia, fazendo com que o artigo seja um estudo interdisciplinar. O presente artigo não se configura como um estudo descritivo, já que não explicita os dados e o cenário com profundidade, mas também não é uma discussão teórica acerca do fenômeno, já que a ligação teoria-empíria não existe. Aponta referenciais que não utiliza no texto.

A virtualização do esporte e as suas novas vivências eletrônicas, de Alfredo Feres Neto

A interferência dos meios eletrônicos de comunicação da cultura é, segundo o autor, uma problemática de estudo recente. Dos autores engajados na pesquisa sobre o tema, destaca-se o francês Pierre Lévy, por abordar um dos pontos principais da questão: o movimento geral de virtualização, através da investigação com o auxílio das bases teóricas filosófica, antropológica e sociopolítica (FERES NETO, 1999, p. 373).

O esporte tem sido afetado por esse movimento, a influência da mídia, tecnologia e outras manifestações dessa mudança. Visto isso, o autor pretende abordar as diversas possibilidades de vivenciar o esporte possibilitadas pela virtualização (*id.*).

Quando aborda a virtualização do esporte, o autor cita Betti (1998, *apud* FERES NETO, 1999, p. 374), que define esta prática física como polissêmica, já que a espetacularização alarga as fronteiras das atividades que passam a ser denominadas como esporte, sendo nelas também incluída a assistência e o consumo. Assim, com a passagem do atual ao virtual não ocorre uma “desrealização”, mas sim a criação de uma nova realidade.

Algumas novas formas de envolver-se com o esporte são listadas e discutidas pelo autor, sendo a primeira a assistência a eventos esportivos. A nova “prática esportiva” vem crescendo e ocupando um lugar de importância na economia e na mídia, já que está ligada ao consumo de produtos. No entanto a prática de esportes vem decrescendo, o que explicita o seu caráter restritivo (BRACHT, 1989, *apud* FERES NETO, 1999, p. 375).

A virtualização do esporte causa um embaralhamento entre o fã e o evento esportivo, através do ritual que conecta torcedor e jogador, dando a sensação de que o primeiro pode interferir nas ações do último (EASTMAN; RIGGS, 1994, *apud* FERES NETO, 1999, p. 376). A assistência se torna uma nova modalidade esportiva, confundindo a fronteira entre esta e a prática, ocasionando a virtualização do esporte e criando uma nova realidade.

O videogame e os esportes radicais também são discutidos pelo autor como práticas virtualizadas, já que elaboram uma nova realidade, envolvida por novos meios de comunicação da cultura (FERES NETO, 1999, p. 377).

Por fim, é ressaltado o caráter heterogêneo que esta prática adquire, consequência da ampla virtualização que está ocorrendo e modificando os conceitos de praticar, assistir e participar. Na sequência o autor indica algumas abordagens possíveis na Educação Física, a fim de contribuir com a formação dos indivíduos (*ibid.*, p. 378-9).

Sobre esta produção, destacamos os seguintes pontos: a contextualização do objeto utiliza referencial teórico, que também é utilizado de forma breve na discussão dos pontos elencados. É uma abordagem inicial ao tema, que abre questões para discussões futuras e aponta algumas ações possíveis para a Educação Física lidar com o fenômeno.

Recepção à Mídia Esportiva entre os Acadêmicos de Educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular, de Giovani De Lorenzi Pires, Aguinaldo Gonçalves e Carlos Roberto Padovani.

Com a crescente influência da mídia no esporte e com todas as implicações decorrentes deste movimento, faz-se necessário que o profissional de Educação Física receba em sua formação a possibilidade de desenvolver competências específicas para tornar-se um receptor crítico e autônomo (CARVALHO; HATJE, 1996, *apud* Pires *et. al.*, 1999, p. 389).

No entanto a temática esporte e mídia não faz parte do currículo dos cursos de Educação Física, que não preparam o aluno para a recepção comentada. Com o intuito de perceber como se dá esse mecanismo de recepção e atribuição de sentido em indivíduos em diferentes etapas do curso, os autores realizaram uma pesquisa descritivo-exploratória comparando as opiniões dos estudantes sobre o tema (*id.*).

Um primeiro dado comentado foi a pequena margem de questões que revelam uma diferença significativa nas respostas. Apenas 6 questões de um total de 25 apresentaram resultados diferenciados conforme o estágio na estrutura curricular do curso. Isso parece indicar que a formação acadêmica pouco contribui para uma visão mais crítica da mídia esportiva, ou que os alunos já apresentavam tal visão antes de ingressarem no curso superior, hipóteses estas não abordadas no trabalho (*ibid.*, p. 391).

Após discorrer sobre as questões, os autores realizam suas considerações finais, nomeadas no trabalho como síntese provisória. Nela destacam o seguinte ponto: os universitários apresentam um índice de semelhança grande no que concerne à recepção da mídia esportiva, independente do seu posicionamento no curso, o que leva os autores a considerarem que o curso de Educação Física não propicia as ferramentas para que o acadêmico tenha uma visão diferenciada dos demais sujeitos (*ibid.*, p. 393).

No artigo percebemos os seguintes pontos: o referencial teórico serve como meio de contextualização do tema. Parece ser um estudo mais descritivo do que analítico, já que foram realizadas poucas discussões baseadas em teorias. O material empírico foi coletado sistematicamente.

TV a cabo: a maximização do esporte telespetáculo, de Mauro Betti

A televisão tem a capacidade de fornecer ao indivíduo que a assiste uma falsa sensação de contato direto com a realidade, como se ele estivesse olhando através de uma janela de vidro (HESLING, 1986, *apud* BETTI, 1999, p. 395). O que existe na realidade é uma prática mediatizada, que ocorre segundo uma lógica de espetacularização e pode ocasionar a fragmentação e descontextualização do esporte. Sob as implicações deste fenômeno, a Educação Física deve formar o indivíduo para que ele seja crítico diante destas novas formas de esporte construídas e divulgadas pela mídia (*id.*).

A TV por assinatura dá novos contornos à espetacularização esportiva, fornecendo programação sobre essas atividades 24 horas por dia. O autor questiona a forma como este conteúdo é apresentado, como ele faz uso da linguagem audiovisual e se ela difere do que é oferecido pela TV aberta. Vistas estas indagações, o objetivo do estudo é interpretar criticamente o discurso dos canais especializados em esportes da TV a cabo, a fim de apontar as possíveis repercussões para a Educação Física (*ibid.*, p. 395-6).

Sobre a programação, Betti (1999, p. 396) destaca que houve a predominância de programas voltados aos esportes radicais, seguidos por partidas de futebol e partidas de tênis. As propagandas de produtos e da própria programação também tiveram uma presença expressiva. A linguagem audiovisual também é destacada, configurando-se como um ritmo frenético, linguagem de *videoclip* e diversos recursos de computação gráfica. Desta forma o autor destaca que, ao contrário da TV aberta, onde a “falação” é o foco, na TV a cabo a imagem tem papel principal.

A característica da linguagem utilizada pela TV a cabo é uma tentativa de levar a espetacularização às últimas consequências, fazendo com que o esporte se configure como um bem de consumo enquanto imagem televisiva. Também está relacionada a este fenômeno a predominância de esportes radicais, que não se encaixam nos moldes da espetacularização da TV ao vivo, já que necessitam de edição para se adequarem ao tempo da televisão (BETTI, 1999, p. 398).

A busca de públicos específicos também é característica da TV por assinatura, que transmite partidas de modalidades nem sempre abordadas, bem como realizam entrevistas sobre assuntos que não são usuais na TV aberta. Isso parece possibilitar

maior gama de escolhas para o telespectador, que é, contudo, restrita a algumas camadas sociais mais privilegiadas (*id.*).

No artigo percebemos que não é uma abordagem inicial ao tema, já que o autor possui um livro com este foco. A contextualização do cenário é realizada com auxílio do referencial teórico, que também se presta à análise dos dados coletados sistematicamente. É utilizada mais de uma teoria para a leitura do fenômeno social e fica clara a conexão teoria-material empírico.

A Predominância da Dimensão Técnica nas Disciplinas Ginásticas dos Cursos de Licenciatura em EF do Estado do Paraná, de Ieda Parra Barbosa e Elizabeth Paliello Machado de Souza

A ginástica é fruto da cultura humana, que por sua vez é dinâmica, já que foi construída e alterada pelo homem em função do tempo, espaço e valores de um grupo. Assim, a ginástica é concebida como um fenômeno sociocultural neste estudo (BARBOSA; SOUZA, 1999, p. 553).

O objetivo principal do artigo é apontar caminhos para que os cursos de formação em Educação Física proporcionem um conhecimento que leve em conta a dimensão social da modalidade. Na primeira parte são contextualizadas as disciplinas relacionadas às atividades gímnicas, sendo realizadas na segunda porção do escrito as análises sobre a predominância da dimensão técnica em tais cursos (*id.*).

As autoras contextualizam a entrada da ginástica nos currículos dos cursos de Educação Física, que passaram de práticas físicas presentes nos primeiros cursos da área do Brasil a modalidade esportiva mais rígida, técnica e performática. Vários autores constatarem que a ginástica não tem lugar na Educação Física escolar, fato que talvez seja oriundo da abordagem tecnicista ofertada na formação dos profissionais, visão esta confirmada por Oliveira (1988, *apud* BARBOSA; SOUZA, 1999, p. 554).

A pesquisa é caracterizada como descritiva e utilizou como material empírico os currículos de sete cursos de Educação Física do Estado do Paraná. A metodologia adotada foi a análise de conteúdo, que permitiu a elaboração de categorias para a discussão (*ibid.*, p. 555).

Os currículos coletados apresentaram uma marcante presença dos conteúdos gímnicos abordados através da técnica, priorizando assim a forma desportivizada do conteúdo. Isso pode ser fundado na crença de que basta saber executar para saber ensinar (DAOLIO, 1999, *apud* BARBOSA; SOUZA, 1999, p. 557) ou de que a parcela relativa ao conteúdo sociocultural embutida na prática seria abordada em outra disciplina.

Como considerações finais as autoras alertam que, vista essa abordagem essencialmente técnica da prática física, os profissionais egressos dessas instituições apresentam uma lacuna em sua formação, já que não tiveram acesso a práticas gímnicas diferenciadas das vertentes desportivizadas e com o caráter técnico mais exacerbado. O acesso pleno também não é possível dentro do currículo proposto, pois é vasta a gama de atividades com este cunho que poderiam ser abordadas. Isto, no entanto, não justifica a falta destas práticas. Também é explicitado que a mídia pode vir a influenciar a escolha de conteúdos, o que, na opinião de Daolio (1999, *apud* BARBOSA; SOUZA, 1999, p. 557) não deveria ocorrer.

Visto isso, as autoras sugerem que uma abordagem mais crítica seja implementada nos currículos, a fim de formar um profissional capaz de construir e transformar a realidade social, não apenas reproduzir o que já existe (*id.*).

Notamos que se trata de um estudo descritivo. Como considerações finais, elabora proposições para a solução do problema levantado. Na contextualização, o referencial não é discutido, somente se apresenta o cenário posto. Os dados foram coletados sistematicamente algumas relações com a teoria foram realizadas, proporcionando a discussão. Foram citados vários autores, que se complementam, não existindo conflitos entre eles. Utiliza autores brasileiros para a discussão sociológica, que acaba por ser breve. Não aborda uma teoria específica.

O “Meio” Humano e o “Ser” Ambiente: esporte/lazer e intervenção ambiental - primeiras aproximações, de Carlos Rogério Ladislau

As discussões relacionadas à natureza tem se tornado um foco em nossa sociedade, principalmente a partir dos anos 70. No Brasil, um dos autores engajados neste debate é Lamartine Pereira da Costa, que defende a eliminação de modos de produção e consumo não sustentáveis, o que se aplica também ao esporte. Diante

deste cenário, o artigo pretende levantar pontos do debate relacionando a problemática ambiental com possibilidades e riscos do desenvolvimento de esportes em ambientes naturais (LADISLAU, 1999, p. 700).

A negligência com a natureza e o confronto entre a satisfação das necessidades humanas e as necessidades ambientais têm ocasionado prejuízos ao meio ambiente. Este modelo de sociedade tem sido questionado e existe a urgência da construção de uma nova ética, que balize as relações entre ser humano e natureza, para que esta última não seja prejudicada ainda mais. O reconhecimento destes males não é mais suficiente, faz-se necessário instaurar novas atitudes, mudanças políticas e de desenvolvimento, a fim de elaborar alternativas ao modelo vigente (*ibid.*, p. 701).

Apesar da sensibilização da sociedade brasileira acerca das questões ambientais, existe o que o autor chama de “dualidade esquizofrênica”, que consiste na coexistência do discurso que louva as riquezas naturais e o que trata da sua destruição (*id.*).

As paisagens variadas do território brasileiro são espaço propício para que o ecoturismo e os esportes de aventura sejam praticados (BRUHNS, 1997, *apud* LADISLAU, 1999, p. 702). No entanto, os indivíduos que realizam estas atividades nem sempre respeitam o ambiente em que são praticadas, causando uma onda de impacto que atinge o próprio sujeito. Isto ocorre pela separação estabelecida entre ser humano e natureza, na qual o primeiro não se vê como parte da última (LADISLAU, 1999, p. 703).

Como considerações finais o autor ressalta a responsabilidade que recai sobre o professor de Educação Física, que deve lidar com esta situação nas suas possibilidades de atuação profissional (*id.*).

NO artigo pudemos perceber que o foco central é debater pontos sobre a problemática abordada, o que é realizado, mas não com profundidade. A contextualização é embasada em referenciais, que também servem como pontos de discussão, já que não foi colhido nenhum material empírico. A discussão, que seria pelo viés sociológico, não ocorre com profundidade. Não existe a utilização de uma única teoria sociológica, mas de autores que se baseiam na Sociologia para ler seus objetos de estudo.

Lazer e Meio Ambiente: reflexões sobre turismos na natureza, de Heloisa Turini Bruhns

A autora pretende abordar as formas de turismo em que a natureza é denominador comum, que oferecem práticas esportivas, mas não se limitam a elas. Este tipo de atividade gera impacto de diversas ordens, tanto na natureza como na população que acaba por interagir com ela, como choques culturais e problemas econômicos (BRUHNS, 1999, p. 727).

As atividades ditas ecológicas se limitam aos aspectos físicos do meio ambiente, não abordando os aspectos socioculturais e político-econômicos da população local. Deste modo, existe a conscientização para ações voltadas para o equilíbrio com o meio natural, relegando as questões de justiça social a um segundo plano (RIBEIRO; BARROS, 1997, *apud* BRUHNS, 1999, p. 728).

Um exemplo disso é a ênfase que se dá Ao turismo sustentável de respeito à natureza, não abordando o respeito à população local e as necessidades relacionadas a este meio ambiente (BRUHNS, 1999, p. 728).

A autora também tece considerações sobre o turismo esportivo de aventura, bastante influenciado pela cultura do consumo. Esta cultura cria hábitos de lazer, práticas isoladas e carregadas de afetos e de intensidade exacerbada na experiência do presente (*ibid.*, p. 729).

O turismo de aventura pode ser entendido como uma busca pela distinção, uma reação frente à repetição massiva de modelos bem-sucedidos, à competitividade e à mcdonaldização da sociedade. Assim, a experiência de se relacionar com a natureza significa fugir desta lógica que assola a sociedade, viver a exceção do cotidiano (HARVEY, 1993, *apud* BRUHNS, 1999, p. 729). No entanto esta fuga não é possível, já que o turismo massivo é profundamente influenciado pela sociedade de massa e reproduz, com uma roupagem diferente, o universo de fetiches e simulacros do capital (RIBEIRO; BARROS, 1997, *apud* BRUHNS, 1999, p. 729).

A autora elenca alguns exemplos deste movimento, como o consumo de serviços, a mobilização da moda para o mercado de massa, a aceleração do consumo e estilo de vida, entre outros, que marcam a presença do capital no turismo ecológico. A discussão desses temas é realizada com base nos pensamentos de

Harvey e Augé, que destacam quão imbricada é a relação entre o capital e o consumo nessa modalidade de turismo (BRUHNS, 1999, p. 730).

Desta produção destacamos os seguintes pontos: a contextualização é realizada com referencial, bem como a discussão, já que não ocorreu a coleta de material empírico. Existe a discussão teórica dos pontos abordados, baseados em vários autores, cada qual abordando um segmento do fenômeno estudado.

Esporte: conteúdo dominante no lazer do trabalhador, de Humberto Luís de Deus Inácio

O artigo aqui apresentado em linhas gerais é fruto da dissertação de mestrado do autor, que discute alguns aspectos que tornam o esporte conteúdo dominante no lazer oferecido pelas empresas aos seus funcionários (INÁCIO, 1999, p. 741).

O aparato legal incentiva a prática esportiva nas associações classistas. Tal interesse, expresso pelo Poder Legislativo, pode ser explicado através de três teses. A primeira delas, baseada nas ideias de Bracht (1989, *apud* INÁCIO, 1999, p. 741), que por sua vez se apoia nas teses da escola de Frankfurt, lança duas hipóteses: que a sociedade industrial coisifica e aliena, fazendo com que as relações sociais sejam meramente instrumentais; e que existe uma constante repressão e manipulação dos indivíduos, para que seja possível a vida em sociedade e reprimindo-se qualquer tentativa de revolução. Aplicado ao esporte, isso resultaria na concepção da prática como um sistema de ação coisificado, de acordo com os moldes do trabalho industrial, que é um sistema de manipulação e de repressão dos desejos, atenuador de conflitos sociais que desvia a agressividade social para a atividade esportiva e desmantela o engajamento político do trabalhador. Essa lógica o distrai destas questões, além de adaptar o indivíduo ao comportamento competitivo, útil no sistema capitalista.

Outra tese elencada pelo autor para discutir a questão é a de Silva (*apud* INÁCIO, 1999, p. 742), que atrela a lógica capitalista ao esporte, bem como explicita como este reproduz os valores dominantes. A competitividade, a exacerbação do ego e individualidade são marcas da influência do sistema socioeconômico na prática esportiva, que tolhe as possibilidades de expressão livre do trabalhador, padronizando-as e restringindo-as.

A terceira tese que aborda o esporte no lazer do trabalhador tem como foco o disciplinamento do corpo. Por restringir suas formas de expressão, o esporte funciona como uma forma de repressão, que não é tão explícita (DIEGUES, citado por Bracht, 1989, *apud* INÁCIO, 1999, p. 742).

O trabalho nos moldes toyotistas continua a exercer a mesma influência que os modelos predecessores. Contudo a forma de produção se modificou, acarretando algumas mudanças no perfil do trabalhador moderno. Tal tendência é seguida pelo Lazer nas empresas, do qual o autor explicita três características para discussão. A primeira é o envolvimento do trabalhador, fazendo com que ele se sinta parte da empresa, e adote como seus os objetivos da companhia. Isso mascara o conflito entre o capital e o trabalho. O lazer é contribuinte para que essa lógica seja instaurada e mantida, através da participação de equipes desportivas e atividades sociais e artísticas que também envolvem os familiares dos empregados (INÁCIO, 1999, p. 743).

A segunda característica elencada é o espírito de equipe, decorrente da mudança do modo de produção, que passou de esteiras de montagem para ilhas de manufatura, nas quais os trabalhadores dependem da produção do outro para que seja cumprida a tarefa no prazo estipulado. Assim a coesão na ilha de manufatura deve existir, para que a produtividade não diminua. O lazer, neste caso, é promotor do espírito de equipe, através das atividades esportivas. A competição com outro grupo e a coesão necessária dentro do time para alcançar resultados são transferidas do esporte formal para a prática de lazer, reforçando as necessidades da indústria e desconsiderando as necessidades do trabalhador (*ibid.*, p. 744).

A técnica é a terceira característica abordada. Ela se transfere do tempo livre ocupado com práticas esportivas para o cotidiano do indivíduo, a fim de incutir comportamentos estereotipados que contribuam para o benefício da empresa, além de reforçar os valores dominantes (*ibid.*, p. 745).

Para concluir, o autor ressalta que se faz necessária uma revisão do esporte, para que seus valores e objetivos não se limitem apenas ao reforço da ideologia dominante. Isto não deve se restringir apenas ao plano teórico, mas ser exercido também pelos profissionais que atuam neste nicho de atividades, propondo uma visão mais crítica e realizando ações diferenciadas que levem em conta as necessidades do trabalhador (*ibid.*, p. 746).

No trabalho notamos que não é um estudo inicial, é fruto da dissertação do autor. A maior parte das abordagens sociológicas é de autores brasileiros, que por sua vez se remetem ao referencial estrangeiro. A discussão se dá no plano teórico, sem coleta de material empírico. Utiliza várias teorias sociológicas sobre determinada faceta do fenômeno, que muitas vezes são provenientes de leituras de outros autores sobre tal base teórica.

Análise do Calendário do Futebol Brasileiro, de Francisco Luiz Ferreira Filho

O esporte atingiu um nível de competitividade na sociedade atual que criou a demanda por uma organização que atenda às necessidades deste novo estágio. Entre as modalidades que seguem esta tendência está o futebol, cuja prática profissional apresenta uma desorganização na elaboração dos calendários dos campeonatos, incompatível com o novo cenário (FERREIRA FILHO, 1999, p. 905).

O autor, após uma breve introdução, conceitua o que é o esporte e apresenta um breve histórico, no qual destacamos a contribuição de Mosquera e Strobäus (1984, *apud* FERREIRA FILHO, 1999, p. 905), que concebem o fenômeno social como uma habilidade física, elemento de estratégia, uma possibilidade de desenvolvimento do poder físico, bem como uma forma de socialização. Nos dias atuais estas definições foram ampliadas e modificadas, curvando-se aos interesses do capital, auxiliado pelos meios de comunicação de massa, que impuseram à sociedade padrões esportivos e de comportamento (LEVER, 1983, *apud* FERREIRA FILHO, 1999, p. 905).

Ao abordar a história do futebol no Brasil, o autor destaca que, na sua chegada, a modalidade era elitista e racista, o que impedia a prática por outras classes sociais, fato notório na década de 20, quando o amadorismo era defendido pelas elites. Por fim a imposição do amadorismo cedeu ao profissionalismo, que desencadeou diversos problemas, entre os quais ressaltamos o vínculo empregatício do atleta, que, ao mesmo tempo que privilegiava classes mais baixas, tornava-as escravas de um sistema comandado pelos dirigentes (*ibid.*, p. 907).

Sobre o calendário esportivo, foco central do artigo, o autor destaca que é mal organizado, ocasionando uma queda no número de torcedores que vão assistir aos jogos, além de não privilegiar o atleta, que pela quantidade de partidas, é exaurido e tem sua produtividade diminuída (*ibid.*, p. 908).

Paoli (1996, *apud* FERREIRA FILHO, 1999, p. 908) destaca as principais causas da desorganização: o número excessivo de participantes, a falta de planejamento na elaboração do calendário, as mudanças de regulamento e tabelas no decorrer das competições e o sistema de disputa.

O autor tece considerações breves sobre três desses itens, sendo o primeiro o número excessivo de participantes. Destaca o Campeonato Brasileiro, que, sob o discurso de realizar a integração de grande parte dos times do país, cede a pressões políticas para a inserção de determinados grupos na competição. O segundo item é a falta de planejamento na elaboração do calendário de disputas, que resultam na concomitância de competições e no acentuado número de partidas, entre outros problemas. Este plano não leva em consideração o tempo necessário para o treinamento dos atletas, tornando-o ínfimo, o que acarreta uma menor *performance* e prejuízos para o esportista. O terceiro item abordado versa sobre as mudanças dos regulamentos no decorrer da competição, ocasionadas pela falta de planejamento ou por motivos políticos, a fim de beneficiar determinada equipe, geralmente tradicional, que obteve um desempenho fraco (*ibid.*, p. 909-10).

Nas considerações finais o autor destaca a necessidade de realizar um planejamento do calendário de partidas do futebol brasileiro, para que problemas como os elencados no decorrer do texto não venham a se repetir (*ibid.*, p. 910).

No artigo percebemos que o autor realiza a contextualização baseada em referenciais teóricos, que também lhe servem de material empírico. Para tal utiliza vários autores, que abordam pontos semelhantes ou complementares do fenômeno estudado. Propõe-se a analisar o cenário, mas o faz com muita superficialidade. Existe, portanto, a distância posta entre material empírico e teoria, já que esta relação não é bem aproveitada. Há espaço para uma análise sociológica mais aprofundada, todavia ela não ocorre.

Treinamento Desportivo: história e desenvolvimento das perspectivas atuais no contexto da modernidade, de José Tarcísio Grunennvaldt

Através de um olhar sobre os modelos de treinamento utilizados ao longo dos tempos, percebe-se uma relação de interdependência e complementaridade entre eles. No entanto, são tecidas críticas ao modelo de Matveiev, entre outros, que possibilitaram o desenvolvimento destas novas metodologias, com o argumento que

tais postulados estariam desatualizados e não serviriam às necessidades do esporte moderno (GRUNENNVALDT, 1999, p. 941).

A teoria da modernidade auxiliaria na leitura do fenômeno, colocando a questão: “por que o moderno envelhece tão rápido?”. Para responder a tal questionamento, o referencial da modernidade vem a ser útil, já que se trata de uma contribuição para o desenvolvimento do espírito humano, da razão e da vitória social (*ibid.*, p. 941-2).

Em uma explanação sobre a modernidade, o autor apresenta várias possibilidades de leitura do fenômeno, das quais destacamos a de Touraine (1994, *apud* GRUNENNVALDT, 1999, p. 942), que o concebe como o triunfo da razão, a queda das tradições, a destruição da colonização e das crenças, a libertação e a revolução com forte referência no cálculo. Giddens (1991, *apud* GRUNENNVALDT, 1999, p. 943) aborda a modernidade por um viés um pouco diferenciado, adicionando o caráter de aceleração e inquietude. Benjamin, citado por Witte (*apud* GRUNENNVALDT, 1999, p. 944), adiciona a ideia de antiguidade artificial, que consiste na urgência de não deixar mais o envelhecimento e a morte aos processos naturais e colaborar com seu planejamento e execução.

A descontinuidade, presente na proposta por Giddens como uma marca da modernidade, afeta as instituições modernas, entre elas o esporte. Esta tendência, segundo Grunennvaldt (1999, p. 943), pode ser verificada nos treinamentos aplicados.

No artigo percebemos que a contextualização é embasada tanto em referenciais do treinamento esportivo quanto em referenciais sociológicos. O autor propõe-se a analisar o objeto de estudo a partir da teoria da modernidade, mas não o faz. O material empírico não tem grande destaque, restando à discussão teórica o espaço do artigo. Utiliza várias correntes que tratam da modernidade, o que pode ocasionar incoerências. Não é uma abordagem inicial, é fruto de uma monografia.

Aspectos Sócio-históricos do Processo de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Belo Horizonte e seu Impacto sobre as Comunidades e Grupos Sociais Envolvidos com a Organização do Futebol de Várzea na Região Metropolitana da Cidade, de Heber Eustáquio de Paula

O futebol de várzea é parte do lazer das comunidades periféricas de Belo Horizonte e, com o processo de urbanização, vem sofrendo perdas irreparáveis. Não existem políticas públicas para proteger esta prática física, o que acarreta uma diminuição dos times organizados pela população da periferia. Assim, fica clara a prevalência de interesses econômicos e do lucro do mercado imobiliário (PAULA, 1999, p. 1115).

A expansão das grandes cidades gera a demanda crescente por novos espaços destinados à habitação, geralmente voltada para as populações que deixam suas cidades rumo aos centros urbanos, bem como os serviços básicos que a medida acarreta, como saneamento, criação de vias públicas, retificação dos córregos, retirando o espaço do futebol (*id.*).

A seguir o autor descreve brevemente o processo de urbanização de Belo Horizonte e destaca o surgimento das periferias, que ocasionou as medidas citadas acima para tornar a área habitável. Estas ações acabaram com grande parte das várzeas da periferia, não restando espaço para que o futebol seja jogado. A perda foi traumática para várias comunidades, já que o espaço de integração foi retirado e as organizações do futebol extintas. Nas que perseveraram, foi necessária a organização deste grupo para não permitir que tal área desaparecesse (*ibid.*, p. 1117).

As políticas de saneamento na maior parte das vezes não levam em consideração o futebol de várzea, retirando seu espaço e não possibilitando outro local para a prática. Não existe consideração com a cultura local, mas sim o fim utilitarista das medidas. A apropriação dos espaços remanescentes do futebol de várzea pelos times profissionais também contribui para que a situação se agrave ainda mais. Deste modo se faz necessária a renovação das estratégias de resistência dos grupos contra o capital e a hegemonia do esporte profissional (PAULA, 1999, p. 1120).

Do artigo destacamos que a contextualização é pouco referenciada, bem como a discussão. O relato dos fatos não é baseado em material empírico sistematicamente coletado, mas em impressões do autor. Existe espaço para a análise sociológica, mas ela não ocorre. A produção não tinha o objetivo de ser um trabalho cujo objetivo é a análise, mas sim a descrição.

O artigo é a apresentação de um trabalho a ser realizado por Barreto. Assim, a produção analisada limita-se à explanação teórica do tema e à apresentação da metodologia.

A autora inicia seu texto destacando a presença feminina em vários círculos de trabalho, dada a ampliação deste horizonte de possibilidades, que inclui áreas antes tidas somente como masculinas. O esporte se configura como um desses nichos de trabalho, já que desde sua origem teve forte presença de características ditas masculinas, como força, agilidade, destreza, etc. (BARRETO, 1999, p. 1130).

Sobre a inserção feminina no esporte, a autora lança como hipótese que as atletas buscam uma identidade feminina neste universo masculino, através do realce das características femininas e da adaptação das masculinas. Sendo assim, o objetivo do trabalho é refletir sobre a relação posta entre mulher e esporte, que não procura anular as diferenças entre ambos os sexos, mas sim desconsiderar o absolutismo de tais conceitos atrelados aos gêneros (*ibid.*, p. 1131).

A autora ressalta que a questão do preconceito em relação à mulher atleta não deixou de existir em nossa sociedade, fato confirmado pelas opiniões referentes a jogadoras de futebol (BRUHNS, 1995, *apud* BARRETO, 1999, p. 1132).

Para a leitura deste fenômeno social foi utilizada a teoria das representações sociais, por considerar várias facetas, para compreender os modos de conhecimento e processos simbólicos de interação (BARRETO, 1999, p. 1134).

No artigo notamos que a contextualização é embasada em teorias e estudos precedentes. A autora propõe-se a refletir sobre a temática, não necessariamente a realizar uma análise mais profunda. Por se tratar de um trabalho em andamento, o texto acaba por ser um compêndio de citações sem relação com os dados coletados, pelo fato de estes ainda não estarem prontos.

Dos Fenômenos Sociais e suas Ambigüidades: comentários de Theodor W. Adorno sobre o Esporte, de Alexandre Fernandez Vaz

Na produção de Adorno, o esporte é um fenômeno duramente criticado, que aproxima a concepção do homem à de um maquinário, estimula o espírito de competição, é um espetáculo a serviço da indústria cultural e vai na contramão da educação emancipatória. No entanto, em determinados momentos o esporte deixa

de ser um mecanismo perverso e passa a ser entendido como propício para o estabelecimento de relações solidárias, como por exemplo no contexto escolar, onde o esporte pode explicitar seu caráter lúdico, sobrepujando a competitividade (VAZ, 1999, p. 1183-4).

Neste ponto, o autor ressalta que, apesar das críticas, a prática esportiva é valorizada por Adorno, não sendo relacionado o disciplinamento imposto pelo esporte moderno ao autoritarismo da sociedade moderna. O autor também nos chama a atenção para o fato de que se pode conservar o respeito para com o oponente, mesmo que ele seja inferior (*ibid.*, 1185).

Esses, entre outros pontos também abordados pelo autor, são retomados na conclusão, dos quais destacamos a ambiguidade da posição de Adorno em relação ao esporte. Também é necessário lembrar que o pensador não era um estudioso do esporte, mas o abordou devido a demandas específicas. A relação com a Indústria Cultural também merece destaque, pois ela fabrica seus produtos, por exemplo os heróis esportivos, para vendê-lo aos potenciais consumidores. No entanto, apesar da crítica ferrenha, Adorno concebe o esporte como um meio de emancipação, desde que livre da competitividade exacerbada, do domínio extremo do corpo, privilegiando o momento mimético (VAZ, 1999, p. 1188-9).

Do artigo explicitamos as seguintes características: o autor apresenta e discute as ideias de um teórico sobre o esporte. As referências adicionais se dão no sentido de reforço do argumento posto, não conflitando com a base teórica. O trabalho prioriza a discussão, não apresentando material empírico.

Algumas Reflexões sobre o Esporte Espetáculo: como vai nosso futebol?, de Miguel A. de Freitas Júnior

O artigo tem como objetivo realizar algumas reflexões sobre as características do esporte moderno e sua espetacularização, bem como do futebol. Para tal intento, foi utilizada a teoria de Pierre Bourdieu na leitura dos referidos fenômenos (FREITAS JÚNIOR, 1999, p. 1197).

O espaço social do esporte é dotado de uma lógica peculiar, com práticas particulares e definidas em uma história própria, que leva em consideração a mediação entre o agente social e a sociedade. Para a abordagem do esporte, o

autor utiliza dois conceitos da teoria de Bourdieu: *habitus* e campo, na lógica de demanda e consumo de uma modalidade esportiva (*ibid.*, p. 1198).

O autor explicita que a sociedade atual passa por processos de mudança que o futebol não acompanha. No entanto, a indústria do entretenimento, submetida às leis do lucro, interfere para que o espetáculo esportivo seja rentável, organizando calendários de disputas, treinamentos, *marketing* dos times, etc., mas ainda assim o futebol continua estagnado (*ibid.*, p. 1199).

Estes, entre outros pontos, foram abordados com base na teoria de Bourdieu, lançando alguns questionamentos e realizando uma reflexão não somente sobre o esporte, mas sobre a dinâmica do sistema social que o perpassa (*ibid.*, p. 1200).

No artigo percebemos que o autor se propõe a realizar reflexões sobre o esporte baseado no arcabouço teórico de Bourdieu. Outros autores também são utilizados na discussão, mas na conceituação do universo do futebol ou para reforçar um argumento. É um trabalho de cunho teórico, já que não houve coleta de material empírico, no qual são discutidos pontos de vista e teorias acerca do mundo social.

A Educação Física, o Esporte e as Ciências Humanas: indicações para uma práxis social transformadora, de Marcia Fernandes Bartholo

A autora inicia seu texto explicitando que as Ciências Humanas lidam com um objeto de estudo complexo, pois este também é sujeito. Assim, o desafio imposto a esta área do conhecimento é a orientação das pesquisas para a manutenção ou transformação da realidade humana. Devido a estas características, uma aproximação crítica dos produtos provenientes dos estudos é válida para a Educação Física, pois serve como campo de análise e inspiração teórica (BARTHOLO, 1999, p. 1244).

A produção de conhecimento na Educação Física apresenta duas perspectivas de intervenção da realidade. Uma é o conhecimento imediato a partir da vivência prática, da experiência corporal do movimento. A outra se refere à consciência da *práxis* ou, dito de outra forma, o pensamento reflexivo, que visa a compreensão dos conceitos que explicam determinações e condições da prática (*ibid.*, p. 1245).

Sobre a Educação Física como área do conhecimento, a autora ressalta que a demarcação de seu objeto, o ser humano, intervém na sociedade. Para suprir tais

necessidades deste ser, os profissionais devem agir como os intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1991, *apud* BARTHOLO, 1999, p. 1246), captar tais anseios e os materializar em práticas efetivas. Estas ações, na sociedade atual, não podem ser concebidas como neutras, pois se posicionam contra ou a favor da ordem estabelecida (*ibid.*, p. 1246).

A Educação Física concorre com um adversário poderoso, a globalização, na formação do ser humano, já que esta oferece fórmulas para o sucesso e a realização, mesmo que às custas da dormência crítica. Esta submissão pode estar a serviço de uma dinâmica de poder que ultrapassa os limites da cultura (*ibid.*, p. 1247).

A autora então sugere que para que a *práxis* da Educação Física seja socialmente relevante ela deve se pautar nos princípios democráticos da participação, cooperação e integração social, através do Esporte educacional e participativo. Deste modo é atribuído a este espaço um caráter de resistência intelectual e prática (BARTHOLO, 1999, p. 1248).

Na pesquisa percebemos que a contextualização utiliza poucos referenciais. O trabalho tem como objetivo a proposição de ações, não sendo a discussão teórica o foco principal. A autora utiliza conceitos de várias teorias superficialmente, para discussão pontual de textos da área.

Na “Roda de Capoeira”: corpo e imaginário social - esclarecimento e intervenção, de José Luiz Cirqueira Falcão

O autor pretende com este texto analisar a roda de capoeira a partir dos fenômenos de culto à beleza e rendimento, que vêm modificando a referida prática. Influenciada por novas fantasias, crenças e sonhos veiculados pelo imaginário social, a roda de capoeira passa a ser definida como um conjunto de corpos em ação, onde valores sociais determinam atitudes e comportamentos dos sujeitos (FALCÃO, 1999, p. 1304).

Segundo Reis (1993, *apud* FALCÃO, 1999, p. 1304), a roda de capoeira é uma metáfora do espaço social, onde se pode perceber o aparente e o que existe realmente. Não se limita ao espaço físico, mas reflete a riqueza das relações dos sujeitos que nela estão.

Em suas considerações sobre o corpo e o imaginário social, o autor destaca as ideias de Foucault (1989, *apud* FALCÃO, 1999, p. 1305), para quem o controle da sociedade sobre os sujeitos não se dá somente pela consciência ou pela ideologia, mas também pelo corpo, já que este está inserido em uma organização maior que rege atitudes corriqueiras que envolvem toda a dimensão corporal. Desta forma, insere-se no corpo um importante fator para a análise social e histórica, sendo que ele, integrado na dinâmica social, é um receptáculo de informações que passa por sucessivas transformações.

Estas questões abordadas teoricamente são aproximadas da capoeira, levando em conta a beleza corporal e o rendimento presentes no imaginário social de forma mitificada (FALCÃO, 1999, p. 1306).

Também são apresentadas algumas estratégias de intervenção, baseadas no esclarecimento, ou seja, entender a dinâmica social para contribuir para uma educação crítica do ser humano, considerando suas facetas biopsicossociais como partes de um só indivíduo e, portanto, profundamente interligadas. Também com base nessa premissa, a análise da capoeira deve ser plural, um diálogo polissêmico, a fim de explicitar todas as suas características, que muitas vezes não são aparentes.

Do artigo explicitamos as seguintes características: o trabalho pretende apresentar de forma preliminar o objeto e discuti-lo com base em referenciais teóricos. A contextualização utiliza vários conceitos de diversas teorias sociológicas. Alguns pontos em que a leitura do fenômeno ocorre não são referenciados, sendo a análise baseada ou em uma teoria que não foi referenciada ou no senso comum. Utiliza também bases teóricas da Antropologia.

Da publicação número 2 e 3, de janeiro-maio de 2000, selecionamos o artigo:

A Representação Social dos Nadadores Masters Campeões Sobre a sua Prática Competitiva da Nataação, de Fabiano Pries Devid e Sebastião Josué Votre

Na tentativa de escapar ao perfil comumente percebido nos trabalhos acadêmicos, os autores realizam uma investigação microsocial em um grupo minoritário e pouco conhecido no universo da Educação Física: os nadadores *masters* brasileiros (DEVIDE; VOTRE, 2000, p. 56).

O artigo, fruto de uma dissertação de mestrado, procura descobrir quais são as representações sociais dos nadadores *masters* campeões, em diversas idades, sobre a prática competitiva. Assim, quesitos como as diferenças dessas representações relacionados com idade, aspectos relevantes dos discursos em relação à prática esportiva em grupo, fatores que motivam tal prática, a discussão da saúde, a competitividade, entre outros elementos, são analisados (*id.*).

Para a organização dos dados, os autores elencaram as categorias competição, saúde, envelhecimento e lazer. Para análise, utilizaram o referencial teórico sobre as representações sociais, análise de discurso e etnometodologia (*ibid.*, p. 57).

A abordagem plurimetodológica é justificada com base em Spink (*apud* DEVIDE; VOTRE, 2000, p. 57), para quem tal procedimento contribui para o enriquecimento da análise e validação das considerações finais, pois visa a melhor compreensão dos discursos e práticas sociais relatadas, que através da linguagem modificam as representações sociais sobre a prática esportiva.

Com base nos discursos coletados os autores afirmam que tais manifestações se constroem na relação com os técnicos, familiares e colegas de piscina, contribuindo para a elaboração de sua representação social. Através de um diário de campo, foi possível a identificação de alguns elementos comuns ao cotidiano dos *masters*, como a competição, a ânsia por vitórias, o desempenho nas provas, o desejo de superar marcas, a valorização da premiação, socialização e realização pessoal (*ibid.*, p. 58).

A partir desses elementos, três núcleos comuns aos discursos foram elaborados: a competição, a busca pela manutenção da saúde e a confraternização. Em todos os grupos os autores trazem trechos das falas dos *masters*, além de conceitos teóricos para ilustração e discussão dos pontos levantados (DEVIDE; VOTRE, 2000, p. 59).

Nas considerações finais é destacado o quesito envelhecimento, fenômeno cujos sinais os nadadores afirmam sentir e, apesar de perceberem suas manifestações durante a prática esportiva, encaram essas modificações como naturais. O quesito da convivência social com o grupo também foi destacado como de grande importância para os indivíduos, sendo um dos sentidos atribuídos à natação master (*ibid.*, p. 63).

Do trabalho destacamos: é uma produção baseada na dissertação do autor, o que contribui para maior consistência teórica, na coleta de dados e na discussão dos mesmos. Utiliza conceitos de vários autores e é o primeiro até então a justificar tal abordagem, afirmando que tal prática auxiliaria na discussão dos dados, enriquecendo-a. Ao apresentar o material empírico, devidamente explicado e referenciado, os autores tecem concomitantemente a discussão, trazendo os conceitos do referencial teórico. Percebe-se uma análise criteriosa das falas.

Da publicação número 1, de setembro de 2000, selecionamos o seguinte artigo:

“Os Campeões do Século”: notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo, de Édison Luis Gastaldo

Gastaldo (2000, p. 106) tem como objetivo neste artigo analisar a construção social da realidade referente à partida de futebol entre Brasil e França na final da Copa do Mundo de 1998, a partir dos discursos dos locutores e comentaristas dos canais abertos de televisão que transmitiram o evento. Alguns aspectos relevantes são apontados para análise, como o fato de os jogos da seleção brasileira representarem uma grande audiência, o favoritismo do Brasil, presente no discurso da imprensa antes da partida, e a mudança da fala conforme o decorrer do embate e a situação da escalação de Ronaldo, que foi relatada em diversas versões.

A enunciação, que contém em si as relações de poder presentes na fala e em quem a profere (BOURDIEU, 1983, *apud* GASTALDO, 2000, p. 107), tem a capacidade de definir uma realidade, o que ocorre com frequência no discurso da mídia. Contido neste último está o discurso jornalístico, cujas características o colocam como a fonte com maior poder de definição da realidade na sociedade atual, sendo elas a autenticidade, já que se pressupõe que os eventos relatados por tal discurso são fiéis à realidade, e a seriedade, uma espécie de “contrato moral” que liga o jornalista à obrigação em transmitir as informações.

No caso deste trabalho é abordada a imprensa esportiva, que pode ser concebida como a parcela do jornalismo que interpreta os fatos relativos ao esporte. A espetacularização das competições esportivas, que propiciou o seu consumo por

leigos, auxiliou no estabelecimento desse tipo de jornalismo, já que a modalidade veiculada necessita ser explicada para esse público (GASTALDO, 2000, p. 108).

A narração de uma partida de futebol abre espaço para a subjetividade do locutor aflorar, já que o discurso está sendo elaborado enquanto a partida transcorre, situação bastante diversa de um telejornal, no qual as falas já estão definidas e preconizam a neutralidade jornalística (FAUSTO NETO, 1991, *apud* GASTALDO, 2000, p. 109).

Tal subjetividade é percebida em situações como a “torcida” por um determinado time quando se visa a um público específico, como no caso das Copas do Mundo, cuja narração é específica para os brasileiros, e em atos falhos, que também denunciam esta predileção (*ibid.*, p. 110).

Tendo exposto esses e outros pontos, o autor tece considerações sobre seu método, colhido sistematicamente através da gravação da final da Copa do Mundo em todas as emissoras brasileiras da televisão aberta. A escolha por abordar o discurso de todas as emissoras mostra a preocupação em não analisar somente o discurso do canal com os índices de audiência mais altos, esquadrinhando a realidade por completo e não somente uma fração dela (*ibid.*, p. 111).

Ao apresentar as narrativas, torna-se clara a alteração do ânimo dos locutores e comentaristas a cada momento do jogo, modificadas a *performance* no campo. Alternando entre euforia, certeza da vitória e superioridade brasileira em relação ao time francês e o desânimo a cada gol efetuado pelo time oposto as narrativas estão plenas de características explicitadas pelo autor, que nem sempre são coincidentes na transmissão dos diferentes canais. Por fim, o discurso ocasionado pela derrota do Brasil tem várias tônicas, como consolar o expectador, ressaltar o mérito que é ser o segundo melhor do mundo, retirar parte da importância do campeonato, afirmando que é somente uma competição esportiva, e até não falar sobre o fato ocorrido (*ibid.*, p. 118-21).

No artigo percebemos que existe a contribuição de várias bases teóricas, em alguns momentos discutidas entre si. Os conceitos variados servem para a leitura dos diversos aspectos do objeto de estudo, que não seria possível somente com uma teoria. Há o cuidado em revelar como foi a coleta e o tratamento dado ao material empírico, ação que se estende à descrição desse material, feita detalhadamente. O artigo tinha o objetivo de ser mais do que um estudo descritivo, que foi atingido, pois existe o confronto entre material empírico e teoria. No entanto

em alguns trechos do texto o autor não explicita as bases teóricas utilizadas para a elaboração das discussões.

Da publicação número 3, de maio de 2003, selecionamos os seguintes artigos:

Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer: tensões e desafios de um projeto contra-hegemônico no Distrito Federal, 1995-1998, de Roberto Lião Júnior

O autor inicia o artigo expondo sinteticamente a condição socioeconômica de Brasília, que não deve ser concebida como sinônimo de Distrito Federal, dadas as diferenças latentes entre ambos. Este último possui índices favoráveis no quesito alfabetização, abastecimento de água, rede de esgoto e coleta de lixo. No entanto, quase 20% da população recebe uma renda inferior a 80 reais por mês, desigualdade acentuada pelos índices veiculados pela Receita Federal, segundo a qual a grande maioria vive com rendas mínimas e uma parcela muito pequena da população possui milhões. Fica claro o abismo socioeconômico colocado entre as duas parcelas da população (LIÃO JÚNIOR, 2003, p. 40-1).

Apesar dos índices apresentados e principalmente pelas condições de vida da maioria da população do Distrito Federal, o governo de Cristóvam Buarque (1995-98) tinha grande aceitação. Mas isso não foi suficiente para que o governante contasse com o apoio do movimento sindical, considerado um setor estratégico (*ibid.*, p. 42).

A ausência de tal aliança e a priorização de articulações com o parlamento local, associada ao populismo dos oponentes, que propunham promessas inexecutáveis, práticas coronelistas, ameaças e chantagens tornaram a cena política plena de tensões que fragilizaram a consistência das relações entre o universo político e a sociedade civil, culminando na derrota da frente popular no referido distrito (*ibid.*, p. 43).

Com o neoliberalismo em voga nos cenários político e econômico, a influência do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, o Estado passa a ter menos poder na implementação e ampliação de políticas sociais. Esse movimento concomitante às ações sociais organizadas articulados por associações, partidos políticos e movimentos sindicais foram decisivos para criar as condições necessárias

para que a política pública passasse a receber mais atenção tanto no âmbito social como acadêmico (LIÃO JÚNIOR, 2003, p. 43-4).

Por políticas públicas o autor entende as ações que representam o Estado atuando, através de um plano concreto (AZEVEDO, 1997, *apud* LIÃO JÚNIOR, 2003, p. 44). Costa (1998, *apud* LIÃO JÚNIOR, 2003, p. 44) concebe as políticas públicas como um espaço de decisões autorizadas ou sancionadas através de governantes, que geram atos que viabilizam a inovação das políticas ou respondem a demandas específicas. Estes, entre outros autores, são citados para uma fundamentação detalhada do que vem a ser uma política pública e suas implicações na relação com a sociedade.

Esta apresentação de perspectivas desemboca na descrição do cenário político que influencia a Educação Física e o esporte. Nele, o autor destaca a participação do Partido dos Trabalhadores, que na época inicia a coordenação de espaços institucionais nas administrações, sistematizando políticas públicas para a Educação Física, esporte e lazer. Tal comprometimento culminou com a criação do Setorial de Esporte e Lazer (*ibid.*, p. 45).

No Centro de Educação Física e Desporto Escolar, no período de 1995-98, três tipos de atuações foram percebidas pelo autor: junto ao esporte educacional programas de integração comunitária e Educação Física escolar. Tais programas estavam vinculados ao Movimento dos Trabalhadores em Educação e a direção do órgão proporcionou vários espaços de discussão e prestação de contas, permitindo o diálogo com a sociedade (*ibid.*, p. 47-8).

O Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação teve dois momentos distintos no período estudado, com práticas políticas divergentes entre si: uma do Partido Popular Socialista e outra do Partido dos Trabalhadores. A primeira diretoria realizou obras de recuperação de equipamentos e espaços, aumentou o número de atendimentos à comunidade e angariou relativa autonomia política. Preponderava uma cultura personalista na gestão, destacada de uma participação efetiva de outros partidos. Na segunda fase a autonomia foi diminuída, sendo o órgão em questão aproximado das demais estruturas governamentais e uma gestão mais popular e democrática estava em vias de implementação (LIÃO JÚNIOR, 2003, p. 48-9).

Nas considerações finais o autor destaca alguns pontos do texto sem, no entanto, realizar análises.

Do artigo explicitamos as seguintes características: é um texto com referencial em sua maior parte sobre as políticas públicas e de autores brasileiros. É um estudo descritivo de um determinado recorte histórico. Os conceitos dos autores são utilizados para embasamento de questões pontuais, não realizando uma análise aprofundada acerca desses conceitos, nem do material empírico.

A Política de Esporte Escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física, de Valter Bratch e Felipe Quintão de Almeida

As políticas públicas tanto educacionais quanto esportivas são direcionadas à Educação Física. Porém, nem sempre o universo do Esporte é compatível com o da referida área. O que se pretende neste texto é discutir o que significam essas justaposições no universo da Educação Física escolar.

Bracht e Almeida (2003, p. 88) contextualizam a relação entre as necessidades da população e as políticas públicas e sugerem que a onda globalizante que está em processo causa um arrefecimento das políticas específicas para o social, voltando o foco para as exigências do mercado. O sistema educacional brasileiro sofreu o impacto destas modificações, sendo perceptíveis as alterações exigidas visando a qualificação para o mercado de trabalho.

Neste cenário, algumas disciplinas voltadas para a formação integral do indivíduo, como Educação Física, Sociologia e Filosofia, são ameaçadas pelo novo arranjo colocado para o projeto de educação, o que ameaça a presença da primeira nos currículos escolares (*ibid.*, p. 89).

No setor esportivo, dois critérios orientaram a intervenção estatal no esporte: o esporte concebido como instrumento de ação política no cenário internacional, percebido no declarado desejo por medalhas, e a noção de que a prática de esportes por um grande número de indivíduos da sociedade seria um meio de promoção da saúde e uma melhoria na qualidade de vida da população. Assim, a prática esportiva passa a ser um direito do cidadão e é dever do Estado fornecer meios para que ela ocorra (*ibid.*, p. 90).

Todavia, o cenário se modifica com o avanço do neoliberalismo, passando de um modelo que concebe o esporte como um bem social e direito do cidadão para o que entende esta prática como um direito do consumidor, ou seja, sob forte

influência da mercadorização. A ajuda estatal fica então atrelada ao apelo econômico e não mais social (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 91).

Após o fracasso da campanha das Olimpíadas de Sydney, foi desencadeado um movimento a favor da Educação Física, reivindicando o retorno da obrigatoriedade da disciplina no interior das escolas. O poder público, diante deste cenário, também se sente responsável por viabilizar ações ligadas ao setor esportivo. O resultado da movimentação foi a criação do programa Esporte na Escola e a revisão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o intuito de contribuir para o futuro do esporte no país (*ibid.*, p. 92-3).

A subordinação da Educação Física escolar às políticas esportivas tem como linha mestra a noção de melhorar a situação na base da pirâmide esportiva, com a melhoria do ensino do esporte na escola. Assim é possível a chegada ao topo de atletas que tenham melhor desempenho, situação esta analisada pelos autores, destacando os interesses ligados a esta questão (*ibid.*, p. 94).

O principal ponto levantado na discussão do artigo é a relação conflituosa entre Educação Física e as políticas esportivas que concebem a escola como um celeiro de novos atletas, a base da pirâmide esportiva e não voltada para a formação integral dos indivíduos (*ibid.*, p. 96).

No artigo percebemos que o autor realiza uma análise sociológica, ainda que sem muita profundidade. Os dados empíricos coletados, fontes bibliográficas, traçam um panorama do objeto estudado e são analisados com base na bibliografia do próprio autor e outros estudiosos. Muitas assertivas ficaram com uma análise pessoal, sem referencial.

Da publicação número 1, de setembro de 2004, selecionamos os seguintes artigos:

Treino, Culto e Embelezamento do Corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação, de Roger Hansen e Alexandre Fernandez Vaz

Os autores iniciam seu texto destacando a importância do corpo como elemento de construção subjetiva e identitária, que abrange diversos extratos sociais, preocupados com o culto ao corpo e os cuidados com a aparência. Visto isso, a problemática central do trabalho procura compreender as academias de

ginástica e musculação, um local propício para os discursos e práticas do treinamento esportivo, implementando a competição num espaço supostamente livre desse tipo de interação. Assim, as academias tornam-se campos de treinamento permanentes, frequentados por para-atletas, os quais se sacrificam, dedicam tempo e dinheiro, além de se vigiarem com rigor (HANSEN; VAZ, 2004, p.136).

Através de uma pesquisa etnográfica em duas academias de ginástica e musculação, foram coletados dados para a análise desse local de culto ao corpo dos frequentadores. Além dessa inserção, foram realizadas entrevistas com professores e alunos dos estabelecimentos (*ibid.*, p. 136-7).

Os autores destacam que o *ethos* das academias, consolidado por uma série de características, tem a influência notória dos treinamentos esportivos, tanto na organização do espaço como nas práticas desenvolvidas. Não só no espaço e nas práticas se nota essa influência, mas também nos depoimentos dos agentes envolvidos, através do medo de falhar, da ideia de dedicação total, sacrifícios e outras modificações na rotina diária em prol do que é denominado de treino (*ibid.*, p. 138).

A exatidão, uma característica marcante dos esportes, também está presente na academia, um espaço de intenso controle através de espelhos, balanças, fitas métricas, avaliações nutricionais e físicas. Assim é possível acompanhar de perto os resultados do treinamento e da busca pelo corpo ideal, além de acirrar a competitividade entre os alunos (*ibid.*, p. 140-1).

O enfrentamento da dor é outra característica do esporte de alto rendimento comum nas academias. Como um inimigo a ser superado, ela é como um termômetro para a intensidade do exercício e senti-la é um mérito, pois a dedicação ao treino e os investimentos num capital corporal ficam mais evidentes, bem como a superação dos limites corporais (HANSEN; VAZ, 2004, p. 142).

Como conclusão, os autores destacam como os princípios de *performance* permeiam o cotidiano comum, normatizando os discursos de saúde, beleza e juventude. Assim, os cuidados com o corpo são mediados pelo treinamento esportivo e visam aumentar as potencialidades do corpo, prática auxiliada por treinamentos estéticos, dietas, drogas, etc. Isso é indício de um sujeito cujas forças são exauridas pela competitividade exacerbada de um contexto social intolerante com fragilidades e diferenças (*ibid.*, p. 150).

Do artigo destacamos as seguintes características: os autores realizam uma abordagem inicial ao tema, propondo exemplos e discutindo-os, com base em diversos referenciais. Assim, podemos considerar o trabalho como uma abordagem sociológica inicial ao tema, que se propõe a apontar questões e não a fornecer respostas neste momento. Não existe a tentativa de adequar o objeto empírico a uma teoria, mas também não existem reflexões mais aprofundadas baseadas nos diversos autores. Alguns autores são utilizados como reforço de argumento.

No número 2, da publicação de janeiro de 2005, destacamos:

Metáforas do Esporte – imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, de Fernando Gonçalves Bitencourt

Os discursos presentes na televisão, mais especificamente da rede Globo, nos meses de março e abril, foram selecionados assistematicamente pelo autor para abordar uma reversibilidade na linguagem midiática entre a guerra e o esporte. No entanto, o autor não pretende retomar a discussão de que este último é uma metáfora da primeira, sendo aquela imbuída de um papel importante na sublimação das pulsões de violência e morte, agindo como um substituto simbólico no Processo Civilizador. Assim, o autor tem o intento de explicitar como a linguagem audiovisual do esporte passa a ser um dos meios de transmissão da barbárie mundial (BITENCOURT, 2005, p. 10).

Bitencourt (2005, p. 11-4) utiliza três exemplos de discurso para análise, sendo dois deles sobre a guerra, que possuem metáforas esportivas, e um deles sobre o futebol, que possui metáforas de guerra. Também ressalta que, nesse tipo de abordagem dos fatos, existe a preocupação em noticiar o extraordinário, o espetacular, cobrir por todos os ângulos possíveis tanto uma partida de futebol como um ataque. Isso denota que para o espetáculo não existe diferença de conteúdo, ou seja, qualquer história se molda a essa forma de organizar o discurso televisivo. Para auxiliar na análise deste cenário o autor traz a discussão de Pierre Bourdieu, destacando os seguintes pontos: a padronização das mensagens transmitidas, o uso de fatos-ônibus, a fim de não permitir uma reflexão por parte do expectador, o modo como a TV distorce os conteúdos para que eles ganhem ou não importância, a

circularidade da informação entre as emissoras, a busca pelo sensacional e a dimensão dramática dada aos acontecimentos, entre outros.

Visto isso, o autor se propõe a refletir sobre como a televisão consegue reproduzir o efeito do real, como se dá essa autoridade a quem profere o discurso, como a detentora da verdade, abordando o valor desse discurso e suas variáveis interferentes, como a relação de forças estabelecida entre o uso da capacidade linguística, que confere poder simbólico, e a estrutura social como um todo (BITENCOURT, 2005, p. 15).

Também é foco de reflexão a velocidade e o excesso que a televisão imprime a seu discurso, o que embota a capacidade reflexiva. A superação das notícias e a constante busca pelo inédito são peças neste modo de apresentar o discurso, que compartilha características comuns com a sociedade atual. Assim, em meio a este incessante movimento, a guerra é tratada através do discurso esportivo, uma linguagem disponível que possibilita a assimilação rápida e superficial dos fatos (*ibid.*, p. 16).

O excesso, prática comum no discurso televisivo, gera uma saturação dos expectadores, o que por sua vez ocasiona um apagamento, uma perda de sentido, ou seja, leva à insignificância (*ibid.*, p. 17).

Assim, o autor delinea um campo repleto de tensões que se utiliza o discurso esportivo para tornar as informações de guerra mais facilmente assimiláveis e também faz uso do discurso de guerra para adicionar dramaticidade ao esporte.

No artigo percebemos que o autor utiliza, mesmo que perifericamente, a teoria do Processo Civilizador, de Elias, embora não a cite diretamente. Questionamos se a seleção assistemática não seria parcial, ou seja, no intuito de conseguir captar somente um lado da trama social, não relatando, assim, o todo. A análise está pautada em diversos autores, cada um abordando uma faceta do fenômeno destacado.

A Literatura Invade a Grande Área: a crônica durante as copas do mundo de futebol, de José Carlos Marques

O texto trata inicialmente da conjuntura social da década de 1970, na qual a ditadura e o decreto do AI-5 revelavam uma cena política conturbada. No campo esportivo, o autor destaca a primeira Copa do Mundo que foi vista ao vivo no Brasil,

pela televisão. Nesta situação, torcer para a seleção brasileira era considerado uma compactuação com o regime militar, já que a Copa foi uma das “propagandas” do regime (MARQUES, 2005, p. 56).

No campo jornalístico o fantasma da censura pairava sobre os profissionais e jornais. Neste cenário colunistas e cronistas conhecidos do grande público ocupam as páginas dos jornais cariocas, como *O Globo* e *Jornal do Brasil* (*id.*).

Na final da Copa de 1998 a situação brasileira já é bastante diversa. É permitido aos brasileiros torcerem pelo selecionado sem serem taxados de colaboradores do regime e, devido à ausência da censura, muitas matérias sobre o evento foram produzidas. Entre essas duas competições a televisão se firmou como importante agente midiático, tornando-se uma forte parceira do esporte (*ibid.*, p. 57).

A imprensa também voltou suas páginas para a cobertura dos mundiais de futebol. Melhorias na equipe, que cresceu em tamanho e qualidade, novas tecnologias, novos patrocínios e outros fatores permitiram que o futebol ganhasse mais espaço nos cadernos esportivos (*id.*).

É comum convidar escritores e jornalistas para comentar a participação da seleção brasileira no campeonato mundial. Isso gera uma gama de textos imbuídos de manifestações literárias e ficcionais, ou seja, crônicas. É um texto diverso do artigo jornalístico, que se limita aos fatos e evidências, cuja narrativa reveste-se de uma linguagem por vezes pessoal e fantasiosa (*ibid.*, p. 58).

A partir da década de 1990, este tipo de relato dos jogos de futebol tornou-se mais popular, aumentando significativamente em número. Os fatos revestidos de ficção literária parecem atingir em cheio o gosto dos leitores, que já assistem as partidas pela televisão e desejam uma outra interpretação dos fatos, não só sua descrição, como faz o texto jornalístico (MARQUES, 2005, p. 58).

O fenômeno se deve, como aponta o autor, a cinco motivos principais. O primeiro deles é o combate do jornal ao meio televisivo, oferecendo algo novo: a opinião dos cronistas. O segundo é a concorrência entre os jornais, que buscam algo novo para seus leitores. O terceiro é o aparecimento de grandes patrocínios nos cadernos esportivos durante os mundiais, investimento esse que precisa ser justificado por meio de mais páginas nos jornais. O quarto motivo é o fato de que o preconceito contra o jornalismo esportivo não foi superado, como algo de menor valor em relação a outras seções do jornal. Assim, profissionais que não são da área esportiva vêm compensar essa lacuna para um leitor mais exigente. Por fim, o quinto

motivo está relacionado à importância que o futebol assumiu nos últimos anos do século XX, como fenômeno social, político, mercadológico, econômico e cultural. Isso o faz merecedor da atenção de profissionais das mais diversas áreas, que o autor classifica em oito grupos (MARQUES, 2005, p. 60-1).

Excetuando os jornalistas, preocupados com o rigor de seus textos, os demais grupos, formados por sujeitos ligados ou não ao esporte e das mais diversas especialidades, são de cronistas, que produzem textos de forma diferenciada (*ibid.*, p. 62).

Tais textos são impregnados de humor, subjetividade, ironia, entre outros recursos que tornam a crônica pessoal, uma opinião dos fatos ocorridos, ou seja, um relato do relato sobre o futebol (*ibid.*, p. 68).

No trabalho percebemos que o material empírico é bem referenciado. As análises são em uma zona fronteira entre a Sociologia do Esporte e a Comunicação, e o autor utiliza referenciais de ambas as áreas. Não existe fidelidade a uma teoria específica, mas o uso de vários conceitos para a explicação do fenômeno, o que não seria possível com o uso de uma teoria somente. Os autores não são utilizados como mero reforço de argumento.

As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo, de Ludmila Mourão e Marcia Morel

As autoras iniciam seu texto destacando o caráter imediato da mídia, que apresenta os fatos em tempo real. No entanto, não apresentam estes fatos como são, mas sim de uma forma distorcida, apesar do compromisso com a isenção e a imparcialidade que tais veículos alegam ter. As notícias, deste modo se tornam um veículo de ideias e símbolos (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 74).

Visto esse contexto, as autoras elegeram um tipo de mídia, a impressa, para acompanhar a trajetória do futebol feminino no período de 1930 a 2000. O foco da análise é centrado nas narrativas da mídia sobre a modalidade, além de observar em que termos o discurso proferido veicula representações de resistência à fixação deste futebol na sociedade brasileira (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 74).

No início do período estudado as narrativas sobre o futebol feminino eram escassas. Entre a década de 1950 e 1960 as autoras relatam uma insuficiência de fontes, devido à interdição do esporte feminino pela legislação da época. A partir da

década de 1970 a situação se modifica e matérias sobre a modalidade já são recorrentes, o que denota não somente uma modificação interna da modalidade, mas de toda a sociedade (*ibid.*, p. 75).

Como hipótese, Mourão e Morel (2005, p. 75) sugerem que as transformações discursivas do esporte feminino na sociedade brasileira são lentas e, especificamente em relação ao futebol feminino, as mudanças não se materializam, mesmo se forem protagonizadas pela mídia.

Na década de 1930 o futebol feminino era retratado pela imprensa como um divertimento, devido à pouca intimidade das jogadoras com a modalidade, que não era uma prática latente. Apesar da pouca habilidade, as mulheres conquistaram uma parcela da esfera pública e dos campos de futebol, espaços ainda bastante masculinizados (*ibid.*, p. 76-7).

Na década de 1960 a legislação esportiva explicitava uma clara distinção entre esportes a serem praticados pelos homens e pelas mulheres, beneficiando a parcela masculina da população. A medida apoiou-se na crença de que as atitudes femininas devem condizer com sua condição biológica. Isso claramente sofreu mudanças na década de 1970, abrindo mais espaço à participação da parcela feminina em várias esferas sociais, inclusive no esporte (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 78).

Durante a década de 1970 e início da década de 1980 o futebol feminino teve vários registros na mídia, que, no entanto, abre espaço para matérias que anunciam as desigualdades de gênero no futebol, restringindo a mulher a sua condição biológica e ironizando sua participação na modalidade (*ibid.*, p. 78-9).

Esta tendência é amenizada na década de 1990, quando as narrativas comparam o futebol feminino ao masculino e anunciam que as mulheres têm a mesma competência que os homens em campo. Discursos de técnica e habilidade femininos legitimam a prática, mas ainda existe a vertente de discriminação na mídia impressa (*ibid.*, p. 81).

Concluindo, as autoras relatam que existe um “efeito sanfona” nas mudanças ocorridas na mídia em relação ao futebol feminino, o que parece revelar uma condição instável das mulheres nos campos. Essa trajetória denota que a modalidade ainda não encontrou seu espaço na mídia esportiva brasileira (*ibid.*, p. 84).

No artigo percebemos que o material empírico é bem referenciado. No entanto não é possível definir se o estudo pertence à História do Esporte ou à Sociologia do Esporte, pois as autoras não utilizam referencial teórico de nenhuma das áreas para a análise. Este é aplicado como um reforço de argumento e não para uma leitura engajada, fazendo com que a análise se paute no senso comum. A teoria feminista cabe em vários pontos da discussão, no entanto as autoras não a realizam. Também são utilizados termos carregados de significado sociológico, como *fato social*, sem embasá-los em um autor. As autoras realizam vários comentários que poderiam receber o tratamento sociológico, mas não os levam a diante. Citam autores brasileiros que tratam da Sociologia do Esporte, mas como reforço de argumento.

O Processo de Ressignificação do Voleibol a partir da Inserção da Televisão no Campo Esportivo, de Wanderley Marchi Jr.

O autor inicia seu texto colocando que, durante a evolução dos esportes modernos, pode-se perceber que, de forma direta ou indireta, as estruturas, a prática e o público envolvidos com determinada prática sofrem intervenções de vários segmentos da sociedade. O mesmo ocorreu com o voleibol no Brasil, onde se forjou uma “arquitetura projetada para o sucesso” (MARCHI JR., 2005, p. 150), que tem seus pilares na parceria entre empresa e a modalidade. Esta conjuntura permitiu a ascensão do voleibol na década de 1980, contexto no qual a televisão teve grande importância.

Diante deste cenário, o autor nos convida a ler esta realidade social com mais profundidade e rigor, não nos atendo à superficialidade somente, mas analisando-a através do pensamento relacional, proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu (*id.*).

O campo esportivo possui algumas particularidades a serem consideradas quando abordamos a tríade Esporte, televisão e sociedade, sendo esta a grande demanda dos telespectadores por partidas veiculadas através da televisão. Este fato, associado à capacidade do meio de comunicação em questão em despertar interesses e atender a um elevado número de pessoas de diversas regiões e classes sociais, impulsionou o voleibol brasileiro para uma maior visibilidade nos anos 80. Além desta situação, o retorno publicitário profícuo e menos custoso para as empresas também teve papel decisivo para a participação das mesmas neste cenário (MARCHI JR., 2005, p. 150).

As peculiaridades citadas são entendidas como um fator revolucionário para o Esporte, pois novas relações comerciais e políticas foram delineadas e determinaram o perfil dos mesmos e seus eventos (*ibid.*, p. 151).

Estas relações tomam a forma de um círculo virtuoso, onde melhores condições de preparação das equipes, melhores espetáculos, mais investimentos e maior cobertura televisiva atraíram mais iniciativas empresariais, que por sua vez investiram para que as condições anteriores fossem ainda melhores (MARCHI JR., 2005, p. 152).

Em seguida, o autor analisa a relação entre a televisão e o voleibol, onde aponta alguns fatos relevantes, tais como: o tratamento dado por esse meio de comunicação aos fatos, a busca pelo espetacular e o sensacional dentro do Esporte, a velocidade de veiculação da informação, que não permite aos telespectadores refletir sobre a informação dada, a busca por lucros sociais e econômicos tanto dos dirigentes da modalidade como das empresas (*ibid.*, p. 154-8).

Deste modo, foi exigido do voleibol uma readaptação dos conceitos de competitividade, emotividade, dinâmica e duração das partidas, já que as relações estabelecidas neste campo se modificaram com a entrada da televisão e das empresas. Um exemplo disto é a introdução de novas regras, adaptando a modalidade para o tempo da televisão e para o consumo dos telespectadores (*ibid.*, p. 159).

Do artigo explicitamos os seguintes pontos: o autor realiza a análise aprofundada do fenômeno abordado com base nas teorias selecionadas. Existe a coleta sistemática de material empírico. Assim o artigo não se limita à descrição dos fatos, nem é somente uma dissertação sobre determinadas teorias.

Ciberatletas, Cibercultura e Jogos Digitais: considerações epistemológicas, de Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama

Muitas modificações no universo dos valores, crenças, costumes e hábitos são provenientes das inovações técnicas. Assim, o pensamento ocidental creditou à técnica a condição de instrumento para o progresso, que teve seu ápice na racionalização extremada da vida europeia no final do século XVII (WEBER, 1971 *apud* GAMA, 2005, p. 165). Sem essa racionalidade não seria possível construir as

superestruturas que impulsionam a industrialização presente na modernidade, fato importante para a integração da economia capitalista aos ideais das nações.

A técnica é mais do que um meio de regulação do corpo social: é um modo de ser e viver, de acordo com Mattelart (2002 *apud* GAMA, 2005, p. 165). Nesse cenário encontramos antecedentes da cibercultura, que consiste na incorporação cotidiana de linguagens e equipamentos eletrônicos, estendendo seus domínios até o campo esportivo. Nesta tendência surgem os ciberatletas, uma faceta bastante peculiar do fenômeno em questão.

No artigo, o autor pretende discutir a emergência dessa ideia, visto a cultura do computador que está presente na atualidade, e debater os jogos digitais, além de tecer comentários sobre os significados epistemológicos do fenômeno (*ibid.*, p. 165-6).

Em um contexto de incessantes inovações na tecnologia, a transmissão de dados tem se tornado mais simples e rápida e as melhorias nos computadores afetaram a indústria do entretenimento, que incorporou as modificações da informática e as remodelou, com o fim de fabricação de jogos. O mesmo movimento de melhoria constante afetou tais jogos, que se sofisticaram tecnologicamente desde sua primeira edição e se diversificaram. O autor cita Lafrance (2002), segundo o qual, por detrás desses jogos, esconde-se o ideário da cultura de massas, pois as imagens contidas nesses programas veiculam muitos produtos e símbolos, sem discriminação (*ibid.*, p. 167-8).

Nos Estados Unidos existe uma entidade, a *Cyberathlete Professional League*, que reúne os jogadores mais habilidosos do mundo, que são classificados em um *ranking* e patrocinados por grandes empresas de informática. Existe também um campeonato, denominado *Eletronic Sports World Cup*, que conta com a distribuição de prêmios em dinheiro para os melhores colocados. Na Rússia, Inglaterra e China, os ciberatletas são considerados oficialmente como esportistas (GAMA, 2005, p. 169).

Esses acontecimentos são sintomáticos de um fenômeno mais amplo, da legitimidade que o lazer informatizado assumiu no fim do século XX e início do século XXI (*ibid.*, p. 169-70).

No artigo é apresentado um referencial bastante extenso, do qual alguns conceitos e/ou descrições de fatos de cada autor foram pinçados para a explicação

do fenômeno. Todas as fontes são referenciadas, facilitando seu reconhecimento. Existe conexão entre teoria e material empírico.

Na revista de setembro de 2005, selecionamos para análise os artigos:

Doping: consagração ou profanação, de Méri Rosane Santos da Silva

A autora inicia seu texto destacando o fato de que o uso de anabolizantes para atingir uma forma física ideal tem sido um ponto polêmico dentro da Educação Física. A partir dos princípios éticos e bioéticos da área, o fenômeno de utilização de substâncias ilícitas no esporte foi discutido, explicitando os determinantes políticos, sociais e financeiros envolvidos na questão (SILVA, 2005, p. 10).

O conceito de *doping*, segundo a Declaração Final da Conferência Mundial sobre o *Doping* no Esporte, consiste no uso de um artifício ou substância potencialmente danoso à saúde do atleta e/ou capaz de aumentar a *performance*, ou na presença de substâncias ou métodos no corpo do atleta (*ibid.*, p. 11).

Além do debate sobre os males à saúde, há outros elementos não tão facilmente identificáveis que necessitam ser explicitados, tais como: os aspectos econômicos do fenômeno que envolve a indústria do *doping*, como por exemplo o lucro proporcionalmente maior proveniente da ilegalidade das drogas, além de essa situação colaborar para uma maior moralização do esporte, sustentando o mito de as práticas esportivas serem moralmente boas (*ibid.*, p. 12).

A autora menciona o pensamento de Tavares (2002, *apud* SILVA, 2005, p. 13), para quem os interesses econômicos definem o rumo do esporte e não envolvem apenas atletas e patrocinadores, mas também dirigentes e instituições esportivas, que teriam por objetivo controlar e combater o uso dessas substâncias ilegais.

Desse modo, o *doping* passa a ser não somente tolerado, mas incentivado (ROUSE, 1999 *apud* SILVA, 2005, p. 13). Afinal, ele é fonte de grandes lucros para laboratórios e indústrias farmacêuticas, que produzem tanto as drogas como os testes antidoping.

Interesses políticos também estão envolvidos, já que em grandes competições, como a Olimpíada, casos de uso de drogas ilícitas não são acusados, devido ao interesse dos patrocinadores, atletas e demais indivíduos envolvidos (SILVA, 2005, p. 14).

Delineado esse panorama, a autora sugere que os debates da bioética servem de aporte teórico para a discussão do tema na Educação Física, levando em consideração os aspectos econômicos e políticos envolvidos (*ibid.*, p. 19).

No artigo percebemos as seguintes características: é um estudo em sua maior parte descritivo. O material empírico é apresentado através de referencial bibliográfico e matérias de revistas, analisados com base nesse mesmo referencial. A autora procura demonstrar o cenário social envolvido e o discute, mas não realiza essa discussão com profundidade. Assim a análise sociológica é relegada a segundo plano, tornando o artigo mais um estudo descritivo de uma realidade.

Doping, *Esporte e Performance: notas sobre os “limites” do corpo*, de Alexandre Fernandez Vaz

O consumo de substâncias ilícitas é visto na sociedade atual como um dos problemas centrais enfrentado em diversas esferas sociais. Concomitante às drogas ilícitas, temos as substâncias comercializadas, as drogas lícitas, como o cigarro e as bebidas alcoólicas (VAZ, 2005, p. 24).

Parece existir uma relação entre o uso dessas drogas e a procura pela potência cognitiva e corporal, características bastante valorizadas na sociedade pós-industrial. Assim se confirma o uso de anabolizantes na forma de um investimento maciço sobre o corpo, já que ele abre portas para o mercado de trabalho e sexual, ou porque existe certa esportivização de tais práticas (*ibid.*, p. 24-5).

O esporte exerce esta influência por ser considerado na sociedade contemporânea como um modelo de sucesso, um grande espetáculo, tentativas incessantes de quebra de recordes, um estímulo para os consumidores fatigados da indústria cultural. As drogas são um meio para conseguir mais superações de resultados e são condenadas em respeito à ética esportiva, que se estende à ética dos demais círculos sociais (VAZ, 2005, p. 25).

Para a discussão desta temática, o autor analisa três casos de *doping* recentes: o primeiro deles é do atleta Javier Sotomayor, cubano, flagrado pelo uso de cocaína nos Jogos Pan-americanos de 1999; o segundo é da atleta Maurren Maggi, brasileira, evidenciada no teste antidoping do Troféu Brasil de Atletismo; o último caso abordado no artigo é do atleta Carl Lewis, flagrado nas competições que antecederam os Jogos Olímpicos de 1988 (*ibid.*, p. 26).

Da análise destes casos destacamos os seguintes pontos: o *doping* parece ser fundado na crença de que o corpo é um maquinário manipulável tecnicamente, para a melhora de comportamentos e experiências humanas, de forma nada natural. Parece evidente também que no esporte são predominantes as ideias de controle, precisão e racionalidade, além de estar impregnado com influências de outros círculos sociais, como a política, explicitada no caso de Sotomayor, que afirmou não utilizar substâncias ilícitas e foi apoiado por Fidel Castro. Também percebemos a discussão da beleza e do alto rendimento no caso de Maurren Maggi, afastada das pistas por uma substância contida em uma pomada para tratamentos estéticos (VAZ, 2005, p. 33-4).

Assim, o ator finaliza colocando que a suposta ética de preservação do corpo não é seguida como um valor supremo, visto que a tolerância da sociedade ao *doping*, cirurgias plásticas e outras intervenções para melhorias estéticas ou de *performance* parece ter se modificado (*ibid.*, p. 34).

No artigo o autor realiza uma abordagem inicial ao tema, propondo exemplos e discutindo-os, com base em diversos referenciais. Assim, podemos perceber que o objetivo do autor é de apontar questões, sem fornecer respostas nesse momento.

Doping no Esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães, de Otávio Tavares

O autor inicia seu texto sugerindo que uma das possibilidades de entender o esporte moderno é vê-lo como um veículo privilegiado para a promoção de um tipo de moralidade pública e padrões de autocontrole. Assim, o uso de substâncias químicas e procedimentos com o intuito de aumentar a *performance* passou a ser considerada imoral e ilegal quando tratamos do esporte de rendimento (TAVARES, 2005, p. 38).

O uso de drogas está presente no senso comum de tal forma que não se questiona mais quem se dopa, mas sim como e quando o faz. Contradizendo essa percepção, o autor explicita os dados internacionais a respeito dos resultados positivos para uso de substâncias ilícitas, os quais apontam que menos de 1% dos testes acusou alguma irregularidade. Assim, podemos pensar que o uso do *doping* não é tão intenso, ou que ele está restrito a um número reduzido de atletas (*ibid.*, p. 38).

Na verdade, conhecer as razões e a extensão do *doping* esportivo é uma tarefa bastante complexa, devido à dificuldade de realizar observações analíticas e, por conseguinte, ser compreendido e explicado. Esclarecimentos focados em estudos individuais não relatam o cenário como um todo e as tentativas de abordagem totalizadoras, que privilegiam as noções de sistema, não levam em consideração o grau de liberdade dos sujeitos. Quando tratados pelo viés sociológico, estes estudos contemplam a cultura, o sistema social, as subculturas esportivas, as influências de líderes e treinadores (*ibid.*, p. 39).

O autor, mediante esse contexto, propõe-se a apresentar uma investigação comparada sobre as atitudes dos atletas brasileiros e alemães participantes dos Jogos Olímpicos de Sydney, realizados em 2000, em relação ao *doping* no esporte (*ibid.*, p. 40).

Para alcançar tal resultado, Tavares (2005, p. 41), tem em mente que o fenômeno é composto de múltiplas interdependências, o que não permite extrair uma explicação a partir de uma única teoria. Deste modo, o autor compreende que os valores conjugados pelos atletas durante a prática competitiva podem ser entendidos como se fossem organizados em círculos concêntricos, o que possibilita um modelo de análise que articula o micro e o macro. O primeiro círculo é o nível mais próximo de relações, dado pelas próprias modalidades esportivas. O segundo círculo é composto pelo sistema do esporte de alto rendimento, que não se reduz somente à ideologia olímpica. O terceiro círculo consiste na ideologia olímpica e o quarto e último círculo na cultura, num sentido lato.

As bases teóricas utilizadas pelo autor, para a leitura de dados qualitativos e quantitativos, são as seguintes: o conceito de modalidade esportiva como uma subcultura, proposto por Hugo Lovisolo; a teoria de totalização do sistema esportivo de alto nível, elaborado por Kalevi Heinilä; o *corpus* de valores do olimpismo abordado a partir do conceito de ideologia de Paul Ricoeur e o conceito de *habitus* de Brasil e Alemanha, respectivamente, de Sergio B. de Holanda e Norbert Elias (TAVARES, 2005, p. 42).

Com base nos dados analisados, o autor destaca que existe a possibilidade de se traçar um quadro otimista, pois os percentuais de rejeição ao uso do *doping* são maiores do que a sua menção como um problema, somente. No entanto é possível traçar também uma perspectiva pessimista, pois os percentuais de menção ao

doping como um problema futuro é maior do que as assertivas de que a prática é um problema dos Jogos Olímpicos em questão (*ibid.*, p. 50).

No tratamento das entrevistas, o autor procurou analisá-las como um relato de quem está envolvido no cenário e, por isso, tem uma visão parcial. Assim é possível supor que uma parte dos atletas possua uma atitude moral que não corresponda à atitude prática (*ibid.*, p. 50).

As opiniões e ações dos atletas relacionadas ao *doping* são produto de mediações entre valores de origens diversas, de um nível macro e um nível micro. Assim, existe a porção particularista e totalitarista coexistindo, o que não pode ser apreendido em um estudo que parte de somente de uma dessas duas premissas (TAVARES, 2005, p. 50-1).

O autor coleta material empírico e realiza um esforço cognitivo que resulta em uma análise aprofundada do fenômeno abordado, utilizando teorias sociológicas para tal intento. Deste modo o artigo não é focado na descrição dos dados coletados, nem realiza somente uma discussão sobre as teorias.

Doping e Mulheres nos Esportes, de Fabiano Pries Devide e Sebastião Josué Votré

Os autores iniciam o texto colocando que o Esporte moderno unificou um conjunto de valores, tais como força, potência, velocidade, vigor físico e busca por limites, que coincidem com as características valorizadas na sociedade vigente e são associadas à imagem de masculinidade. Esse contexto contribuiu para o rompimento de barreiras assentadas em pressupostos biológicos por parte das mulheres, que eram tidas como inferiores aos homens nas práticas atléticas. No entanto, a estabilidade e permanência de algumas dessas barreiras levam as atletas a modificar seus corpos para incluir-se no cenário esportivo, no qual estão em desvantagem (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 124).

A partir da década de 60, quando mulheres atletas começavam a exibir resultados expressivos, ocorreu uma reação sexista, classificando essas mulheres como masculinas, colocando em dúvida sua identidade sexual, causando um efeito em outras esferas sociais ligadas ao esporte. Assim, os interesses sobre as definições sociais e biológicas da feminilidade foram renovados (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 124-5).

Os autores explicitam o abismo que existe na comparação de resultados atléticos masculinos e femininos, nos quais as últimas sempre aparecem como esportistas de segunda classe. Desse modo, a feminilidade também é atrelada a estereótipos, bem como a *performance* esportiva. Todavia, para que este não se torne um obstáculo adicional na trilha da consolidação das mulheres no esporte de alto rendimento, faz-se necessário pensar o território da feminilidade como de contestação, que vai além dos aspectos estéticos (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 125).

Wills (1994), *apud* Devid e Votre (2005, p. 125), coloca que existe uma associação perversa quando se trata de mulheres no esporte: a contradição entre ser bem sucedida como atleta e falhar como mulher, não realizando os papéis socialmente designados a ela. Assim a relação esporte–identidade masculina se fortalece, naturalizando as relações postas neste cenário e impondo às mulheres a superação de tais estereótipos. Neste ponto, os autores agregam, de forma sucinta, as contribuições de Messner (1994), Dunning e Maguire (1997), Parrat (1994) e Théberge (1994) (*ibid.*, p. 126).

Após a introdução do tema, os autores apresentam um panorama do ingresso das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos, a partir de 1964, no qual destacam o aumento no número de atletas participantes, as barreiras a serem transpostas, como a conquista de novos espaços, além de tolerar o estereótipo sexista, bastante presente na época. Na edição seguinte dos Jogos o teste cromossomial e visual foi utilizado para atestar se as atletas possuíam as características biológicas condizentes com seu sexo. A masculinização das atletas era pronunciada pela mídia e pelo chefe da equipe examinadora, denotando o incômodo que a presença feminina causou neste âmbito. A utilização de anabolizantes para o aumento das qualidades físicas exigidas pelo esporte agravou ainda mais a delicada situação do contingente feminino, que, quando sob suspeita de *doping*, tinha sua identidade sexual questionada (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 128).

Na década de 70, o movimento feminista começa a redefinir os papéis sociais e de gênero, o que teve ressonância no cenário esportivo. A musculatura saliente e a força feminina desenvolvidas nas atletas passaram a ser mais aceitáveis através do movimento norte-americano do *fitness*, entre outras mudanças. Nos Jogos Olímpicos de 1972, os autores destacam o início da participação definitiva das mulheres no evento, que se consolidou em 1980, através de mudanças políticas do Comitê Olímpico Internacional (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 128).

Nesse contexto, um número significativo de jornalistas e atletas passaram a destacar a notável mudança da estrutura corporal de muitas atletas alemãs orientais. No entanto, poucas medidas para a comprovação do uso de *doping* foram utilizadas (DEVIDE; VOTRE, 2005, p. 129).

Através de entrevistas com atletas que vivenciaram esse período de uso do *doping*, Devidé e Votré (2005, p.131) ilustram a realidade exposta até esse ponto no artigo, realizando alguns comentários, a fim de elucidar o contexto da época no qual estava presente a desigualdade tanto nas condições físicas das atletas quanto nos treinamentos.

Pudemos perceber que no trabalho os autores não utilizam somente um referencial teórico para a análise do fenômeno. A fundamentação teórica é eclética, o que pode causar algumas divergências sobre a leitura do tema entre estes autores. As impressões dos autores diante dos dados empíricos são comprovadas ou refutadas através de embasamento teórico, o que agrega profundidade ao artigo. O aspecto histórico serve de pano de fundo para uma análise sociológica dos fatos, tratando mais especificamente da questão de gênero.

Na revista de janeiro de 2006 foram selecionados os seguintes artigos:

O Jogo da Identidade Boe: de fronteiras étnicas e culturais, de Beleni Saléte Grando

No presente texto a autora pretende analisar o conceito de jogo que se constrói nas relações desta população com a sociedade envolvente, como as diferentes formas de ser e educar marcam o corpo, as identidades coletivas e individuais. O jogo explicitado aqui é imbuído de relações interculturais com os seminaristas salesianos e a sociedade circundante, que perpassam as ações sociais cotidianas na aldeia de Meruri (GRANDO, 2006, p. 28).

Em meio a este contexto de relações interculturais, a pesquisa de campo, realizada em 2001, identificou a educação impressa no corpo e a constituição das identidades nas comemorações dos 25 anos de conquista do território da aldeia. A festa permitiu a vivência de práticas corporais sem o olhar vigilante do corpo, possibilitando que a autora compreendesse as dinâmicas estabelecidas pelos bororo a fim de se constituírem como grupo étnico e como indivíduos (*ibid.*, p. 29).

Na festividade o futebol ocupou lugar de destaque, juntamente com as danças e rituais típicos deste povo, possibilitando a integração de membros externos à comunidade bororo, que são incorporados nos times organizados a partir das relações de parentesco (*id.*). Destacamos também que o futebol é terreno para a interação social, explicitando as tensões e dinâmicas presentes nas relações entre os bororo, em suas relações de parentesco, além das interações entre este povo e a sociedade circundante (*ibid.*, p. 30).

A autora também ressalta a realização do futebol em família, espaço importante de integração familiar, que é permeado por relações hierárquicas e de parentesco presentes na tradição cultural. As crianças, ainda em fase de aprendizagem, não têm a compreensão do respeito que se deve a estas relações (GRANDO, 2006, p. 32).

O futebol também é uma estratégia educativa importante, ocorrendo entre os jovens e adultos da aldeia a fim de suprir a lacuna deixada pelos rituais de caça e pesca. Nestes jogos a identidade coletiva e os modos de se portar entre seus pares são ensinados (*id.*).

Na escola a cultura da sociedade circundante se faz sentir e modifica o significado do futebol para os bororo. O jogo neste contexto é o prêmio pela obediência e respeito às regras dentro de sala de aula (*ibid.*, p. 33).

Após descrever os jogos de alunos da segunda e terceira séries de forma densa, a autora tece suas considerações finais, destacando o caráter polissêmico do futebol e como os significados são diversos quando ele ocorre na aldeia ou na escola. É também território de aprendizagem, de formação do corpo e de confronto cultural (*ibid.*, p. 40-1).

O artigo aparenta ser um texto de fronteira entre a Sociologia e a Antropologia, fronteira esta tênue, pois tanto o objeto de estudo, a sociedade, como parte dos referenciais teóricos são comum às duas áreas. Isso dificulta a seleção da amostra, mas não a desqualifica, pois notamos não só neste, mas em vários textos, a “mistura” de áreas, o que pode ser identificado como uma tendência. Também é uma tendência a utilização de um referencial eclético, não focando somente na análise de uma teoria. Novamente pensamos que isso venha a contribuir para a densidade do texto, desde que as noções dos autores não sejam utilizadas como mero reforço de argumento.

Corpos, Cultura, Paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira, de Muleka Mwewa e Alexandre Fernandez Vaz

Os autores iniciam seu texto apontando que usualmente a capoeira é vista como uma manifestação cultural genuinamente brasileira, uma síntese de elementos africanos adicionados a formas de expressão corporal já existentes antes e durante o período de escravidão. É um jogo, luta, dança e até mesmo esporte-espetáculo (MWEWA; VAZ, 2006, p. 46).

No presente artigo os autores procuram apresentar elementos para a compreensão do jogo de capoeira, sua condição de cultura, considerando determinado eixo das transformações da sociedade atual e desmistificando algumas proposições correntes no senso comum (*id.*).

A fim de atingir tal intento, as teorias de Stuart Hall e Theodor Adorno são utilizadas por Mwewa e Vaz (2006, p. 47) para a fundamentação teórica, refletindo sobre essa prática social.

Do primeiro, os autores utilizam a noção de cultura popular, definida como tendo base nas experiências, prazeres, memórias e tradições do povo, é vinculada a elementos comuns do cotidiano, liga-se ao vulgar e geralmente é contraposta à cultura de elite. É território composto por elementos antagônicos, instáveis e em constante tensão com o contexto social. Todavia a indústria cultural coloca uma mudança na relação entre a cultura erudita e popular, ocorrendo a popularização do erudito e a erudição do popular (*ibid.*, p. 47-8). Assim, as relações postas se modificam e tornam-se mais complexas, não sendo possível uma distinção tão clara destes dois elementos.

Do segundo pensador, os autores também utilizam o conceito de cultura popular, explicitando a ideia dos mecanismos que a caracterizam como proveniente das camadas subalternas e todas as implicações sociais advindas desta concepção (*ibid.*, p. 49).

Quando dividida em partes com o fim de consumo, a capoeira, uma manifestação da cultura corporal, revela outra condição: de produto adaptado ao consumo do corpo. As diversas formas de capoeira reivindicam um *status* próprio, como o caso da capoeira Angola, que é tida como a que mais se aproxima das camadas populares. Assim, a prática se adapta a determinado tipo de consumo (MWEWA; VAZ, 2006, p. 49-50).

O consumo se materializa nas vestimentas utilizadas pelos praticantes e se mistura com o processo de afirmação identitária, um símbolo de pertencimento a determinado grupo. O adorno do corpo, neste caso, também o torna objeto de consumo, já que hoje ele é exposto de maneira muito mais acentuada. Assim se exteriorizam as subjetividades ordenadas pelos mecanismos de controle social (*ibid.*, p. 55-6).

O artigo baseia-se em dois autores principais, o que concede uma leitura mais aprofundada sobre o tema. Percebemos que existe uma dificuldade em realizar a leitura de uma realidade social a partir de uma única teoria sociológica, devido às limitações desta última. Os autores não informam como obtiveram os dados empíricos e eles são utilizados de maneira breve, como em uma abordagem inicial do tema, dando mais espaço às discussões teóricas.

O Jogo da Capoeira em Jogo, de José Luiz Cirqueira Falcão

Falcão (2006, p. 60) inicia seu texto colocando que o jogo da capoeira tem se inserido nos mais diversos espaços sociais, sendo associado atualmente à lógica do capitalismo, embora de modo diverso do que outras modalidades. Assim, o autor coloca a necessidade de elaborar reflexões que superem os entendimentos reducionistas acerca deste fenômeno social e propõe a análise da capoeira a partir do conceito de jogo, como por exemplo o de Huizinga.

A análise deste texto não se restringe somente à capoeira, mas também aborda o cenário social que a circunda, como a inserção da prática no processo de reestruturação do capitalismo e mundialização do capital. Questões como a destrutividade do capitalismo, a globalização e as tensões entre transnacionais e os Estados-Nação são abordados rapidamente, a fim de realizar uma exposição do cenário atual (FALCÃO, 2006, p. 61).

Vista a situação, o autor se propõe a entender a relação da capoeira com esse jogo mais amplo, o social, que se expressa pela destruição das forças produtivas. Deste modo constata que as influências do mundo social afetam o jogo em questão, mesmo que isso não seja verificável de forma imediata na prática corporal. A capoeira de antigamente é bem diversa daquela jogada nos dias de hoje, fruto dessas influências (*ibid.*, p. 63).

O que era antes uma prática de lazer, hoje se torna um trabalho, um meio de sobrevivência de operários que perderam seus empregos e jovens que não conseguem se inserir no mercado de trabalho (*id.*).

Assim, esse novo uso da capoeira modifica o significado da prática, incidindo nas demais esferas ligadas a ela. O autor cita como exemplo o fato de que uma parcela significativa dos grupos de capoeira brasileiros são organizados e estruturados na lógica empresarial, aplicando os moldes de franquias para atender à crescente demanda. Também a inserção nas academias de ginástica, a criação de federações e ligas são sintomáticos desta lógica (FALCÃO, 2006, p. 64-5).

Este movimento faz com que a capoeira, assim como outras atividades, seja marcada por dois fenômenos: a mercadorização e a esportivização, e esta última carrega consigo os signos de racionalização, competição e cientificação. O sentido da prática se modifica com estas marcas, é alterado em sua essência pelo capitalismo (*ibid.*, p. 65).

A internacionalização da capoeira, ocorrida quando praticantes decidiram buscar melhores condições de vida em outros países, também modificou o contexto social em que se inseriu e foi modificada. Mais uma vez o trabalho capoeira permitiu a ascensão social, desta vez em terras estrangeiras (*ibid.*, p. 72).

Concluindo, o autor reforça o fato de que a capoeira é condicionada por valores e regras sociais, é uma construção social em permanente construção, é influenciada pelo seu tempo histórico e edificada a partir dos interesses dos sujeitos que se apropriam dela (*ibid.*, p. 72-3).

O artigo apresenta um referencial histórico cuja fonte são entrevistas, mas uma parte não possui fonte definida. Isso depõe contra a qualidade do trabalho, pois parecem ser feitas análises das próprias memórias do autor, que são inevitavelmente parciais. No entanto, a construção teórica, apesar de nem sempre citada, está bem amarrada e são utilizados vários autores. Assim, podemos perceber que existe conexão entre teoria e empiria, não aparentando existir conflitos entre as concepções dos autores, que são uma alternativa mais atualizada à teoria de Marx sobre o capitalismo. O autor também faz alguns comentários não embasados, dando espaço à concepção do senso comum.

Na revista de setembro de 2006 foram selecionados os seguintes artigos:

Localismo e Globalismo na Esportivização do Rodeio, de Giuliano Gomes de Assis Pimentel

O artigo tem como objeto de estudo o rodeio, uma prática que revela a relação entre o global e o local, através de suas variadas formas, como por exemplo as vaquejadas e o rodeio internacionalizado. A identificação dos múltiplos elementos, tanto locais quanto globais, inseridos no processo de esportivização da prática é discutida no texto, com o auxílio de diversas bases teóricas (PIMENTEL, 2006, p. 92).

Através da intensificação das trocas entre o campo e a cidade, a prática, que era limitada ao trabalho com o gado, ganha outros significados, passando a ser parte do lazer. Para o autor, estas mudanças ocasionam uma desterritorialização de alguns aspectos do rodeio, ou seja, o deslocamento desta prática local de seu território para ser distribuída mundialmente, o que modifica o fenômeno inicial e, ao mesmo tempo que contribui para a sua sobrevivência, acelera a fragmentação (ORTIZ, 1994, *apud* PIMENTEL, 2006, p. 92).

A espetacularização do rodeio ocorre conjuntamente com a sua regulamentação, transformando-o em um esporte formal. A reestruturação da prática, desencadeada pela desterritorialização, é auxiliada pela tecnologia e pela profissionalização, alterando o seu significado (*ibid.*, p. 92).

Obviamente estas modificações não ocorrem sem tensões e resistências, movimento que dá origem ao “*mix global*”, que revela uma oscilação entre a resistência e a assimilação. A fim de destacar este cenário, o autor selecionou uma vertente do rodeio denominada tiro de laço (*ibid.*, p. 93).

Pimentel (2006, p. 94) destaca o cuidado em não incluir em suas análises julgamentos de valor sobre as transformações descritas, entendendo a forma nativa da prática e a forma mundializada como detentoras de parcelas desiguais da cultura local e global. Também ressalta a cautela em não somente descrever e mensurar estas mudanças, mas sim interpretá-las (*ibid.*, p. 94).

Para a coleta de dados o autor utilizou algumas técnicas de trabalho etnográfico, como a observação, manutenção de um diário de campo e entrevistas, com questões voltadas aos significados da prática, relação com o modo de vida do entrevistado, técnicas e cuidados corporais utilizados durante a atividade. Tais

dados foram coletados em um evento local e um globalizado (PIMENTEL, 2006, p. 94).

Na descrição dos dados, são ressaltadas as características do tiro de laço, que para os participantes consiste numa brincadeira, já que não possui características de esporte institucionalizado. A formação dos praticantes ocorre fora de âmbitos mais formais, como a escola e o clube, e esta atividade fazia parte do cotidiano desses indivíduos no trabalho com o gado (*ibid.*, p. 95).

Tais experiências do trabalho no campo são concebidas pelos praticantes como condição para um desempenho satisfatório no jogo, já que é neste espaço de experimentação que as técnicas corporais e as ações básicas do laço são internalizadas. A diferenciação da prática voltada para o trabalho e da voltada para o jogo é a emoção, presente neste último com intensidade (*ibid.*, p. 96).

O autor ressalta também que a tendência é que estas práticas permaneçam delimitadas ao universo rural, já que condições como materiais e espaços estão presentes neste cenário. No entanto a restrição não impediu a permeabilidade entre o local e o global, como por exemplo o consumo do espetáculo pelos citadinos e a inclusão de provas do rodeio esportivizado em eventos locais (*ibid.*, p. 97).

Todavia o processo de conciliação entre o local e o global gera tensões, como sugere Featherstone, *apud* Pimentel (2006, p. 98-9). Na tentativa de tornar os eventos lucrativos, os organizadores das festas locais realizaram modificações que foram criticadas por uma parcela dos participantes, como a cobrança de inscrição e a entrega de prêmios com valor financeiro. Ocorreu uma descaracterização da prática pela interferência do cenário global, que pode também vir a extinguir a prática local.

Nas considerações finais o autor destaca esta tensão entre o local e o global apresentada no texto e as possibilidades de criação de uma prática híbrida ou a extinção da prática local, fatos que ocorrem em um cenário pleno de tensões e resistências (PIMENTEL, 2006, p. 101-2).

O presente artigo não é uma abordagem inicial sobre o tema como um todo, pois o autor possui outras publicações que ele mesmo aponta no texto. É realizado um apanhado teórico de uma série de autores para embasar pontos específicos, discutindo primeiramente a teoria, para depois apresentar os dados e realizar algumas análises. O autor destaca a importância de efetuar a interpretação do fenômeno, o que faz em determinados pontos do texto. Alguns dados passíveis de

análise não foram contemplados, somente descritos. Teoria e material empírico estão na maior parte do texto separadas, o que pode ser uma tendência dos escritos sobre a Sociologia do Esporte, já que os profissionais da Educação Física ainda estão em fase de apropriação de teorias e necessitam situar o leitor, também da Educação Física, acerca da base teórica trabalhada.

Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores da Olimpíada de Sydney, de Tiago Lisboa Bartholo e Antonio Jorge Gonçalves Soares.

No parágrafo inicial os autores explicitam o objetivo geral do texto: analisar como a imprensa recupera signos e significados do nacionalismo através do caso de um atleta. O material empírico utilizado foi uma série de reportagens do jornal *O Globo*, publicadas de 3 a 10 de setembro de 2000, que tinham como tema central o impasse entre o tenista Gustavo Kuerten, o Comitê Olímpico Brasileiro e seus respectivos patrocinadores (BARTHOLO; GONÇALVES, 2006, p. 56).

A hipótese apresentada sugere que a intensificação da globalização, conceito baseado em Hall (2003, *apud* BARTHOLO; GONÇALVES, 2006, p. 56), reorienta ou explicita a identificação dos atletas com a nação e seus símbolos. Deste modo, a desterritorialização do ídolo esportivo, neste caso o referido tenista, cria um novo processo de identificação e tradução das diversas identidades culturais (HELAL; SOARES, 2003, *apud* BARTHOLO; GONÇALVES, 2006, p. 57).

Sobre o esporte globalizado, os autores destacam o papel dos Jogos Olímpicos, idealizados como uma possibilidade de encontro pacífico para atletas de vários Estados-Nação, cujos símbolos estão presentes em vários momentos do evento, como a abertura, entrega de medalhas, etc. Estes símbolos reforçam as identidades de cada Estado, sugerindo que na competição os confrontos não são entre atletas de diversas nacionalidades, mas entre nações (*ibid.*, p. 58).

No final da década de 70 as economias dos diversos Estados sofriam uma crescente integração, aliada a uma entrada maciça de patrocinadores no cenário esportivo. Isto fez com que fossem adicionados às competições, além dos fatores descritos acima de identidade e conflito de nações, os negócios e as movimentações econômicas, com o objetivo claro de aliar marcas às imagens dos atletas. A integração global parece afrouxar as amarras que ligam o atleta à sua nação e

parece capaz de romper este vínculo, mesmo que parcialmente (BARTHOLO; GONÇALVES, 2006, p. 58).

Através das reportagens citadas, os autores realizam a descrição e algumas análises do intrincado cenário esportivo que inclui o Comitê Olímpico Brasileiro, a Olympikus, patrocinadora do órgão, a Confederação Brasileira de Tênis, o tenista Gustavo Kuerten e seu patrocinador, a Diadora (*ibid.*, p. 61).

O tenista, por recusar a quebra de contrato com a empresa que o patrocinava, não aceitou utilizar o uniforme e consequentemente a marca do patrocinador do Comitê Olímpico nas Olimpíadas de Sydney. Tomando tal decisão, foi cogitada a não participação do atleta, que posteriormente foi acusado de não representar a pátria, questão relacionada à identidade nacional. Tensões entre os atores envolvidos na situação são explicitadas no artigo, como por exemplo a gratidão do tenista com o seu patrocinador, que o apoiou desde o início da carreira e a recusa de desonrar o contrato firmado entre ambos, além da pressão do Comitê Olímpico, realizada através da mídia, para que o atleta mudasse sua posição. A honra de defender a pátria deveria sobrepor as questões financeiras, apresentadas como de menor valor na fala dos atores do referido comitê (*ibid.*, p. 60-4).

Estes, entre outros pontos levantados, destacam o reordenamento ocorrido no campo dos esportes com a entrada das empresas, a ligação dos Jogos Olímpicos e as identidades nacionais, além da influência dos meios de comunicação no delineamento de certos fatos, pontos estes analisados por meio do referencial sociológico (*ibid.*, p. 65-70).

O artigo pretende discutir o cenário posto, o que realiza em determinados momentos. A maior parte das citações está em nota de rodapé, o que não permite uma evidência clara da relação entre material empírico e teoria. Uma primeira parte descreve o cenário a ser estudado sem muitos detalhes, lendo-o com base nos conceitos de diversos referenciais, o que parece ser mais profundo do que o embasamento de dados isolados. Uma segunda parte descreve em detalhes o fenômeno, utilizando referencial para análise em alguns pontos e podendo ser percebida em outros, através dos termos, mas não é citada a referência.

Do centro à Periferia: sobre a presença da Teoria Crítica do Esporte no Brasil, de Danielle Torri e Alexandre Fernandez Vaz

A partir da década de 80, uma corrente de análise do esporte que realizava duras críticas a este fenômeno se tornou bastante presente no cenário acadêmico da Educação Física brasileira. Tais apontamentos associavam a prática esportiva com o que havia de pior no desenvolvimento da sociedade capitalista, sendo o esporte considerado como um representante ideológico e uma mercadoria (TORRI; VAZ, 2006, p. 186).

Denominada Teoria Crítica do Esporte, esta forma de analisar o esporte apresentava forte influência da contracultura e da Escola de Frankfurt, e tinha como principais referências Bero Rigauer e Jean-Marie Brohm (*ibid.*, p. 186).

Os autores identificam dois momentos da recepção da teoria no Brasil, sendo o primeiro a apropriação do ideário para embasar as análises de questões nacionais, criticando o esporte, especialmente seu uso como estratégia de construção de um Estado capitalista hegemônico. O segundo momento é voltado para a crítica a esta teoria, contrastando-a com outras formas de leitura do fenômeno esportivo (*ibid.*, p. 186).

No artigo, Torri e Vaz (2006, p. 187) se propõem a apresentar e analisar alguns trabalhos produzidos nestes dois momentos, a fim de pensar o debate sobre o esporte como fenômeno social.

A primeira inserção da Teoria Crítica do esporte foi percebida no estudo de Cavalcanti (1981, *apud* TORRI; VAZ, 2006, p. 187), que ressaltava o fato de as produções destinadas a compreender o fenômeno esportivo eram restritas à Pedagogia Esportiva e procurava descrever principalmente a obra de Brohm, apresentando as principais teses deste autor. Assim, os pesquisadores que desejavam ter uma visão mais aprofundada do esporte e da Educação Física recorriam à referida teoria, a fim de superar a abordagem pedagógica vigente no universo acadêmico brasileiro.

Os trabalhos deste primeiro momento inseriram a Teoria Crítica do Esporte sem realizar uma abordagem mais ampla sobre ela. A primeira produção com esta característica foi de Bracht (2003 *apud* TORRI; VAZ, 2006, p. 189), que consistia numa síntese de abordagens sociológicas críticas, entre elas a referida teoria.

Proni (2002, *apud* TORRI; VAZ, 2006, p. 190-1) também aborda a Teoria Crítica do Esporte, especificamente a obra de Brohm, não se restringindo à apresentação de seu ideário, mas discutindo algumas questões que contribuem para a análise do esporte contemporâneo. Os autores realizam algumas críticas à

interpretação do pesquisador, a lacuna de informações como influências, autores complementares e aproximações com outros pensadores.

Em um segundo momento a Teoria Crítica do Esporte sofreu várias críticas, que se aproximam das ponderações feitas na Europa, embora sem a profundidade destas. Isso pode ser sintomático de uma falta de debate entre os estudiosos brasileiros, dificultada ainda mais pela ausência de textos em espanhol ou português. Lovisolo (1995, *apud* TORRI; VAZ, 2006, p. 193) inicia esta onda de considerações, focando principalmente na disseminação vulgar de que a educação esportiva, através das regras, apenas contribuiria para a divulgação e manutenção da ordem capitalista.

Outros estudos também são citados nesta corrente de críticas, comentam sobre a massificação da cultura e sua relação com o Esporte, considerando o contexto em que as obras da Teoria Crítica do Esporte foram elaboradas e que influenciaram na elaboração desta, refutando a ideia de que toda prática esportiva é voltada ao rendimento, devido à influência do capitalismo, e ponderando sobre a generalidade da afirmação de que toda atividade de lazer é voltada para a recuperação do trabalhador para uma melhor produtividade, entre outros pontos (*ibid.*, p. 194-7).

No artigo os autores expõem o cenário de recepção de determinada teoria, descrevendo brevemente o panorama internacional e aprofundando-se em algumas obras que a utilizaram. No entanto não se limitam à descrição, analisam as obras brasileiras e o contexto em que elas estavam inseridas, além de tecerem críticas e apontarem aproximações com outras teorias possíveis.

Na revista de maio de 2007 foi selecionado o seguinte artigo:

Lazer-Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura, de Mirleide Chaar Bahia e Tânia Mara Silveira Sampaio

As autoras iniciam seu artigo colocando em linhas gerais a problemática ambiental e os problemas gerados pelo uso exacerbado dos recursos naturais, visando o lucro. Uma das medidas para tentar salvar o que resta das reservas naturais foi o afastamento do homem da natureza, criando áreas de conservação ambiental. Claramente isso prejudicou a população que extraía, de modo

sustentável, recursos para sua subsistência o que acabou por afetar as culturas destes povos (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 174).

A situação de afastamento do homem da natureza, para a preservação desta última, desencadeou um movimento que preconiza a reaproximação do indivíduo com o meio ambiente, sem que esse seja dizimado. A partir de discussões e estudos é elaborado o conceito de desenvolvimento sustentável, baseado no tripé justiça social, eficiência econômica e prudência ecológica (*ibid.*, p. 175-6).

As autoras destacam que alguns aspectos são imperativos para a prática do lazer, como o tempo disponível, a atitude adotada pelo indivíduo e o ambiente onde este acontecerá, estando esses itens intimamente ligados entre si para o descanso e divertimento (MARCELLINO, 1987, *apud* BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 178). No entanto os indivíduos não percebem a importância desta prática em seu cotidiano, como relata Magnani (2003, *apud* BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 178), assim como a perceberiam se fosse relacionada aos aspectos “sérios” da vida.

Também é ressaltado que a busca por esta prática de lazer é permeada por valores implícitos em seus praticantes e visíveis na sua fala e atitudes, que o definem como forma de alienação e busca de compensações, transferindo a mesma atitude utilizada no cotidiano para estes momentos, ceifando o prazer proporcionado por estas atividades (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 178).

Assim, o lazer crítico e criativo seria um veículo para o transporte de valores contrários à lógica hegemônica do capitalismo e do individualismo, para o cotidiano dos indivíduos (MAGNANI, 1988, *apud* BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 179).

Tratando especificamente dos esportes de aventura, as autoras retratam que estas modalidades diferem das demais modalidades e têm como principais atributos a aventura e o risco calculado. A ruptura com as modalidades convencionais fez com que os esportes de aventura reordenassem o cenário esportivo, produzindo uma renovação simbólica e de signos que eram parte do imaginário esportivo, bem como a modificação de elementos presentes nas outras práticas, proporcionando novas configurações (*ibid.*, p. 179).

A pesquisa de campo de caráter qualitativo combinou a revisão bibliográfica com a pesquisa de campo, cuja técnica empregada foi a entrevista semiestruturada. Tais entrevistas foram realizadas com praticantes de esportes de aventura em Brotas - SP. No material empírico coletado alguns pontos foram elencados para a análise (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 180).

O primeiro ponto foi o entendimento destes indivíduos sobre o lazer. Percebe-se uma visão bastante limitada do fenômeno nos relatos da maior parte dos entrevistados, restrita a práticas esportivas. A busca desta prática apontava motivos ligados à emoção, risco e sensações não vivenciadas no cotidiano, na tentativa de compensação do estresse. Neste ponto as contribuições de Marcellino (1987), Bruhns (1998) e Marinho (2003), todos citados por Bahia e Sampaio (2007, p. 183), foram referenciais para a análise.

Outros pontos também foram abordados, mas sem ênfase, tanto na discussão das autoras, sem referencial específico, quanto nas análises baseadas nos escritos de estudiosos da área.

O artigo contextualiza o cenário em que estão inseridos os esportes de aventura sem, no entanto, problematizá-lo ou analisá-lo. Na contextualização alguns referenciais são agregados, para a explicitação e embasamento de alguns pontos. O material empírico foi coletado de modo ordenado e sistematizado, gerando categorias para análise. No entanto somente dois pontos levantados são discutidos com os referenciais elencados, de maneira breve. Os demais são comentados pelas autoras.

Na revista de setembro de 2007 foi selecionado o seguinte artigo:

“Frozen Bananas”: esporte, mídia e identidade brasileira nos jogos olímpicos de inverno, de Otávio Tavares, Antonio Jorge Soares e Tiago Bartholo

O artigo inicia com a discussão sobre a identidade brasileira, sobre a qual parece haver um consenso de que o Brasil é um país complexo, não sendo possível a formulação de um único esquema explicativo, pois engloba múltiplas formas de sociabilidades e valores. No plano do esporte a multiplicidade presente na identidade também se faz sentir, sendo um desafio distinguir os significados locais ou nacionais dos universais (TAVARES; SOARES; BARTHOLO, 2007, p. 194-5).

Os autores propõem como objetivo do estudo a análise das diversas estratégias utilizadas pelos meios de comunicação, particularmente a imprensa, para narrar a participação da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Salt Lake City, que contava com competições de esportes de inverno. A hipótese levantada é de que a imprensa se deparou com este conjunto de modalidades pouco conhecidas no Brasil

e escolheu por narrá-lo baseado em uma “gramática de identidade”, que atribui significados a fim de estabelecer vínculos de identificação com as novas práticas, selecionando elementos que tipificam os atletas brasileiros e sua participação. Como material empírico, foram selecionadas 25 reportagens do jornal *Folha de São Paulo* em determinado período (3 a 25 de fevereiro), analisadas pelo método hermenêutico, procurando identificar as marcas de identidade nacional presentes (*ibid.*, p. 195-6).

A introdução ao contexto dos Jogos Olímpicos de Inverno alia o relato das principais características do evento e da participação brasileira diminuta e recente, bem como o papel da mídia, a algumas análises. Uma destas considerações explícita, com base no pensamento de Boyle e Reynes (2000, *apud* TAVARES; SOARES; BARTHOLO, 2007, p. 200), a partir de uma comparação entre o *cross-country* e o futebol, como os esportes podem e são emoldurados a partir dos significados presentes na cultura e na história brasileiras.

A identificação da equipe brasileira pela mídia, assim como as modalidades, é necessária, já que se trata de uma realidade distante e desconhecida para a maior parte dos leitores. Tal processo, denominado de decodificação (HALL, 2003, *apud* TAVARES; SOARES; BARTHOLO, 2007, p. 200), ocorre repetidas vezes nas matérias analisadas, com fins didáticos. São apresentados os atletas e é ressaltado um caráter comum a todos eles: a falta de competência técnica e tempo de treinamento para atingir resultados expressivos. A alcunha atribuída à equipe - “Frozen Bananas” - diz muito sobre a identidade brasileira para os estrangeiros, que associam o país ao estereótipo de exótico e tropical. Esta identidade foi assimilada pelos atletas, que em uma ocasião jogaram bananas para o público, na qual os autores notaram o primitivo e o natural ligado à identificação daqueles sujeitos (*ibid.*, p. 200-4).

Como considerações finais, os autores apontam algumas questões como um processo de descrição e vinculação a partir das linguagens e imagens existentes no universo da cultura esportiva nacional para explicar o desconhecido mundo dos jogos de inverno. No entanto houve dificuldade de formar um signo icônico (HALL, 2003, *apud* TAVARES; SOARES; BARTHOLO, 2007, p. 204), um elemento esportivo profundamente enraizado em nossa cultura para o estabelecimento de relações. A imprensa também procurou ajustar o nível de expectativa do público, através de matérias que desconstruíam a participação dos atletas brasileiros como

um caso de provável sucesso, notado pela expressão “estar numa gelada”, utilizada por este meio de comunicação. Assim, foi possível notar as relações entre o universal e o local postas neste cenário esportivo específico.

No artigo pudemos perceber que o material empírico foi coletado criteriosamente, havendo preocupação em contextualizar tanto o cenário do fenômeno como os principais conceitos utilizados. O material empírico é apresentado concomitante com a discussão e análise, que é superficial. É centrado na teoria de Hall, utilizando os conceitos de outros autores para auxiliar na discussão.

Na próxima sessão será traçado um perfil dos periódicos e realizada a análise dos artigos.

4.2 PERFIL DOS PERIÓDICOS E ANÁLISE DOS ARTIGOS

4.2.1 *Revista Brasileira de Ciências Sociais*

Primeiramente teceremos algumas considerações sobre a *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.

O periódico trata sobre os temas considerados pertinentes para a Sociologia, como política, religião, economia, discussão de teorias, campo acadêmico, trabalho, etc. e objetos não tão recorrentes, como a música, por exemplo.

Não encontramos produções voltadas para a Sociologia do Esporte nesta revista. A ausência é um dado marcante, que pode ser fruto de uma série de fatores. Um deles é a falta de conexão entre teoria e material empírico, que verificamos nas produções da Educação Física, impossibilitando a publicação de tais trabalhos. Sua qualidade, “comparada” com os trabalhos dos pesquisadores da área, supostamente não permite que sejam aceitos pela comissão científica, que leva em conta determinados critérios de avaliação.

Outra possível razão é a falta de interesse dos pesquisadores das Ciências Sociais, que, em sua maioria, não concebem o esporte como objeto relevante de pesquisa, sendo que tal característica pode ser atribuída a uma lógica da área. Obviamente a situação não é tão simples, já que o campo acadêmico das Ciências

Sociais tem sido ocupado pelos pesquisadores da Educação Física e questões como a legitimidade do objeto de estudo são colocadas na tentativa de não permitir a entrada dos recém-chegados.

Assim, ressaltamos que as decisões tomadas pelos agentes responsáveis pela revista que desembocou nesta ausência verificada também exercem influência neste cenário. Deste modo não podemos atribuir somente às características dos trabalhos ou ao objeto as causas da não publicação neste periódico.

Uma outra possibilidade para essa ausência de artigos sobre o esporte pode ser atribuída ao elevado número de submissões de artigos para uma área que tem um número restrito de revistas. Assim, são privilegiados os trabalhos de sociólogos em detrimento das pesquisas provenientes de outras disciplinas. A situação envolve uma pressão de órgão de fomento, para o financiamento de pesquisas e bolsas, e programas de pós-graduação, que são avaliados pela produção de seu corpo docente e discente, para que seja produzido certo número de textos em determinados periódicos que possuem alta conceituação na avaliação Qualis. Como nas Ciências Humanas existe uma limitação de periódicos, estes recebem uma demanda muito grande de artigos a serem analisados, e os que possuem a melhor discussão e tratam de temas relevantes para a área são publicados. Por ser um debate profundamente vinculado ao estabelecimento do campo da Sociologia do Esporte, uma discussão mais aprofundada sobre este ponto será apresentada na sequência.

A seguir passamos às considerações acerca do periódico da Educação Física.

4.2.2 *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*

Em uma abordagem geral da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, percebemos vários artigos referentes à temática Educação Física - sobre o âmbito escolar, formação e atuação dos profissionais, abordagens pedagógicas, estudos voltados ao viés biológico e do desenvolvimento humano, abordagens sobre o campo acadêmico e profissional, etc. – e parte destes estudos utilizavam o referencial sociológico para a discussão. Trabalhos sobre lazer com este perfil também foram encontrados, todavia o esporte não era o tema central.

As produções que tratavam sobre o esporte eram textos de disciplinas e áreas diversas, como História, Antropologia, Filosofia, Pedagogia, Psicologia e Ciências Biológicas, além de estudos que debatiam temas como o lazer, deficiência, infância e *doping*, como parte integrante do fenômeno esportivo.

Além destes trabalhos, notamos a publicação de textos sobre palestras, cartas, além de resumos de artigos apresentados em determinadas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

Percebemos então que a revista tem caráter multidisciplinar, pois nela transitam estudos das mais diversas áreas do conhecimento. Alguns números apresentam uma temática definida, outros aceitaram contribuições de áreas e objetos diversos. Notamos ainda algumas edições em que existia uma temática previamente estipulada, mas era garantido um espaço para artigos que não a abordavam. Assim, os textos que tratam o esporte através das bases teóricas da Sociologia têm um espaço possível para inserção, já que a revista é aberta aos mais variados estudos.

Deste periódico foram consultados 32 números do período de janeiro de 1997 a setembro de 2007. Deste total, 20 números - dos períodos de maio de 1997 a abril/setembro de 1999, de janeiro de 2001 a janeiro de 2003, de setembro de 2003 a maio de 2004, em maio de 2005, em maio de 2006 e em janeiro de 2007 - não possuíam produções acerca da Sociologia do Esporte, fato bastante significativo, já que percebemos ser este um elevado número de revistas. Assim podemos pensar que a temática ainda não possui um espaço consolidado em tal periódico, o que pode apresentar uma conexão com o seu caráter recente e com o fato de ser um campo de estudo em vias de concretização.

Nos 12 exemplares que possuem artigos selecionados, de janeiro de 1997 a setembro de 2004, as publicações da Sociologia do Esporte não têm presença marcante, sendo encontrados no máximo 3 artigos, em uma revista que tem aproximadamente 8 artigos por número. A partir de janeiro de 2005, as publicações aumentam, sendo encontrados em um número do periódico até 5 artigos sobre a temática, tendência que parece se encerrar em setembro de 2006, pois no ano de 2007 retorna ao perfil de publicações anterior.

Esta situação pode ocorrer devido ao caráter da revista, que seleciona artigos de várias áreas, e pela eleição de números temáticos, que pode dificultar uma inserção mais efetiva dos estudos da Sociologia do Esporte do que seria possível

em uma publicação que trata sobre o esporte, lazer e Educação Física voltada somente para as Ciências Humanas. No entanto, vale lembrar que tais escolhas não se dão por acaso e têm por detrás delas uma série de políticas institucionais e disputas de poder internas do campo acadêmico, que alteram as decisões tomadas pelo grupo responsável pela seleção dos artigos e os moldes da revista.

Destacamos como exceção a este panorama o volume especial de setembro de 1999, no qual foram publicados os artigos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, no qual selecionamos 27 artigos. Este aumento significativo pode ser atribuído ao maior número de possibilidades de inserção da temática em um congresso com vários GTTs que tratam de objetos variados, entre eles o esporte.

Os temas abordados nos artigos selecionados foram divididos em duas categorias principais: modalidade, na qual estão elencadas as produções que tratam de uma modalidade específica, e esporte, que elenca os artigos que tratam de questões do fenômeno esportivo. Estas apresentam itens que correspondem à temática do texto analisado, e ele pode ser contado em mais de um item. Por exemplo, um trabalho que aborda o futebol escolar estará presente tanto no item futebol quanto no item esporte na escola. A seguir apresentaremos os itens elencados, seguidos do número de artigos que trataram deles.

Modalidade	Esporte
Natação (2)	Esporte na Escola (3)
Futebol (9)	Relação Esporte-Ciências Humanas (1)
Ginástica (1)	Esporte e Infância (1)
Esportes Radicais (2)	Culto ao corpo e <i>performance</i> (6)
Esportes na Natureza (1)	Políticas públicas (5)
Modalidade	Esporte
Capoeira (3)	Mídia (3)
Voleibol (1)	Tecnologia (2)
Rodeio (1)	Esporte Espetáculo (3)
Esportes de Inverno (1)	Treinamento Esportivo (2)
	Gênero (4)
	Lazer e Esporte (5)
	Metáforas Esportivas (1)
	Crônicas Esportivas (1)
	Identidade (3)
	Sociologia do Esporte (1)
	Meio Ambiente (3)
	Imaginário Social (2)
	Sujeito (2)
	Representação Social (2)

QUADRO 1 - TEMAS DOS ARTIGOS ABORDADOS NO MAPEAMENTO
FONTE: O AUTOR, 2009.

A partir desse quadro podemos perceber que o futebol é a modalidade mais abordada nos artigos que estudam um tipo específico de prática esportiva, seguida de capoeira, natação e esportes radicais. O culto ao corpo e *performance* foi a temática mais trabalhada no referido periódico, fato que pode ser atribuído a um número temático que aborda o *doping*. Políticas públicas e lazer e esporte estão na segunda opção mais presente nos artigos selecionados.

Também percebemos que existe uma grande variedade de temas que tratam o esporte pelo viés sociológico. Assim podemos notar a abrangência das possibilidades de discussão, o que facilitaria a inserção de tais trabalhos neste e em outros periódicos. Porém isso não ocorre, o que pode ser atribuído à brevidade da disciplina e seu processo de consolidação.

As bases teóricas mais utilizadas pelos autores brasileiros para a leitura do fenômeno esportivo foram Valter Bracht, autor brasileiro que foi bibliografia de 10 artigos, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, que foi citado em 9 produções, Michel Foucault, que é parte do referencial de 8 textos, Mauro Betti, Max Horkheimer e Theodor Adorno, que são citados em 7 artigos, e o sociólogo alemão Norbert Elias, que está presente em 6 pesquisas. Percebemos aqui o uso de uma grande parte de autores internacionais, o que pode ser um indício de como a Sociologia do Esporte incorpora seus referenciais. A importação de teorias e a sua aplicação como um manual de leitura social parecem estar presentes, não sendo notada nenhuma tentativa de realizar um exercício cognitivo, de elaborar uma teoria inédita para a abordagem do fenômeno esportivo, por parte dos autores brasileiros. Ambos os autores desta nacionalidade embasam seus trabalhos em teorias dos grandes centros de Sociologia, não criando uma abordagem inédita, e também possuem obras que comentam tais teorias.

Para tratar sobre a forma como as matrizes teóricas estrangeiras foram recebidas no Brasil, consultamos o artigo de Liedke Filho (2005), que traça a trajetória da Sociologia no Brasil e explicita as características de dois períodos recentes da disciplina: da Sociologia Científica e da Crise e Diversificação. Assim, podemos compreender como a Sociologia do Esporte, uma disciplina da Sociologia que sofre influências dela, tem contato e incorpora em seus escritos as bases teóricas estrangeiras.

O primeiro momento, da Sociologia Científica, buscava um padrão de institucionalização e prática do ensino e da pesquisa da referida disciplina, com a influência do paradigma estrutural-funcionalista. Tal abordagem foi um reflexo do que ocorria nos centros sociológicos internacionais.

A institucionalização da Sociologia no Brasil se deu em meados de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e da Seção de Sociologia e Ciência Política da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (LIEDKE FILHO, 2005, p. 385). Na época, o pensamento vigente era de subordinar o trabalho intelectual, ou seja, o estudo de fenômenos sociais, aos padrões de trabalhos científicos sistemáticos, presentes tanto em estudos de campo quanto nas abordagens estritamente teóricas. A influência dos centros internacionais da Sociologia se fez sentir neste período, já que várias pesquisas sistemáticas foram realizadas na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, similares aos realizados na Escola de Chicago, mas sobre fenômenos sociais brasileiros (*ibid.*, p. 382-3).

Na década de 50 e 60, o cenário social permitiu a expansão destas atividades, devido ao cenário social da época. Um dos marcos do período foi a formação da Escola de Sociologia Paulista. Os sociólogos deste grupo, liderados por Florestan Fernandes, desenvolveu pesquisas acerca das relações e do desenvolvimento brasileiro. Juntamente com esta abordagem de objetos de estudo brasileiros, surgiu a proposta de uma sociologia autêntica, nacionalista, que iria contribuir para o processo de libertação nacional das influências dos centros estrangeiros de estudos sociológicos (*ibid.*, p. 385-6).

Sobre esse ponto, Liedke Filho (2005, p. 389) afirma que:

A “Sociologia Científica” caracterizada pela “adoção dos princípios básicos do conhecimento científico em geral, embora tenha suas próprias especificidades”, assim como pelo “desenvolvimento de procedimentos de pesquisa extremamente refinados e muito mais poderosos do que os previamente utilizados”. As conseqüências disso são uma “tecnificação crescente da Sociologia, dada a estandardização dos procedimentos de pesquisa, o uso generalizado de instrumentos selecionados de pesquisa, a ‘rotinização e coletivização das atividades, a necessidade crescente de recursos financeiros, espaços físicos e equipamentos, e de pessoal técnico e administrativo’ (Germani, 1964). Portanto, a consecução deste projeto intelectual implica alcançar um padrão de ensino e pesquisa similar àquele dos países centrais onde a “Sociologia Científica” foi formulada originalmente.

Este cenário posto da Sociologia tem a influência da sociedade que a circunda, neste caso na América Latina, repleta de questões tradicionais e modernas, rurais e urbanas, sob a influência de países centrais. Liedke Filho (2005, p. 390) corrobora com este pensamento quando afirma que a Teoria da Dependência, que explicita uma situação neocolonial, implica numa estagnação econômica e na existência de formas políticas autoritárias, que por sua vez geram um espaço desfavorável à evolução das Ciências Sociais.

Especificamente para esta disciplina, a Teoria da Dependência sugere que existe uma persistente influência intelectual dos núcleos de Sociologia dos países centrais sobre a Sociologia Latinoamericana, o que acarreta em uma predominância de uma disciplina neocolonialista ou dependentista (RAMOS, 1957 e 1965; CARRI, 1970 *apud* LIEDKE FILHO, 2005, p. 390).

Concomitante a esta tendência, existia a possibilidade de emergência e consolidação de uma sociologia nacional, autêntica, marcando uma nova etapa a ser alcançada, ligada à superação da situação de dependência. Esta situação implicaria em transcender a importação de problemáticas, paradigmas e técnicas sociológicas dos núcleos estrangeiros, criando alternativas inéditas que se adequassem aos fenômenos sociais nacionais (*ibid.*, p. 390).

Ramos (1956, p. 19 *apud* LIEDKE FILHO, 2005, p. 391) ressalta que

A disciplina sociológica, no Brasil e nos países de formação semelhante, como os da América Latina, tem evoluído até agora, segundo influências exógenas que impediam, neles, o desenvolvimento de um pensamento científico autêntico ou em estreita correspondência com as circunstâncias particulares destes países. Assim, a disciplina sociológica nesses países se constitui de glosas de atitudes, posições doutrinárias e fórmulas de salvação produzidas alhures, ou ilustra menos o esforço sociológico para compreender a sua sociedade, do que para se informar da produção dos sociólogos estrangeiros.

Esta sociologia enlatada tem como características simetria, sincretismo, dogmatismo, dedutivismo, alienação e inautenticidade. A simetria e o sincretismo são decorrentes da adoção imediata, muitas vezes por justaposição, das orientações europeias e norte-americanas. Isso pode acarretar a conciliação de doutrinas que são incompatíveis. O dogmatismo é a adoção em larga escala de argumentos de autoridade na discussão sociológica ou a análise dos fenômenos através da mera justaposição de textos de autores prestigiosos. O dedutivismo é decorrente do dogmatismo, pois quando se atribui às contribuições estrangeiras o caráter de

validade absoluta, estas passam a ser tomadas como marcos iniciais para a explicação de fatos da sociedade brasileira (LIEDKE FILHO, 2005, p. 392). Percebemos que a Sociologia do Esporte possui tais características, pois existe uma adoção imediata das matrizes teóricas internacionais, sem um estudo aprofundado, o que pode gerar aproximações incompatíveis. Tais teorias também parecem ser consideradas como verdades absolutas, pois não notamos um número substancial de trabalhos que as debatam, mas sim são utilizadas em um contexto diverso do que foram elaboradas, para a leitura do fenômeno esportivo.

Ao final dos anos 50 e início dos anos 60 ocorreu a emergência de uma crítica marxista à abordagem anterior, o que implicou em uma crescente diferenciação paradigmática, que foi potencializada neste novo período: o de crise e diversificação da Sociologia brasileira. Assim estava preparado o caminho para uma renovação teórico-metodológica e temática da disciplina (*ibid.*, p. 393-4).

A crise e a renovação que ocorriam nas Ciências Sociais no Brasil se associaram a uma crise e reorientação teórica que ocorria na América Latina e no plano internacional como um todo no final da década de 60. No cenário latinoamericano a crise teve como efeito a formulação de novas abordagens da situação de dependência que estes países mantinham com o regime de pesquisa dos grandes núcleos de Sociologia (*ibid.*, p. 399-400).

No entanto, não notamos na Sociologia do Esporte que as características do período antecessor tenham passado por modificações, pois ainda predominam estudos cujas matrizes teóricas são “importadas”, sem a elaboração de uma teoria nacional. Tal fato pode ser devido ao processo de apropriação que está em curso e ainda não permite aos estudiosos deste campo capital intelectual suficiente para a elaboração de uma teoria.

Quanto à titulação e área de formação, nos dados coletados pudemos perceber que, de um total de 61 pesquisadores, 10 não informaram esses dados, 10 informaram somente a titulação e 41 forneceram os dados completos. Assim, podemos traçar um perfil do grupo, já que uma parcela considerável forneceu as informações necessárias. Percebemos que tal perfil é bastante eclético. As titulações variam de graduados a doutores, deixando transparecer o que parece ser uma política da revista, de não limitar as contribuições àquelas provenientes somente de mestres e doutores. As áreas de formação também são bastante díspares. A maior parte dos estudiosos possui formação em Educação Física (22) e as demais áreas

possuem um número significativamente menor de pesquisadores, sendo elas: Educação (7), Ciências Humanas (1), Multimeios (1), Antropologia Social (1), Estudos do Lazer (1), Ciências do Esporte (1), Educação Motora (1), Jornalismo (1), Sociologia (1), Ciências Sociais Aplicadas (1), Ciências da Religião (1) e Sociologia Política (1).

Outro fato que nos chamou a atenção foi a pouca recorrência dos autores no periódico. Dos 61 autores que publicaram na revista, 53 contribuíram com somente um artigo no período estudado. Dos que tiveram mais de um trabalho aceito percebemos 7 autores que publicaram dois artigos no período abordado e 1 publicou 6 artigos. Isso nos leva a pensar se as contribuições da Sociologia do Esporte realmente têm espaço na referida revista, já que esta possui qualificação, dado que não justifica as causas desta rotatividade.

Através do currículo dos líderes dos grupos de pesquisa, percebemos que estes publicam em outros periódicos, o que pode vir a ser um dos motivos da falta de recorrência dos autores. As revistas que apresentariam uma alternativa de inserção para a Sociologia do Esporte, tanto nacional como internacional, são: *The FIEP Bulletin*; *Lecturas Educación Física y Deportes*; *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*; *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*; *Conexões Educação Física, Esporte e Lazer*; *Educação e Sociedade*; *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*; *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*; *Bulletin Sport Science Physical Education*, *Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá*; *Motus Corporis*, *Revista da Universidade de São Paulo* e *Revista Movimento*.

Durante o processo de coleta e sistematização dos artigos presentes nesta pesquisa, notamos algumas características recorrentes das produções. Tais dados permitiram que fossem elaboradas categorias de análise, que serão explicitadas a seguir.

Um dos pontos que nos parece pertinente discutir é a abordagem dos textos selecionados, ou seja, qual é o objetivo da produção, o que o autor se propôs a realizar naquele momento. Quatro tipos de abordagem foram selecionados para traçar o perfil destes estudos. São elas: a abordagem teórica, que realiza a discussão de bases teóricas, sem confronto com um fenômeno social específico; a abordagem descritiva, que disserta sobre uma teoria ou um objeto de estudo, mas não o discute; de intervenção, que prioriza sugerir maneiras de modificar a realidade

descrita, relegando a discussão teórica a um segundo plano; e de análise, que se propõe a debater um objeto através do uso de bases teóricas da Sociologia.

A segunda categoria elaborada diz respeito à aplicação das bases teóricas, que se dividem em: descritiva, que tem como objetivo apresentar as ideias do autor, mas não debatê-las; superficial, que utiliza conceitos ou trechos dos textos de determinados estudiosos para o embasamento do artigo, com discussão destes elementos ou não; e aprofundada, que utiliza as bases teóricas para a leitura e considerações acerca do objeto.

A última categoria versa sobre os estudos que utilizam os referenciais de mais de uma disciplina para a abordagem do fenômeno. Estes textos foram selecionados com base nas informações fornecidas pelos autores, para atestar a intencionalidade destes em realizar este tipo de aproximação disciplinar e, se esta ocorre, que disciplinas são envolvidas.

Para iniciar a discussão da primeira categoria, apresentamos o quadro a seguir:

Ano	Abordagem			
	Teórica	Descritiva	De Intervenção	De Análise
1997	X		1	2
1999	1	5	2	19
2000	X	X	X	2
2003	X	X	X	2
2004	X	X	X	1
2005	X	1	X	8
2006	1	X	X	5
2007	X	X	X	2

QUADRO 2 – TIPOS DE ABORDAGENS DOS ARTIGOS MAPEADOS

FONTE: O AUTOR, 2009.

Com base nesses dados podemos perceber que as abordagens teóricas não são expressivas no periódico, pois somente dois artigos apresentam esta característica. Uma das razões que pode ocasionar a situação é a falta de uma apropriação mais efetiva das teorias sociológicas para a sua discussão. Para discorrer sobre tal ponto, primeiramente necessitamos apresentar o conceito de apropriação.

O conceito foi escolhido por indicar as múltiplas formas de recepção e os modos de utilizar as leituras das bases teóricas da Sociologia para o estudo do esporte. Assim são abordadas as várias interpretações feitas pelo leitor e as intervenções que ocorrem neste processo. Chartier (1998, *apud* CATANI *et al*, 2001,

p. 64) sugere que a apropriação compreende uma história social dos usos e interpretações dos textos e as determinações fundamentais inscritas nas práticas específicas que as produzem. Portanto devemos considerar as condições e os processos que conduzem à construção de sentido, concebendo que as ideias ali presentes não são descarnadas nem desconectadas de uma trajetória histórica.

De forma bastante geral, podemos pensar o processo de apropriação de uma teoria como coloca Catani (2002), que, ao comentar sobre como Pierre Bourdieu se tornou indispensável no seu arcabouço teórico, explicita que as leituras desse autor penetram aos pedaços, através de um trecho, determinada página que nos chama a atenção. Esta leitura gradativamente vai passando a se alargar tanto em número de obras quanto na profundidade das leituras fazendo com que o sujeito não apreenda somente o texto, mas sim se compreenda o campo no qual este texto foi produzido e que as diferentes apropriações e inserções em campos diversos acabam por modificar o sentido da obra. Percebemos, portanto, que o processo exige um período longo de tempo para que uma teoria possa ser apropriada e utilizada de forma coerente. A situação dos pesquisadores da Sociologia do Esporte é do início deste processo, já que a área de estudos é recente. A maior parte dos estudiosos ainda não teve tempo suficiente para uma apropriação que permitisse uma análise aprofundada ou escolheu não se focar somente em uma matriz teórica, o que é bastante recorrente nos artigos abordados, situação que dificulta ainda mais o processo de apreensão das teorias, já que não basta somente compreender o texto, mas também se deve compreender o cenário em que ele está inserido.

Assim, exige-se do pesquisador uma posição ambígua de ambição e humildade. A humildade esta necessária para a dominação de todo o conjunto de conhecimentos teóricos pouco formalizados nas Ciências Sociais, incorporando-o como um *habitus*, e a ambição para tentar totalizar em uma prática cumulativa o conjunto dos saberes e do saber fazer acumulados nos atos de conhecimento (BOURDIEU, 2007a, p. 64).

As abordagens de intervenção também não são predominantes: foram encontrados somente 3 artigos que as utilizaram. Assim, podemos perceber que o engajamento com uma causa não é motivo principal das leituras pouco aprofundadas que são realizadas nesse periódico.

As abordagens descritivas também não são predominantes na revista, pois somente 6 artigos as apresentam. As teorias, neste tipo de texto, servem para embasar o contexto do fenômeno e não para o debatê-lo.

Visto isso, poderíamos pensar então que os estudiosos já possuem uma apropriação de teorias que permite realizar um passo além da descrição: a análise. Este pensamento é corroborado pelo número expressivo de artigos com tal abordagem, 41 textos, o que poderia significar que os estudos estão se tornando mais aprofundados e priorizando a análise, sintomático de uma apropriação crescente dos textos sociológicos por parte dos autores brasileiros. No entanto, os autores declararam que seu objetivo era realizar uma análise, o que, no entanto, nem sempre ocorre. Em 5 produções, sendo 4 publicadas em 1999 e uma em 2007, essa porção do trabalho, apesar de apontada, não foi realizada, o que pode denotar uma dificuldade na aplicação da matriz teórica para a leitura do objeto, fruto de uma apropriação ainda superficial.

O fato pode ser sintomático de que não basta apenas ter conhecimento dos conceitos de uma teoria para compreendê-la a ponto de ser possível uma análise do objeto de estudo. O campo em que a matriz teórica foi construída é parte integrante do seu entendimento, pois esse campo exerceu influência no processo de elaboração. Assim fica clara essa influência quando percebemos a teoria científica como um programa de percepção e ação que só se revela no trabalho empírico que se realiza. É uma construção provisória elaborada para o trabalho empírico e através dele, além de ser mais produtiva no confronto com diversos objetos de pesquisa do que no simples embate teórico. Assim, para se fazer ciência é necessário pôr em ação os conhecimentos adquiridos, aplicando-os em novas pesquisas, ao invés de acondicioná-los para venda e valorizar sua própria importância (BOURDIEU, 2007a, p. 59).

Uma atitude tida como justa para a tradição teórica consiste em afirmar a continuidade e a ruptura, a conservação e a superação frente às teorias, em se apoiar em todo o pensamento disponível para a leitura do fenômeno, sem temer acusações de seguidismo e ecletismo, para ultrapassar os pensadores antecessores, para uma utilização nova dos instrumentos cuja elaboração eles contribuíram. A condição para o acesso a um pensamento realmente produtivo é a capacidade de produzir ativamente as teorias dos pensadores do passado, colocando para funcionar os instrumentos de produção que deixaram (*ibid.*, p. 63).

Mais uma vez fica claro que o processo de apropriação de uma teoria deve ir além do que a apreensão de conceitos isolados, pois a sua elaboração possui uma miríade de influências como as leituras realizadas pelo teórico que a elaborou, o campo em que ela se inseriu e que pode ter conduzido para que esta tomasse um rumo ou outro, além da interferência da leitura do pesquisador que vai utilizar a teoria para a leitura de um fenômeno social, que pode alterar seu sentido.

A elaboração e a transmissão de métodos de pensamento fecundos não se assemelham à circulação de ideias. Os trabalhos científicos são como uma música que não foi composta para ser passivamente escutada ou executada, mas para fornecer princípios de composição. Portanto, se exige a aplicação prática, ou seja, colocá-la em movimento, pensar praticamente a respeito de um objeto, reativá-lo em um ato tão inventivo e original quanto o inicial. A apropriação ativa de um modo de pensamento científico é, portanto, tão rara, pois se diferencia da imitação e da aplicação mecânica (BOURDIEU, 2007a, p. 64). A partir desta afirmação, podemos perceber que a apropriação das teorias sociológicas por parte dos pesquisadores brasileiros é inicial, pois não foi superado o patamar de aplicação mecânica dos modelos teóricos. Este fato é influenciado por uma característica do campo científico da Sociologia, que influencia a disciplina Sociologia do Esporte, de importação das teorias elaboradas nos núcleos internacionais de Sociologia, o que reprime a criação de matrizes teóricas inéditas, adequadas ao contexto nacional, bastante diverso dos referidos núcleos.

Notamos também que o uso dos autores brasileiros da Sociologia do Esporte nestes artigos se dá, algumas vezes, no sentido de leitura de uma obra internacional, nem sempre disponível a estes autores. Isto é sintomático do modo de entrada destes autores no cenário não só da Sociologia do Esporte, mas da Sociologia de um modo geral, já que abordagens autênticas sobre os objetos de estudos brasileiros não são comuns nesta disciplina. Este tipo de apropriação pode gerar problemas, como a interferência da interpretação do autor sobre a base teórica, que pode ser influenciado pelo regime de leituras, histórico de formação, etc. Para compreender como estas influências ocorrem, julgamos necessário recorrer sobre o processo da leitura.

A leitura pode ser compreendida como uma prática cultural, terreno este onde se encontram colocados problemas passíveis de serem encontrados em outros campos e com outras práticas (Chartier, *apud* BOURDIEU, 2001, p. 231). Bourdieu

(2001, p. 231-2) complementa sugerindo que a leitura também pode ser concebida como uma espécie de consumo cultural que possui certas particularidades. Para este autor é importante que ao abordar uma prática cultural qualquer, interrogarmos-nos como praticantes. Assim, partimos do pressuposto que somos todos leitores e que podemos atribuir à leitura diversos pressupostos positivos e normativos. A partir deste raciocínio, destacamos que as leituras das obras sociológicas por parte dos estudiosos da Sociologia do Esporte que, como apontamos, são na sua maioria têm formação em Educação Física, passa por diversas influências. Corroborando com esta afirmação, Chartier (*apud* BOURDIEU, 2001, p. 233) destaca que as capacidades de leitura colocadas em ação em um momento por determinados leitores diante de determinados textos, ou seja, as situações de leitura são historicamente variáveis. Algumas razões podem ser apontadas: primeiramente a interferência da leitura pregressa, que pode alterar a interpretação da obra e, por conseguinte, sua aplicação como modelo de leitura do fenômeno. Outra possibilidade de interferência na interpretação é a afinidade entre as disposições do autor e as do leitor, que permite que o segundo seja influenciado pelo primeiro, seja essa afinidade velada ou expressa (*ibid.*, p. 244).

Destacamos também mais um fator que pode afetar a interpretação é, no caso dos autores provenientes da Educação Física e outras áreas que não a Sociologia, a falta de bagagem teórica para a leitura dos textos sociológicos. Bourdieu (2001, p. 237) ressalta que diante de um texto, devemos levar em consideração as leituras, competências e apropriações diversas que culminaram naquela produção. As teorias muitas vezes apresentam contribuições de outros autores, existe a referência a conceitos elaborados anteriormente, que só são apreendidos com a leitura destes textos. Os pesquisadores que não possuem formação na Sociologia podem apresentar a carência de leituras mais aprofundadas das teorias e de obras que basearam a elaboração das mesmas, por estarem no processo de apropriação. Isto pode influenciar na interpretação da matriz teórica e na aplicação da mesma, gerando leituras superficiais sobre o objeto de estudo. Outro ponto que merece destaque é a dificuldade em conseguir alguns livros, que não estão disponíveis por diversos fatores: não estão à venda, não são encontrados em bibliotecas ou não foram traduzidos para o português. Para suprir tais lacunas, alguns autores brasileiros produziram resenhas sobre tais obras, o que facilitaria um primeiro contato com a matriz teórica. Todavia, este texto é impregnado com a interpretação

do autor, por mais que este procure ser imparcial e somente apresentar a teoria. A seleção de obras e de trechos a serem destacados na resenha já é uma interferência, dentre outras que podem estar contidas no texto. Desta forma a apropriação das matrizes teóricas que se iniciam por esta via podem ser afetadas, levando a uma determinada interpretação.

Para compreender estes mecanismos da leitura, também se faz necessário diferenciar os conceitos de *auctor* e *lector*, onde o primeiro deles é aquele que produz ele próprio e seu trabalho é autorizada pela *auctoritas*. Deste modo o *auctor* passa a ser célebre por meio de suas obras. O *lector* é um agente cuja produção consiste em abordar e comentar a obra dos outros. Esta separação é fundamental na divisão do trabalho intelectual. Desta feita podemos pensar que os pesquisadores da sociologia do Esporte são *lectores* e correm o risco de aplicar na análise uma série de pressupostos inerentes a esta posição, comentados acima.

Os textos, quando interrogados, transmitem uma informação sobre seu modo de usar. A formatação do texto pode auxiliar ou dificultar a compreensão de seu conteúdo, como, por exemplo, no caso de parágrafos longos e curtos. Também existem tentativas do escritos de manipular a recepção do texto, ressaltando informações que ele julga pertinentes com maiúsculas, itálico, etc. (BOURDIEU, 2001, p. 235). Isto também pode interferir na apropriação das matrizes teóricas. O uso de parágrafos longos, palavras carregadas de significados, a construção contínua dos conceitos e a não sistematização destes em uma única obra afetam a apropriação das matrizes teóricas. Deste modo, se fazem necessários dedicação e investimento de tempo para que a obra seja apreendida e conseqüentemente, aplicada para a análise de um fenômeno com profundidade. Neste ponto o autor pode, já que possui domínio da matriz teórica, adaptá-la ao seu contexto e objeto de estudo, o que possibilitaria uma abordagem mais aprofundada.

Chartier (*apud* BOURDIEU, 2001, p. 241-2) afirma que existe uma tensão que é expressa no ato da leitura: a relação do leitor com o ato em si. As leituras são sempre plurais, constroem de maneiras diversas o sentido do texto, mesmo se estes inscrevem em seu interior o sentido desejado pelo autor. Essa diferenciação da leitura pode ser considerada como instrumento de modificação entre os leitores, mais do que a separação supostamente diferencial deste ou daquele tipo de obra. Assim, se faz necessário ressaltar o que há de criador e distintivo na leitura. Isto coloca que a compreensão correta dos textos é um trabalho intelectual, que

demanda um certo capital específico e sua apropriação pode acarretar ao mesmo tempo na apropriação de uma autoridade política, intelectual, etc., quando se trata de uma obra que ocupa um lugar privilegiado no campo científico (BOURDIEU, 2001, p. 242). Deste modo, quando lançamos o olhar para os pesquisadores da Sociologia do Esporte, percebemos que este trabalho intelectual que visa a compreensão correta das matrizes teóricas está em fase inicial, pois a acumulação deste capital específico, que concebemos aqui como as leituras das obras e a formação que estes pesquisadores procuram, dentre outras possibilidades, ainda não foi suficiente para se refletir nos textos publicados.

Como a leitura está inserida em um campo de lutas, os agentes com maior capital e portanto com maior influência ditam o regime de leituras para os com menor capital e para os recém chegados. Esta é a luta pela apropriação do monopólio da leitura legítima, que coloca que livros devem ser lidos e os que não devem. Deste modo, os recém-chegados estudiosos da Sociologia do Esporte seriam submetidos ao regime de leituras dos sociólogos, que são estabelecidos no campo. Isto é expresso claramente nos referenciais utilizados nos artigos que abordamos, principalmente nos mais utilizados. Liedke Filho (2005, p. 378) aponta como os autores mais influentes na Sociologia atual: Elias, Habermas, Foucault, Giddens, Bourdieu e Weber. Destes, são utilizados em vários artigos, como explicitado anteriormente, Elias, Bourdieu e Foucault, sendo que os demais autores também são referenciados, em um número menor de produções. Assim, percebemos a influência exercida pela Sociologia nas matrizes teóricas utilizadas na Sociologia do Esporte. Tal autoridade pode ocorrer por meio da formação que os estudiosos do Esporte estão procurando, que estabelecem uma linha de leitura, pelas produções dos sociólogos, que privilegiam tais matrizes teóricas e pela dificuldade de acesso a outras obras.

Sobre este ponto, Bourdieu corrobora sugerindo que o que circula entre os autores não são somente os textos, mas palavras, discursos. Isso agrega um elemento a mais para o leitor que procura se apropriar de uma obra. O rumor intelectual pode ser um veículo de pontos importantes para constituir o que é ser um intelectual, ser contemporâneo, etc., ou seja, uma definição para questões importantes de pertencimento ao campo, que acabam orientando a leitura. Assim, podemos conceber que uma obra jamais chega a um leitor sem marcas, pois numa sociedade de leitores geram-se inúmeros pré-saberes que não são veiculados pela

leitura, existem sistemas de classificação implícitos, que acabam por orientar esta leitura (BOURDIEU, 2001, p. 247-8).

Após a definição do que se deve ler, se impõe a boa leitura, ou seja, o bom modo de apropriação, que também consiste em uma luta de poderes. Bourdieu (2001, p. 243) afirma que “o poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro”, o que ilustra os motivos desta disputa acirrada pelo mando de que livros ler e como lê-los. Esta imposição parece ser um dos motivos de não encontrarmos nenhum artigo da Sociologia do Esporte na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Por não realizar uma leitura adequada do fenômeno esportivo, com a profundidade que se espera, as produções não são aceitas para publicação. Obviamente existem mais fatores que intervêm neste processo de escolha de que artigos seriam publicados, mas a situação descrita acima pode integrar este conjunto de causas.

A compilação de dados da segunda categoria resultou no quadro que segue:

Ano	Aplicação das bases teóricas		
	Descritiva	Superficial	Aprofundada
1997	1	1	1
1999	7	15	5
2000	X	1	1
2003	X	2	X
2004	X	1	X
2005	1	6	2
2006	X	4	2
2007	X	2	X

QUADRO 3 – APLICAÇÕES DAS BASES TEÓRICAS DOS ARTIGOS MAPEADOS
FONTE: O AUTOR, 2009.

Nele podemos perceber que a aplicação descritiva é utilizada em 9 artigos. Nestes, não existe um debate entre teoria e empiria, ou este é bastante pontual, não se caracterizando como uma análise. Isto pode ocorrer devido a uma apropriação inicial dos textos sociológicos, por uma inserção recente no campo ou por uma brevidade do próprio campo. Notamos também que este tipo de aplicação foi decrescendo no período abordado, o que pode ser sintomático de um domínio maior sobre as teorias sociológicas, o que permite ao menos uma abordagem superficial das mesmas.

A aplicação das bases teóricas de forma superficial foi notada em 32 artigos, ou seja, a maior parte dos mesmos. Isto denota que uma parcela considerável dos pesquisadores apresentou trabalhos que não possuem uma discussão aprofundada,

que pode ser sintomático de uma área recente, de apropriações iniciais e de uma tendência pela escolha de vários referenciais.

Uma das dificuldades bastante recorrentes nos textos foi a distância entre teoria e objeto de estudo. Os autores não conseguem realizar uma ligação entre estas partes do texto, não realizando efetivamente uma análise. Isso é sintomático de uma dificuldade de apropriação dos textos sociológicos, o que não permite que este seja aplicado a leitura do objeto de estudo, por não ser compreendido suficientemente. Assim, o a base teórica se torna um molde rígido e a leitura superficial, que nem sempre se modifica para a leitura do fenômeno. E este ajuste se faz necessário, já que as teorias são “importadas” de contextos sociais diversos do brasileiro e nem sempre abarcarão todas as facetas do objeto a ser estudado.

Outra dificuldade é o uso de múltiplos referenciais para análise de modo superficial, o que não permite que se aprofunde em uma teoria para a discussão de um objeto. Temos em mente que o uso de uma base teórica somente pode não abarcar todas as facetas do fenômeno abordado, pois as teorias possuem limitações e alguns elementos podem não ser privilegiados no momento da análise. No entanto, o uso exagerado de referenciais, como notamos em alguns artigos, não auxilia neste quadro, pois acaba se formando uma “colcha de retalhos” na qual um ou dois conceitos de cada autor contribui para a análise. Isto pode gerar incoerências pois os autores podem apresentar construções teóricas divergentes, o que não será notado pelo pesquisador, pois ele não possui uma leitura aprofundada o suficiente para saber onde estas incoerências teóricas podem ocorrer. Isso pode ser sintomático de uma área recente, que ainda não possui especialistas com leitura aprofundada suficientemente para perceber este tipo de incoerência. Um dos problemas gerados por este referencial eclético é o uso dos conceitos sociológicos para embasar pontos da descrição da realidade social, sem realizar a discussão das mesmas. Isto pode ser sintomático do processo de apropriação discutido anteriormente, em curso para estes autores.

As dificuldades de apropriação podem levar ao autor uma análise sem embasamento teórico, pautada na sua visão do fenômeno. Isto não foi recorrente a ponto de ser uma tendência nos escritos selecionados, mas percebemos nos casos que ocorreram que o autor não dispunha, no momento de uma base teórica que atendessem a este tipo de debate, ou que o refutasse. É claro que situações como

esta podem ocorrer, já que não existe uma teoria elaborada por autores brasileiros para a discussão de fenômenos específicos deste contexto.

Um caso à parte, acerca da superficialidade dos textos, é o número de 1999, onde foram publicados os artigos apresentados no CONBRACE. Este tipo de evento permite que textos de pesquisas em andamento ou de abordagens iniciais sejam contemplados, justamente para permitir a discussão dos mesmos e contribuir com a continuidade da pesquisa. Assim, foram notados muitos textos superficiais neste número, o que não pode ser concebido como uma tendência das outras revistas, que impõem um processo de seleção mais rígido e procura artigos de pesquisas mais aprofundadas.

A aplicação aprofundada das teorias é notada em poucos trabalhos, apenas 11 deles utilizam a base teórica para uma discussão que possui relação com o fenômeno estudado. Durante o período abordado esta aplicação mostrou um aumento sutil, que pode ser uma tendência de uma apropriação mais efetiva das bases teóricas, que necessitam de tempo para serem compreendidas suficientemente para serem aplicadas.

Todavia também notamos trabalhos que possuem um referencial mais conciso, nos quais os autores focam-se em uma teoria e utilizam autores secundários para auxiliar nesta leitura. Esta conduta denota uma apropriação mais efetiva da base teórica, pois o autor consegue utilizá-la para a leitura do objeto, dispensando o uso de múltiplas bases teóricas.

Dados sobre a última categoria resultaram no quadro a seguir:

Ano	Estudos que utilizam referencial de mais de uma disciplina	
	Sim (disciplinas)	Não
1997	X	3
1999	5 (Psicologia, Antropologia, Pedagogia, Treinamento Esportivo)	22
2000	X	2
Ano	Estudos que utilizam referencial de mais de uma disciplina	
	Sim (disciplinas)	Não
2003	X	2
2004	X	1
2005	2 (Comunicação, História)	7
2006	1 (Antropologia)	5
2007	X	2

QUADRO 4 – ESTUDOS QUE UTILIZAM REFERENCIAL DE MAIS DE UMA DISCIPLINA

FONTE: O AUTOR, 2009.

Através destas informações, podemos perceber que, na maior parte dos artigos, 44 deles, os autores não tiveram a intenção de realizar um estudo utilizando as bases teóricas de mais de uma disciplina. No entanto, alguns deles utilizam referencial de outras disciplinas, talvez sem o conhecimento de que o fazem. Isso pode ser fruto de uma dificuldade de diferenciar as disciplinas das Ciências Humanas, já que elas possuem muitas vezes o mesmo objeto de estudo. Seixas (2008) corrobora com esta afirmação quando coloca que, no caso da Antropologia e da Sociologia, as fronteiras são difíceis de serem estabelecidas. Ambas abordam de maneira abrangente o campo sociocultural, partilham autores de referência, constroem problemáticas entre objetos e universos conceituais intercomunicantes, o que aproxima as disciplinas e deixa suas fronteiras pouco claras.

Nos artigos em que esta aproximação de disciplinas foi intencional, um total de 8 textos, as matérias abordadas foram Psicologia, Antropologia, Pedagogia, Treinamento Esportivo, Comunicação e História. Assim, devido ao seu caráter multifacetado, explicitado no Capítulo I, o esporte permite a abordagem de várias disciplinas e áreas e, quando elas são das Ciências Humanas, fica mais difícil diferenciar os estudos da Sociologia do Esporte de outros.

A partir da análise de dados, na próxima sessão apresentamos uma discussão sobre as perspectivas e tendências do campo da Sociologia do Esporte.

4.2.3 Apontamentos sobre o campo da Sociologia do Esporte

Analisando os dados que levantamos, é possível elaborar algumas possibilidades sobre o campo da Sociologia do Esporte. Essa disciplina híbrida parece ser uma intersecção da Educação Física e da Sociologia, com contribuições pontuais de outras áreas, como Comunicação, Antropologia, História e outras disciplinas apontadas anteriormente. Busca legitimidade em ambos os campos acadêmicos, já que não é concebida como espaço de estudos sérios na Sociologia e não corresponde ao perfil de estudos biológicos da Educação Física. A fim de compreender melhor esta disciplina, utilizamos a teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

O campo se constitui como espaços estruturados de posições. Tais postos possuem propriedades inerentes que variam de acordo com o local que ocupam,

podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes, mas é em parte determinada por elas. Estes espaços sociais possuem leis gerais que regem campos diversos, o que permite a elaboração de uma teoria que seja aplicável a todos os campos, para sua análise. Juntamente com as leis gerais, os campos apresentam regulações específicas que contribuem para o conhecimento dos mecanismos gerais, já que estes se especificam em razão de variáveis secundárias (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Para que o campo funcione, faz-se necessária a existência de objetos de disputa e sujeitos dispostos a disputá-los, dotados de um *habitus* que permita o conhecimento e o reconhecimento das leis que regem este jogo (BOURDIEU, 1983, p. 89). O *habitus* se configura como um sistema de disposições adquiridos pela aprendizagem, que atua como um sistema de esquemas geradores, que originam estratégias que podem ser relacionadas aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido criadas exatamente para este fim (*ibid.*, p. 94).

Sobre o *habitus*, Bourdieu (1983, p. 89-90) afirma que

Um *habitus* de filólogo é ao mesmo tempo um “ofício”, um capital de técnicas, de referências, um conjunto de “crenças”, como a propensão a dar tanta importância às notas quanto ao texto, propriedades que se atêm à história (nacional e internacional) da disciplina, à sua posição (intermediária) na hierarquia das disciplinas, e que são ao mesmo tempo a condição de funcionamento do campo e o produto deste funcionamento (mas não integralmente: um campo pode se contentar em acolher e em consagrar um certo tipo de *habitus* já mais ou menos integralmente construído).

De posse dessas informações, podemos pensar que a Sociologia do Esporte se configura como um campo científico, que, segundo Bourdieu (1990, p. 170-1), é um campo como os demais, o que contradiz a tendência de concebê-los como espaços sociais totalmente diversos. Neles permeia uma questão de poder, como por exemplo a escolha de publicar ou não um trabalho em determinado periódico, e de capital, que pode ser percebida na transferência deste para a conta de um jovem escritor por meio de um comentário elogioso, um prefácio de um sujeito dotado de prestígio. Uma especificidade do campo científico, que se assemelha ao campo literário, é a existência de um capital muito particular que é instrumento e alvo das disputas no campo. O capital simbólico atua como meio de reconhecimento e consagração institucionalizada ou não, que os agentes acumularam em suas lutas, as quais exigiram certo trabalho e estratégias. O reconhecimento não está vinculado

ao sucesso comercial ou social, já que a notoriedade, se mal adquirida, pode levar ao descrédito.

O campo científico da Sociologia do Esporte é recente, como os sujeitos pertencentes a este campo relatavam. Alguns indícios levantados nesta pesquisa podem confirmar tal hipótese: os grupos de pesquisa, formados, em sua maioria, após o ano 2000, não são numerosos. Existem somente 20 grupos no país e somente 2 deles são voltados exclusivamente ao estudo da Sociologia do Esporte. Nos periódicos que abordamos, a inserção da temática ainda é débil e sofre a influência de outras áreas em seus estudos.

Por não possuir um espaço consolidado como campo científico, a Sociologia do Esporte busca inserção tanto na Educação Física como na Sociologia. As disputas por determinados objetos, tais como espaços de discussão, institucionais e de publicação, visibilidade e acúmulo de capital simbólico tornam essa inserção uma luta constante. Bourdieu (1990, p. 170-1) acrescenta que todos os campos, inclusive o científico, definem-se em parte pelas disputas que ocorrem em seu interior, bem como pela definição dos objetos de disputa e interesse específicos, que são particulares a cada campo e não são percebidos por quem não é formado para entrar nesse espaço.

Os alvos mais importantes envolvidos nas lutas que se desenrolam no campo literário, com o qual podemos realizar uma associação com o campo científico, é a definição dos limites do campo e da participação legítima nas disputas. Comentar sobre uma corrente, definir o que é ou não é um trabalho científico, significa recusar existência legítima a esses objetos, excluí-los do jogo. Esse ostracismo simbólico é o inverso do esforço no sentido de impor uma definição que delimitaria a prática legítima, no sentido de construir uma definição do que seria científico, definição esta que atenderia aos interesses específicos dos detentores de um capital também específico. Quando essa estratégia, que é tanto científica como política, e a competência que ela coloca em pauta apresentam sucesso, é possível atribuir a elas um poder sobre o capital detido pelos demais produtores. Assim, através da imposição de determinada prática legítima, é a regra mais favorável ao capital do dominante que acaba impondo aos demais o seu trunfo, ou seja, as suas realizações se tornam a medida de todas as outras (*ibid.*, p. 173).

Percebemos que existe uma tensão na definição do limite do campo da Sociologia, que não engloba a Sociologia do esporte. Este objeto de estudo é tido

como pouco relevante, o que se materializa em uma tentativa de retirá-lo do jogo, o destituindo de sua importância. Abordar o Esporte não estaria nos limites do que é concebido como científico, fato que possui razões que extrapolam este universo. Os sociólogos procuram estabelecer o que se configura como estudos legítimos da área, excluindo todos os outros objetos de pesquisa. Assim, quando os pesquisadores da Sociologia do Esporte procuram apontar seus estudos como legítimos, isto gera tensão e não é bem recebido no campo da Sociologia, que utiliza meios tanto intelectuais quanto políticos para reafirmar seus limites. Isto talvez seja uma das causas do início tardio dos estudos que englobam o esporte. Sobre este ponto Bourdieu (2004, p. 34) sugere que a lógica da concorrência puramente científica pode ser afetada por forças e pressões externas, algo perceptível nas ciências que estão em processo de autonomização, caso da Sociologia do Esporte, e onde se podem dissimular as censuras sociais em censuras científicas e colocar como razões científicas os abusos do poder social específico.

No caso da relação com a Educação Física, podemos questionar se os agentes envolvidos no referido campo científico aceitam os estudos da Sociologia do Esporte como parte desse campo. Não parece existir uma reticência em relação à inserção, o que pode ser explicitado nos grupos de pesquisa em que a temática está presente, nas produções no periódico da área, entre outros indícios explicitados nesta pesquisa. Assim, podemos conceber que a inserção ainda é sutil devido ao interesse recente pela temática, que ainda está estabelecendo seu espaço no campo da Educação Física.

A estrutura do campo está relacionada com a tensão entre os agentes engajados na luta e com a distribuição do capital específico adquiridos em disputas anteriores e que definem as estratégias ulteriores. Ela mesma está sempre em jogo, já que as lutas pelo monopólio da autoridade específica alteram a distribuição do capital, que, sendo próprio de um campo, nem sempre pode ser convertido a outro (BOURDIEU, 1983, p. 90). Por se tratar de um campo de estudo recente, os estudiosos da Sociologia do Esporte possuem um montante significativamente menor deste capital específico. As disputas travadas neste espaço social podem estar atribuindo a este grupo um crescente capital, mas ainda existe uma desigualdade em relação aos sociólogos.

Existe um efeito de campo que legitima o conhecimento profundo deste, que é a dificuldade de compreender um aspecto do campo - no caso desta pesquisa, os

estudos sociológicos - sem ter um conhecimento específico do campo, da sua história. Assim, fica clara a importância dos sociólogos, detentores deste conhecimento em grau muito maior do que os demais pesquisadores, e do poder que eles possuem dentro deste espaço social (BOURDIEU, 1983, p. 92). Cabe então aos estudiosos do esporte uma apropriação não somente das matrizes teóricas, mas também da história que está imbricada nelas, a história do campo em que ela se constituiu, bem como a história do campo em que se procura inserção. Isto pode encaminhar as ações dos pesquisadores do esporte no sentido de maior apropriação das matrizes teóricas, uma busca por inserções institucionais, maior representatividade por meio de associações, e prestígio no meio acadêmico.

Apreender esse objeto sem relacioná-lo com a sua história no campo é reduzi-lo. Assim, considerar os trabalhos sociológicos sem estabelecer ligações com o contexto de onde eles provêm e sua posição no campo de produção é não considerar o valor que eles possuem (*id.*). Talvez seja este tipo de apreensão, descuidada e descontextualizada das obras sociológicas, que faz com que os artigos da Educação Física percam o valor perante os detentores do capital cultural da Sociologia. Uma passagem de Bourdieu (1983, p. 93) ilustra bem a situação: “Ser filósofo é dominar o que deve ser dominado na história da filosofia para saber agir como filósofo num campo filosófico”.

Os campos são também espaços de lutas entre sujeitos novos, que estão adentrando e tentam forçar seu direito de entrada, e o estabelecido, que procura evitar a concorrência e manter o monopólio do campo (*id.*).

Neste jogo de poderes, aqueles que, numa situação privilegiada no campo, os sociólogos, têm mais capital específico, tendem a apresentar uma estratégia de conservação, enquanto os que possuem menor capital, normalmente os recém-chegados, os estudiosos do esporte, tendem a estratégias de subversão, uma ruptura crítica, que pode ser ligada à crise. Usualmente estas jogadas fazem com que o dominante saia do seu silêncio, impondo o seu discurso, visando restaurar o equilíbrio no campo (*id.*).

O que comanda os pontos de vista, as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos que suscitam interesse é influenciado pela estrutura de relações objetivas entre os diversos agentes do campo, ou seja, é o que determina o que se pode ou não fazer. A posição que o agente ocupa no

campo também interfere nesse processo de tomada de decisão, sendo este fator um critério importante para a leitura do campo científico (*ibid.*, p. 23-4).

Esta estrutura é determinada pela distribuição do capital denominado científico em determinado momento. Ou seja, os agentes que possuem certo montante de capital científico⁹ determinam a estrutura do campo, sendo estas determinações condicionadas ao volume de capital do agente e dos demais agentes envolvidos no campo. A recíproca é verdadeira: a pressão da estrutura também se faz sentir sobre o agente, aumentando conforme menor for seu capital científico. Assim, os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é o conjunto de objetos de análise importantes em determinado momento, determinando a concentração de esforços dos pesquisadores em determinados temas (BOURDIEU, 1983, p. 24-5).

Os agentes fazem os fatos científicos e contribuem para fazer o campo, conforme sua posição nesse campo. A posição não é determinada pelo agente, e define suas possibilidades e impossibilidades. No entanto é preciso lembrar que não é possível manipular o campo científico, ou qualquer outro campo, e as oportunidades que um só agente tem de submeter o campo a suas vontades são proporcionais a sua força sobre o campo, ou seja, a sua posição na estrutura de distribuição do capital (BOURDIEU, 2004, p. 25).

Um fato que pode ser sintomático desta disputa no campo da Sociologia é a ausência de artigos na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Tais contribuições podem não ser aceitas por não satisfazerem os requisitos colocados pelos editores, que os elaboram tendo em mente a qualidade dos textos, mas que também podem mascarar os interesses de determinado grupo, evitando que novos sujeitos publiquem no periódico. A aparente escassez de revistas conceituadas na área das Ciências Sociais pode ser o ponto inicial desta disputa por poder e espaço no campo. Outro indício é a ausência da temática em grupos de pesquisa de Sociologia, o que reflete a lógica do campo desta disciplina em relegar ao esporte um valor menor como objeto de estudo.

No campo da Educação Física, o que pode ocorrer não é um ostracismo devido a um julgamento de valor do objeto de estudo, mas sim a disputa por uma maior visibilidade e maior acúmulo de capital simbólico. Talvez pelo número reduzido de

⁹ Cada campo constitui uma forma específica de capital, sendo o capital científico uma espécie particular do capital simbólico, que sempre é fundado em atos de conhecimento e reconhecimento, e consiste no crédito atribuído pelos demais agentes, denominados de pares-concorrentes, no interior do campo científico (BOURDIEU, 1983, p. 26).

periódicos qualificados, que não atende à demanda de artigos a serem publicados, como indicam os agentes envolvidos na área, ocorram disputas por este espaço, no qual a Sociologia do Esporte vem tentando se consolidar. No entanto, a superficialidade dos artigos, apontadas nos problemas de apropriação das matrizes teóricas, a dinâmica de publicação de números temáticos do periódico da área que analisamos e razões políticas podem ser possíveis elementos desta inserção ainda intermitente da temática no referido periódico. Estas hipóteses, todavia, necessitam de um estudo mais aprofundado sobre o campo para sua confirmação.

As disputas não devem ser concebidas como elementos destrutivos do campo científico. Bourdieu (1983, p. 91) corrobora com esta afirmação quando sugere que uma outra propriedade visível no campo é a existência de interesses comuns dos agentes nele situados, fato que está ligado à própria existência do campo. Assim, a luta pressupõe um acordo entre os antagonistas sobre o que é objeto válido de disputa, sendo as regras deste jogo tacitamente aceitas, mesmo que os agentes não estejam cientes disto, pelo simples fato de entrar no jogo.

Os que participam da disputa contribuem para a reprodução do jogo, pois fazem parte da construção da crença no valor do objeto disputado, ou seja, para os estudiosos do esporte o espaço e o prestígio no campo acadêmico também são almejados. Os recém-chegados devem reconhecer o valor do jogo para poder adentrar nele e também conhecer seus princípios de funcionamento. Neste caso podemos elencar os requisitos para o ingresso em um programa de pós-graduação, a apropriação das teorias para a elaboração de um artigo passível de publicação, entre outros princípios. Desse modo, percebemos que alguns dos princípios de funcionamento aparentam não constar nos requisitos dos pesquisadores do esporte, já que suas produções parecem não ser adequadas para o periódico das Ciências Sociais. Falta a estes agentes uma apropriação mais efetiva das matrizes teóricas, para realizar estudos que atraiam o interesse de estudiosos de outras áreas, que não a Educação Física. No entanto, as estratégias de subversão ocorrem, ainda que dentro de certos limites, que não colocam em questão os fundamentos básicos desta interação (*id.*).

Partindo do fato de que o conhecimento prático dos princípios do jogo é quesito necessário para a entrada nele, a história e o passado do jogo se fazem presentes a cada ato. Assim, existe uma compactuação entre os agentes, que visa a conservação do campo em si e do direito de pertencer a ele (*id.*).

Os agentes não são como corpos inertes levados pelas forças do campo. Eles possuem disposições, maneiras de ser adquiridas que são permanentes, duráveis, que podem levá-los a resistir e se opor às forças do campo. Estas disposições são denominadas de *habitus*. Os que adquirem o *habitus* que não é aquele que o campo exige - no caso eleger como objeto de estudo importante o esporte - podem estar fadados a sempre sentirem-se deslocados, mal colocados, com todas as consequências que isso possa gerar, ou seja, não encontrar espaço no campo acadêmico. No entanto esta má adequação pode permitir que o agente lute contra as forças do campo, resista a elas e tente modificá-las, para que se moldem às suas disposições (BOURDIEU, 2004, p. 28-9). Percebemos indícios desta reticência nos pesquisadores do esporte, que insistem em abordar o tema, procuram criar espaços para a sua discussão, buscam formar associações e investem no acúmulo de capital científico, a fim de agregar mais propriedade a suas produções.

Como é um campo de formação recente, a Sociologia do Esporte parece ser influenciada por diversas disciplinas, como explicitamos anteriormente. Sobre isso, Bourdieu (2004, p. 21) afirma que o campo científico é um espaço relativamente autônomo, dotado de suas leis próprias. Essa característica é variável e define o quanto uma disciplina é autônoma.

Uma série de fatores está ligada a essa autonomia, como pressões externas, como elas são exercidas, créditos, ordens, contratos, como são as formas de resistência que caracterizam a autonomia, ou seja, quais são os mecanismos que permitem que um microcosmo se liberte das imposições externas para reconhecer somente suas determinações internas (*id.*).

Assim, conceber a ciência como livre de pressões externas ou escrava delas não é possível. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições aos demais campos, que são relativamente independentes das pressões do mundo social global que as envolve. Desta forma, as pressões externas só se exercem via campo e são mediadas por sua lógica. Um exemplo desta mediação é a capacidade de refração, ou seja, retraduzindo sob uma forma específica as pressões e demandas externas (*ibid.*, p. 21-2). Percebemos, pelas influências expressas pelas áreas de formação dos líderes dos grupos de pesquisa e pelo uso de matrizes teóricas provenientes de outras disciplinas, que a Sociologia do Esporte não possui um poder de refração suficiente para amenizar as interferências destas áreas e,

portanto, não possui uma grande autonomia em relação aos demais campos científicos, fato que explicita a jovialidade desta área de estudo.

O poder de retradução está diretamente ligado ao grau de autonomia de um campo. Assim, quanto mais autônomo for o campo, maior será seu poder de refração, fazendo com que as imposições externas tornem-se transfiguradas, a ponto de se tornarem irreconhecíveis. O outro polo, a heteronomia de um campo, manifesta-se através do fato de que os problemas externos, especialmente os políticos, interferem diretamente. Assim, a “politização” de uma disciplina não é sintomática de uma grande autonomia, e uma das grandes dificuldades de um campo científico conquistar autonomia é o fato de que agentes pouco competentes em certas normas específicas tenham a possibilidade de interferir em nome de princípios heterônomos, sem serem desqualificadas. Sobre este ponto, Bourdieu (2004, p. 22) esclarece que,

Se você tentar dizer aos biólogos que uma de suas descobertas é de esquerda ou de direita, católica ou não católica, você suscitará uma franca hilaridade, mas nem sempre foi assim. Em sociologia, ainda se pode dizer esse tipo de coisas.

Podemos pensar então que a lacuna ainda persistente de autonomia da Sociologia se reflete na Sociologia do Esporte, que, por ser um campo ainda em consolidação, não permite que esta interferência seja retraduzida.

No próximo capítulo apresentamos as considerações finais, que compreendem a exposição dos resultados mais relevantes, considerações sobre as hipóteses levantadas no início do estudo e encaminhamentos para pesquisas futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa destacamos que o Esporte ainda é um objeto de pesquisa visto como de menor valor perante os estudiosos da Sociologia, por não ser concebido como um meio de leitura da sociedade e não se inserir nos círculos sociais que são relevantes para a abordagem sociológica. Este ostracismo pode ser atribuído a diferenciação entre os aspectos racionais da vida como a economia, política, e os irracionais e inconscientes, como o Lazer e o Esporte. Assim, torna-se difícil para um número significativo de sociólogos desvincular-se dos valores e pensamentos dominantes nas sociedades ocidentais e perceber a abrangência do fenômeno esportivo.

Em relação à Educação Física esta reticência na abordagem do tema não se apresenta. Todavia, a falta de uma leitura aprofundada das matrizes teóricas e seu envolvimento com o objeto de estudo tornaram as pesquisas superficiais, que abordam problemas específicos e falham na tentativa de realizarem a leitura de relações sociais mais amplas. Deste modo as pesquisas não interessariam aos estudiosos externos à área.

Visto isso, podemos pensar que a Sociologia é uma área duplamente dominada, como se refere Bourdieu (1990, p. 69), já que os sociólogos não abordam o Esporte, ou quando o abordam não são coerentes devido a falta de conhecimento deste objeto, e os profissionais da Educação Física não possuem uma apropriação adequada das teorias que resultariam em trabalhos empíricos.

Com base no mapeamento das revistas de ambas as áreas que realizamos, pudemos perceber que a Sociologia não parece possuir interesse no estudo do Esporte, pois nenhuma produção, em dez anos de publicações, foi detectada. Outro indício é o pequeno número de grupos de pesquisa da Sociologia que possui uma linha voltada para o estudo do fenômeno esportivo. Poucos sociólogos estão envolvidos com estes trabalhos, o que denota que o Esporte não se configura como um objeto de relevância. Isto pode ser fruto de uma lógica do campo acadêmico da Sociologia onde os dominantes ditam os parâmetros das pesquisas que são consideradas relevantes naquele meio.

Também questionamos que, se a maior parte dos sociólogos não aborda o Esporte, quem são os estudiosos que realizam estes trabalhos? Percebemos que a

maior parte dos pesquisadores são da Educação Física, o que acaba por definir o perfil da maioria dos trabalhos como rasos, de apropriação superficial das teorias e com dificuldade de relacionar teoria e realidade social. Outras áreas também estão presentes, demonstrando, como mencionamos no capítulo anterior, que existem influências das mesmas. Tais fatos explicitam um campo em fase de consolidação.

As obras produzidas possuem desdobramentos diversos dentro do tema Esporte, são na maior parte analíticas e utilizam um extenso referencial teórico para a construção do contexto e discussão. Isto não possibilita uma leitura abrangente do fenômeno, pois são utilizados diversos conceitos e trechos de teorias diversas, o que não permite ao autor realizar uma abordagem aprofundada. Em menor número foram encontradas artigos que tratavam de teorias sociológicas cujo tema era o Esporte, discutindo-as, produções que somente descreviam o fenômeno e a teoria, mas não as relacionava e trabalhos que visavam expor uma realidade e apresentar possibilidades de intervenção, relegando a discussão teórica a um segundo plano.

A aplicação das bases teóricas em sua maioria foi de forma superficial, o que denota que os pesquisadores não possuíam uma apropriação consistente dessa, limitando a sua aplicação. Isto também é resultado da escolha por utilizar várias matrizes teóricas, que dificulta este tipo de apropriação. Assim, em muitas produções pudemos perceber que não era realizada a aproximação entre teoria e realidade social, ou esta era muito superficial.

Não percebemos, neste período estudado, um crescimento nos estudos da Sociologia do Esporte nestes dois periódicos. As contribuições publicadas na revista da Educação Física não apresentaram um aumento significativo e constante. No entanto, percebemos pelos currículos dos líderes dos grupos de pesquisa outras possibilidades de publicação, revistas nacionais e internacionais, que podem ter abarcado estas produções em crescente número. Portanto não podemos concluir se existe ou não um crescimento significativo deste tipo de estudo.

Também não constatamos uma mudança expressiva na densidade das produções, o que pode ser atribuído à dificuldade de apropriação de diversos referenciais e ao tempo que esta apropriação demanda. Assim, necessitaríamos de um período mais longo de análise para perceber se esta apropriação ocorreu e se reflete nos trabalhos publicados.

Colocamos como resultado que existem poucos trabalhos sobre a Sociologia do Esporte e as pesquisas existentes são, em sua maior parte, descritivas, além de

não apresentarem um uso adequado da teoria sociológica, pois não estabelecem a ligação entre a base teórica e o material empírico. Notamos que esta hipótese pode ser refutada. Primeiramente, os trabalhos encontrados são em sua maior parte de análise, mesmo que esta seja superficial. Chamou-nos a atenção o fato que existe a dificuldade em estabelecer a conexão entre objeto de estudo e teoria, mas esta ocorre, como dissemos, mesmo que superficialmente. Pudemos notar que isto pode ser sintomático do processo de apropriação e pelo fato de que os pesquisadores não são das Ciências Sociais.

Conjecturamos também que existe uma mudança sutil neste recente nicho de pesquisa. Os trabalhos vêm ganhando mais profundidade e despertando o interesse de pesquisadores das Ciências Sociais, permitindo a inserção dos estudiosos da Educação Física em departamentos, eventos, grupos de pesquisa, etc. Este contexto não pode ser comprovado neste estudo, nem refutado. Isto ocorre devido à possibilidade dos artigos, que atestariam se existe esta mudança no perfil dos trabalhos, estarem em outros periódicos. No entanto, percebemos que existe a inserção crescente dos pesquisadores no campo acadêmico. Alguns indícios são: os grupos de pesquisa, em sua maioria foram criados recentemente, espaços para discussão foram criados, embora que ainda não estejam consolidados como a possibilidade de inserção na ANPOCS e na ALESDE, dentre outros eventos, passos que parecem ser fundamentais para a consolidação do campo acadêmico da Sociologia do Esporte, como foi apontado pela trajetória de outros países explicitada no capítulo I.

Após a coleta destes dados e análise, pudemos realizar uma reflexão sobre o campo acadêmico que está se constituindo. A Sociologia do Esporte procura se consolidar como espaço acadêmico válido e possui objetos de disputa com as áreas tanto da Educação Física como da Sociologia. A luta por legitimidade, por prestígio, acúmulo de capital científico, pode ser percebida tanto pela presença, quanto pela ausência de produções, bem como pelas iniciativas de criação de oportunidades de discussão, busca por formação que auxilie na apropriação das matrizes teóricas e pela formação de associações que permitam o intercâmbio e contato entre os pesquisadores tanto nacionais como internacionais.

Concluindo, decorre destas considerações finais, e do estudo como um todo, o desejo de investigar este campo em formação com mais profundidade, a fim de visualizar com mais abrangência e clareza as relações tanto acadêmicas como

políticas, permeadas pelas disputas inerentes do campo. Notamos que é válido realizar um mapeamento mais amplo, que não foi possível, nem objetivo, nesta pesquisa. O levantamento das primeiras obras, dos livros, dos artigos publicados em outros periódicos, anais de eventos, disponíveis na internet são um material que pode auxiliar no delineamento deste campo e permite a visão de uma suposta consolidação da área no Brasil.

Outra possibilidade de estudo proveniente desta pesquisa é a comparação deste campo em consolidação que é a Sociologia do Esporte no Brasil com outro cenário, como por exemplo o do Estados Unidos, onde este campo parece estar em uma situação mais avançada à encontrada em nosso país. Assim seria possível perceber as similaridades e disparidades deste processo, além das relações entre os campos da Sociologia, da Sociologia do Esporte e da Educação Física, bem como suas disputas internas.

REFERÊNCIAS

ARBENA, Joseph. Latin America. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Papirus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

COAKLEY, Jay. *Sociology of Sport in the United States*. Estado Unidos, 2008. Não publicado.

COLLINS, Chris. Australia and New Zealand. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

DUNNING, Eric. *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*. London: Routledge, 1999.

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 2.

FÖLDESI, Gyöngyi. Eastern Europe. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HENDRICKS, Denver. Africa. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

KIKU, Koichi. Japan. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

MARCHI JR, Wanderley. Jogo e esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Norbert Elias. In: *Introdução à sociologia da cultura: Max Weber e Norbert Elias*. São Paulo: Avercamp, 2005.

MARCHI JR., Wanderley. “*Sacando*” o Voleibol. São Paulo / Ijuí: Huicitec/ Uijuí, 2004a.

MARCHI JR., Wanderley; CAVICHIOILLI, Fernando. Diagnóstico da Sociologia do Esporte no Brasil: para a consolidação de um campo de conhecimento. In: CORNEJO, Miguel; MARCHI JR., Wanderley. *Estudios y Proyectos em Sociología del Deporte y la Recreación em América Latina*. Santiago: Trama Impresores, 2008.

MCDONALD, Ian. India. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

MILLS, Charles. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

ORTIZ, Renato. *Ciências Sociais e trabalho intelectual*. São Paulo: Olho D'água, 2002.

PILATTI, Luiz. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, Marcelo. LUCENA, Ricardo. *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

WAIZBORT, Leopoldo (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 2ed.

ALTMANN, Helena. Rompendo as fronteiras de gênero: marias e homens na Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 112-117, 1999.

BAHIA, Mirleide; SAMPAIO, Tânia. Lazer-meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 3, 2007. Disponível em <
<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

BARBOSA, G. *et. al.* Figueirense x Avaí: o “clássico do século” – estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 361-368, 1999.

BARBOSA, Ieda; SOUZA, Elizabeth. A predominância da dimensão técnica nas disciplinas ginásticas dos cursos de licenciatura em EF do estado do Paraná. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 553-558, 1999.

BARRETO, Luciane. A representação social da mulher no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1130-1136, 1999.

BARTHOLO, Márcia. A Educação Física, o Esporte e as Ciências Humanas; indicações para uma práxis social transformadora. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1243-1248, 1999.

BARTHOLO, Tiago; SOARES, Antonio. Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores da Olimpíada de Sydney. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, 2006. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

BETTI, Mauro. TV a cabo: a maximização do esporte telespetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 394-401, 1999.

BITENCOURT, Fernando. Metáforas do Esporte – imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre Estados Unidos e Iraque. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, 86-101, 2000.

BRUHNS, Heloísa. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 18, n.2, 6-11, 1997.

BRUHNS, Heloisa. Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismos na natureza. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 727-731, 1999.

CATANI, Afrânio. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). *Revista Educação e Sociedade*, v.23, n.78, Campinas, abr., 2002. Disponível em < www.scielo.br > Acesso em 27 abr. 2006.

CATANI, Afrânio; CATANI, Denice; PEREIRA, Gilson. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu na campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. *Revista Brasileira de Educação*, Anped, n.17, mai-ago. 2001. Disponível em < <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital>> Acesso em 16 dez. 2008.

DAMASCENO, Leonardo. Natação, cultura brasileira e imaginário social. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 18, n.2, 18-22, 1997.

DEVIDE, Fabiano; VOTRE, Sebastião. A representação social dos nadadores *masters* campeões sobre a sua prática competitiva da natação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 2-3, 57-65, 2000.

DEVIDE, Fabiano; VOTRE, Sebastião. *Doping* e as mulheres no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

DUNNING, Eric. In: GASTALDO, Édison. *Esporte, Violência e Civilização: uma entrevista com Eric Dunning*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n.30, jul-dez, 2008.

FALCÃO, José. Na “roda de capoeira”: corpo e imaginário social - esclarecimento e intervenção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1304-1310, 1999.

FALCÃO, José. O jogo da Capoeira em jogo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, 2006. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

FERES NETO, Alfredo. A virtualização do esporte e as suas novas vivências eletrônicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 373-379, 1999.

FERREIRA FILHO, Francisco. Análise do calendário do Futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 904-911, 1999.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 10. mar. 2008.

FREITAS JÚNIOR, Miguel. Algumas reflexões sobre o esporte espetáculo: como vai nosso futebol? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1197-1201, 1999.

GAMA, Dirceu. Ciberatletas, cibercultura e jogos digitais: considerações epistemológicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

GASTALDO, Édison. "Os campeões do século": notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 22, n. 1, 104-123, 2000.

GONÇALVES, Luiz. Tempo/espaço dos sujeitos socioculturais na Educação Física/Ciências do Esporte: uma perspectiva sociológica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 92-99, 1999.

GRANDO, Beleni. O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, 2006. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

GRUNENVALDT, José. Treinamento Desportivo: história e desenvolvimento das perspectivas atuais no contexto da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 940-946, 1999.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 1, 2004. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

INÁCIO, Humberto. Esporte: conteúdo dominante no Lazer do trabalhador. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 741-747, 1999.

LADISLAU, Carlos. O “meio” humano e o ser ambiente”: Esporte/Lazer e intervenção ambiental - primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 699-704, 1999.

LIEDKE FILHO, Enno. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, no. 14, jul/dez, 2005, p. 376-437

LIÃO JÚNIOR, Roberto. Políticas públicas de Educação Física, Esporte e Lazer: tensões e desafios de um projeto contra-hegemônico no Distrito Federal, 1995-1998. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, 39-52, 2000.

MARCHI JR., Wanderley. Esporte e sociologia: apontamentos iniciais para um debate. Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 9., 2004, Recife. História e Ciências Sociais, Fontes e Métodos. *Anais...* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004b. 424p. Disponível em: <http://www.boletimef.org/?canal=12&file=951>. Acesso em 27 mai. 2006.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O processo de ressignificação do Voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

MARQUES, José. A literatura invade a grande área: a crônica durante as copas do mundo de futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

MEZZADRI, Fernando. O Esporte no estado do Paraná: o começo da participação governamental. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 326-332, 1999.

MORAES, Antonio. Esporte em amostra grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 144-150, 1999.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre. Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, 2006. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> > Acesso em 15 nov. 2008.

OLIVEIRA, Ana. Representações sociais dos ídolos de futebol: construção e significados. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 368-372, 1999.

OLIVEIRA, Sávio. Realidade e possibilidade no Esporte: a prática pedagógica em questão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 226-233, 1999.

OURIQUES, Nilso. O gol contra do Rei: a Lei Pelé e suas conseqüências para o futebol nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 286-290, 1999.

PAULA, Heber. Aspectos sócio-históricos do processo de desenvolvimento urbano da cidade de Belo Horizonte e seu impacto sobre as comunidades e grupos sociais envolvidos com a organização do futebol de várzea na região metropolitana da cidade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1115-1121, 1999.

PEREIRA FILHO, J. Complexo da Maré: possibilidades de construção da cidadania a partir de políticas públicas nas áreas do esporte e lazer. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 333-339, 1999.

PILZ, Gunter. In: VAZ, Alexandre. *Sociologia do Esporte na Alemanha*. Revista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FGV, n.23, 1999.

PIMENTEL, Giuliano. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, 2006. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

PIRES, Giovani; GONÇALVES, Aguinaldo; PADOVANI, Carlos. Recepção à mídia esportiva entre os acadêmicos de educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 388-394, 1999.

SEIXAS, Paulo. *Uma introdução à Antropologia e Sociologia*. Disponível em < <http://homepage.ufp.pt/pseixas/antroposa%A3de/Introducao%20a%20Antropologia.pdf>>, Acesso em 25 jul. 2008.

SILVA, Jamerson. Cultura corporal e políticas públicas: resenhando o jogo – jogos comunitários do interior de Pernambuco. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 265-272, 1999.

SILVA, Méri. *Doping: consagração ou profanação?* *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

TAVARES, Otávio. *Doping no Esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

TAVARES, Otávio; SOARES, Antonio; BARTHOLO, Tiago. “Frozen Bananas”: esporte, mídia e identidade brasileira nos jogos olímpicos de inverno. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 1, 2007. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre. Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do Esporte no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.

28, n. 1, 2006. Disponível em <
<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

VAZ, Alexandre. Do culto à *performance*: esporte, corpo e rendimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 100-107, 1999.

VAZ, Alexandre. *Doping*, esporte, *performance*: notas sobre os “limites” do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, 2005. Disponível em < <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE>> Acesso em 15 nov. 2008.

VAZ, Alexandre. Dos fenômenos sociais e suas ambigüidades: comentários de Theodor W. Adorno sobre o Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 1183-1190, 1999.

WERNECK, Christianne. A criança e o esporte: o lúdico como proposta. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 18, n.2, 23-30, 1997.

ZINGONI, Patricia. Considerações acerca de uma política de esporte municipal no contexto do orçamento participativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 1, 290-297, 1999.

Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. (cd rom) Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006.

Anais do XV Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003. 328 p.

Anais do XXV Congreso de la Asociación Latino-americana de Sociología. (cd rom) Porto Alegre: Associação Latino-americana de Sociologia, 2005.

Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2002.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 1997 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 1998 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 1999 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2000 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2001 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2002 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2003 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2004 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2005 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2006 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, 2007 – Trimestral. ISSN 0101-3289.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 1997 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 1998 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 1999 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2000 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2001 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2002 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2003 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2004 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2005 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2006 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: ANPOCS, 2007 – Trimestral. ISSN 0102-6909.

Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. n. 42 – 57. Disponível em www.anpocs.org.br. Acesso em 20 jul. 2007.

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/> Acesso em 28 jul. 2008

<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE> Acesso em 10 out. 2008

www.anpocs.org.br Acesso em 10 out. 2008

www.cbce.org.br Acesso em 10 out. 2008

www.cnpq.br Acesso em 10 out. 2008

www.lattes.cnpq.br Acesso em 15 jun. 2008

www.scielo.br Acesso em 10 out. 2008

APÊNDICE

1. TABELA COM A RELAÇÃO DE ARTIGOS, AUTORES E BASES TEÓRICAS

REVISTA	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
vol. 18 n. 2 jan 1997	Relação Lazer - meio ambiente	Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura	Heloísa Turini Bruhns	Featherstone, M.; Krippendorf, J.; Parlebas, P.
	Natação	Natação, cultura brasileira e imaginário social	Leonardo Damasceno	P. Bourdieu
	Infância	A criança e o esporte: o lúdico como proposta	Christianne L. Gomes Werneck	Benjamin, W.; Betti, M.; Bourdieu, P.; Passeron, J.; Callois, R.; Eco, U.; Foucault, M.; Habermas, J.; Huizinga, J.; Mannheim, K.; Pinto, L.
vol 18, n.3 mai 1997	X	X	X	X
Vol 19, n.1 set 1997	X	X	X	X
Vol 19, n. 2 jan 1998	X	X	X	X
Vol 19, n.3 mai 1998	X	X	X	X
Vol 20, n.1 set 1998	X	X	X	X
Número especial set 1998	X	X	X	X
Vol.20, n. 2 e 3, abr/set 1999	X	X	X	X
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 2	O sujeito na EF e no Esporte	Tempo/espaco dos sujeitos socioculturais na Educação Física/Ciências do Esporte: uma perspectiva sociológica	Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves	U. Bech; M. Castells; P. Clastres; N. Elias; F. Fontanela; M. Ferreira; M. Foucault; A. Giddens; J. Goodger; M. Mauss; M. Merleau-Ponty; M.

REVISTA	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 2	Esporte: culto, corpo e <i>performance</i>	Do culto à <i>performance</i> : esporte, corpo e rendimento	Alexandre Fernandez Vaz	Poliakoff, A. Touraine T. Adorno (principal); M. Horkheimer; W. Benjamin; H. Marcuse; A. Rabinbach; A. Vaz; P. Virílio
	Esporte escolar e gênero	Rompendo as fronteiras de gênero: maristas e homens na Educação Física	Helena Altmann	H. Altmann; J. Anyon; E. Badinter; B. Connel; E. Dunning; M. Foucault; E. Grugeon; M. Kunz; G. Louro; M. Messner; R. Oliveira; R. Parker; M. Poovey; J. Scott; L. Serbin; J. Stanley; B. Thorne
	Esporte escolar	Esporte em amostra grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola.	Antonio Carlos Moraes	J. Abric; A. Alves-Mazzotti; V. Bracht; N. Ferreira; D. Jodelet; E. Kunz; T. Mazzotti; S. Moscovici (principal); M. Tubino
	Esporte escolar	Realidade e possibilidade no Esporte: a prática pedagógica em questão	Sávio Assis de Oliveira	S. Assis de Oliveira; P. Bourdieu; V. Bracht (principal); A. Cheptulin; T. Vago
	Políticas públicas e esporte	Cultura corporal e políticas públicas: resenhando o jogo – jogos comunitários do interior de Pernambuco	Jamerson Antonio de Almeida da Silva	V. Bracht; L. Castellani Filho; M. Chauí; T. Eagleton; H. Giroux; P. Ghiraldelli Jr.; A. Gramsci
	Futebol	O gol contra do Rei: a Lei Pelé e suas consequências para o futebol nacional	Nilso Ouriques	Evers, T.; Lever, J.; Levine, R. (não referenciados no texto)
	Políticas públicas para o esporte	Considerações acerca de uma política de esporte municipal no contexto do orçamento participativo	Patricia Zingoni	Bracht, V.; Bramante, A.; Demo, P.; Linhares, M.; Manhães, E.; Pinto, L.; Zingoni, P.
	Esporte e política	O Esporte no estado do Paraná: o começo da participação governamental	Fernando Mezzadri	Bourdieu, P.; Elias, N.; Foucault, M.; Mezzadri, F.
	Esporte, Lazer e políticas públicas	Complexo da Maré: possibilidades de construção da cidadania a partir de políticas públicas nas áreas do esporte e lazer	J. Pereira Filho	Demo, P.; Falleiros, V.; Ferreira, N.; Ghiraldelli Júnior, P.; Marcellino, N.; Pereira Filho, J.; Santos, W.; Teixeira, S.; Valla, V.; Stotz, E.
	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 2	Esporte e mídia	Figueirense x Avaí: o “clássico do século” – estudo sobre mídia e	G. Barbosa; A. Gocks; F. Machado; M. Passos;	Betti, M.; Contursi, E.; Ferrés, J.;

		cultura esportiva em Florianópolis	A. Silva; L. Soeiro; E. Torresini; F. Ferreira Filho	
Futebol e representação social		Representações sociais dos ídolos de futebol: construção e significados	Ana Beatriz Correia de Oliveira	Backzo, B.; Campbell, J.; Guareschi, P.; Jovchelovitch, S.; Guedes, S.; Helal, R.; Murad, M.; Coelho, M.; Jung, C.; Kothe, F.; Laplatine, F.; Trindade, L.; Magnane, G.; Micelli, P.; Miller, S.; Moreira, A.; Oliveira, D.; Moscovici, S. Nem todos os autores são citados no texto.
Esporte e o mundo virtual		A virtualização do esporte e as suas novas vivências eletrônicas	Alfredo Feres Neto	Babin, P.; Kouloumdjian, M.; Betti, M.; Bracht, V.; Eastman, S.; Riggs, K.; Eco, U.; Hesling, W.; Kinkema, K.; Harris, J.; Levy, P.; Quéau, P.
Mídia esportiva		Recepção à mídia esportiva entre os acadêmicos de educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular	Giovani De Lorenzi Pires; Aguinardo Gonçalves; Carlos Roberto Padovani	Betti, M.; Bucci, E.; Carvalho, S.; Hatje, M.; Ferrés, J.; Fischer, R.; Kunz, E.; Pires, G.; Gonçalves, A.; Padovani, C.
Esporte espetáculo		TV a cabo: a maximização do esporte telespetáculo	Mauro Betti	Babin, P.; Kouloumdjian, M.; Beal, B.; Betti, M.; Donnelly, P.; Young, K.; Giraldes, M.; Hargreaves, J.; Hesling, W.; Lévy, P.; Ricouer, P.; Santaella, L.; Soares, I.
Ginástica e formação acadêmica		A predominância da dimensão técnica nas disciplinas ginásticas dos cursos de licenciatura em EF do estado do Paraná	Ieda Parra Barbosa; Elizabeth Paliello Machado de Souza	Bracht, V.; Coletivo de autores, Daolio, J.; Nista Piccolo, V.; Oliveira, J.; Soares, C.
Esporte radical		O “meio” humano e o ser ambiente”: Esporte/Lazer e intervenção ambiental - primeiras aproximações	Carlos Rogério Ladislau	Almeida, J.; Bruhns, H.; Costa, L.; Daolio, J.; Inácio, H.; Krippendorff, J.; Pellegrini Filho, A.; Ribeiro, G.; Barros, F.; Rifkin, J.; Silva, A.; Serrano, C.
REVISTA	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 2	Esporte na natureza	Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismo na natureza	Heloisa Turini Bruhns	Augé, M.; Bruhns, H.; Diegues, A.; Featherstone, M.; Harvey, D.; Labate, B.; Munné, F.; Codina, N.; Ribeiro, G.; Barros, F.; Silva, T.; Urry, J.

Vol 21, n.1 set 1999 caderno 3	Esporte e lazer	Esporte: conteúdo dominante no Lazer do trabalhador	Humberto Luís de Deus Inácio	Bracht, V.; Lenk, H.; Marcuse, H.; Padilha, V.; Santos, M.; Silva, A.
	Futebol	Análise do calendário do Futebol brasileiro	Francisco Luiz Ferreira Filho	Barros, J.; Helal, R.; Hobsbawm, E.; Lever, J.; Mattos, C.; Mosquera, J.; Strobäus, C.; Murad, M.; Paoli, P.; Polli, F.; Sussekind, H.; Vargas, A.
	Treinamento esportivo	Treinamento Desportivo: história e desenvolvimento das perspectivas atuais no contexto da modernidade	José Tarcísio Grunennvaldt	Witte, B.; Lowi, M.; Rouanet, S.; Giddens, A.; Touraine, A.
	Crescimento urbano e futebol várzea	Aspectos sócio-históricos do processo de desenvolvimento urbano da cidade de Belo Horizonte e seu impacto sobre as comunidades e grupos sociais envolvidos com a organização do futebol de várzea na região metropolitana da cidade	Heber Eustáquio de Paula	Chauí, M.; Herschmann, M.; Lerner, K.; Magnani, G.; Moraes, J.; Rosenfeld, A.; Schifnagel, B.; Witter, J.
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 3	Identidade feminina no esporte	A representação social da mulher no futebol	Luciane de Andrade Barreto	Abreu, N.; Almeida, M.; Barbieri, T.; Beavoir, S.; Brown, P.; Costa, A.; Bruschini, C.; Custódio, M.; Dantas, B.; Daolio, J.; Ferreira, M.; Goellner Neto, A.; Bracht, V.; Grant, T.; Guareschi, P.; Jovchelovitch, S.; Izquierdo, M.; Matta, P.; Muraro, R.; Myotin, E.; Oliveira, R.; Pereira, L.; Pfister, G.; Poian, C.; Romero, E.; Rosaldo, M.; Lamphere, L.; Rosenberg, F.; Sá, C.; Samara, E.; Scott, J.; Simões, R.; Moreira, W.; Spink, M.; Tubino, M.; Uvinha, R.; Vargas, A.; Woolf, V. Nem todo o referencial foi utilizado no texto.
	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
	Adorno e esporte	Dos fenômenos sociais e suas ambigüidades: comentários de Theodor W. Adorno sobre o Esporte	Alexandre Fernandez Vaz	Adorno, T.; Horkheimer, M.; Becker, H.; Tamboer, J.; Huizinga, J.; Veblen, T.
	Esporte espetáculo e futebol	Algumas reflexões sobre o esporte espetáculo: como vai nosso futebol?	Miguel A. de Freitas Júnior	Bourdieu, P.; Clement, J.; Dunning, E.; Elias, N.; Pociello, C.; Proni, M.; Ribeiro, L.
Vol 21, n.1 set 1999 caderno 3	Educação Física e as	A Educação Física, o Esporte e as Ciências Humanas; indicações para	Marcia Bartholo	Bobbio, N.; Bornheim, G.; Debord, G.; Ferrara, L.; Gramsci, A.; Heidegger,

	Ciências Humanas	uma práxis social transformadora		M.; Japiassu, H.; Marcondes, C.; Souza, H.; Vazquez, A.
	Capoeira, corpo imaginário social	Na "roda de capoeira": corpo e imaginário social - esclarecimento e intervenção	José Luiz Cirqueira Falcão	Adorno, T.; Horkheimer, M.; Araújo, P.; Durand, G.; Foucault, M.; Frigério, A.; Geertz, C.; Habermas, J.; Pires, A.; Reis, L.; Soares, C.; Vieira, L.
Vol 21, n. 2 e 3 jan/mai 2000	Natação master	A representação social dos nadadores <i>masters</i> campees sobre a sua prática competitiva da natação	Fabiano Pries Devide; Sebastião Josué Votre	Abric, J.; Bakhtin, M.; Costa, J.; Coulon, A.; Devide, F.; Dumazedier, J.; Faria Júnior, A.; Fiorin, J.; Foucault, M.; Garfinkel, H.; Jodelet, D.; Madeira, M.; Maingueneau, D.; Moscovici, S.; Pêcheux, M.; Sá, C.; Shigunov, V.; Spink, M.; Votre, S.
Vol 22, n. 1 set 2000	Futebol espetáculo	"Os campees do século": notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo	Édison Luis Gastaldo	Berger, P.; Luckmann, T.; Betti, M.; Bourdieu, P.; Eco, U.; Fausto Neto, A.; Freud, S.; Geertz, C.; Hall, S.
Vol 22, n.2 jan 2001	X	X	X	X
Vol 22, n.3 mai 2001	X	X	X	X
Vol 23, n.1 set 2001	X	X	X	X
Vol 23, n.2 jan 2002	X	X	X	X
Vol 23, n.3 mai 2002	X	X	X	X
REVISTA	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 24, n.1 set 2002	X	X	X	X
Vol.24, n.2 jan 2003	X	X	X	X
Vol.24, n.3 mai 2003	Políticas públicas para Esporte e Lazer	Políticas públicas de Educação Física, Esporte e Lazer: tensões e desafios de um projeto contra-hegemônico no Distrito Federal, 1995-1998	Roberto Lião Júnior	Azevedo, J.; Belloni, I.; Magalhães, H.; Souza, L.; Carvalho, A.; Cobb, E.; Costa, N.; Cunha, E.; Gohn, M.; Mendonça, E.; Muller, P.; Surel, Y.; Pires, V.; Silva, P.; Veronez, L.
	Relações entre EF escolar, esporte e	A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física	Valter Bratch; Felipe Quintão de Almeida	Bracht, V.; Linhales, M.; Nozaki, H.; Oleias, V.; Silva, P.;

	políticas públicas				
Vol 25, n.1 set 2003	X	X			X
Vol 25, n.2 jan 2004	X	X			X
Vol 25, n.3 mai 2004	X	X			X
Vol 26, n.1 set 2004	Treinamento esportivo e culto ao corpo	Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação	Roger Alexandre Vaz	Hansen; Fernandez	T. Adorno; E. Couto; E. Gastaldo; G. Gebauer; M. Horkheimer; D. Le Breton; G. Lipovetsky; S. Malysse; A. Rabinbach; C. Sabino; D. Sant'Anna; P. Sarasin; A. Silva; F. Vaz; G. Velho; L. Wacquant
Vol 26, n.2 jan 2005	Metáforas esportivas	Metáforas do Esporte – imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre Estados Unidos e Iraque	Fernando Bitencourt	Gonçalves	T. Adorno; M. Horkheimer; Jean Baudrillard; Pierre Bourdieu; Mike Featherstone
	Crônicas Esportivas	A literatura invade a grande área: a crônica durante as copas do mundo de futebol	José Carlos Marques		Walter Benjamin; Pierre Bourdieu; Michel Foucault; Johan Huizinga
	Futebol e gênero	As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo	Ludmila Mourão; Marcia Morel		L. Mourão; O. Tavares; F. Portela; J. Salles; M. Silva; M. Costa; S. Votre; S. Schumacher; V. Brazil
REVISTA	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR		FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 26, n.2 jan 2005	Voleibol e televisão	O processo de resignificação do Voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo.	Wanderley Júnior	Marchi	Pierre Bourdieu
	Tecnologia e ciber-esporte	Ciberatletas, cibercultura e jogos digitais: considerações epistemológicas	Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama		T. Azevedo; J. Bento; M. Betti; R. Callois; D. De Masi; A. Feres Neto; S. Héas; P. Moras; M. Heim; J. Huizinga; I. Kant; J. Lafrance; A. Lemos; J. Lyotard; N. Negroponte; C. Piagessou; M. Weber
Vol 26, n.3 mai 2005	X	X	X		X
Vol 27, n.1 set 2005	<i>Doping</i>	<i>Doping: consagração ou profanação</i>	Méri Rosane Santos da Silva		Bento, J.; Gusdorff, G.; Santin, S.;

					Sergio, M.; Sève, L.; Tavares, O.
	<i>Doping</i>	<i>Doping, esporte, performance: notas sobre os "limites" do corpo</i>	Alexandre Vaz	Fernandez	W. Benjamin; A. Guttman; A. Vaz; R. Hansen; H. Marcuse; J. Hoberman; E. König; A. Rabinbach; C. Sabino; M. Goldenberg; P. Virilio
	<i>Doping</i>	<i>Doping no Esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães</i>	Otávio Tavares		Hugo Lovisolo; Kalevi Heinilä; Paul Ricoeur; Sergio B. de Holanda; Norbert Elias
	<i>Doping</i> gênero	<i>Doping e as mulheres no esporte</i>	Fabiano Pries	Devide; Sebastião Josué Votre	C. Araújo; M. Boutilier; L. San Giovanni; D. Costa; A. DeFrantz; F. Devide; E. Dunning; J. Maguire; K. Fastig; C. Brackenridge; J. Sundgot-Borgen; M. Gomes; M. Turini; J. Hargreaves; M. Messner; R. Muraro; A. Puppini; C. Parrat; G. Rail; R. Romero; J. Romero; K. Rubio; A. Simões; N. Théberge; P. Welch; D. Costa; P. Willis
Vol 27, n.2 jan 2006	Futebol identidade indígena	O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais	Beleni Salête Grando		F. Aguiar; F. Barth; J. Crespo; C. Lévi-Strauss; M. Mauss; A. Seeger; R. Da Matta; E. Viveiros de Castro
	OBJETO DE ESTUDO	TÍTULO	AUTOR		FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Vol 27, n.2 jan 2006	Capoeira	Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira	Muleka Alexandre Vaz	Mwewa; Fernandez	T. Adorno; S. Hall; M. Horkheimer.
	Capoeira	O jogo da Capoeira em jogo	José Luiz Falcão	Cirqueira	V. Forrester; E. Hobsbawn; J. Huizinga; F. Jameson; E. Kunz; I. Mészáros; M. Santos
Vol 27, n.3 mai 2006	X	X	X		X
Vol 28, n.1 set 2006	Rodeio	Localismo e globalismo na esportivização do rodeio	Giuliano Assis Pimentel	Gomes de	Abramo, P.; Featherstone, M.; Ortiz, R.; Parlebás, P.; Pimentel, G.; Stigger, M.
	Identidade e esporte	Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores da Olimpíada de Sydney	Tiago Lisboa Antonio Gonçalves Soares	Bartholo; Jorge	Anderson, B.; Balakrishnan, G.; Bartholo, T.; Soares, A.; Boyle, R.; Raynes, R.; Briggs, A.; Burke, P.; Cucho, D.; Elias, N.; Dunning, E.; Giddens, A.; Hall, S.; Helal, R.;

					Soares, A.; Hobsbawm, E.; Machado, I.; Mandell, R.; Ribeiro, P.; Salles, J.; Santos, T.; Silva, T.; Soares, A.; Lovisolo, H.; Verdery, K.; Whannel, G.
	Sociologia do Esporte	Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do Esporte no Brasil		Danielle Alexandre Vaz Torri; Fernandez	Adorno, T.; Bracht, V.; Brohm, J.; Cavalcanti, K.; DaMatta, R.; Elias, N.; Dunning, E.; Gruneau, R.; Horkheimer, M.; Lenk, H.; Lovisolo, H.; Oliven, R.; Proni, M.; Rigauer, B.; Stigger, M.; Toledo, L.; Vaz, A.; Vinnai, G.
Vol 28, n.2 jan 2007	X	X	X	X	X
Vol 28, n.3 mai 2007	Esportes de aventura, lazer	Lazer-meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura		Mirleide Chaar Bahia; Tânia Mara Silveira Sampaio	Bahia, M.; Bruhns, H.; Cailliois, R.; Costa, V.; Magnani, G.; Marcellino, N.; Marinho, A.; Morin, E.; Terezani, D.
Vol 29, n.1 set 2007	Esportes de inverno, identidade	“Frozen Bananas”: esporte, mídia e identidade brasileira nos jogos olímpicos de inverno		Otávio Tavares; Antonio Jorge Soares; Thiago Bartholo	Barbosa, L.; Bartholo, T.; Soares, A.; Boyle, R.; Raynes, R.; Briggs, A.; Burke, P.; Cuche, D.; DaCosta, L.; DaMatta, R.; Giulianotti, R.; Gomes, L.; Barbosa, L.; Drummond, J.; Guedes, S.; Hall, S. (principal); Helal, R.; Soares, A.; Lovisolo, H.; Lopes, J.; Machado, I.; Mattelart, A.; Mattelart, M.; Mota, L.; Moura, G.; Pereira, L.; Rojo, L.; Tavares, O

QUADRO 5 – ARTIGOS MAPEADOS DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE
FONTE: O AUTOR, 2009.

ANEXO

1. CURRÍCULO LATTES DOS LÍDERES DE GRUPOS DE PESQUISA

1- Aldo Antonio de Azevedo

É pós-doutor em Educação Física, titulação obtida em 2006, pela Faculdade de Motricidade Humana situada em Portugal. É professor associado I na Universidade de Brasília desde 2008. Atua nas linhas de pesquisa Relação entre Teoria e Prática na Educação Física Escolar; Esporte, Lazer e Cidadania; Aprendizagem Social e Trabalho Pedagógico na Educação Física Escolar; Transformações no Mundo do Trabalho; Relação Esporte *versus* Sociedade.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) AZEVEDO, A. A. ; ROSSO, S. D. ; BORGES, Ulisses. ; CRUZ, Hélvia. ; COITINHO, Rita. ; KELLER, Paulo. ; LÚCIO, Magda. ; BERNSTORFF, Vitor. ; PATO, Marcos. ; SILVA, Robson. . SINDICATO E ESTADO NO ANTEPROJETO DE REFORMA SINDICAL DE 2005. Tomo (UFS), v. 10, p. 9-60, 2007.

b) AZEVEDO, A. A. . Estado e economia no capitalismo. Revista Sociedade e Estado, Brasília (DF), v. XI, n. 1, p. 175-178, 1996.

Livros

c) AZEVEDO, A. A. . Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal. 1. ed. Brasília - DF: Thesaurus Editora de Brasília LTDA, 2008. v. 1. 170 p.

d) AZEVEDO, A. A. ; SUASSUNA, D. . Política e Lazer: interfaces e perspectivas. Brasília - DF: Editora Thesaurus, 2007. v. 1. 230 p.

e) AZEVEDO, A. A. ; FERES NETO, A. ; ASSUMPCAO, L. O. T. ; CORBUCCI, P. R. . Esporte & Sociedade (Co-autoria). 1. ed. Montes Claros - MG: Unimontes, 2002. v. 1. 105 p.

2- Ana Cláudia Porfírio Couto

É doutora em Ciências do Desporto, pela Universidade do Porto, em Portugal. Obteve tal titulação no ano de 2006, quando defendeu o trabalho *Educação Física à Luz do Movimento da Escola Cultural*, orientado por Rui Manuel Proença Garcia. Atualmente possui vínculo com a Universidade Federal de Minas Gerais, na qual é professora adjunta I desde 1994. A linha de pesquisa em que atua é Pedagogia, Sociologia e Antropologia do Esporte.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) COUTO, A. C. P. (Org.) ; SILVA, C. I. (Org.) . Manual do Treinador de Natação - Nível Trainee. 1. ed. Belo Horizonte: Edições FAM, 1999. v. 1. 174 p.

Capítulos de livros

b) COUTO, A. C. P. ; COUTO, Mauricio de Azevedo ; ALEIXO, Ivana Montandon Soares ; FREITAS, H. R. . Referencial teórico do Projeto Guanabara: conteúdos da Educação Física a serem desenvolvidos nos projetos de educação pelo esporte. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lúcia Moreira Lemos. (Org.). : , 2001, v. , p. -.

c) COUTO, A. C. P. ; COUTO, Mauricio de Azevedo ; ALEIXO, Ivana Montandon Soares . Projeto Guanabara - Avaliação do Processo. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lúcia Moreira Lemos. (Org.). Temas Atuais V - Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2000, v. 1, p. 141-154.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

d) COUTO, A. C. P. . A ESCOLA FACE À VIOLÊNCIA SOCIAL: O PAPEL DO PROJETO GUANABARA DA CIDADE DE BELO HORIZONTE - MG. In: VII

CONGRESSO AEPEC - Por uma escola sem violência, 2002, ÉVORA. ANAIS DO VII CONGRESSO DA AEPEC. LISBOA : AEPEC, 2002.

Resumos publicados em anais de congressos

e) COUTO, A. C. P. ; LEMOS, Kátia Lúcia Moreira . The physical education and the new Brazilian sportive trends. In: 8th Annual Congress European College of Sport Science, 2003, Salzburg. Abstract book. Salzburg : Institute of Sport Science, 2003. p. 287-287.

3- Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires

É doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Obteve o título no ano de 2000, com o trabalho *As Bóias-frias e suas Representações Sociais sobre Tempo Livre e Lazer*, sob a orientação de Sebastião Josué Votre. Possui vínculo institucional com a Universidade Estadual de Londrina, onde é professor desde 1996. Trabalha nas linhas de pesquisa História Oral; Imaginário e Educação Física; Esporte, Lazer, Dança, Gênero e Educação Física; Estudos em Representações Sociais.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; CALCIOLARI, A. JR. . The Doctors of the Quermesse. The FIEP Bulletin, v. 76, p. 618-621, 2006.

Livros

b) PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; CALCIOLAR JUNIOR, Anisio . AS DOUTORAS DA QUERMESSE. 1ª. ed. Londrina: Lazer & Sport, 2006. v. 800. 136 p.

Capítulos de livros

c) PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes . A rua como lugar de formação da cidadania, prazer e felicidade. In: João Eloir Carvalho. (Org.). Lazer no Espaço Urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias. 1 ed. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2006, v. , p. 63-69.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

d) PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; CALCIOLAR JUNIOR, Anisio . THE DOCTORS OF THE QUERMESSE. In: 21º Congresso Internacional de Educação Física, 2006, Foz do Iguaçu. FIEP BULLETIN, 2006. v. 76. p. 618-621.

Apresentação de trabalhos

e) PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; CALCIOLAR JUNIOR, Anisio . THE Doctors of the "quermesse". 2006. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

4- Ary José Rocco Júnior

É doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Obteve tal titulação no ano de 2006, com o trabalho *O Gol por um Clique: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço*, sob a orientação de Rogério da Costa Santos. É professor assistente na Universidade de Santo Amaro e na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, ambas desde 1998, professor assistente associado I na Universidade Presbiteriana Mackenzie desde 2006 e professor visitante na Universidade Bandeirante de São Paulo desde 2005. As linhas de pesquisa não foram informadas pelo pesquisador.

Suas publicações relevantes são:

Textos em jornais e revistas

a) ROCCO JÚNIOR, Ary José . Os Onze de Ouro da Nike. A Classe Operária, São Paulo - SP, v. 159, p. 8 - 8, 10 jun. 1998.

b) ROCCO JÚNIOR, Ary José . Senna foi Vítima do Circo da F-1. A Classe Operária, São Paulo - SP, v. 124, p. 14 - 14, 09 maio 1994.

c) ROCCO JÚNIOR, Ary José . De Pelé a Parreira - A Trajetória da Decadência. A Classe Operária, São Paulo - SP, v. 108, p. 16 - 16, 16 ago. 1993.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

d) ROCCO JÚNIOR, Ary José . Novas Tecnologias e as Torcidas Virtuais - A Transformação da Cultura do Futebol no Século XXI. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte - MG, 2003.

Programa de rádio, TV ou mesa redonda

e) ROCCO JÚNIOR, Ary José . Mídia Impressa e Novas Tecnologias. 2000.

5- Carlos Alberto Figueiredo da Silva

É doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho, título obtido em 2002. Nesse ano defendeu a tese *Futebol, Linguagem & Mídia: entrada, ascensão & consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro*, sob orientação de Sebastião Josué Votré. É professor titular na Universidade Salgado de Oliveira desde 2004 e professor adjunto no Centro Universitário Augusto Motta, desde 2002. Atua nas linhas de pesquisa Ética, Direitos Humanos e Cidadania; Sociedade, Cultura e Educação Física; Estruturas Organizacionais de Modernização e Inovação Tecnológica; Representações Sociais da Educação Física, Esporte e Lazer; Aspectos Socioculturais da Atividade Física; Gênero e Mulheres na Educação Física e no Esporte.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) SILVA, C. A. F. ; CORREIA, A. M. . Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, p. 107-122, 2008.

b) SILVA, C. A. F. ; TERRA, B. ; VOTRE, S. J. ; Avelar, K. E. S. ; MORAES, S. R. . Por uma Universidade Empreendedora: o papel da pós-graduação no modelo da hélice tríplice. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 113, p. Año 12 - N 113, 2007.

c) SILVA, C. A. F. ; TERRA, B. ; VOTRE, S. J. . O modelo da hélice tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no desenvolvimento local. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, p. 167-183, 2006.

d) SILVA, C. A. F. The racist language: metaphors, soccer and media. The FIEP bulletin, Brasil, v. 75, n. Special Ed, p. 462-464, 2005.

Livros

e) SILVA, C. A. F. ; VOTRE, S. J. . Racismo no futebol. 1ª. ed. Rio de Janeiro: H P Comunicações, 2006. 104 p.

6- Celi Nelza Zulke Taffarel

A pesquisadora é pós-doutora pela *Universität Oldenburg* - Alemanha, na área de Educação Física, título obtido em 1999. Possui vínculo institucional com a Universidade Federal da Bahia, onde é professora titular desde 2000. Atua nas linhas de pesquisa Prática Pedagógica e Política Educacional; Problemáticas Significativas da Prática Pedagógica da Educação Física; Educação Física & Esporte e Lazer; Currículo e Tecnologias da Informação.

Suas publicações relevantes são:

Capítulos de livros

a) TAFFAREL, C. N. Z. . Os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. (Org.). Educação Física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses. 1 ed. Ijuí: Sedigraf, 1997, v. 1, p. 25-61.

Apresentação de trabalhos

b) TAFFAREL, C. N. Z. . Capitalismo X Socialismo: papel social da educação. 1999.

c) TAFFAREL, C. N. Z. . A Formação Profissional e as Diretrizes Curriculares. 1999.

d) TAFFAREL, C. N. Z. . CAPITALISMO x SOCIALISMO: o papel social da Educação Física. 1999.

Curso de curta duração

e) TAFFAREL, C. N. Z. . Da Expressão Corporal a Linguagem Computacional - Verão no Campus 1999. 1999.

7- Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

É pós-doutora pela Universidade do Porto - Portugal, título obtido em 2007. É professora adjunta da Escola Superior de Educação Física desde 2008 e professora adjunta da Universidade de Pernambuco desde 1994. Atua nas linhas de pesquisa Estudos da Inter-relação entre *Habitus* Culturais, Estilo de Vida e Bem-Estar; Emprego e Mão de Obra; Estudos das Sociedades Humanas Considerando os Níveis: Grupal, Comportamental e Social; Desenvolvimento Rural; Estudos da Interação do Indivíduo com a sua Imagem, seu Corpo em Termos Ético, Estético e de Gênero.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos:

a) CAMPOS, M. B. ; FREITAS, C. M. S. M. . Um estudo sobre a realidade acadêmica, cultural e socioeconômica dos alunos cotistas da Universidade de Pernambuco. Universidade e Sociedade (Brasília), v. 42, p. 161-169, 2008.

b) FREITAS, C. M. S. M. ; SANTIAGO, M. ; VIANA, Ana Tereza ; LEÃO, Ana Carolina ; FREYRE, Carmen . ASPECTOS MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A ADESAO E MANUTENÇÃO DE IDOSOS A PROGRAMAS DE EXERCÍCIOS FÍSICOS. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, v. 9, p. 98-106, 2007.

c) FREITAS, C. M. S. M. ; XAVIER, I. M. ; CAMPOS, M. B. ; LEO, A. C. C. ; Iza Monique . TEMPO LIVRE E LAZER NA JUVENTUDE NORONHENSE: influências na qualidade de vida e implicações sociais. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 15, p. 7-15, 2007.

d) FREITAS, C. M. S. M. . As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, FCDEF- UP - Portugal, v. 5, n. 3, p. 329-334, 2005.

Livros

e) FREITAS, C. M. S. M. . Da emoção a contradição no esporte: uma reengenharia da modernidade. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2005. v. 1000. 198 p.

8- Cláudio de Lira dos Santos Júnior

É doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, título obtido em 2005. Na ocasião defendeu o trabalho *A Formação dos Professores em Educação Física: a mediação dos parâmetros teórico-metodológicos*, sob a orientação de Celi Nelza Zulke Taffarel. É professor adjunto I na Universidade Federal da Bahia desde 2007. Atua nas linhas de pesquisa Trabalho e Educação; Educação Física Escolar; Formação de Professores; Educação Física e o Mundo do Trabalho.

Suas publicações relevantes são:

Capítulo de livro

a) SANTOS JÚNIOR, C. L. ; TAFFAREL, C. N. Z. ; LACKS, S. ; D'AGOSTINI, A. ; TITTON, M. ; CARVALHO, M. ; CASAGRANDE, N. . Uma proposição de Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores de Educação Física. In: Celi Nelza Zülke Taffarel e Reiner Hildebrandt-Stramann. (Org.). Currículo e Educação Física: Formação de professores e Práticas Pedagógicas nas escolas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, v. , p. 41-50.

b) SANTOS JÚNIOR, C. L. ; TAFFAREL, C. N. Z. ; ESCOBAR, M. O. . PARÂMETROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA O ENSINO E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA & ESPORTE E LAZER. In: Celi Nelza Zulke Taffarel; Marcia Chaves; Silvio Sanchez A. Gamboa. (Org.). PRÁTICA PEDAGÓGICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA & ESPORTE E LAZER: linha de estudo e pesquisa em educação física & esporte & lazer (LEPEL/UFAL/UFBA). Alagoas: Edufal (editora da Universidade Federal de Alagoas, 2003, v. , p. -.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

c) SANTOS JÚNIOR, C. L. . O MITO DA ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL VIA ESCOLA. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1999, FLORIANÓPOLIS/SC. ANAIS DO XI CONBRACE, 1999. v. 02.

Resumos publicados em anais de congressos

d) SANTOS JÚNIOR, C. L. . Formação Profissional em Educação Física e Mundo do Trabalho: Reflexões sobre as Temáticas Apresentadas no Grupo de Trabalho Temático. In: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, Porto Alegre. Anais do XIV CONBRACE. Porto Alegre, 2005. v. 01. p. 01.

Proposta curricular

e) SANTOS JÚNIOR, C. L. . PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO MUNICÍPIO DE CAMARAGIBE/PE. CAMARAGIBE/PE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMARAGIBE/PE, 2000.

9- Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior

É doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, título obtido em 2003, quando defendeu o trabalho *Meninos de Rua ou um Beco Sem Saída?: um novo resgate*, orientado por Gustavo Luis Gutierrez. Atualmente possui vínculo com a Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde é professor adjunto desde 1993. Seus estudos se dão nas seguintes linhas de pesquisa: Esporte, Lazer e Sociedade; Comunicação, Cultura e Cidadania; História, Cultura e Cidadania.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) CANTORANI, José Roberto Herrera ; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. . Expansão das atividades físicas de aventura na natureza: análise sócio-histórica das necessidades desencadeadas pelo processo civilizador. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 100, p. 1-9, 2006.

Livros

b) PILATTI, Luiz Alberto (Org.) ; CARMO, M. C. (Org.) ; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. (Org.) . XV Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil. 15. ed. Jundiaí - SP: Fontoura, 2003. v. 400. 328 p.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

c) OLIVEIRA JUNIOR, C. R. . Lazer: contraponto do trabalho ou um meio de auto-controle?. In: XV Simpósio De Educação Física e Desportos do Sul do Brasil., 2003, Ponta Grossa. XV Simpósio De Educação Física e Desportos do Sul do Brasil. Jundiaí-SP-Brasil : Fontoura, 2003. p. 157-162.

d) OLIVEIRA JUNIOR, C. R. . Meninos de rua ou de um beco sem saída? Um novo resgate. In: 7º Simpósio Internacional Processo Civilizador: história, civilização e educação., 2003, Piracicaba. 7º Simpósio Internacional Processo Civilizador: história, civilização e educação./ CD ROM. Piracicaba-SP-Brasil : Programa de Pós-Graduação em Educação - UNIMEP, 2003. p. 110-120.

Resumos publicados em anais de congressos

e) GÓES, S. M. ; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. . Journal of the International Federation of Physycal Education - Four language edition. Journal Of The Federation Of Physical Education, Foz do Iguaçu - PR- Brasil, v. 74, p. 12-12, 2004.

10- Edilson Fernandes de Souza

É doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, título obtido em 1998. Na ocasião defendeu o trabalho *Entre o Fogo e o Vento: as práticas de batuques e o controle das emoções*, orientado por Ademir Gebara. Atualmente leciona na Universidade Federal de Pernambuco, onde é professor adjunto I desde 2000. Seus estudos estão compreendidos nas seguintes linhas de pesquisa: Representações Sócio-históricas do Esporte; Corpo, Memória e Etnicidade; Pesquisa em Teoria e História da Educação; Corporeidade e Etnicidade.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) SOUZA, Edilson. . OS OUTSIDERS AFRO-BRASILEIROS E SUAS DANÇAS ANCESTRAIS. ArtCultura, Uberlândia, v. 4, n. 5, p. 46-55, 2002.

b) SOUZA, Edilson. . WEBER E ELIAS:PONTOS E CONTRAPONTO NA METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Conexões Educação Esporte Lazer, CAMPINAS, v. 1, n. 1, p. 13-21, 1998.

Livros

c) SOUZA, Edilson. . REPRESENTAÇÕES DE AFRO-BRASILEIROS; depoimentos de dançarinos-atores. 01. ed. RECIFE: EDITORA UNIVERSITÁRIA DA UFPE, 2008. v. 01. 149 p.

d) SOUZA, Edilson. . ENTRE O FOGO E O VENTO: As Práticas de Batuques e o Controle das Emoções. 2. ed. RECIFE: EDITORA UNIVERSITÁRIA/UFPE, 2005. v. 300. 159 p.

Demais trabalhos

e) SOUZA, Edilson. . ENTRE O FOGO E O VENTO: AS PRÁTICAS DE BATUQUES E O CONTROLE DAS EMOÇÕES. 1998

11- Eveline Torres Pereira

É doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho, título obtido em 2005. Na ocasião defendeu o trabalho *As faces de Pandora: a mulher na família, no trabalho e no lazer*, orientado por Nilda Teves Ferreira. É professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa desde 1994. A pesquisadora não informa em seu currículo as linhas de pesquisa em que trabalha.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) PEREIRA, E. T. ; FERREIRA, N. T. . The image universe feminine in 60 decade: a look in the publish images. The FIEP Bulletin, v. 77, p. 501-504, 2007.

A pesquisadora não elencou como importante nenhuma outra publicação.

12- Fabio de Faria Peres

É doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, título obtido em 2005. Na ocasião, defendeu a tese *Lazer, Sociabilidade e Jovens de Manguinhos*, orientado por Alberto Lopes Najar. Atualmente possui vínculo com a Escola Nacional de Saúde Pública, onde é membro de grupo de pesquisa desde 2002. As linhas de pesquisa em que atua são Vida Associativa e Fórum Regional de Manguinhos; Projeto de Avaliação Qualitativa do Programa de Reabilitação Social Baseado em Comunidade; Metodologia de Avaliação de Ações de Promoção de Saúde e Equidade; Desigualdades Socioespaciais e Qualidade de Vida; Juventude, Sociabilidade e Violência: lazer, esporte e cultura em Manguinhos; Hábitos de Lazer dos Alunos do CAP/UFRJ; Avaliação do Projeto Sesc Tempo Livre; Esporte e Arte: diálogos.

O pesquisador não elencou nenhuma produção bibliográfica como importante.

13- Greice Kelly de Oliveira

É doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, título obtido em 2006. Defendeu a tese *Afetividade e Prática Pedagógica: uma proposta desenvolvida em um curso de formação de professores de Educação Física*, orientada por Abigail Alvarenga Mahoney. É professora assistente associada da Universidade Presbiteriana Mackenzie desde 2006 e professora classe II A do Centro Universitário Padre Anchieta desde 2006. Atua na linha de pesquisa Educação Física Escolar.

Suas publicações relevantes são:

Resumos publicados em anais de congressos

a) OLIVEIRA, G. K. ; OLIVEIRA, D. R. ; SCARAZZATO, J. ; CELANTE, A. R. ; MASTROROSA, A. . Memórias afetivas sobre as aulas de Educação Física escolar: o caso dos professores de Educação Física em formação inicial.. In: I Simpósio de Letras

e I Encontro de Iniciação Científica Unianchieta, 2008, Jundiaí. I Simpósio de Letras Discurso, texto e contexto: rumos e perspectivas. I Encontro de Iniciação Científica UniAnchieta. Jundiaí : Unianchieta, 2008.

A pesquisadora não informa nenhuma outra publicação como mais importante.

14- Hugo Rodolfo Lovisolo

É pós-doutor pela Universidade do Porto - Portugal, título obtido em 1996. Possui vínculo institucional com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde é professor adjunto desde 1988. Atua nas linhas de pesquisa Transformações Sócio-culturais [sic] na Educação Física, Esporte e Lazer; Política Universitária; Produção das Pós-Graduações em Educação; Iberismo e Hispanismo; Lazer e Meios de Comunicação; Dissonância Cognitiva; Caracterização do Aluno de Alfabetização; Acompanhamento Econômico e Social; Educação Rural, Condições e Efeitos; Teoria e Prática da Educação de Adultos; Teoria e Métodos em Avaliação de Educação de Adultos; Etnografia do Primeiro Grau: análise da interação social; A Pesquisa Participante: teoria e prática; Iluminismo e Romantismo na Educação; Arquivo A. Teixeira: novas contribuições; Positivismo na Argentina e no Brasil; Estratégias de Desenvolvimento de Comunidades Científicas.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) LOVISOLO, H. R. . Comunidades científicas: condições ou estratégias de mudança. Educação & Sociedade, Campinas, v. XVIII, n. agosto, p. 270-297, 1997.

Livros

b) LOVISOLO, H. R. . Atividade física, educação e saúde. Rio de Janeiro: Sprint, 2000. v. 1. 112 p.

c) LOVISOLO, H. R. . Vizinhos distantes: Universidade e ciência na Argentina e no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. v. 1. 131 p.

d) LOVISOLO, H. R. . Estética, esporte e educação física. Rio de Janeiro: Sprint, 1997. v. 1. 172 p.

e) LOVISOLO, H. R. . Educação popular: modernidade e conciliação. Salvador: OEA/UFBA/EGBA, 1990. v. 1. 295 p.

15- Jeane Barcelos Soriano

Possui doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, título obtido em 2003. Na ocasião defendeu a tese *A Constituição da Intervenção Profissional em Educação Física: interações entre o conhecimento formalizado e a noção de competência*, orientada por Pedro José Winterstein. Possui vínculo institucional com a Universidade Estadual de Londrina, onde é professora adjunta desde 1998. Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Caracterização Acadêmica e Profissional do Professor de Educação Física; Estudos Sócio-Culturais [sic] do Movimento Humano.

Suas publicações relevantes são:

Projeto Político-pedagógico

a) CYRINO, Edilson Seperloni ; NAKAMURA, Fabio Yuzo ; SORIANO, Jeane Barcelos ; MARQUES, Inara ; PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória ; PALMA, José Augusto Victória . Projeto Político Pedagógico do Stricto Sensu. 2005.

b) SORIANO, Jeane Barcelos ; DE SANTO, Dalberto Luiz ; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória ; PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; CYRINO, Edilson Seperloni ; FRISSELLI, Ariobaldo ; NAKAMURA, Fabio Yuzo ; ROSA, Dalva Martins ; FREITAS, Luiz Alberto Garcia . Projeto Político Pedagógico do Bacharelado em Educação Física. 2004.

c) PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória ; PALMA, José Augusto Victória ; CESÁRIO, Marilene ; MORTARI, Kátia Simone Martins ; PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes ; SORIANO, Jeane Barcelos ; PEIXOTO, Elza Margarida Mendonça ; MAZZIO, Marival Antonio . Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física. 2003.

16- Jorge Dorfman Knijnik

É doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, título obtido em 2006. Defendeu a tese *Femininos e Masculinos no Futebol Brasileiro*, orientado por Esdras Guerreiro Vasconcellos. É professor doutor da Universidade de São Paulo desde 2003 e professor assistente II na Universidade Presbiteriana Mackenzie desde 2000. Atua nas linhas de pesquisa Sociologia do Esporte e da Educação Física; História do Esporte; Psicologia do Esporte; Relações Sociais de Gênero nas Práticas Corporais e Esportivas; Aspectos Psicossociais do Esporte.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) SIMÕES, A. C. (Org.) ; KNIJNIK, J. D. (Org.) . O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento,gênero,desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. v. 01. 382 p.

b) KNIJNIK, J. D. . A mulher brasileira e o esporte - seu corpo,sua história. 1ª. ed. Editora Mackenzie, 2003. v. 1. 133 p.

Capítulos de Livros

c) KNIJNIK, J. D. ; VASCONCELLOS, E. G. . Les femmes en crampons à coeur ouvert au Brésil. In: Thierry Terret. (Org.). Sport et genre - la conquête d'une citadelle masculine. Paris: L'Harmattan, 2005, v. 1, p. 295-308.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

d) KNIJNIK, J. D. ; SIMÕES, A. C. ; LUCATO, S. . A GLANCE INTO THE BODY IMAGE OF HIGH-LEVEL HANDBALL WOMEN-ATHLETES. In: X WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 2001, SKIATHOS. IN THE DAWN OF THE NEW MILLENNIUM - PROCEEDINGS OF THE X WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY. THESSALONIKI : CHRISTODOULIDI PUBLICATIONS, 2001. v. 4. p. 269-270.

17- José Carlos Marques

É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, título este obtido em 2003. Na ocasião defendeu a tese *O Futebol ao Rés-do-chão: a crônica e a coluna em tempos de Copa do Mundo*, orientado por Maria do Socorro Nóbrega. Possui vínculo com a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, onde é professor assistente desde 2007, e com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é professor associado desde 2005. As linhas de pesquisa em que atua são Roteiros Turísticos em São Paulo; Comunicação; Jornalismo.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) MARQUES, J. C. . Futebol de celebridades - o jornalismo de referência no Brasil e a cobertura das últimas Copas do Mundo. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, São Paulo - Intercom, p. 43-54, 2004.

b) MARQUES, J. C. . Gol de placa ou bola na trave? Nelson Rodrigues e futebol na mão do cinema novo. Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física, UFSM - RS, v. 4, n. 4, 2001.

Livros

c) MARQUES, J. C. . O futebol em Nelson Rodrigues. São Paulo: EDUC, 2000. 212 p.

Artigos completos publicados em anais de congressos

d) MARQUES, J. C. . As vozes das placas, cartazes e murais (o texto visual e a oralidade em escritos de rua no Brasil). In: VII Congresso ALAIC 2004, 2004, La Plata - Argentina. Anais do GT Estudos Interculturais - VII ALAIC, 2004.

18- José Geraldo do Carmo Salles

É doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho, titulação obtida em 2004. Defendeu a tese *Entre a Paixão e o Interesse - o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*, sob a orientação de Antonio Jorge Gonçalves Soares. Leciona na Universidade Federal de Viçosa desde 1993, como professor adjunto II. Trabalha nas linhas de pesquisa Desenvolvimento da Modalidade de Handebol no Estado de Minas Gerais; Ensino, Corpo e Sociedade.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) DACOSTA, L. P. (Org.) ; MIRAGAYA, A. (Org.) ; SALLES, José Geraldo do C. (Org.) . Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro - RJ: Shape Editora e Promoções Ltda, 2005. v. 01. 941 p.

b) SALLES, José Geraldo do C. . Handebol - Treinamento técnico e tático. 1. ed. Viçosa: BD Empreendimentos, 2001. v. 01. 68 p.

c) VOTRE, S. J. (Org.) ; SALLES, José Geraldo do C. (Org.) ; MELO, V. A. (Org.) . Representação Social do Esporte e da Atividade Física: Ensaio Etnográfico. 01. ed. Brasília: INDESP, 1998. v. 01.

Capítulos de livros

d) SALLES, José Geraldo do C. ; SOARES, A. J. G. . Evolução da concepção do amadorismo no Movimento Olímpico Internacional: uma aproximação conceitual. In: Turini, Márcio & DaCosta, Lamartine Pereira. (Org.). Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro - RJ: Editora Gama Filho, 2002, v. 02, p. 437-452.

e) SILVA, M. C. P. ; COSTA, M. M. ; SALLES, José Geraldo do C. . Representação Social do Futebol Feminino na Imprensa Brasileira. In: Sebastião Josué Votre; José Geraldo do Carmo Salles; Victor Andrade de Melo. (Org.). Representação Social do Esporte e da Atividade Física: Ensaio Etnografico. 01 ed. Brasília - DF: INDESP, 1998, v. 01, p. 104-117.

19- José Luís Simões

É doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, título obtido em 2005. Defendeu a tese *Escola para as Elites, Cadeia para os Vadios - relatos da imprensa piracicabana (1889-1930)*, orientado por Ademir Gebara. É professor adjunto I na Universidade Federal de Pernambuco desde 2005. Atua nas linhas de pesquisa Sociologia e História do Esporte; Teoria e História da Educação.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) SIMÕES, J. L. . Norbert Elias e la Sociedad Cortesana. Conexões (UNICAMP), Editora Unicamp, v. 01, p. 77-84, 2000.

Livros

b) SIMÕES, J. L. . Violência e Imprensa - Abordagem Sociológica de um Caso de Trote Mortal. 01. ed. São Paulo: Fiuza Editores, 2001. v. 01. 127 p.

Capítulo de Livro

c) SIMÕES, J. L. . Reflexiones sobre la desigualdad social, violencia y civilización en Brasil. In: Carina V. Kaplan. (Org.). La Civilización en Cuestión. 01 ed. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2008, v. 01, p. 95-116.

Trabalhos publicados em anais de congressos

d) SIMÕES, J. L. . Violência nas escolas ou escolas na sociedade violenta? Proposições para o debate. In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2007.

Anais do X Simpósio Intenacional Processo Civilizador: sociabilidade e emoções. Campinas : UNICAMP, 2007. p. 01-12.

e) SIMÕES, J. L. . Los Cambios en las Regras de los Deportes. In: XXVI CONGRESO ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA, 2007, Guadalajara. ANAIS DO XXV CONGRESO ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA. Guadalajara : Editora Universidad Guadalajara, 2007. p. 01-12.

20- Josimar Jorge Ventura de Moraes

É doutor em Sociologia pela London School of Economics and Political Science - Grã-Bretanha, título obtido em 1992. Defendeu a tese *The New Unionism in Pernambuco (Brazil) in the 1980's*, orientado por Stephen Hill. Leciona na Universidade Federal de Pernambuco, onde é professor adjunto IV desde 1994. Atua nas linhas de pesquisa Sociologia do Futebol; Teoria Sociológica.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) MORAIS, J. J. V. ; RATTON JR, J. L. A. . Gilberto Freyre e a Articulação dos Níveis Micro e Macro Na Sociologia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 129-144, 2005.

b) RATTON JR, J. L. A. ; MORAIS, J. J. V. . Para Ler Jon Elster: Limites e Possibilidades da Explicação por Mecanismos nas Ciências Sociais. Dados (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 385-410, 2003.

c) RATTON JR, J. L. A. ; MORAIS, J. J. V. . O Encontro de Jon Elster e Machado de Assis: Racionalidade e Emoções. Ciência e Trópico, Recife, v. 30, n. 2, p. 309-320, 2002.

d) MORAIS, J. J. V. ; FERREIRA, J. . O Monstruoso: Inovação Tecnológica e Crise do Humanismo. Perspectivas, São Paulo, n. 23, p. 25-50, 2000.

e) MORAIS, J. J. V. ; MULHALL, T. . Mapeando o Reino da Sociologia Histórica: Reflexões Acerca do Modelo Teórico-Metodológico de Theda Skocpol. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 45, p. 25-50, 1998.

21- Kátia Lúcia Moreira Lemos

A pesquisadora é doutora pela Universidade do Porto - Portugal, em área não informada no currículo, título obtido em 2006. Defendeu a tese *Educação Física e Valores: análise centrada nas escolas do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Belo Horizonte*, sob a orientação de Paula Botelho Gomes e Rui Proença Garcia. Não encontramos os vínculos institucionais da referida pesquisadora, nem as linhas de pesquisa nas quais atua.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) LEMOS, K.L.M. ; Garcia, R. P. ; Paula Botelho Gomes . O Esporte e as aulas de Educação Física. The FIEP Bulletin, v. 77, p. 771-773, 2007.

Livros

b) LEMOS, K.L.M. (Org.) ; EMERSON SILAMI GARCIA (Org.) . Temas Atuais XI: Educação Física e Esporte. 11. ed. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2006. v. 1. 199 p.

Capítulo de livro

c) LEMOS, K.L.M. ; COUTO, Ana Clúaida Porfírio ; COUTO, Maurício de Azevedo . Contribuição do desporto para a gestão de projetos sociais. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lúcia Moreira. (Org.). Temas Atuais X - Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2005, v. , p. 01-247.

22- Luís Otavio Teles Assumpção

É doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, título obtido em 2000. Defendeu a tese *O Temp(l)o das Geraes - a nova ordem do futebol brasileiro - a construção do estádio Magalhães Pinto*, sob a orientação de Lúcio de Britto Castelo Branco. Atualmente é professor adjunto na Universidade Católica de Brasília, onde leciona desde 1987. Trabalha nas linhas de pesquisa Sociologia do Esporte; Promoção da Longevidade com Qualidade de Vida: aspectos psicológicos e sócio-culturais [sic] do envelhecimento; Aspectos Sócio-culturais [sic] e Pedagógicos Relacionados à Atividade Física e Saúde; Sociologia do Corpo, Hábito e Socialização na Educação Física; Metodologia da Pesquisa.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles (Org.) ; ALVES, V. P. (Org.) ; FRANÇA, Nanci Maria de (Org.) ; GOMES, Lucy (Org.) ; TESTA, Antonio Flávio (Org.) ; VIANNA, C. (Org.) ; RIBEIRO, J. L. (Org.) ; CUNHA, M. L. (Org.) ; IGUMA, L. T. (Org.) ; HACK, O. (Org.) ; VINISKI, J. A. (Org.) ; MARQUEZ, S. (Org.) . Idoso e o Cinema. 1. ed. Brasília: Universa, 2007. v. 1.

b) ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles . O Temp(l)o das Geraes - a nova ordem do futebol brasileiro. 1. ed. Montes Claros: Unimontes, 2005. v. 1. 238 p.

Capítulo de livro

c) ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles ; MARZINEK, Adriano ; SOUZA, Sandra de . Meios de Comunicação de Massa e motivação em atividades físicas de idosos: O caso do programa Globo Esporte. In: Vicente de Paula Faleiros; Altair Macedo Lahud. (Org.). Desafios do envelhecimento: vez sentido e voz. Brasília: Universa, 2006, v. 1, p. -.

d) ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles ; MORAIS, Pedro Paulo de ; FONTOURA, Humberto . Relação entre Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: notas introdutórias. In: Ricardo Jacó de Oliveira. (Org.). Saúde e Atividade Física. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005, v. 1, p. 33-52.

e) ASSUMPCAO, Luis Otávio Teles . A gênese do esporte: um problema sociológico. Ruptura ou continuidade?. In: Aldo Antônio de Azevedo; Luís Otávio Teles Assumpção; Alfredo Feres Neto; Paulo Roberto Corbucci. (Org.). Esporte & Sociedade. 01 ed. Montes Claros: Unimontes, 2002, v. 01, p. 33-46.

23- Manoel José Gomes Tubino

É livre-docente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, título obtido em 1988. Defendeu o trabalho *Repensando o Treinamento Desportivo: da performance à participação*. É professor visitante no Centro Universitário Augusto da Mota desde 2005. Atua nas linhas de pesquisa Aspectos Sócio-políticos [sic] do Esporte; Esporte Educacional.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) GOMES TUBINO, M.J. ; HARDMAN, K. ; TALBOT, M. ; CRUM, B. ; LOPEZ, M. ; METZLER, M. ; MCDONALD, D. ; DOWNS, P. . Physical Education Deconstruction/ Reconstruction. Bulletin Sport Science Physical Education, Berlin, v. 31, p. 26-30, 2001.

b) GOMES TUBINO, M.J. . To a new concept of Physical Education. Fiep Bulletin, MADRID, v. 70, n. 1-2-3, p. 07-11, 2001.

Livros

c) GOMES TUBINO, M.J. . DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE. 2. ed. SÃO PAULO: CORTEZ EDITORA, 2002. v. 11. 95 p.

d) GOMES TUBINO, M.J. . Teorias da Educação Física e do Esporte - Uma Abordagem Epistemológica . 2. ed. São Paulo: Manole, 2001. v. 11. 95 p.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

e) GOMES TUBINO, M.J. . LAS TENDENCIAS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y DEL DEPORTE. In: XVIII CONGRESO PANAMERICANO DE EDUCACIÓN FÍSICA, 2001, CARACAS. LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA, 2001.

24- Marcelo Oliveira Cavalli

É doutor em Ciências da Saúde e Esporte pela Chukyo University - Japão, título obtido em 2001. Defendeu a tese *A Paradigmatic Perspective for Approaching Research in Japanese Physical Education: the politics of method and the production of knowledge as determinants of people's experience*, sob a orientação de Kengo Fujiwara. É professor adjunto na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul desde 2003 e também professor adjunto da Instituição Educacional São Judas Tadeu desde 2003. Atua nas linhas de pesquisa Atividade Física e Sociedade; Sociologia do Esporte; Educação Física Escolar; Pesquisa em Educação Física; Responsabilidade Social.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) CAVALLI, Marcelo Olivera . A critical stance for approaching research in Japanese physical education: The politics of method as a determinant of experience. *Lecturas educacion fisica y deportes* (Buenos Aires), v. 29, n. Fevereiro, 2001.

b) CAVALLI, Marcelo Olivera . A critique of research in Japanese physical education: Toward a forum of scholarly inquiry on society and education. *Lecturas educacion fisica y deportes* (Buenos Aires), v. 33, n. Março, 2001.

c) CAVALLI, Marcelo Olivera ; FUJIWARA, Kengo . Trends and analysis of research in Japanese physical education: Focusing on paradigmatic orientation. *Japan Journal Of Physical Education Health And Sports Sciences*, Tokyo, Japão, v. 46, n. 1, p. 19-33, 2001.

Tese de doutorado

d) CAVALLI, Marcelo Olivera . A paradigmatic perspective for approaching research in Japanese physical education: the politics of method and the production of knowledge as determinants of people's experience. Toyota: Chukyo University, 2001.

Dissertação de mestrado

e) CAVALLI, Marcelo Olivera . Critical considerations on contemporary physical education and sport: research of sociopolitical roles. Kariya: Aichi University of Education, 1994

25- Márcio Sergio Batista Silveira de Oliveira

É pós-doutor pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris - França, título obtido em 2008. Leciona na Universidade Federal do Paraná desde 1994. Atua na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) OLIVEIRA, Márcio de. ou OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de . Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná. Nuevo Mundo-Mundos Nuevos, v. 7, p. 7, 2007.

b) OLIVEIRA, Márcio de. ou OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de . O "Brasi diferente" de Wilson Martins. Cadernos do CRH (UFBA), Salvador, v. 18, n. 44, p. 215-221, 2005.

c) OLIVEIRA, Márcio de. ou OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de . A construção simbólica de Brasília: o passado de um mito. Interseções, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 73-93, 2005.

Livros

d) OLIVEIRA, Márcio de. ou OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de (Org.) . As Ciências Sociais no Paraná. 1. ed. Curitiba: Prottexto, 2006. v. 1. 239 p.

e) OLIVEIRA, Márcio de. ou OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de . Brasília: o mito na trajetória da nação. 1a. ed. Brasília: Paralelo 15, 2005. v. 1. 273 p.

26- Nei Alberto Salles Filho

É mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, título obtido em 1997. Defendeu a dissertação *Corpo e História: Processo Civilizador e sociedade brasileira*, sob a orientação de Ademir Gebara. É professor na Faculdade de Filosofia de Itararé desde 2003 e professor assistente na Universidade Estadual de Ponta Grossa desde 1998. As linhas de pesquisa em que atua são Imagens da Educação Física e Esportes no Colégio Estadual Regente Feijó entre 1927-1997: setenta anos de memória da educação do corpo no município de Ponta Grossa - PR; Configurando Elementos Teóricos e Práticos da Educação para a Paz.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) FINCK, Silvia C M ; MATOS JR, Moacir de A de ; SALLES FILHO, N. A. ; MARINHO, Herminia R B ; OLIVEIRA, Amauri A B de ; PEDROSO, Geraldo D ; SANTOS, Ivone T dos . Intervenção/ação: contribuições da educação física no Curso Normal Superior com Mídias Interativas. Revista da Educação Física Uem, Maringá, v. 13, n. 2, p. 151-155, 2002.

b) SALLES FILHO, N. A. . Paz em Sala de Aula. Profissão Mestre, Curitiba, n. 25, p. 16-17, 2001.

Trabalhos publicados em anais de congressos

c) SALLES FILHO, N. A. . Discussões sobre o conceito de paz no esporte. In: IV Congresso Latino Americano de Educação Física. II Congresso Latino Americano de Motricidade Humana., 2006, Piracicaba. Anais do IV Congresso Latino Americano de Educação Física, 2006.

Material didático para professores

d) MARINHO, H. R. B. ; RIBAS, J. L. D. ; SALLES FILHO, N. A. ; SUBTIL, M. J. ; FERREIRA, M. B. . Pluralidade de Linguagens. Editora da UEPG, 2005.

e) MARINHO, H. R. B. ; PEDROSO, Geraldo Dias ; MATTOS JUNIOR, M. A. ; SALLES FILHO, N. A. ; MATOS, E. A. S. Á. ; ZANON, D. P. . Cadernos de Educação Física Vol. 1 e Vol. 2: Projeto de Correção de Fluxo. Curitiba: Superintendência de Educação do Estado do Paraná, 1998.

27- Otávio Guimarães Tavares da Silva

É doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho, título obtido em 2003. Defendeu a tese *Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador*, sob a orientação de Lamartine Pereira DaCosta. É professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo desde 1999. Atua nas linhas de pesquisa Esportivização e Diferenciação de Práticas Corporais; História Cultural da Educação Física e dos Esportes: significados sócio-culturais [sic] do esporte.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) TAVARES, O. . Mens Fervida in Corpore Lacertoso? As Atitudes dos Atletas Olímpicos Brasileiros diante do Olimpismo. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, p. 6-21, 1999.

Livros

b) TAVARES, O. (Org.) ; DACOSTA, L. P. (Org.) . Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999. 359 p.

Capítulos de livro

c) TAVARES, O. . The Olympic athlete: hero or mediator?. In: Lamartine Pereira DaCosta. (Org.). *Olympic Studies; Current Intellectual Crossroads*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, v. , p. 339-373.

d) TAVARES, O. . Referenciais Teóricos Para o Conceito de Olimpismo. In: Otávio Tavares; Lamartine P. DaCosta. (Org.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999, v. , p. 15-49.

Material didático

e) TAVARES, O. ; PACHECO, G. ; STEINHILBER, J. . Educação Física. 1993.

28- Ronaldo George Helal

É pós-doutor pela Universidade de Buenos Aires - Argentina, título obtido em 2006. É professor adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 1997. Atua nas linhas de pesquisa Imprensa e Manifestações Culturais do Esporte Moderno; Cultura de Massa e Representação Social; Teoria Sociológica

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) HELAL, Ronaldo ; SOARES, Antonio Jorge G. ; LOVISOLO, Hugo . A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. v. 1. 167 p.

b) HELAL, Ronaldo . Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa No Brasil. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1. 133 p.

Capítulo de livro

c) HELAL, Ronaldo . Jogo Bonito y Fútbol Criollo : la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación. In: Alejandro Grimson. (Org.). Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina. 1 ed. Barcelona: Edhasa, 2007, v. 1, p. 349-385.

d) HELAL, Ronaldo . Jogo Bonito Versus Fútbol Criollo: imprensa e olhar argentino sobre nosso futebol. In: Édison Gastaldo; Simoni Lahud Guedes. (Org.). Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional. 1 ed. Niterói: Intertexto, 2006, v. 1, p. 165-195.

e) HELAL, Ronaldo ; GORDON JUNIOR, C. . The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century. In: J. A. Mangan; Lamartine P. DaCosta. (Org.). Sport in Latin American Society: past and present. 1 ed. Londres: Frank Cass Publisher, 2002, v. 1, p. 139-158.

29- Túlio Velho Barreto

É mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco, título obtido em 1996. Defendeu a dissertação *A Representação Classista na Justiça do Trabalho: um estudo acerca dos processos de escolha e nomeação e da prática cotidiana dos juízes classistas em Pernambuco (1986-1996)*, sob a orientação de Josimar Jorge Ventura de Moraes. É pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco desde 1984. Atua nas linhas de pesquisa Estado, Atores Sociais e Cidadania; Futebol, Cultura e Sociedade; Partidos Políticos e Eleições.

Suas publicações relevantes são:

Artigos completos publicados em periódicos

a) BARRETO, Túlio Velho . Gilberto Freyre e o futebol-arte. Revista da USP, São Paulo, SP, v. 62, p. 233-238, 2004.

Livros

b) BARRETO, Túlio Velho (Org.) ; Araújo, Rita de Cássia B (Org.) . 1964 - O Golpe passado a limpo. 1. ed. Recife: Massangana, 2007. v. 1. 240 p.

c) BARRETO, Túlio Velho ; Scarpa, Paulo Sérgio ; Montenegro Filho, Sérgio . A Nova República - Visões da Redemocratização. Recife: Cepe, 2006. 185 p.

d) BARRETO, Túlio Velho (Org.) . Na Trilha do Golpe - 1964 Revisitado. 1. ed. Recife: Editora Massangana, 2004. v. 1. 292 p.

Textos em jornais de notícias / revistas

e) BARRETO, Túlio Velho . Dossiê Futebol. EntreLivros, São Paulo, SP, p. 32 - 46, 01 mar. 2006.

30- Victor Andrade de Melo

É pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, titulação obtida em 2004. É professor da Universidade Federal de Minas Gerais desde 2006 e professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1999. Atua nas linhas de pesquisa Estudos do Lazer e da Animação Cultural; História das Práticas Corporais; História das Formas Narrativas; Teoria Crítica da Cultura/Estudos Culturais.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) MELO, V. A. . História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas. 1. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999. v. 1. 120 p.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

b) MELO, V. A. . A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX. In: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, Florianópolis. Anais. Florianópolis : Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

c) MELO, V. A. . Remo, modernidade e Pereira Passos: relações no Rio de Janeiro da virada do século. In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1998, Rio de Janeiro. Coletâneas. Rio de Janeiro : UGF, 1998.

d) MELO, V. A. . Os banhos de mar e os primórdios dos esportes náuticos no Rio de Janeiro. In: V Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1997, Maceió. Coletâneas. Maceió : ETFAI, 1997.

e) MELO, V. A. . O esporte na imprensa e a publicidade esportiva no Rio de Janeiro do século XIX. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996, Belo Horizonte. Coletâneas. Belo Horizonte : UFMG, 1996.

31- Wanderley Marchi Júnior

É doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, título obtido em 2001. Defendeu a tese *“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*, sob a orientação de Ademir Gebara. É professor efetivo da Universidade Federal do Paraná desde 1996. Atua nas linhas de pesquisa História e Sociologia da Educação Física; Ação Pedagógica em Comunidades Carentes; Sociologia do Esporte e do Lazer; Sociologia do Esporte; Esporte e Cultura.

Suas publicações relevantes são:

Livros

a) MARCHI JÚNIOR, W. . *Sacando o Voleibol*. São Paulo/ Ijuí: Hucitec/ Unijuí, 2004. 239 p.

Capítulos de livro

b) MARCHI JÚNIOR, W. ; Ferreira, Ana Leticia Padeski ; VLASTUIN, Juliana ; ALVES, P. B. P. F. ; MOREIRA, Tatiana Sviesk . *Volleyball's History in Brazil: the development of sport in the theory of Pierre Bourdieu and Norbert Elias*. In: Dieter H. Jütting; Bernd Schulze; Ulrike Müller. (Org.). *Local Sport in Europe*. 1 ed. Münster: Münster University, 2008, v. 1, p. 172-180.

c) MARCHI JÚNIOR, W. . *Como é possível ser esportivo e sociológico?*. In: Ademir Gebara; Luiz Alberto Pilatti. (Org.). *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*. 1 ed. Jundiaí: Fontoura, 2006, v. 2, p. 159-195.

d) MARCHI JÚNIOR, W. . *Desporto*. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer;. (Org.). *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005, v. , p. 126-130.

e) MARCHI JÚNIOR, W. . Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: Marcelo Proni; Ricardo Lucena. (Org.). Esporte: história e sociedade. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2002, v. , p. 77-111.